

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DARLI DE FÁTIMA SAMPAIO**

GÊNERO NO CAMPO RELIGIOSO: REFLEXOS NA FORMAÇÃO DOCENTE

**CURITIBA
2019**

DARLI DE FÁTIMA SAMPAIO

GÊNERO NO CAMPO RELIGIOSO: REFLEXOS NA FORMAÇÃO DOCENTE

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação - Linha de Pesquisa História da Educação, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosa Lydia Teixeira
Corrêa

CURITIBA

2019

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

S192g Sampaio, Darli de Fátima
2019 Gênero no campo religioso : reflexos na formação docente / Darli de Fátima
Sampaio ; orientadora: Rosa Lydia Teixeira Corêa. – 2019.
268 f. : il. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba,
2019
Bibliografia: f. 210-230

1. Professores – Formação. 2. Identidade de gênero – Aspectos religiosos.
I. Corrêa, Rosa Lydia Teixeira. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 20. ed. – 370.71



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE TESE N.º 137
DEFESA PÚBLICA DE TESE DE DOUTORADO DE

Darli de Fátima Sampaio

Aos trinta dias do mês de abril do ano de dois mil e dezenove, às 14h, reuniu-se na Sala de Defesa - 2.º Andar, da Escola de Educação e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelos professores: Prof.ª Dr.ª Rosa Lydia Teixeira Corrêa, Prof.ª Dr.ª Giselle Moura Schnorr, Prof.ª Dr.ª Lindamir Salete Casagrande, Prof. Dr. Valdir Borges e Prof.ª Dr.ª Evelyn de Almeida Orlando, para examinar a Tese da doutoranda **Darli de Fátima Sampaio**, ano de ingresso 2015, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa "História e Políticas da Educação". A doutoranda apresentou a tese intitulada "O GÊNERO NO CAMPO RELIGIOSO: REFLEXOS NA FORMAÇÃO DOCENTE" que, após a defesa foi aprovada pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 17h35. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Observações: A Banca destaca a relevância e atualidade do tema. Sugere a publicação do trabalho, após adequações finais, sob a forma de artigos, capítulos de livros ou livro.

Presidente:

Prof.ª Dr.ª Rosa Lydia Teixeira Corrêa _____

Convidado Externo:

Prof.ª Dr.ª Giselle Moura Schnorr _____

Convidado Externo:

Prof.ª Dr.ª Lindamir Salete Casagrande _____

Convidado Interno:

Prof. Dr. Valdir Borges _____

Convidado Interno:

Prof.ª Dr.ª Evelyn de Almeida Orlando _____

Torres
Prof.ª Dr.ª Patrícia Lupion Torres

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação

Dedico este trabalho a José de Paula Sampaio, meu pai tão especial,
de quem eu sinto tanta saudades.

E a Dóris Marli Ferreira, minha grande amiga, que faleceu
no encerramento deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente e com inesquecível gratidão à Fernanda Striker Fernandes, sem a qual esta tese jamais teria sido possível. Recebi muito mais do que eficiente colaboração, foi muita paciência, dedicação, carinho, ânimo, cumplicidade, solidariedade, agilidade! Botou pressão na conclusão, difícil reta final de produção acadêmica. Foi muito bom contar com a tua companhia, que agora devidamente registrada vai me acompanhar já que está em cada cantinho da tese e especialmente “no lado esquerdo do peito”. OBRIGADA, MUITO OBRIGADA!

Agradeço ao professor Sergio Luis do Nascimento, o Axé, amigo querido que não deixou desistir. À querida Lígia Cardieri e querido Paulo Perna, pelas revisões e amizade.

Agradeço a todos os meus amigos e amigas que são muitos e maravilhosos (as). Impossível citar seus nomes em um espaço tão reduzido.

Agradeço minha família toda, mas de forma especial minha mãe Anahyr Vieira Sampaio, meus irmãos Arion Luiz Sampaio e Emerson Roberto Sampaio. Fonte inesgotável de carinho, generosidade, estímulo e atenção. Vocês foram fundamentais.

À minha orientadora professora Dr^a Rosa Lydia Correa Teixeira, meu reconhecimento e gratidão pela inestimável contribuição a este trabalho.

À professora Dr^a Giselle M. Schnorr, amiga e companheira de lutas. Infinita gratidão, por toda a colaboração e contribuições presentes nesta tese. Agradeço pela parceria, por todas as conversas, dicas, sugestões.

Minha gratidão à professora Dr^a Marlene Tamanini, orientadora no mestrado, e suas preciosas contribuições para o presente trabalho.

E, ao professor Dr. Valdir Borges, que, diante de um momento de adversidade no início deste trabalho, manifestou publicamente a sua confiança em mim. Agradeço de coração, suas preciosas contribuições e sugestões.

RESUMO

Esta tese é um estudo sobre gênero e religião, suas incidências no campo educacional e de formação de professores, enfocando estudantes de Pedagogia de uma Instituição de Ensino Superior confessional privada e outra pública, no Estado do Paraná. E tem por objetivo analisar a representação de gênero posta pela Igreja Católica por meio das vertentes tradicional e conservadora e Igrejas Protestantes, destacadamente pentecostais e neopentecostais dos fins do século XX ao início do século XXI. O campo religioso, predominantemente masculino nas suas estruturas hierárquicas, de direção e pensamento, estabeleceu, por meio do seu setor tradicionalmente conservador, uma Nova Cruzada Religiosa, que passa pela polarização moral e aniquilação do conceito de gênero nas escolas, com base na “ideologia de gênero”. O forte enfrentamento aos temas de gênero e sexualidade nos Planos de Educação, em nível nacional estadual e municipal, foi acompanhado de discursos e ações práticas de controle, sanções e perseguições à ação docente. Daí porque, nesta tese, buscamos compreender se há vestígios da representação de gênero concebida pelo campo religioso estudado e qual o entendimento que os (as) estudantes de Pedagogia em formação, com vínculos religiosos, possuem sobre conceitos de gênero. Partimos do pressuposto que tais estudantes, conscientes ou não, poderiam estar alinhados as propostas de permanente enfrentamento ao conceito de gênero. Os dados necessários à pesquisa foram coletados por meio de um questionário aplicado em Instituições de Ensino superior, atingindo o número de cento e vinte e um estudantes em graduação. A base teórica encontrou especial ancoragem em Scott (1990), Louro (1999), Nicholson (2000), Mathieu (1991) e Falquet (2014). Entre as conclusões deste estudo, constatamos os vínculos religiosos e uma situação de insurgência, ou de objeção de consciência, nos (nas) estudantes, cuja maioria declarou estar de acordo e conscientes da importância da discussão de gênero nas escolas, ao que parece disposto (a) a não seguir orientações religiosas sobre o conceito.

Palavras-chave: Gênero. Religião. Docência. Pedagogia.

ABSTRACT

This thesis is a study on gender and religion, its incidence in the educational field and teacher training, focusing on Pedagogy students from a private and a public institution of higher education in the State of Paraná. The religious field, predominantly male in its hierarchical structures of direction and thought, established, through its traditionally conservative sector, a New Religious Crusade, which goes through the moral polarization and annihilation of the concept of gender in schools, based on "ideology of gender". The strong confrontation with gender and sexuality issues in the Education Plans at the national and state levels was accompanied by discourses and practical actions to control, punish and prosecute teachers. Hence, in this thesis we seek to understand if there are traces of the gender representation conceived by the studied religious field and what the understanding that the Pedagogy students in formation, with religious ties, have on gender concepts. We assume that such students, conscious or not, could be in line with the proposal of permanent confrontation with the concept of gender. The data necessary for the research were collected through a questionnaire applied in Higher Education Institutions, reaching the number of one hundred and twenty-one undergraduate students. The theoretical basis found special anchorage in Scott (1990), Louro (1999), Nicholson (2000), Mathieu (1991) and Falquet (2014). Among the conclusions of this study, we note the religious ties and a situation of insurgency or conscientious objection in the students, most of whom stated that they agreed and were aware of the importance of the gender discussion in schools, and it seems they would not be inclined to follow the religious guidelines on that subject.

Keywords: Gender. Religion, Teaching, Pedagogy.

LISTA DE SIGLAS

AD	Assembleias de Deus – Brasil
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BDTD	Base de Dados de Teses e Dissertações
CBI	Centro de Estudos Bíblicos
CDF	Congregação para a Doutrina da Fé
CEFURIA	Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo
CELAM	Conselho Episcopal Latinoamericano
CEPAT	Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores
CGADB	Convenção Geral da Assembléias de Deus do Brasil
CNBB	Comissão Nacional dos Bispos do Brasil
CPO	Comissão Pastoral Operária
CT	Casa do Trabalhador
CUT	Central Única dos Trabalhadores
ESP	Escola Sem Partido
FAECAD	Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia
FPE	Frente Parlamentar Evangélica
GB	Grupos de Base
HTP	História do Tempo Presente
IBADEP	Instituto Bíblico da Assembleia de Deus
IPCO	Instituto Plínio Corrêa de Oliveira
IOR	Instituição das Obras Religiosas
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
JOC	Juventude Operária Católica
LDBN	Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional
LGBTI	Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros e Intersexuais
PL	Projeto de Lei
PME	Plano Municipal de Educação
PNE	Plano Nacional de Educação
PO	Pastoral Operária
PT	Partido dos Trabalhadores
RMC	Região Metropolitana de Curitiba
TFP	Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição Família e Propriedade

UC Universidade Confessional
UP Universidade Pública

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Águia da Montfort: Pureza e virtude devem ser defendidas com coragem	86
Figura 2 - Arautos de Curitiba – Ala feminina.....	87
Figura 3 – Faculdade da Assembleia de Deus.....	113
Figura 4 - Formação Teológica FAECAD	113
Figura 5 - Instituto Bíblico da Assembleia de Deus	114
Figura 6 - Frida Vingren entre os missionários suecos no Brasil.....	123
Figura 7 - Convenção da CGADB, realizada em 1930.....	124
Figura 8 - Gladiadores de Altar	129

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Sexo biológico	142
Gráfico 2 - Faixa etária.....	144
Gráfico 3 - Renda pessoal.....	147
Gráfico 4 - Renda familiar mensal aproximada	147
Gráfico 5 - Definições e identidade de gênero	149
Gráfico 6 -Definições pessoal/identidade de gênero	150
Gráfico 7 - Formação pessoal	152
Gráfico 8 - Crença em Deus.....	153
Gráfico 9 - Seguimento de religião	155
Gráfico 10 - Estudantes de Pedagogia e respectivas religiões	156
Gráfico 11 - Práticas religiosas.....	158
Gráfico 12 - Nível de conhecimento sobre gênero	161
Gráfico 13 - Muito conhecimento sobre gênero – em números de pessoas	162
Gráfico 14 - Bom conhecimento sobre gênero – em números de pessoas.....	163
Gráfico 15 - Identidade de gênero.....	164
Gráfico 16 - Muito conhecimento em Identidade de gênero – em números de pessoas.....	165
Gráfico 17 - Muito conhecimento em Identidade de gênero – em percentuais	166
Gráfico 18 - Bom conhecimento em Identidade de gênero – em números de pessoas	166
Gráfico 19 - Bom conhecimento em Identidade de gênero – em percentuais.....	167
Gráfico 20 - “Ideologia de Gênero”	168
Gráfico 21 - Transexualidade	169
Gráfico 22 - Heterossexualidade	170
Gráfico 23 - Homossexualidade	171
Gráfico 24 - Bissexualidade.....	172
Gráfico 25 - Comunidade LGBTI	173
Gráfico 26 - “Cura gay”	174
Gráfico 27 - Vivência homoafetiva.....	175
Gráfico 28 - Direito de decisão	176
Gráfico 29 - A escola precisa estar preparada para discutir as questões de gênero	177

Gráfico 30 - Não é papel da escola discutir temas de gênero	177
Gráfico 31 - Há preconceitos de gênero na escola	178
Gráfico 32 - A igreja reforça práticas machistas e preconceituosas.....	179
Gráfico 33 - A capacitação de professores (as) e colaboradores (as).....	180
Gráfico 34 - Se conhecem a ESP.....	186
Gráfico 35 - Se concordam com a ESP.....	186
Gráfico 36 - Você julga importante o conceito de gênero seja tratado nas escolas?	193
Gráfico 37 - Reconhece/identifica apoio da igreja na sua escolha?	196
Gráfico 38 – Formas de envolvimento cultural	198
Gráfico 39 - Os programas mais vistos pelos (as) estudantes	199
Gráfico 40 - Hábitos de leitura.....	199
Gráfico 41 - Leituras em jornais	200
Gráfico 42 - O que lê nos jornais.....	200
Gráfico 43 - Lê revistas?	201
Gráfico 44 - Leitura de livros	202
Gráfico 45 – Gênero de leitura	203

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 - Grau de conhecimento dos estudantes sobre o tema	183
Quadro 2 - Grau de concordância ou discordância com o Projeto da ESP	187
Quadro 3 - Grau de aderência ao ensino religioso	192
Quadro 4 - Se recebeu apoio religioso na escolha do curso	196
Tabela 1 - O que acham do Projeto Escola Sem Partido	186
Tabela 2 – É importante o ensino religioso nas escolas	191
Tabela 3 - Reconhece/identifica apoio da igreja na sua escolha?.....	195

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	PERCURSO TEÓRICO/METODOLÓGICO	31
2	REPRESENTAÇÕES SOBRE GÊNERO NA IGREJA CATÓLICA CONSERVADORA E TRADICIONALISTA, DOS FINS DO SÉCULO XX AO INÍCIO DO XXI	46
2.1	RELIGIÃO E GÊNERO: ELEMENTOS CULTURAIS	50
2.2	AMAR A DEUS E/OU AO PRÓXIMO?.....	60
2.3	OS CATOLIBÃS E O ESPAÇO VIRTUAL CONTRA O GÊNERO.....	67
2.4	PATRIARCADO RELIGIOSO E AS QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS.....	70
2.5	ASPECTOS SOBRE A IGREJA CATÓLICA NO BRASIL	74
2.6	ESTRUTURA ORGANIZACIONAL	76
2.7	O ANTIGÊNERO VIA A "IDEOLOGIA DE GÊNERO"	77
2.8	OS SEGMENTOS TRADICIONAIS E CONSERVADORES.....	80
3	PENTECOSTAIS E NEOPENTECOSTAIS E A CRUZADA MISSIONÁRIA: GÊNERO X IDEOLOGIA DE GÊNERO	88
3.1	DESILUSÕES E ESPERANÇAS	88
3.2	DA REFORMA PROTESTANTE AO PENTECOSTALISMO E A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS	91
3.3	O PENTECOSTALISMO.....	98
3.4	O SURGIMENTO DA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL	106
3.5	FRIDA MARIA STRANDBERG E A APROXIMAÇÃO COM A ASSEMBLÉIA DE DEUS.....	117
3.6	A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS – IURD	126
3.7	A DESCONSTRUÇÃO DE GÊNERO QUE DESAFIA O RELIGIOSO.....	130
4	ESTUDANTES DE PEDAGOGIA: REPRESENTAÇÕES SOBRE GÊNERO E RELAÇÃO COM CAMPOS RELIGIOSOS (PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES)	138
4.1	PEDAGOGIA E OS (AS) ESTUDANTES DE PEDAGOGIA.....	139
4.2	PERFIL.....	142
4.2.1	Sexo biológico, faixa etária e renda pessoal e familiar	142
4.2.2	Definições pessoais – identidade de gênero e formação escolar	148
4.2.3	Perfil religioso, participação em confissão religiosa e práticas religiosas	152

4.3	CONHECIMENTO SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO	160
4.4	A ESCOLA SEM PARTIDO	185
4.5	ESCOLA E ENSINO RELIGIOSO	191
4.6	TEMAS POLÊMICOS	194
4.7	SOBRE A ESCOLHA DO CURSO DE PEDAGOGIA	195
4.8	LAZER E VIDA CULTURAL	197
5	CONCLUSÃO	205
	REFERÊNCIAS	210
	ANEXO 1 – ROTEIRO DE PESQUISA	231
	ANEXO 2 - PLANILHAS COM A TOTALIZAÇÃO DAS RESPOSTAS DOS ESTUDANTES	237

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho parte de um interesse investigativo que abrange duas categorias centrais nas conjunturas política e social contemporâneas, a saber: gênero e religião, ambas com incidência no campo¹ educacional que se configura enquanto uma área para reflexão, aprofundamento e desenvolvimento de propostas teóricas sobre a organização social e as relações vividas entre os sexos, especialmente.

A noção de gênero aponta inicialmente para o caráter social “implicitamente relacional do feminino e do masculino, indicando um posicionamento teórico” (MACHADO apud COSTA, 1992, p. 9), de atuação sobre a ideia da diferença dos sexos dentro de uma mesma sociedade e nos diferentes grupos sociais a ela integrados. Essa “diferença sexual, entretanto, não é, nunca, simplesmente, uma função de diferenças materiais que não sejam de alguma forma, simultaneamente marcadas por práticas discursivas” (BUTLER, 2000, p.151), que se materializa em um corpo que “pesa”, segundo a autora. E este corpo é hetero.

Os estudos de gênero impactaram por contrapor-se às perspectivas universalizantes, que imperavam no campo das ciências, com proposta e pretensão de verdade universal (FURLIN, 2014). Um campo marcado pela dicotomia fundamental entre o masculino e o feminino e onde a maior parte da História, a produção do conhecimento, foi empreendida por e para indivíduos do sexo masculino (LOWY, 2009). O “sexo” é uma das categorias mais naturalizadas que existe, segundo Mathieu (1991).

Assim, adotamos a perspectiva de gênero enquanto categoria analítica que constrói uma relação social e simbólica que não pressupõe o estabelecimento de uma “mecânica de determinação” (SOUZA-LOBO, 1991). No que diz respeito às Igrejas, as relações de gênero estabelecidas marcam os processos educacionais, onde se identifica vestígios dos determinismos biológicos em suas orientações, na visão sobre a natureza, a sexualidade, a justiça, entre outros.

Em 2014, quando do ingresso no doutorado, a referência à época enquanto proposta inicial de tese era de que estava em curso um terceiro projeto formulado pelo

¹ O conceito de campo, que será utilizado ao longo do presente trabalho tem com referência a obra: **O poder simbólico**, de Bourdieu (1989). Melhor explicitação será abordada no item sobre metodologia, nesta introdução.

campo religioso que visava interferir decisivamente no campo educacional. O cenário brasileiro estava marcado por uma ação político-educacional que visava interferência nos Planos de Educação que estavam em construção. Mas, em 03 de junho de 2014, em que pese às pressões e mobilizações sociais frente a um Senado Federal de perfil conservador, o Plano Nacional de Educação foi aprovado sem a menção de gênero (BRASIL, 2014). A tese advinda de pronunciamentos públicos de lideranças religiosas que demonstravam insatisfações com os avanços dos estudos de gênero, ações dos movimentos feministas, de mulheres, bem como da comunidade LGBTI. O campo religioso passou a apelar para o retorno à moral e bons costumes, com uma retórica cada vez mais conservadora e radicalizada, que convocava a interferência de Deus para traçar novos rumos para o país, calcada em princípios éticos, morais e religiosos. O que levava a entender que parecia haver uma tríade de poder a ser consolidada de inter-relação entre distintos campos: o político/religioso, o de comunicação, e o educacional, para onde convergiam esforços e ações do campo religioso. Os fatos conjunturais rapidamente evidenciaram o projeto educacional em andamento.

Considera-se que é da Igreja Católica a criação teórica do conceito "ideologia de gênero", por conta do tensionamento teórico estabelecido que "abala" o campo da natureza-cultura e as relações de poder estabelecidas pela hegemonia da heteronormatividade, que se expressa no corpo, não é apenas um texto da cultura, mas também o lugar prático, direto do controle social. Pela prática automática, reiterada, habitual a cultura se faz corpo. "A relação entre cultura e natureza, pressuposta por modelos do gênero como construção, supõe uma cultura ou uma agência do social que age sobre a natureza, a qual é ela própria, pressuposta como uma superfície passiva, fora do social, mas sua necessária contraparte" (BUTLER, 2000, p. 156). Tais concepções, não fazem com que "o corpo desapareça da teoria feminista. Com ela o corpo se torna isto sim, uma variável, mais do que uma constante, não mais capaz de fundamentar noções relativas à distinção masculino/feminino" (NICHOLSON, 2000, p.14). O que parece ser um dos elementos temíveis para o campo religioso, e que transparece na "ideologia de gênero".

As propostas de lideranças religiosas eram amplamente divulgadas nos seus meios de comunicação: rádios, TVs, blogs, sites, twitters entre outros, bem como nos púlpitos das Igrejas pelo Brasil, e na grande mídia social, que tem tradição de ser moeda de troca política, e onde os empresários tem "liberdade para empreender", nas palavras do ex-ministro do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e

Comunicações do governo de Michel Temer, Gilberto Kassab (AQUINO, 2016). O projeto de comunicação e político agindo articuladamente em função dos seus interesses, depreende dois modos de poder exercido pela tríade que diz respeito aos projetos políticos religiosos de poder em curso. O primeiro é comunicacional, o segundo, um projeto político de linha conservadora em curso na sociedade, e o terceiro aventa a possibilidade de um projeto educacional para ampliar e consolidar a influência e poder na sociedade, que passa pela formação de um corpo docente alinhado com o campo religioso conservador, de combate às questões de gênero. As iniciativas parlamentares contemplavam o debate sobre o Projeto da Escola Sem Partido (ESP), cuja proposta visava à efetiva fiscalização das atividades docentes, com a possibilidade de sanções disciplinares àqueles que não estivessem alinhados com as orientações de não fazer discussões de caráter ideológico nas salas de aula, especialmente sobre gênero, o que agradou o setor religioso católico conservador, pois, sobre a "Ideologia de Gênero", delineia-se a intervenção e controle no campo educacional, e que será abordado posteriormente.

Considerando então tríade, a ideia central contida na tese no período de entrada do doutorado em 2014 era de que no projeto político educacional das igrejas, o confronto com a questão de gênero, partia da premissa, de que este projeto de manutenção do poder passava pela formação de um corpo docente alinhado com tal proposta, e que os (as²) estudantes de Pedagogia, conscientes ou não, poderiam levá-lo a cabo no exercício profissional, uma pista que surgiu nas conversas com estudantes de Pedagogia com práticas religiosas. Seguiu-se com essa tese, porém, referenciada em dados coletados por meio de um questionário aplicado junto a estudantes de pedagogia de duas universidades, uma pública e outra confessional, onde se constatou que há efetivamente um quadro de desobediência dos/as futuros (as) profissionais da educação no que diz respeito aos preceitos religiosos sobre gênero. Neste sentido, vale dizer que o conceito de desobediência civil é também um tema socioantropológico, não é uma novidade, e está presente nas raízes do cristianismo com cristãos e cristãs condenados (as) à morte por não obedecerem ao

² Exceto nas referências bibliográficas, o trabalho, será apresentado em uma linguagem inclusiva, contemplando os gêneros masculino e feminino, mesmo que ainda binária, mas permitido pelo idioma português, pois, partimos da premissa que a língua é uma cultura e que nela se engendra uma mentalidade, uma forma de pensar e de exprimir. Temos consciência "que a linguagem de gênero não se restringe só a gênero, mas se estende a outros segmentos identitários como negras (os), pessoas trans, etnias entre outras" (GELEDES, 2013).

imperador. Outro exemplo é o caso do "Movimento pela Objeção de Consciência do Paraguai" (MOC-PY) (M A R A S C H I N, 2002), que exercita a desobediência civil internamente, que pode ser considerada “uma negatividade, pois, a partir desta ação consciente o Movimento é capaz de dar um passo a mais enquanto juventude em favor dos valores democráticos da liberdade e da não violência” (CORRENT, 2003, p. 80).

Há outras situações em que os (as) cristãos e cristãs, não obedecem ou não observam os preceitos determinados pelas igrejas, como é o caso católico, por exemplo, pois, é sabido que os preceitos de uso de método contraceptivos naturais não são seguidos pela grande maioria dos católicos com vida sexual regular, o adultério e o aborto acontecem, mesmo contra a vontade das Igrejas. São as mulheres³ que conhecem e lidam com todas as implicações dela decorrentes, e contam com o seu senso prático para evitar gravidezes indesejadas. Acessam variados métodos contraceptivos, como é o caso da pílula, que obteve grande aderência por parte das mulheres brasileiras de classe média, desde seu lançamento. “Em 1970, 6,8 milhões de cartelas de pílulas anticoncepcionais foram vendidas e, em 1980, este número subiu para 40,9 milhões” (PEDRO, 2003, p. 243). A busca de contraceptivos não se restringiu apenas as mulheres de classe média, mas também as mulheres de camadas populares que buscaram acessá-los de forma gratuita, nas instituições sociais, segundo Pedro (2003). E mesmo com forte controle e vigilância sobre questões de natalidade que é quase que exclusivamente de responsabilidade das mulheres, em que pese a proeminência alcançada da encíclica do Papa Paulo VI, *Humanae Vitae*, datada de 1968, que pregava que “todo o ato conjugal deve permanecer aberto à transmissão da vida” (SALZMAN; LAWLER, 2012, ,p.11) e não é assim com os casais homossexuais, E a determinação de celibato na Igreja Católica, não funciona como o desejado.

³ A categoria “mulheres” será utilizada no plural, exceto nas referências bibliográficas, pois, para a historiadora Joana Maria Pedro, não existe um conceito universal “mulher”. Várias são as mulheres: pobres, indígenas, negras, deficientes, mestiças, idosas, religiosas etc. Identidades e problemáticas diferenciadas, com pauta reivindicatória própria. Pedro diz que, “as historiadoras e historiadores que passaram a seguir a tradição da historiografia dos Annales - que pretendia ampliar o leque de fontes e observar a presença de pessoas comuns -, tornou-se mais fácil escrever uma história que incluísse as mulheres” (2005, p.85). Artigo: Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa história. (PEDRO, 2005).

A Doutrina⁴ Social da Igreja Católica ensina que ninguém está obrigado em consciência a obedecer às leis ou prescrições que são contrárias às exigências da moral, que violam os direitos humanos fundamentais, segundo o Evangelho. (VATICANO, 2005). Portanto quando cristãos (ãs) católicos (as) são chamados a colaborar em ações moralmente más, têm a obrigação de recusar-se (EVANGELIUM..., 1995).

Com efeito, a escola é um espaço privilegiado para a formação de pessoas, onde podem desenvolver potencialidades de expressão, como no campo da moral. Nela são ensinados, transmitidos e aprendidos os saberes que dimensionam as regras a serem seguidas sobre bons comportamentos; os conhecimentos advindos de distintas áreas; o que é adequado para um ser humano e para outro; aquilo que em regra geral a sociedade deseja ver reproduzido. Nela também aprendemos sobre relações e mecanismos de gênero, e que de certa forma são mais imperativos do que as próprias leis (VALCÁRCEL, 1994). Muitos de tais mecanismos se articulam a regras da moral, por meio das quais se explicita o comportamento humano adequado ou não, segundo parâmetros estabelecidos pela civilidade, papel e função social de homens e mulheres na tentativa de incentivar e garantir a permanente promoção e ampliação de direitos e deveres.

O verbo *educar* vem do latim *educere*, significa *conduzir, extrair, desentranhar, potencializar*. Neste sentido as crianças devem estar, ou ser colocadas, no centro das preocupações sociais. Projeta-se no presente o que se gostaria de alcançar ou corrigir no futuro. Na atualidade, a educação crítica e criativa parece ser a aposta de alinhamento ou base para uma rota desejada. Talvez por isso, todos os problemas e possíveis soluções do mundo pareçam ser delegados à educação. Segundo Acioli

⁴ O historiador italiano Massimo Faggioli, professor da Villanova University, nos Estados Unidos, atento ao discurso do Papa Francisco aos bispos da América Central, no Panamá, que em encontro realizado em 24 de janeiro de 2019, falou sobre São Oscar Romero e pontos principais do pensamento de Santo Inácio de Loyola – *Sentire cum Ecclesiar*, sentir com a Igreja, que é o lema central do atual pontificado, publicou um artigo em *La Croix Internacional* em janeiro de 2018 (FAGGIOLI, 2019). Uma reflexão sobre o desafio da temática de “sentir com a Igreja, a questão dos padres gays”. Faggioli, para esta reflexão, teve por base teórica o artigo do jornalista católico Andrew Sullivan (2019), mostra a enorme dissonância cognitiva cada vez mais difícil de sustentar na igreja, pois tem práticas que seguem na contramão das orientações contidas em documentos oficiais da igreja, como o “Catecismo, 2.358”. Segundo os autores, a homossexualidade em documentos oficiais é tratada como uma “propensão objetivamente desordenada”. Mas é prática recorrente, e causa de escândalos. Escândalos sexuais que colocam a Igreja Católica numa situação criticamente difícil, com denúncias que inclusive envolveram cardeais poderosos da hierarquia eclesial, sexualmente ativos em práticas homossexuais, como é o caso do cardeal americano Theodore MacCarrick.

(2014), a escola brasileira tem sido convocada a contribuir para o enfrentamento a diversas formas de violação de direitos. Todavia, segundo Louro (1997), a escola lida com alguns aspectos da cultura selecionados e reconhecidos, e que podem ser transmitidos e integrado ao currículo.

Portanto, possível argumentar que, ainda que as agentes do ensino possam ser mulheres, elas se ocupam de um universo marcadamente masculino – não apenas porque as diferentes disciplinas escolares se construíram pela ótica dos homens, mas porque a seleção, a produção e a transmissão dos conhecimentos (os programas, os livros, as estatísticas, os mapas; as questões, as hipóteses e os métodos de investigação “científicos” e válidos; a linguagem e a forma de apresentação dos saberes) são masculinos. (LOURO, 1997, p. 89).

Estamos considerando uma educação que não é gendrificada. Mesmo a educação crítica, precisa ser desnaturalizada no que diz respeito a gênero. A educação, por abarcar uma ampla concepção, também se desenvolve na família⁵. As "funções básicas da família estão, de tal modo identificadas com a educação que não se pode tratar de uma, sem referir-se à outra" (TOSCANO, 1995, p. 93). É pacífico que cultural e historicamente a ação socializadora das crianças, especialmente nos anos iniciais, é considerada fundamental para a formação das mesmas e requer trabalho de educação e cuidado⁶ que tem sido em grande parte exercido por mulheres, numa relação simbólica muitas vezes (in) visível, segundo Bourdieu (1998), exercendo poder sem as pessoas se darem conta, ou seja, professoras e mães, mães-professoras. E é inicialmente na família e na escola que aprendemos a fazer distinção entre gêneros, sobre o que é ser masculino e feminino.

No estudo da tradição da língua portuguesa, e na prática, tais como os espaços demarcados como: o banheiro, o recreio, os brinquedos, a sala dos professores, as saudações não inclusivas – que não inclui as professoras, mesmo a língua falada permitindo tal possibilidade. Aprendemos e construímos nossas referências identitárias desde essa tradição. Aprendemos a polarizar, não há meio termo.

Neste estudo também trataremos sobre outro campo afeito a educação, que é o religioso, quer naquela acepção educativa ampla referida anteriormente, quer na restrita vinculada à escola. É justamente nesta relação que o termo gênero, tributário

⁵ Segundo a LDB 9394/96, “a Educação abrange processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (Título I, artigo, 1º, p. 1).

⁶ O trabalho do "cuidado" é identificado enquanto "os tradicionais marcadores de gênero, raciais, sexuais, emocionais e afetivos vinculados ao feminino" (TAMANINI et al., 2018, p. 33).

“de movimentos sociais e de mulheres, feministas, gays e lésbicas, e uma trajetória que acompanha a luta por direitos civis, direitos humanos” (PEDRO, 2005, p. 78), tem um caráter central neste trabalho, pela perspectiva de igualdade e respeito, relacionado com o campo religioso e educacional.

Assim, o interesse que resultou no propósito deste trabalho tem origem em duas experiências vivenciadas exatamente no campo religioso: a primeira é ser uma mulher com deficiência, com origem na classe trabalhadora, e com um referencial de fé, herança familiar, com um tempo considerável de práticas religiosas na Igreja Católica. A segunda é o fato de ter assumido cargos de coordenação em instituições religiosas, progressistas⁷. Uma junção entre a vida e teoria.

Tais experiências deixam marcas indeléveis para certa percepção de gênero. Um amigo, sacerdote católico contou sobre uma experiência na Argélia, país marcado pela religião muçulmana. Seus companheiros de trabalho perguntavam sobre seu estado civil. Ao saber que era solteiro, lamentavam: "Se você não se casou quem lava as suas calças?" Não havia qualquer referência a uma eventual situação de solidão, pela ausência de uma companhia. Só sobre as tarefas que precisavam ser feitas para ele. Este fato ocorreu na Argélia, mas quantos homens no Brasil, especialmente os religiosos, lavam as suas próprias calças? E como são vistos os homens que decidem, por quaisquer razões, permanecerem solteiros? Creio que dá para perceber que a Argélia não parece tão longe.

Meu amigo não era o que poderíamos chamar de “aliado” de gênero, mesmo porque a chamada esquerda católica, ou progressista, na época não centrava suas preocupações nas questões de gênero, cujo entendimento era a partir de uma visão essencializada, ou seja, de papéis e aptidões diferenciados para homens e mulheres. A preocupação central era econômica e de acesso a direitos. Meu amigo esforçava-se para não ser machista. Desejava um mundo diferente, transformado. Autor de uma vasta obra, no campo espiritual. Era um homem de longas esperanças e de ações imediatas. Combatia o pessimismo, pois dizia que não era cristão, muito menos o desespero, uma de suas formas disfarçadas.

⁷ Entende-se por “igreja progressista” ou “igreja popular” o campo que se constitui enquanto “a ala da instituição católica que não só declara sua ‘opção pelos pobres’, mas desenvolve práticas de mobilização e organização das classes populares com o intuito de conscientizar e formar agentes sociais para a transformação radical da realidade” (SOUZA, 1994, p. 103).

Dito isso, creio ser o momento apropriado para compartilhar a minha ligação com o marco teórico deste trabalho. E porque questões de gênero e religião são temas caros para mim. A perspectiva da metodologia da História Cultural⁸, adotada para este trabalho, propicia e estimula esse “recorte”. Sua base teórica, seus múltiplos campos, enfim, seus procedimentos metodológicos possibilitam o resgate e análise de *micro-histórias* de segmentos educacionais como os (as) estudantes de pedagogia, “objeto” sujeitos e sujeitas da pesquisa deste trabalho, e de militantes cristãos (as), como eu. No que diz respeito ao ativismo religioso, fiz parte de algumas instituições religiosas como: Comissão Pastoral Operária (CPO), Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo (CEFURIA), Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores (CEPAT), Centro Comunitário de Manutenção (CECOMA). Na CPO, integrei estruturas em nível nacional, estadual e municipal e grupos de base (GB), que garantiam capilaridade na base.

As coordenações eram exercidas por leigos (as) e assessoradas por um sacerdote⁹ (mais tarde, religiosas, conquistaram essa função). Contava com um bispo responsável junto à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Em Itaicí/SP, nas Assembléias dos Bispos se avaliava a caminhada da igreja no país, pensando-se as grandes linhas de ação. A história da CPO vincula-se diretamente a uma trajetória de evolução da Ação Católica e que refletia as relações entre prática política e vida cristã, cujo objetivo era de:

[...] reforçar a presença do leigo no sentido de uma evangelização da sociedade, ameaçada pelo ateísmo e perda da fé, em oposição tanto ao liberalismo quanto ao materialismo presente no capitalismo e no comunismo, bem como aos movimentos totalitários, de direita, como o fascismo e o nazismo. (STEIN, 2004, p.41).

Integrava as Pastorais Sociais da Comissão para a Caridade, Justiça e Paz da CNBB, linha sócio-transformadora, que se entendia como um “serviço” à classe trabalhadora, não só enquanto um grupo social que dependia exclusivamente do seu

⁸ Surge em 1929, por iniciativa de dois historiadores: Marc Bloch e Lucien Febvre, a partir da publicação da *Ecole des Annales*, da revista: *Annales d'histoire économique et sociale*. “Posicionou-se contrária à historiografia positivista e aos aspectos políticos, rejeitando, assim, toda política vigente, o capitalismo, os regimes totalitários e o modelo soviético, ideologias presentes nos anos 20 e 30” (DOSSE, 1992 apud STEIN, 2004, p.1).

⁹ Padre Agostinho Pretto, foi fundador da PO e um dos primeiros assessores em nível nacional e latinoamericano da Juventude Operária Católica (JOC). Na década de 70 foi preso pela ditadura militar, juntamente com outros líderes da entidade. Outras informações sobre a sua atuação política no site da Domatol, disponível em: <<http://domtotal.com/noticia.php?notId=373726>>. Acesso em: 25 set. 2018.

trabalho para a reprodução, mas também que possuía uma representação social, enquanto classe. Buscava ser, segundo dom Waldyr Calheiros, bispo importante na redemocratização do Brasil, a pastoral, um espaço onde se reflete o engajamento político social e religioso à luz da mensagem do Evangelho. Espaço de celebração das lutas e vitórias, com revisão das derrotas e vitórias (CALHEIROS, 2000). Presença da Igreja junto à classe trabalhadora e da classe trabalhadora na Igreja. Defendia que os (as) trabalhadores (as) eram os (as) responsáveis por suas decisões e conduções, com apoio do clero progressista. Objetivava-se fazer da igreja e do laicato brasileiro uma expressão não só de organização e ação do apostolado social. Adotou-se o modelo belga, canadense e francês de organização da Ação Católica.

Organizou-se a Juventude Operária Católica (JOC), Juventude Universitária Católica (JUC) e Juventude Estudantil Católica (JEC), os da Juventude Agrária Católica (JAC) e a Juventude Independente Católica (JIC). Cada um desses Movimentos Especializados tinha uma coordenação nacional. (STEIN, 2004, p. 41).

As organizações acima citadas possibilitaram uma abertura eclesial com participação um pouco mais democrática, e deram visibilidade para a efetiva ação e atuação do laicato no Brasil numa perspectiva crítica, como fez a JOC, que surge em “Bruxelas (Bélgica), em 1925. Aos poucos, a organização cresceu e começou a se espalhar pelo mundo, chegando ao Brasil em 1948” (STEIN, 2004, p. 42).

Não é novidade o engajamento social da Igreja progressista, uma ala da Igreja Católica que declara opção pelos pobres e “desenvolve práticas de mobilização e organização das classes populares com o intuito de conscientizar e formar agentes sociais para a transformação radical da realidade” (SOUZA, 1994, p. 103), considerada injusta, cuja questão “chave” de ação, era o trabalho. Nesse período, de intensas mobilizações pós-ditadura, a CPO investiu na formação, organização e mobilização da classe trabalhadora, especialmente para a atuação sindical¹⁰ qualificada, e na luta contra o desemprego. Uma intensa proposta formativa foi desenvolvida em nível nacional com o objetivo de qualificar a atuação das lideranças no mundo do trabalho (MT) à luz do Evangelho, com a utilização e a produção de

¹⁰ Curso destinado para “metalúrgicos, alimentação e construção civil, decorrente da leitura da Pastoral Operária sobre os rumos da economia no Estado, com o objetivo de fortalecer a consciência de classe, a CUT e conquistar sindicatos” (CEPAT, 2010, p. 7).

documentos sobre o trabalho, na perspectiva do método¹¹ “ver (pensar), julgar e agir”, ou seja, “a situação concreta”, depois a “apreciação à luz dos princípios e diretrizes evangélicos”, e finalmente “o que fazer ou se deve fazer”. Este método foi formalmente reconhecido pelo Papa João XXIII na encíclica *Mater et Magistra*¹², publicada em 15 de maio de 1961. Acrescentou-se também o “celebrar”, segundo Agostinho Pretto (REVISTA CONQUISTAR, 2005). No Paraná, a Região Metropolitana de Curitiba – RMC e a Cidade Industrial (CIC) foram cenários importantes de jogos das forças produtivas, especialmente com a entrada da moderna indústria automobilística e com a atuação do Sindicato dos Metalúrgicos considerado um braço das empresas e da ditadura, segundo relatos da oposição sindical, que acabava por fazer o “confronto” na época. Em São Paulo, o então metalúrgico Luis Inácio Lula da Silva adquire projeção nacional, e em 2002, torna-se presidente do Brasil. Nos estados, várias lideranças também foram projetadas via oposições sindicais e demais organizações, chamadas “de luta”.

A CPO produziu muito material de formação e informação sobre o mundo do trabalho. No Paraná surge o boletim “A Voz do Trabalhador”, com tiragem de 15 mil exemplares, distribuídos nas portas das fábricas nas “panfletagens” da madrugada. Alguns números produziram conflito, pois, denúncias contra as empresas eram levadas ao bispo pelos patrões católicos, que reclamavam da oposição dos trabalhadores metalúrgicos cristãos. Vale dizer que no período não havia mulheres atuando diretamente no setor metalúrgico, ligados à oposição. Em 1979, mesmo diante de uma situação desfavorável, a greve da categoria é deflagrada à revelia do sindicato. Retoma-se o sindicalismo combativo, luta-se contra as intervenções nos sindicatos, e intensifica-se a resistência à ditadura que tinha produzido tal nível de radicalização e um estado de espírito em que a suspeita substituía a prova, acusações e desconfianças eram constantes. Via-se ou descobria-se ações comunistas em situações que se tratava apenas de luta por justiça social. Gente ligada à Igreja seja cardeais, bispos, padres, religiosos (as), comunidades ou conventos inteiros, no período da ditadura militar, eram definidos como comunistas, em consequência de

¹¹ Iniciativa do cardeal Joseph Cardijn, fundador da JOC, que sugeriu ao Papa que publicasse uma Encíclica para marcar o 70º aniversário da histórica encíclica *Rerum Novarum*, do papa Leão XIII. (O CARDEAL..., 2011).

¹² Encíclica do Papa João XXIII sobre a questão social. Publicada no 70º aniversário da Encíclica *Rerum Novarum*, em português “Das Coisas Novas”, que tratava da questão dos operários e foi publicada pelo Papa Leão XIII.

seus compromissos religiosos e sociais. O Partido dos Trabalhadores (PT) nasce em 1980, a CPO passou a capitanear o processo de formação sindical no período que antecedeu a criação de instituições que representassem a classe trabalhadora, como a Central Única dos Trabalhadores - CUT, em 1983, e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, em 1985, cujo congresso de fundação foi em Curitiba. Militantes cristãos (ãs)¹³ eram motivados (as) a contribuir ou atuar nas instituições, buscando conscientizar e organizar a classe trabalhadora para a defesa dos seus direitos. Tais instituições eram entendidas como instrumentos da classe. Nascidas com um propósito, uma missão, de conscientizar e organizar os (as) trabalhadores (as). Havia consciência sobre a fragilidade de formação das próprias lideranças cristãs, carentes de uma base teórica mais aprofundada e que ficavam perdidos (as) nos debates, com lideranças/militantes não cristãos, mais preparados (as) teórica e intelectualmente.

Em Curitiba, na década de 1990, viabilizou-se um espaço próprio para a formação (educação não formal) dirigido prioritariamente para lideranças da Igreja, dos Movimentos Sociais e Sindicais em nível de estado. Os cursos eram realizados na Casa do Trabalhador (CT), anteriormente uma Casa de Retiros coordenada pelo o “capelão do Palácio Iguazu, assessor espiritual do Movimento Universitário Cristão (MUC), que conseguiu em meados dos anos 1980, em cessão de comodato, para um terreno por um período de 100 anos, onde se construiu uma parte nova da Casa do Trabalhador” (CEPAT, 2010, p. 7), esta Casa foi posteriormente coordenada pelo CEPAT, instituição fundada na década de 1980, e tem como pilar de sustentação a CPO e o grupo de Pastoral Popular da Província Brasil Meridional da Companhia de Jesus, posteriormente dedicou-se as questões do mundo do trabalho. E no período de 1991-1995, realizou-se um intenso processo de formação de militantes para uma série de ações como: apoio às lutas operárias; cursos de verão da CPO Nacional nas temáticas referentes ao MERCOSUL; Seminário Nacional em parceria com a CNBB em 1992; pesquisa nacional sobre o perfil dos militantes de grupos de base da CPO; e forte apoio à organização da 1ª Semana Social Brasileira da CNBB – Mundo do Trabalho: Desafios e Perspectivas. Em 1994 o CEPAT define-se enquanto uma

¹³ As atuações prioritárias foram na Comissão Pastoral da Terra (CPT), no MST, Conselho Indigenista Missionário (CIMI), PT, no processo Pró-Constituinte em 1986, CUT Paraná, CEFURIA, Central de Movimentos Populares (CMP), CEPAT e em algumas fábricas priorizando organização por local de trabalho.

entidade de pesquisa. E com a assessoria do padre jesuíta, Inácio Neutzling, que por um período divide seu tempo entre a coordenação do CEPAT e a assessoria a CNBB, apoiando fortemente a realização da 1ª Semana Social Brasileira da CNBB: Mundo do Trabalho: Desafios e Perspectivas. A entidade e será determinante na construção da 2ª Semana Social Brasileira: Brasil. Alternativas e Protagonistas. Em 1995, definiu-se enquanto eixo de ação: 1) Acompanhamento às transformações no mundo do trabalho; 2) Formação ética-política; 3) Espiritualidade; 4) Administração da Casa do Trabalhador (CEPAT, 2010, grifos do autor).

O boletim do CEPAT compartilhava reflexões e pesquisas sobre a reestruturação produtiva no mundo do trabalho e promovia reuniões com os trabalhadores (homens) das fábricas, para discutir o processo no chão da fábrica. Em 1996, outra iniciativa, muito importante, foi a Escola de Formação Política permanente, que funcionou até 2005, na CT. Capacitava lideranças da área de Igreja que atuavam, ou atuariam na política. Foi uma experiência muito importante de mobilização e formação. Com a coordenação do CEPAT a CT foi um polo de referência formativa e de mobilização para lideranças dos Movimentos Sociais.

Avalio importante a minha participação na CPO, CEPAT, administração da CT; coordenação do CEFURIA; direções do PT de Curitiba, movimentos populares especialmente de mulheres, e a inserção na comunidade. Considero-me uma ativista social, resultado da ação e da formação oferecida por uma Igreja progressista, comprometida com a vida, a justiça social e os direitos humanos. Combatida fortemente no âmbito interno e externo, especialmente na década de 1970, e nas subsequentes. E, diante dos avanços, e consequentes retrocessos no campo social, consequência de outros ativismos religiosos de linha conservadora que adquiriu evidência no cenário nacional, surge a pergunta: “de que terá adiantado então frear a Igreja progressista, ferir de morte a esquerda católica e sufocar a Igreja popular dos anos de 1970?” (PIERUCCI, 2002, p. 7). Fatos conjunturais na sociedade contemporânea podem responder a esta pergunta.

O ativismo religioso que se projetou fortemente no cenário nacional apresenta uma proposta adversa da Igreja progressista de viés emancipatório para as classes populares. Com viés conservador, no sentido definido por Almeida (2019), ou seja, enquanto um vetor que define a direção e o sentido do processo social em curso. Com demonstrações públicas de intolerância por meio de seus pronunciamentos. Com acordos selados com setores da tradicional política conservadora do Congresso

Nacional que afetam os direitos sociais, econômicos, ambientais e culturais. Mostra-se resistente, ou refratário, à inclusão de mulheres em suas instâncias hierárquicas e aos direitos humanos à comunidade LGBTI¹⁴, com base em uma leitura fundamentalista das Escrituras, e numa espécie de proselitismo religioso perigoso que tem o intuito de “converter” e “salvar” as pessoas que pensam e agem de forma diferente, determinando “o que deve ser feito com as pessoas que discordam. É a política para com os ‘hereges’ e os ‘pagãos’” (FREESTON, 2012, p. 33. Os grifos são do autor). Atitudes e práticas altamente questionáveis com relação à perspectiva de gênero nos Planos de Educação demonstraram posturas autoritárias, segregadoras, alinhadas com o posicionamento público do presidente de (extrema) direita, Jair Bolsonaro, eleito no pleito de 2018, manifestadamente contra o conceito de gênero e que popularizou na sua campanha a expressão “ideologia de gênero”, “kit gay” entre outras. Portanto, sem um contraponto, e o trabalho mobilizador e conscientizador realizado pela Igreja progressista, e fácil responder à indagação feita por Pierucci (2002), a dificuldade de criar resistências.

Foi em tal cenário que encontrei elementos necessários e motivadores que impulsionaram a realização do presente trabalho, sobre um campo que me é familiar, o religioso. Todavia, um ativismo religioso, em evidência, é proselitista e que se deu conta da necessidade de investir na formação de seus e suas ativistas, que possam defender suas pautas e interesses. E entre estes (as), podem estar os (as) estudantes de pedagogia cristãos (as), que representam o “objeto” de estudo do presente trabalho. Paradoxalmente, ativistas religiosos (as), separados (as), na análise, unidos (as) pelo evangelho, pela fé.

Para investigar o campo religioso, foi necessário fazer um recorte que contempla a Igreja Católica Apostólica e Romana¹⁵, destacando alguns grupos que integram os segmentos tradicionais e conservadores, comumente conhecidos como “a direita católica”. Com relação ao amplo campo protestante¹⁶, que hoje representa 30% da população, a análise centrar-se-á na Igreja¹⁷ pentecostal, Assembleia de

¹⁴ A sigla contempla: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Intersexos.

¹⁵ A Igreja Católica Brasileira (ICAB), fundada em 1945, por D. Carlos Duarte Costa ex-bispo de Botucatu - SP. A Igreja não está em consonância com a Igreja Católica Romana por desacordo com um dos seus dogmas: a infabilidade papal. (O QUE..., 2017).

¹⁶ Contam com 97 deputados e três senadores. A católica tem 48 deputados. (EVANGÉLICOS..., 2018).

¹⁷ Segundo Alencar (2012), desde a sua origem em 1914, nos Estados Unidos, o nome assumido é no plural: “Assembléias de Deus” é o mais utilizado na América Latina, combina com o Brasil, onde em um existem vários Brasis. Elas são distintas, diversas, plurais, contraditórias e concorrentes.

Deus, considerada "Igreja-Mãe", pertencente ao Ministério de Belém. Sediada na cidade de Belém, no Pará, região Norte, e foi a primeira a ser fundada no Brasil.

A Assembleia de Deus (AD) é considerada "a maior Assembleia do mundo" (ALENCAR, 2012, p.15) de denominação evangélica e o segundo maior grupo religioso do país, conforme os dados censitários (FAJARDO, 2015), com um carisma "itinerante" e uma prática religiosa muito vinculada à cultura popular. Atravessa processos de mudanças significativas e passou a reconhecer a ordenação de mulheres. No campo neopentecostal a análise ficará circunscrita à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), conhecida por suas intervenções e inserções midiáticas na sociedade brasileira. Apresenta uma proposta de prática religiosa onde estabelece um intenso duelo com o demônio, acompanhada de uma estética show, somada a um discurso de prosperidade, para os (as) seguidores (as).

Parlamentares da Frente Parlamentar Evangélica (FPE) lideraram e apoiaram ações decorrentes de aliança, com base em vínculos solidários, com parlamentares católicos de linha conservadora em torno de temas comuns, situados no campo da moral e dos costumes, especialmente no que tange ao enfrentamento e combate às questões de gênero. O Projeto de Lei (PL) 7.800/2016, Escola Sem Partido (ESP), se posiciona contra a diversidade de opiniões e discussões de gênero na escola. Busca impor um discurso único e autoritário, atentando contra os princípios constitucionais, objetivando fiscalizar, amordaçar e estabelecer sanções aos (as) professores (as) que abordarem questões de gênero nas escolas. Tais intervenções no âmbito escolar recebeu apoio da FPE que no conturbado cenário do impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT) em 2015, sob forte pressão da FPE que justificou tal posicionamento com uma ação "em nome de Deus e da família". A FPE é contrária ao que chamam de "ideologia de gênero" entre aspas, no presente trabalho, por coadunar com os movimentos sociais e pesquisadores (as) de gênero que entendem que o termo foi criado com intenção pejorativa e com o sentido de produzir restrições aos direitos humanos. Historicamente, "ideologia de gênero", termo utilizado pela primeira vez pelo então prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, cardeal Joseph Ratzinger (Papa Bento XVI) em 2004 na Carta aos bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher na Igreja e no mundo. A Carta transformou-se em base nuclear para as elaborações posteriores. Em um artigo intitulado: Papa Francesco sostiene l'ecologia e attacca l'ideologia del gender. Un contradicione o una scelta (SARASINI, 2015). Gênero é identificado como inimigo, uma forma de

feminismo hostil. E acaba por ocupar o posto anteriormente conferido ao comunismo. E deve ser entendido também como um processo transnacional, que busca em vários países estabelecer uma contraposição ao conceito de gênero, tentando reverter avanços obtidos nas políticas de igualdade, num momento histórico em que a educação passa para uma concepção de “educação transfronteiriça”, advinda do processo de internacionalização e, ao mesmo tempo, de crescente estado de virtualização e hibridações pedagógicas, com políticas complexas de regulação, e profundas mudanças na forma de educar (RAMA, 2016).

Gênero é um sintagma¹⁸, o mote de ação (JUNQUEIRA, 2017), onde o campo religioso (evangélico e católico) acabou por concentrar ações contra o conceito que se tornou inimigo comum. Partem da premissa que é fictício, não é científico, nem uma construção social, histórica e cultural dos gêneros e sexualidades. Entendem que gênero representa uma ameaça para a família heteronormativa. A percepção desse campo, o religioso poderia ser reforçada com a constante retórica de afirmação de valores religiosos, cuja representação em 2017 atuou na aprovação do ensino religioso nas escolas públicas, contrariamente ao que vinha sendo gradativamente proposto para o campo educacional, depois, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 (BRASIL, 2016). A proposta aprovada garantiu a natureza confessional, gerando controvérsia por ferir o princípio do Estado laico¹⁹.

A estratégia de enfrentamento ao conceito de gênero, de acordo com Junqueira (2017), iniciou-se nos meados da década de 1990 e no início dos anos 2000, no âmbito do Conselho Pontifício para a Família, da Congregação para a Doutrina da Fé, no Pontificado de João Paulo II, que anteriormente, chamava-se, Karol Józef Wojtyła. Tal estratégia contou com a colaboração do então Cardeal Joseph Ratzinger, velho amigo do papa polonês com quem compartilhava de posições ortodoxas. Ratzinger, com tradição acadêmica, foi um dos mais influentes integrantes da Cúria Romana. Com noção da importância das discussões sobre gênero e sexo, ambos com viés profundamente político, como argumenta Rubin (2003), e com desdobramentos moralmente regulares, abrigados no Projeto da ESP, gerador de intensa polêmica e

¹⁸ Seminário intitulado: "**Gênero ameaça(N)do**" realizada no dia 30 de outubro de 2018 na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (JUNQUEIRA, 2017).

¹⁹ De acordo com Bréchon (1995 apud FERREIRA, 2016, p. 168), o conceito surge de uma luta contra os obscurantismos religiosos, especialmente no sistema escolar, forjado nos combates políticos. No século XIX e XX ganha outros contornos, resumindo-se a uma atitude de tolerância e de abertura para outras posições filosóficas e religiosas. Está presente na Constituição Federal de 1988.

que obteve apoio de setores populares devido a retóricas morais com relação à criança e a família. Setores²⁰ populares organizados reagiram contra o que alegam contrariedade com as medidas restritivas e de cerceamento da liberdade de ensinar, controle de currículos e materiais pedagógicos (PARAÍSO, 2016). Manifestaram-se em defesa do efetivo "pluralismo de concepções pedagógicas" e contrário, portanto, às indicações previstas nos PL que se inspira no Projeto da ESP (MANUAL..., 2018) que fere os princípios democráticos constitucionais, garantidos na Constituição Federal de 1988, considerada cidadã, bem como a LDB 9394/96. O PL passou a ser chamado de "Lei da Mordaça", por essas Instituições de Classe organizadas e contrárias a sua aprovação.

A criação teórica do conceito "ideologia de gênero", indica que a religião parece ter uma relação ambígua com a ideia de igualdade no que diz respeito às mulheres, às contribuições feministas ao conceito, e à luta pela descriminalização do aborto (VALCÁRCEL, 2016). Parece alimentar certa retórica antifeminista, por ser este pensamento vinculado à ideia de democracia e de equidade. Desse modo, tal postura, pouco pode contribuir para a superação das assimetrias de gênero.

Com efeito, a questão que orienta este estudo é: qual tem sido a representação (CHARTIER, 1990) de gênero posta pela Igreja Católica por meio de vertentes conservadoras e tradicionalistas, e pelas Igrejas Protestantes pentecostal e neopentecostal, dos fins do século XX ao início do século XXI, e os reflexões de tais representações nas concepções dos (as) estudantes de pedagogia em formação?

O objetivo geral, deste estudo é analisar a representação de gênero posta pela Igreja Católica por meio das vertentes tradicional e conservadora e Igrejas Protestantes, destacadamente pentecostais e neopentecostais dos fins do século XX ao início do século XXI, com repercussão no campo pedagógico.

Para isso foram definidos os seguintes objetivos específicos: a. Caracterizar representações teóricas sobre gênero defendidas pela Igreja Católica por meio das vertentes tradicional e conservadora, dos fins do século XX ao início do XXI; b. Caracterizar representações teóricas sobre gênero postas pelas igrejas protestantes pentecostais e neopentecostais, dos fins do século XX ao início do XXI; c. Averiguar as representações, ou vestígios destas, nas declarações de estudantes de pedagogia

²⁰ As instituições que se mobilizaram estão relacionadas no material produzido sobre o tema, intitulado: Manual de Defesa Contra a Censura nas Escolas, lançado em novembro de 2018 (MANUAL..., 2018).

que possam condicionar a sua percepção sobre as questões de gênero e relação com o campo religioso – para compreender como estes (as) se pensam enquanto sujeitos de saber e de interação nas futuras instituições de ensino.

O recorte se faz necessário em decorrência da amplitude do campo religioso, composto por religiões cristãs e não cristãs de distintas vertentes. Outra razão é que mesmo no espectro das religiões cristãs, as denominações existentes são muitas, contudo, nem todas estabeleceram embate direto com gênero. As representações de gênero da perspectiva daquelas vertentes religiosas serão abordadas respectivamente no primeiro e segundo capítulos deste estudo e o terceiro dedicado à análise das representações que estudantes de pedagogia possuem sobre gênero e sua relação com o campo religioso.

1.1 PERCURSO TEÓRICO/METODOLÓGICO

A escolha de um tema de pesquisa não exclui certos riscos na necessária aproximação com o objeto de estudo e, ao mesmo tempo, um saudável distanciamento deste. É um grande desafio, tratar acadêmica o tema escolhido. Redobrando o cuidado nas considerações sobre a inserção social ativa e política de um campo, como o religioso onde os desdobramentos também são efetivados por meio de militância política, com base em forte valor religioso.

A concepção de pesquisa que embasa este trabalho é a História Cultural²¹. Compreensão historiográfica que apresenta múltiplas possibilidades de objetos de estudo. Oferece o suporte necessário para a análise de micro histórias evidenciando protagonistas anônimos (as), não contemplados (as) pela historiografia tradicional. Possibilita a investigação sobre amplo espectro de interesses temáticos não tratados na tradição historiográfica que segundo Matos (2017) estudou e problematizou vários temas, tais como: mulheres, trabalhadores (as), as crianças, as feministas, os (as) anarquistas, trabalhadoras do sexo, mulheres devotas, mulheres honradas, estudos bibliográficos, entre outros. Traz à cena não as grandes narrativas e seus sujeitos históricos, mas as sensibilidades, os feitos, os atores e as atrizes, os significados, os sentidos de pessoas comuns culturalmente situadas protagonizando, construindo histórias no seu cotidiano. Atores e atrizes que estão em espaços culturais e temporais

²¹ Surge em 1929 por iniciativa de dois historiadores: Marc Bloch e Lucien Febvre, a partir da publicação da *Ecole des Annales*, da revista: ***Annales d'histoire économique et sociale***. “Posicionou-se contrária à historiografia positivista e aos aspectos políticos, rejeitando, assim, toda política vigente, o capitalismo, os regimes totalitários e o modelo soviético, ideologias presentes nos anos 20 e 30” (DOSSE, 1992 *apud* STEIN, 2004, p.1).

diferenciados dos (as) grandes vultos da história tradicional (BURKE, 2008). Desse modo, considera as narrativas que evidenciam a subjetividade do (a) sujeito (a) pesquisado (a). Tem “preocupação cada vez maior com as pessoas comuns e as maneiras pelas quais elas dão sentido às suas experiências, suas vidas, seus mundos” (BURKE, 2008, p.158).

Burke, a partir da década de 1970, torna-se um dos principais nomes da chamada “nova” história cultural, recobra experiências de gente na maioria das vezes invisibilizadas na história. Recupera o cotidiano, as ações, fundamenta a importância da análise dos discursos, das práticas sociais dos agentes e das representações postas (MATOS, 2017).

Para este estudo tomaremos como central o entendimento de que a história cultural “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16). Para o autor,

[...] se faz necessário indicar como tal realidade é apreendida, que categorias são usadas para tal apreensão, e, portanto compreensão e apreciação de dado fragmento. A apreensão do mundo social é feita por meio de variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado. (CHARTIER, 1990, p. 17).

Tais esquemas intelectuais são criados segundo os interesses dos grupos que os forjam. Os esquemas intelectuais não são neutros, produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas), procurando sua autoridade em outrem, visando legitimar um projeto reformador. Dessa perceptiva é importante entender tais estratégias e práticas no universo de um campo marcado por concorrências, impondo modos de poder e dominação. Por isso, para ele, as lutas de representações têm tanto poder quanto as lutas econômicas de dominação. Certas representações de grupos sociais tentam impor seus modos de dominação por meio do modo como concebem o mundo, os seus valores. Para tanto criam distintos mecanismos de apropriação, de ostentação e controle (CHARTIER, 1990). É neste sentido que estamos compreendendo os mecanismos criados pela religião católica e protestante em torno da chamada “ideologia de gênero”, entendida como forma de controle e de dominação.

Alinhada a essa abordagem historiográfica a referência é a ideia de campo de Bourdieu (1989), definido como um microcosmo social que apresenta certa

autonomia, com leis e regras específicas, concomitantemente influenciando e relacionado a um espaço social mais amplo. O campo é um lugar onde os (as) agentes que o integram buscam manter ou alcançar determinadas posições, benefícios ou premiações restrito e específico ao campo no qual estão inseridos. Nas palavras de Bourdieu “é um campo de forças e um campo de lutas para conseguir manter ou transformar esse campo de forças” (BOURDIEU, 2004, p. 23). Deve ser entendido de forma relacional, com propriedades próprias, formado por indivíduos ou instituições que criam espaços e o fazem existir pelas relações que estabelecem. Enquanto um "espaço social" é marcado por posições, relações e linguagens próprias ao campo. Trata-se de um espaço hierarquizado onde agentes mais novos precisam necessariamente aprender, assimilar e respeitar as regras e estratégias do campo ao qual pertencem que detém o poder de premiar, punir, incentivar, inibir, definir quais são os comportamentos desejáveis ou reprováveis. Enfim, é um espaço de lutas, para transformar ou conservar (GRENFELL, 2018).

Para Bourdieu (1989), para entendermos um campo precisamos,

[...] apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo da linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, *tornar necessário*, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os actos dos produtores e das obras por eles produzidos e não como geralmente se julga, reduzir ou destruir. (BOURDIEU, 1989, p. 69, grifos no original).

O campo é também um terreno de conflitos, de embates, no universo das relações entre seus integrantes, onde uns intentam impor poder sobre outrem. Ele também é um espaço de disputa. Esse é um entendimento basilar para analisarmos os campos religiosos tomados para estudo, que, embora historicamente opostos, encontraram ponto de convergência na denominada "Ideologia de Gênero".

Assim, no âmbito da perspectiva metodológica da História Cultural, este trabalho também se situa na vertente histórica do tempo presente²² (HTP) que é por

²² Denominação formulada por François Bédarida, *histoire Du temps présent*. De acordo com Delgado e Ferreira, a História do Tempo Presente foi durante muito tempo objeto de resistências e interdições, e entrou na ordem do dia no Brasil como objeto de pesquisa e também como tema desafiador para os historiadores. Sancionada pela presidente Dilma Rousseff a lei que instituiu a Comissão Nacional da Verdade para apurar os fatos ocorridos no período de 1946 a 1988. E em 18 de novembro de 2011, foi assinada também a Lei de Acesso a Informações Públicas, que acaba com o sigilo eterno de documentos. Com a Lei de Acesso a Informação há uma garantia de direito constitucional dos (as) brasileiros (as) às informações conforme determinação da **Constituição Federal** de 1988, permitindo a descoberta de arquivos e documentos inacessíveis ou desconhecidos. Portanto, para Delgado e Ferreira esses dois eventos desafiam os (as) historiadores brasileiros a dedicarem-se a estudos não

sua natureza uma história inacabada: uma “história em constante movimento, refletindo as comoções que se desenrolam diante de nós” (PASSERINI, 2006). Dessa perspectiva importa trazermos o conceito de gênero no centro da polêmica na conjuntura política e religiosa contemporânea. Sob a ótica de alguns (as) pesquisadores (as), entendido sob a compreensão de perspectiva de gênero, existe uma vasta e importante produção teórica impulsionada pelas teóricas feministas na academia e na militância, especialmente na tentativa de avançar sobre as produções teóricas circunscritas, aos estudos sobre as mulheres, tentando evidenciar as origens da opressão e subordinação das mulheres que se localizava nas tendências de domínio consideradas inatas/naturais dos homens (RUBIN, 1990), responsáveis pelo trato injusto destinado às mulheres, já evidenciados na obra datada de 1949, *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir, precursora nos estudos de gênero em uma clara crítica ao lugar ocupado pelas mulheres na organização social. Na segunda parte do livro, a autora afirma que, "ninguém nasce mulher: torna-se mulher" (BEAUVOIR, 1949, p. 361).

O marco histórico da entrada do conceito de gênero na academia foi a década de 1970, período em que estava instalada a ditadura militar no Brasil. Uma década marcada por resistências contra as imposições existentes na sociedade: autoritarismo, tortura, restrição da democracia entre outras violações dos direitos humanos, sendo que os estudos de gênero contribuiu para dar visibilidade. Com relação às mulheres e os gays, as violações de direito estiveram presentes desde o Brasil colônia, como abordado no estudo histórico de Nunes (2012) que trouxe à luz as dificuldades, impostas pela religião para as mulheres que desejavam seguir a vida religiosa. Os interesses de povoar e embranquecer o Brasil colônia, determinou o controle da capacidade reprodutiva das mulheres, que deveria estar a serviço de tais interesses, e o desejo de ser freira, não era permitido ou era de difícil conquista, nesta fase inicial do país. Portanto, “mulheres e homens vivem diferentemente seu apego à religião, porque a sociedade e as Igrejas tratam-nos de forma diferenciada e esperam deles e delas comportamentos distintos” (NUNES, 2012, p. 482). Uma mulher que decidiu pela vida religiosa, considerada na época uma vida virtuosa, mas não era facilitada sua entrada em um convento, tampouco para os pais que desejassem encerrar suas filhas nestes. As barreiras, restrições, eram decorrentes de questões

explorados e que podem elucidar e esclarecer pontos obscuros por conta de falta de acesso a fontes (DELGADO; FERREIRA, 2013).

de política populacional em jogo. A colônia precisava de população; “era necessário procriar para garantir a hegemonia branca da Metrópole também na Colônia; era preciso gerar filhos e filhas de sua própria raça e classe” (NUNES, 2012, p. 484), portanto, segundo a autora, os conventos representavam uma ameaça aos objetivos reais por retirar de “circulação” uma parte potencialmente fértil, necessária em uma Colônia que desejava ser povoada e “esbranquiçada” e para tanto era necessário a fertilidade de mulheres brancas e não de negras ou indígenas. Uma das primeiras intervenções estatais no Brasil Colônia, sobre a vida, corpos e sexualidade das mulheres. De acordo com a autora, a vida religiosa no Brasil, tem uma história marcada por submissão e passividade, mas também por transgressões e criatividade.

Nesta toada de vigilâncias constantes, controles, punições, neste mesmo contexto difícil e religioso do Brasil Colonial, destaca-se também a presença dos homossexuais. A homossexualidade brasileira quer o campo religioso goste ou não, tem história, que se inicia em 1591, no Brasil colônia (TREVISAN, 2007), e acabou tendo que encarar o Santo Ofício com sua prática de perseguições e punições aos sodomitas, e clara possibilidade de negação de existência. Seguiu adiante, mesmo que na invisibilidade e nos silenciamentos, pois, a existência não findou. As lutas e reivindicações por direitos civis, inserção social, reconhecimento de dignidade, prosseguiram. Foi na década de 1970 que nasceu o Movimento LGBTI, inicialmente formado por homens gays. Em seguida as lésbicas começaram a se organizar, no início dos anos de 1980. Na década de 1990 a organização foi dos travestis e depois os (as) transexuais se integram de modo mais orgânico. Os (as) bissexuais começaram a se fazer visíveis e ocupar a cena na entrada do século XXI.

O movimento LGBT esteve desde o início de sua formação no Brasil, aliado ao feminista e negro, com propostas de transformação para a sociedade como um todo, mas em especial, por seu caráter identitário, buscando as questões relacionadas a gênero e a sexualidade. Daí talvez uma demora na aproximação com o mundo empresarial, diferentemente do que aconteceu nos Estados Unidos e em outras partes do mundo. (ETHOS²³, 2013, p. 9).

Na academia as reflexões e produções teóricas entendem gênero como uma categoria de análise e, nesse sentido, as contribuições epistemológicas de Scott (1995) se inserem por meio do estudo *Gênero, uma categoria útil de análise histórica*,

²³ Empresa de Responsabilidade Social (OSCIP) que tem como compromisso contribuir para que as empresas atuem no sentido de garantia e promoção dos Direitos Humanos LGBTI. Criada em 1998, pelo empresário Oded Grajew cuja iniciativa teve destaque no Brasil e na América Latina.

onde o conceito de gênero é entendido enquanto um elemento constitutivo das relações sociais e históricas, baseada nas diferenças percebidas sobre os sexos. Uma construção social e cultural permeada por relações de poder (SCOTT, 1995). Louro (1995), reforçando a presente percepção, diz que o gênero pode ser compreendido enquanto abordagem epistemológica, sendo fundamentalmente uma construção social, tratando-se de um conceito plural, o que pressupõe a existência de feminino e masculino social e historicamente diversos.

Gênero é um conceito aberto, inacabado, e constantemente problematizado pelos estudos no campo, a exemplo Butler (2003) cuja pesquisa chega à proposta analítica de desconstrução do próprio conceito de gênero, visto que este não é uma verdade biológica, mas um sistema de captura social das subjetividades. Para ela, gênero é performático:

Em outras palavras, atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado. (BUTLER, 2003, p. 194).

Para De Tílio, se na proposta teórica de Butler gênero é performatividade, "então é possível renomear o(s) sexo(s) para redistribuir discursos e práticas sobre a sexualidade, alterando discursos e práticas vigentes que sustentam exclusões" (DE TÍLIO, 2014, p. 139). Nesta proposta teórica de desconstrução do gênero, não significa jogar fora a história ontológica do "Ser", filosoficamente falando, no sentido existencial. Sem necessariamente dizer o que o Ser é, ou não é, onde o biológico não define o cultural e nem a moralidade, ambas estão na linguagem, na cultura, portanto, não se trata apenas de reprodução. Há uma enorme distância entre o que a pessoa sente e diz que é com o que a norma define e decide o que é ou deve ser.

Na perspectiva das teorias *Queers*, cujo termo em tradução literal significa: estranho, esquisito, bizarro, diferente, anormal, extraordinário, notável. Foi usado enquanto uma forma de xingamento à comunidade gay nos anos de 1970, nos EUA. Virou teoria, com as contribuições do pensamento de Judith Butler. As teorias *Queers*, criticam a suposta situação de normalidade ou estabilidade sexual e/ou gênero, e, de acordo com De Tílio (2014), enfatizadas à exaustão pela sociologia da sexualidade, sexologia

e psicanálise, na defesa de um "pareamento" possível entre o sexo "macho e fêmea" ou de gênero "masculino e feminino". O *queer* não é um "remendo" e nem um pedaço da norma, tampouco faz parte na hegemonia normativa. É experiência, uma existência na perspectiva da diversidade. Trata-se de uma vida. Uma vida tão importante quanto à existência hétero.

Considerando que a expressão "ideologia de gênero" surge por iniciativa da Igreja Católica, textos escritos pelo então cardeal Joseph Aloisius Ratzinger, que posteriormente tornou-se o Papa Bento XVI, e que utilizou a menção à chamada "ideologia de gênero", manifestando em 1997, que:

Atualmente se considera a mulher como um ser oprimido; assim que a liberação da mulher serve de centro nuclear para qualquer atividade de liberação tanto política como antropológica com o objetivo de liberar o ser humano de sua biologia. Se distingue então o fenômeno biológico da sexualidade de suas formas históricas, às quais se denomina "gender", mas a pretendida revolução contra as formas históricas da sexualidade culmina em uma revolução contra os pressupostos biológicos. Já não se admite que a "natureza" tenha algo a dizer, é melhor que o homem possa moldar-se ao seu gosto, tem que se libertar de qualquer pressuposto de seu ser: o ser humano tem que fazer a si mesmo segundo o que queira apenas desse modo será "livre" e liberado. Tudo isso, no fundo, dissimula uma insurreição do homem contra os limites que leva consigo como ser biológico. Se opõe, em seu extremo último, a ser criatura. O ser humano tem que ser seu próprio criador, versão moderna de aquele "serei como deuses": tem que ser como Deus. (RATZINGER apud MISKOLCI; CAMPANA, 2017, p. 726).

Esta seria, segundo Miskolci e Campana (2017), uma peça-chave para desencadear uma contra ofensiva a tudo que significasse conquista feminina e de liberdade de orientação sexual. Além de documentos papais, começou a circular a obra intitulada: *Ideologia de gênero: o neototalitarismo e a morte da família*, produzida pelo professor e advogado argentino Jorge Scala, de forte impacto entre os católicos especialmente, e agregou outros segmentos do campo religioso, orientados pelas suas reflexões sobre a "ideologia de gênero", fortalecendo o ativismo anti-gênero. Afirmando que se tratava de uma "pseudoantropologia feminista" (SCALA, 2011, p. 46), com forte vinculação aos conceitos marxistas e contra a família. A "ideologia de gênero" é vista como ferramenta de poder global para um novo autoritarismo. O livro discorre longamente sobre todos os avanços que o conceito de gênero conquistou em nível internacional, considerado uma estratégia para impor o conceito, especialmente pela educação, sendo necessário fazer o enfrentamento, especialmente sobre o item de maior preocupação e que diz respeito à pretensão de gênero de ter garantidas condições institucionais para o debate e a promoção da diversidade étnico racial, de

gênero, diversidade sexual e religiosa, por meio de políticas pedagógicas e de gestão específica para esse fim. A chamada “ideologia de gênero” foi incorporada como conteúdo transversal, tratando-se de uma estratégia que buscava “impregnar absolutamente toda a realidade educativa em conteúdos transversais, que devem estar presentes em toda grade curricular, constituindo-se no eixo em torno do qual gire a temática”. (SCALA, 2011, p. 181).

Para Miskolci e Campana (2017), tais posicionamentos contra gênero, evidenciam uma contundente oposição às conquistas femininas, de liberdade de expressão, direitos civis e humanos. Direitos gradativamente conquistados principalmente após as três conferências internacionais sobre as mulheres. A primeira realizada na Cidade do México em 1975, a segunda em Copenhague (1980) e a terceira em Niterói (1985), onde discriminação e preconceito foram fortemente contestados.

A contraposição católica com a tese da “Ideologia de Gênero” faz parte de um amplo e articulado processo que contempla a América Latina e Caribe. Na V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (CELAM), 2007, foi escrito o “Documento de Aparecida”, onde há manifesta preocupação com a liberdade de escolha de orientação sexual que fere os princípios da família por fugir às orientações de natureza biológica e construção da família (MISKOLCI; CAMPANA, 2017). Produziu-se um pânico moral e nesse sentido, para Igreja Católica, a luta pela família em seu sentido tradicional tem que ser uma luta prioritária. É um mote aglutinador onde encontra seguidores (as) também em alas evangélicas, produzindo uma nova cruzada moral e religiosa se instalou. De um lado as teorias de gênero e de outro, a “ideologia de gênero”, cada qual com a suas produções de verdades, ou seja, atuando com “um conjunto de procedimentos regulados para a produção da lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados” (FOUCAULT, 1979, p. 14). Deflagrada a cruzada em nome da moral e dos bons costumes, com intensas mobilizações contra e a favor dessas perspectivas de gênero. No confronto, posturas radicalizadas de esquerda e direita receberam variadas classificações tais como: fascistas²⁴, esquerdistas, ateístas, reacionários, entre outros. Todavia, a questão

²⁴ O termo fascismo “designa os princípios dos fascistas (movimento organizado em março de 1919 e que assumiu o controle do governo, com Benito Mussolini, em outubro de 1922. A palavra vem do latim *fascis*, empregado para indicar os feixes de varas de olmo ou de bétula amarrados com fita vermelha e carregados pelos magistrados) na antiga Roma, como símbolo da autoridade judiciária; e por fascismos entende-se não só um movimento político, mas a doutrina que procura justificar tal

posta pelo termo “ideologia de gênero” carrega uma conotação pejorativa e com uma narrativa de ausência de base acadêmica, com “discursos que naturalizam os lugares sociais de homens e mulheres como únicas representações, e segregam qualquer outra forma de manifestação” (AÇÃO EDUCATIVA, 2016, p. 17). O conceito de gênero tem história e trajetória de estudo para equilibrar a produção científica, unilateral, cujas pesquisas eram realizadas contemplando apenas a dimensão puramente masculina, sem demonstrar ou alterar problemáticas de setores excluídos, minoritários como as mulheres e a comunidade LGBTI. Considerando ainda que o conceito apresenta variadas concepções,

“[...] mesmo entre acadêmicos do que se quer chamar por gênero e/ou sexo. Donna Haraway, pesquisadora feminista, destaca que as teorias de gênero trouxeram a discussão para o campo da cultura, para que se pudesse constatar a naturalização da diferença sexual, a partir da célebre frase de Simone de Beauvoir “mulher não nasce mulher, torna-se”. Já a pesquisadora Judith Butler acredita que teorias de gênero, assim como sexo (que está apenas no campo biológico, mas de acordo com Butler poderia vir para o campo da cultura), aprisionam os corpos em uma normatividade heterossexual que não abarca a diversidade existente”. (AÇÃO EDUCATIVA, 2016, p.17).

Estudos no campo de gênero mostram como este resulta de “uma construção discursiva sobre nascer com um corpo com genitália masculina ou feminina” (PAIVA, 2016, p. 17), retomando uma reflexão já posta neste trabalho, mas vale reforçar, pois, na perspectiva de gênero, é por meio de normas sobre masculinidade e feminilidade que vamos aos construindo como pessoas “generificadas”.

A cruzada religiosa foi além dos embates discursivos, pois, trouxe consequências práticas como o Projeto Escola Sem Partido (ESP) que apresenta um caráter de ordem “persecutória, de censura e delação garantidas nos termos da lei, na qual estudantes se tornam acusadores e professores correm o risco de serem criminalizados por exercerem o ofício de ensinar” (AÇÃO EDUCATIVA, 2016, p. 8). É neste cenário e contexto, politicamente conturbado, marcado por uma moralidade sexual de perfil conservadora que segundo Rubin (2003) apresenta uma ideia de sexualidade ideal e única que acabou por caracterizar a maioria dos sistemas de

corrente, cujo objetivo é o estabelecimento de um regime ditatorial e antiparlamentar baseado na glorificação do Estado e francamente hostil à democracia, ao liberalismo e ao socialismo. O movimento e a doutrina surgiu na Itália, mas expandiu-se para outros países, deixando de ser considerada puramente italiana” (FASCISMO, 1986, p. 463). Há uma “vastíssima literatura referente ao Fascismo é normal depararmos com definições diversas e frequentemente contraditórias deste conceito. A multiplicidade de definições é demonstrativa não só pela real complexidade do objeto estudado, como também pela pluralidade de enfoques (...)” (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1986, p.566).

pensamento sobre o sexo e, “para a religião, o ideal é o casamento procriador” entre outras concepções que se explicitam e se confrontam no campo educacional, área de atuação dos (as) estudantes de pedagogia que, enquanto pessoas de saber, vão atuar e interagir nas instituições de ensino, onde também se ensinam valores, formas de agir e de estar no mundo. Neste estudo a história cultural (HC), centrada no tempo presente, se vale da abordagem qualitativa de pesquisa (SEVERINO, 2016). Além disso, pode ser caracterizada como a busca de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos (as) estudantes de Pedagogia.

Além do percurso inicial de natureza conceitual, a pesquisa se desdobrou em três momentos: primeiro, de natureza bibliográfica, imprescindível para a realização do estudo. Ocorreu, segundo Severino (2016), a partir do registro disponível, resultado de pesquisas anteriores, contidas em impressos, (livros, artigos, teses). É também chamada de estado da arte ou de estado do conhecimento. Para a realização da pesquisa exploratória sobre trabalhos produzidos e relacionados ao nosso tema de pesquisa, utilizamos como descritores iniciais, ou seja, palavras chaves que pudessem identificar tais trabalhos, possibilitando a análise sobre a produção na área, temas e sentidos: "Educação e Religião", "Gênero e Religião" e "Educação e Gênero". Para a refinagem da pesquisa definimos os seguintes critérios: trabalhos completos, com PDF, período de três anos (2016-2018). Pesquisou-se a Base de Dados de Teses e Dissertações (BDTD), e tanto os descritores como os critérios de refinagem aqui expostos serão os mesmos utilizados em todas as pesquisas realizadas para o presente Estado da Arte.

Na base de dado da BDTD sobre "Educação e Religião", são 920 registros, e com a refinagem, caiu para 164 trabalhos, na busca por "Educação e Gênero", 4.539 trabalhos, e com a refinagem, 164. Em "Religião e Gênero" foram 1.002 trabalhos, e caiu para: 484 trabalhos. Foram excluídos os trabalhos cujas abordagens contemplavam outras perspectivas abertas pelo polissêmico conceito de gênero, restringindo-o apenas a perspectiva de categoria de análise, e relacional. Feito isso, 77 trabalhos selecionados para auxílio na construção do presente trabalho.

Considerou-se importante saber sobre a produção de conhecimento acerca do nosso tema de pesquisa, também em algumas das principais Instituições de Ensino Superior (IES), quais sejam: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade de Campinas (UNICAMP), Universidade

Federal do Paraná (UFPR), Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Na USP, sobre Educação e Religião, obtivemos 622 trabalhos, com refinagem: 120 trabalhos; Educação e Gênero: 1.452 trabalhos, com refinagem: 258; Gênero e Religião: 13 trabalhos, com refinagem: 4. Na UFSC: Educação e Gênero: 410, com refino: 188; Educação e Religião: 920, com refino: 164; Gênero e Religião: 8. Na Unicamp, com relação à Educação e Gênero: 121, com refinagem, zero; não foram encontrados trabalhos sobre Educação e Religião e nem sobre Gênero e religião. Na UNESP: Educação e Gênero: 81, com refinagem: zero; Educação e Religião: 11; Gênero e Religião: 8. UFRGS: Educação e Gênero: 11, com refinagem: zero; Educação e Religião: 11; Gênero e Religião: 8. A pesquisa na UFPR foi realizada diretamente no site da instituição – Repositório Institucional - Dspace: Educação e Religião: 2.528, com refinagem: 253; Educação e Gênero: 5.103, com refinagem: 511; Religião e Gênero: 2.253, com refinagem: 226.

Utilizou-se a base de dados do Google, e sobre Educação e Religião apresentou aproximadamente 12.800.000; Educação e Gênero: 16.300.000; Religião e Gênero: 22.000.000. Na base de dados ScieloBrasil, artigos: Educação e Religião: 96; Educação e Gênero: 76; Gênero e Religião: 8. Foram selecionados dois artigos do Scielo Argentina e dois do Uruguai. Outra base foi da EBSCO, com os mesmos descritores e critérios de refinagem: Educação e Religião: 7.201 trabalhos, com refinagem 1.954; Educação e Gênero: 12.539, com refinagem 7.716.

No levantamento realizado, dois aspectos importantes: o primeiro diz respeito à enorme produção nos campos tradicionais de estudo que é o da educação e religião. Segundo, diz respeito ao conceito gênero, que devido à polissemia do termo registra uma infinidade de trabalhos. Selecionados 200 trabalhos entre teses e dissertações e 20 artigos. Excluímos, ao final, os trabalhos em inglês, francês, resenhas de livros, artigos repetidos, coletâneas e entrevistas.

Selecionou-se: 118 teses e dissertações, 4 artigo. O resultado do estado da arte realizado, com relação ao tema, é que muitos trabalhos localizados nos descritores e refinagem utilizados apresentaram, no corpo do texto, abordagens diferenciadas das que propomos no presente trabalho, pois, o termo gênero traz do espaço virtual um "mundo" de conceitos. Fazer o estado da arte é uma tarefa, longa, e exaustiva, além de muito solitária. Mas, paradoxalmente, é prazeroso ter acesso aos temas que tem preocupado pesquisadores (as) e que resultou na produção de

trabalhos instigantes, e que contribuiu com a produção do presente trabalho. O exercício solitário da produção acadêmica propicia outros encontros com autores (as) cuja companhia, conforta na solidão da construção de uma tese.

Destacamos, na revisão, as contribuições de Bourdieu (1998), com a compreensão de campo, que evidencia interesses, linguagens, regras e premiações, hierarquias, entre outras; o poder simbólico que está (in) visível nas relações não percebidas pelo sujeito, por estar muitas vezes subterrâneo, e falar muito mais do que palavras. No campo dos estudos de gênero há uma vasta produção teórica. Buscamos nas ferramentas Foucautianas suporte para pensar os fenômenos do presente e seus efeitos discursivos sobre a sexualidade. Priorizamos as contribuições de Scott (1995), especialmente no aspecto relacional e de reciprocidade, não só entre mulheres, mas também entre homens e homens, homens e mulheres, e quando se discute um está relacionando informações sobre o outro. Scott ajuda a pensar sobre a "invisibilidade" de mulheres enquanto sujeitos históricos; "mas uma invisibilidade não significa ausência" (SCOTT, 2002, p.73). O suporte teórico de Butler (2013), especialmente, mas também Foucault (2001), que contribuem para o entendimento de gênero e sexualidade cuja compreensão está longe do que se propaga na "ideologia de gênero". É preciso historicizar o sexo, e nesta direção, estabelecendo um link com a história, Perrot (2005) apresenta os processos de invisibilização históricos. Na necessidade de discutir as principais teorias e políticas de gênero na contemporaneidade, há as contribuições de Tamanini, Boschilia e Schwendler (2017) sobre gênero e questões contemporâneas. Louro (1997), que contribui com reflexões de gênero no campo da educação, especialmente. Sobre a questão religiosa em uma perspectiva feminista, contribuições do pensamento de Camps e Valcárcel (2007) iluminam a análise.

O segundo momento, de natureza empírica, constou da aplicação de um pré-teste, por meio de um questionário (SEVERINO, 2016) contendo questões sobre gênero e religião, junto aos (as) estudantes de Pedagogia de uma instituição de ensino superior católica, com o objetivo de estabelecer uma primeira aproximação com o campo de estudo: gênero e religião, obter dados sobre os (as) estudantes de pedagogia e sua possível aderência ao campo religioso. O questionário foi respondido nos dias 20 e 21 de dezembro de 2016, e foi importante, por permitir conhecer os vínculos dos (as) estudantes com a religião. Cumpriu os objetivos iniciais

anteriormente descritos, contribuiu para formulações de questões específicas sobre gênero e religião e nos deu maior visibilidade sobre o segmento em estudo.

A aplicação de um questionário estruturado evita universalizações (DEBERT, 2004), ainda que apresente limites em termos de perguntas objetivas. Porém o seu uso é pertinente quando se deseja obter dados de um número grande de sujeitos. Foi aplicado em sala de aula²⁵, permitindo contato breve com os (as) estudantes no sentido de explicar o propósito do trabalho e dirimir eventuais dúvidas, bem como obter a assinatura do termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Continha 28 questões fechadas sobre os temas de interesse e duas questões abertas, com respostas livres sobre as motivações para a escolha do curso, e a segunda questão solicitou uma autodeclaração sobre o seu "jeito de ser". As duas últimas questões descritivas, segundo Quinet, é a oportunidade que lhe garante o "poder" de constituir-se como alguém singular, de afirmação do sujeito (QUINET, 2002).

O pré-teste, referenciado atingiu 44 estudantes no total, foram 41 do sexo feminino e três masculino. Contou com a participação voluntária de 16 estudantes inscritos no 2º período de Pedagogia e 28 estudantes do 4º período, em uma aula disponibilizada para tanto. Não responderam o questionário os faltantes e os que chegaram atrasados. Além de conhecer melhor os (as) estudantes de pedagogia calouros (as) e os que estavam concluindo a graduação, foi possível revisar e adequar melhor as questões sobre os temas de estudo. Em 2018, realizou-se a pesquisa específica sobre gênero e religião, e desta, participaram 121 estudantes de Pedagogia de duas universidades, uma confessional e outra pública. Foram 118 estudantes do sexo feminino e 3 homens. Na UC, o curso de Pedagogia é oferecido semestralmente, contemplando estudantes do 1º e 8º períodos, e na UP, o curso é anual e participaram estudantes do 1º e 3º ano. Os dados coletados serão analisados no terceiro capítulo a luz tanto dos conceitos indicados na metodologia como em relação aos dois primeiros capítulos.

Acreditando que esta pesquisa pode oferecer uma contribuição para os estudos de gênero e educação, pois, toma como objeto de estudo o campo de gênero e suas implicações para o campo religioso que reverberam na educação, justificando a realização do presente trabalho, em nosso entendimento.

²⁵ Esse processo de pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa - CAAE - por meio do processo nº 91427818.0.0000.0020.

A tese está estruturada em três capítulos. Representações sobre gênero na Igreja Católica conservadora e tradicionalista, dos fins do século XX ao início do XXI é o título do Primeiro Capítulo e buscou proporcionar uma visão sobre as representações de gênero presentes no meio católico tradicional e conservador. Igrejas Protestantes: pentecostais e neopentecostais e a cruzada missionária – gênero x ideologia de gênero é o título do Segundo Capítulo que apresenta as representações de gênero na história do protestantismo, até as configurações presentes nas igrejas pentecostais e neopentecostais atuais, a partir de um quadro evidentemente bem sintético. O Terceiro Capítulo contemplou a pesquisa empírica, na qual os (as) estudantes do Curso de Pedagogia figuraram como os (as) principais protagonistas. O título definido: Estudantes de Pedagogia: representações sobre gênero e relação com o campo religioso – primeiras aproximações. Buscamos apresentar suas relações com o campo religioso e as representações, que têm aqui uma conotação discursiva, considerando-se as contribuições de Foucault (1999) sobre os limites externos à própria representação, um conceito polissêmico, tanto quanto gênero ou cultura, por exemplo. Para Foucault as representações partem de uma linguagem e “a linguagem não é senão a representação das palavras” (FOUCAULT, 1999, p. 289), e estas propícia conhecimento, mas também o escondem, mantendo o sentido “misterioso” ou do não revelado. Portanto, é preciso considerar que “no horizonte de todas as representações atuais, se indica por si mesmo como fundamento da unidade delas são objetos jamais objetiváveis, essas representações jamais inteiramente representáveis” (FOUCAULT, 1999, p 335-336). Há uma distância, segundo o autor, entre o que é dito, explicitado, e o que as coisas realmente são. Em Chartier (1990), a representação é o produto e o resultado de uma prática. A literatura não deixa de ser uma representação, pois, é também o produto de uma prática simbólica que se transforma em outras representações. E nelas há, o peso exercido pelo poder simbólico da percepção e aceitação de determinada realidade (BOURDIEU, 1989), e o conceito de *habitus* (BOURDIEU, 1990), ferramenta conceitual, que pode contribuir nas “tomadas de decisão” dentro de um determinado grupo. No conceito de representações é preciso considerar as ações individuais, mas construídas coletivamente. Entendido “como uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas” (SETTON 2002, p. 61). O ato de compreender micros histórias, que acontecem na invisibilidade

do cotidiano, pode nos ajudar a entender processos silenciosos que fazem e desfazem histórias pré-concebidas, sem fazer alardes.

2 REPRESENTAÇÕES SOBRE GÊNERO NA IGREJA CATÓLICA CONSERVADORA E TRADICIONALISTA, DOS FINS DO SÉCULO XX AO INÍCIO DO XXI

O presente capítulo tem como proposta apresentar as representações (CHARTIER, 1990) sobre as teorias de gênero e sexualidade sob a ótica de dois segmentos eclesiais católicos: tradicionais e conservadores, que serão apresentados ao longo do presente trabalho. Tais segmentos pertencem à maior instituição cristã do mundo: a Igreja Católica Apostólica e Romana. Católica tem origem grega “Katholikós” (EPIFANIA..., 2018) cuja significação é universal e foi aplicado no sentido de sua universalidade geográfica e conceitual. “Apostólica” vem da continuidade dos trabalhos dos apóstolos, e “romana”, diz respeito ao fato da sede principal estar em Roma. Uma Igreja, que conta com uma tradição de mais de dois mil anos de história, com relações internacionais e diplomáticas na resolução de conflitos e em defesa de interesses corporativos. Pertencente a uma das grandes religiões vivas do mundo, o cristianismo. Religiões no dicionário são sistemas de crença, imaginadas invariavelmente em termos sobrenaturais. Apresentam uma prática e organização que conformam uma ética que se manifesta no comportamento dos seus seguidores. Etimologicamente, religião vem do verbo latino *religere* que significa cumprimento consciencioso do dever, respeito a poderes superiores, profunda reflexão. Implica um relacionamento íntimo e duradouro com o sobrenatural. Trata-se de uma etimologia complexa e não fortuita exatamente por conta da complexidade e a diversidade das religiões humanas (RELIGIÃO, 1986).

A Igreja Católica embora venha perdendo adeptos diante de um “mercado religioso” com a concorrência das Igrejas evangélicas, que estão alterando a moldura²⁶ religiosa do país, ainda é detentora do maior número de adeptos, especialmente no Brasil, mesmo que em meio a tensionamentos e controvérsias em torno de denúncias sobre a pedofilia no seu interior que estão sendo enfrentadas pelo Papa Francisco (CONTROVÉRSIA CATÓLICA, 2018). Crítica sobre as influências da chamada Igreja “modernista” que deixam de lado ou dão pouca importância à tradição, segundo grupos católicos conservadores, que consideram que a racionalidade moderna lança a humanidade para um ateísmo. Outra crítica se concentra na modernização de prática e rito católicos, pois, inovações ritualísticas, questões

²⁶ Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), **Datafolha** e **Instituto PEW** 2014. (A TRANSIÇÃO..., 2017).

ecumênicas são rejeitadas pelos setores conservadores. Há divergências de difícil acordo e mesmo intransponíveis com relação às deliberações do Concílio Vaticano II. Tais grupos consideram-se guardiões da tradição, enquanto conhecimento acumulado e veneram a antiga Missa Tridentina, como parte desta. Os grupos tradicionais e conservadores estão alinhados com Roma, mas os tradicionalistas radicais, não. E, por conta disso fazem fortes e severas críticas ao Papa Francisco, que passam para o âmbito do público.

Conflitos internos marcaram sua trajetória histórica, produzindo cisma (QUEM somos nós, 2018) que ocorreu por consequência das divergências sobre a "infabilidade do Papa" especialmente, em 06 de junho de 1945 quando foi fundada a Igreja Católica Apostólica Brasileira - ICAB por Dom Carlos Duarte Costa. Trata-se de uma organização religiosa de âmbito nacional, pessoa jurídica de direito privado e sem fins lucrativos. Segue radicalmente contrária a união homoafetiva, posição manifestada publicamente (por meio de uma nota pública) em decorrência de um episódio que envolveu a igreja, sobre uma suposta autorização para a realização de uma união homoafetiva, supostamente agenda em uma das suas paróquias. A proibição foi justificada com base em razões bíblicas e na tradição cristã. Tanto a ICAB como a Igreja Católica Romana, são instituições que apresentam uma consolidada estrutura organizativa e hierárquica.

Na Igreja Católica Apostólica Romana, o Papa é o Sumo Pontífice e chefe da Igreja Católica, e acima dele, só Deus. Na sua auto-representação mítica consta "instituição atemporal e sagrada, além da história, monarquia espiritual e portadora da verdade divina maior" (SILVEIRA, 2014, p. 6). Baseia-se na doutrina orientadora das práticas de todos os seus fiéis. Possui uma doutrina social, que segundo o Papa João XXIII, é parte integrante de seus ensinamentos sobre a vida humana (*Mater et Magistra*²⁷), visto que se considera portadora de uma mensagem de Deus *feito homem* para a humanidade. Entretanto, esta doutrina social é ainda desconhecida por um grande número de cristãos (as) (CHARBONNEAU, 1967), ou pouco conhecida por uma parte significativa de fiéis, que fazem parte da base "ordinária", tomando de empréstimo uma expressão de Toynbee²⁸, para uma referência às pessoas comuns,

²⁷ Em português significa "Mãe e Mestra", é uma Carta Encíclica do Papa João XXIII sobre a questão social à Luz da Doutrina Social da Igreja. (JOHN XXIII, 1961).

²⁸ Arnold Joseph Toynbee (1889-1975), historiador britânico, cuja obra prima, intitulada: **Um Estudo de História**, composta de 12 volumes sobre 26 civilizações estudadas por ele, e sobre as quais examina com acuidade, o nascimento, desenvolvimento e quedas das civilizações, em uma perspectiva global

os (as) leigos (as). Todavia, os (as) cristãos (ãs) que integram os segmentos mais elevados, e que pertencem a uma elite espiritual, conhecem, acompanham, defendem, e interferem na doutrina proposta. Para finalizar, tem também uma hierarquia superior, onde estão os santos e as santas da Igreja, que alcançaram tal *status* devido a um ato heroico, ou comprometimento de fé. Após santificação, recebem a devoção dos, das demais fiéis. O paradoxo é que visto que há uma grande participação das mulheres na vida da Igreja, que não corresponde ao número de santificações, em sua maioria, masculinas. Ao longo da história da Igreja Católica, canonizaram-se mais de 20 mil pessoas, segundo dados divulgados pela Comunidade Católica Canção Nova. (IGREJA..., 2013).

Segundo a tradição da qual é portadora, a doutrina católica é baseada na Revelação Divina. Os grupos religiosos estudados neste trabalho pertencem aos segmentos que promovem publicamente resistências profundas às questões de gênero, porque partem de um referencial naturalista, buscando "legitimar" e promover julgamentos sobre a homossexualidade, entendida como anomalia e perversão, ou seja, são consideradas pessoas abjetas e pecadoras. A possibilidade de outras existências ou padrões fora da norma é motivo de intensas polêmicas desde o seu início. Para tais grupos, existências consideradas nefastas, "pecaminosas", devido afrontamentos aos ensinamentos da sagrada Igreja sobre os papéis de gênero, como demonstrado na Carta aos Bispos da Igreja Católica.

A referida carta inicia fazendo uma justificativa bíblica antropológica sobre a condição das mulheres, reivindicando e sustentando uma suposta "essência feminina" de contribuição no mundo. Do ponto de vista da igreja, o polissêmico conceito de gênero, que escapa das definições e acepções despreziosas, criticado enquanto teoria por também adquirir uma conotação sexual, apresentando a possibilidade de renomear (o)s sexo(s) alterando discursos e práticas religiosas vigentes. Criam-se frontais discordâncias, por setores conservadores, que vão desembocar em relações belicosas contra a categoria política, que passa a ser entendida enquanto "ideologia de gênero", sem dar-se conta da "ideologia de gênero" produzida pela igreja há milênios (UBIETA; HENRIQUES; TOLDY, 2018).

Aborda-se no presente trabalho, apenas aqueles segmentos anti-gênero que se pronunciaram publicamente, produziram ou divulgaram materiais relacionados às

na obra: **El cristianismo entre las religiones del mundo**. Obra disponibilizada em Espanhol. A obra referenciada está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ybDSbH1c10A>>.

questões de gênero. São eles: Opus Dei, Tradição Família e Propriedade (TFP), Instituto Plínio Corrêa de Oliveira (IPCO), Arautos do Evangelho, e a Associação Cultural Montford. Tais grupos defendem uma educação voltada para valores tradicionais, disponibilizam uma série de vídeos sobre a necessidade de uma educação católica, que podem ser acessados no site das respectivas instituições. E demonstraram que estavam afinados com o jargão da Campanha Eleitoral de 2008, de Jair Messias Bolsonaro: “Deus, pátria, família e educação”.

Tais grupos no panorama católico surgiram por iniciativa de personagens importantes dentro e fora da estrutura eclesial, com boa formação acadêmica, intelectuais católicos, a exemplo do professor e historiador Orlando Fedeli, fundador da Associação Cultural Montfort; dos Arautos do Evangelho, fundado pelo Monsenhor Scognamiglio Clá Dias; o Instituto Plínio Corrêa de Oliveira fundado pelo chamado "Dr. Plínio", que também fundou a instituição Tradição Família e Propriedade (TFP). Produziram uma série de vídeos, divulgados nas redes sociais, divulgando oposição frontal ao conceito de gênero, pressionaram para a retirada do conceito de gênero em alguns Planos de Educação a exemplo de São Paulo e Curitiba, além de outras ações desencadeadas contra o conceito de gênero.

O período estabelecido para o presente estudo foi o fim do século XX, que marca a entrada do conceito de gênero na academia, até o início do século XXI, com destaque para a intensificação da cruzada moral e religiosa com o conceito, que também foi “construído” como uma representação de suposto perigo às crianças, expostas à pedofilia, sexualização infantil, enfim, a construção de um estado intencional de "pânico moral" refletindo “a oposição a políticas de reconhecimento das diferenças de gênero e sexualidade e à crescente visibilidade das questões sobre diversidade sexual no Brasil” (BALIEIRO, 2018, p. 3).

Como vamos tratar de conceitos complexos no campo de gênero, neste trabalho, apresenta-se somente os elementos que possam ajudar na compreensão dos significados adotados, que facilite a compreensão do presente texto. Os referenciais teóricos e bibliográficos sobre gênero, são dos próprios segmentos religiosos católicos. Serão apresentados sinteticamente suas análises e posicionamentos disponibilizados nas redes sociais, intencionalmente dirigidos ao seu público, e também para provocações junto a um público geral.

O objetivo é aproveitar as narrativas próprias, sobre valores morais, práticas religiosas e eventuais propostas de resolução dos problemas visualizados por tais

segmentos, no campo de gênero. Em uma perspectiva de: “eles, por eles mesmos”. Os documentos oficiais da Igreja Católica serão utilizados, bem como os referenciais teóricos produzidos nos respectivos campos: gênero e religião, que possam ajudar na realização e conclusão do presente trabalho.

2.1 RELIGIÃO E GÊNERO: ELEMENTOS CULTURAIS

Até onde se sabe, todas as civilizações, sobre as quais temos algum conhecimento, seja por materiais históricos ou testemunhos, mostram que possuíam alguma forma de religião e uma prática religiosa, segundo Toynbee (1956). Civilizações grandes ou pequenas emergiram e submergiram, e muitas delas com períodos de grande glória, apogeu e queda. Incontáveis foram os confrontos de culturas, religiosos e as transformações produzidas na história humana. Certamente muitos fatos e informações importantes sobre as civilizações anteriores lamentavelmente se perderam, ou foram destruídas, mas de alguma forma, o elemento cultural da religião sobreviveu. É uma das dimensões mais importantes registradas, de autoconsciência dos grupos sociais, primárias como a família e os próprios indivíduos.

Crenças religiosas, transmitidas pela religião, são formas de assegurar a vida terrena e apresentam a promessa de continuidade após a morte. Portanto, religião tem uma aplicabilidade prática, que se manifesta no comportamento de seus seguidores, com práticas padronizadas pelas quais os (as) crentes representam simbolicamente seu relacionamento com o sobrenatural e com um ritual de adoração que inclui súplica e tentativas de controlar o sobrenatural, especialmente as religiões cristãs, que bebem em fontes da filosofia grega, buscando enfrentar os problemas da vida, segundo Toynbee (1956). A religião nasce da necessidade de reduzir as indeterminações que cerca a complexidade da vida humana ou ao menos minimizá-las ao nível do aceitável ou tolerável (FERRAROTTI *et al.*, 1990). Todavia, nenhuma das religiões conhecidas tratou as mulheres tão bem como tratou os seus homens. É a constatação de duas filósofas feministas contemporâneas, Camps e Valcárcel (2007), na obra *Hablemos de Dios* (2007). A condição de “subalternidade” delegada à mulher não difere significativamente nas grandes religiões monoteístas vivas, que acreditavam que as mulheres eram incompletas. Um corpo sem cabeça, que só poderia completar-se por meio do marido, o único que possuía cabeça e, portanto era considerado a cabeça da família. Para os gregos, as mulheres nem corpo tinham.

[...] até o século XVIII, o corpo da mulher não existia para a medicina. Na visão da época, a mulher "era o corpo invertido dos homens, na anatomia, na fisiologia, na biologia, a mulher era o 'não ser', pois o homem tinha o pênis, e ela um pênis invertido, o homem tinha escroto, ela útero, o homem tinha testículos, ela ovários" [...]. (TAMANINI, 2003, p 33).

A autora explica esse percurso de exclusão também por meio da compreensão de que,

O corpo e a sexualidade femininos tornam-se assunto e controle dos homens, da medicina, das políticas de estado e da religião, principalmente, depois caem no sistema jurídico, que traz um controle rigoroso dos corpos e dos espaços, fala-se das prostitutas, das santas, da mulher honrada, da mulher falada, da esposa dedicada e da honra do marido, como uma necessidade dos homens. (TAMANINI, 2003, p. 34).

Do ponto de vista histórico, alguns revolucionários que lutavam por liberdade, solidariedade, igualdade e direitos fundamentais, justificavam a desigualdade a partir de uma teoria cuja representação criava uma mentalidade que condicionava as mulheres a uma suposta situação de "fragilidade", "infantilidade" na qual era incapacitada para as tarefas intelectuais, científicas e políticas dos homens. Uma visão essencializada sobre a mulher, que fortalece o "viriarcado" (FALQUET, 2014), termo que tem origem na palavra viril, virilidade e falseia a realidade; não vemos o mundo, mas a representação sobre as diferenças sexuais. Constitui-se também em uma ideologia da "diferença dos sexos" (FALQUET, 2014, p, 11). Agora, "não por serem 'imperfeitas', do ponto de vista ontológico, mas por serem diversas, do ponto de vista biológico" (COSTA, 2003, grifos da autora). Porém, os temas masculinos dominantes acabam por seguir universais (SCOTT, 1994), criando-se a mentalidade política.

Notável como as construções culturais sofrem alterações com o decorrer do tempo. Costa (2003) diz que o estabelecimento desta diferenciação coloca o sexo como prova conclusiva da diferença "para menos" no que diz respeito às mulheres. "Homens e mulheres deviam ter um tipo de prazer sensual, de conduta social e de vida emocional adequado à natureza biológica de seus sexos" (COSTA, 2003, p. 8), seguindo os aparatos normativos que são construídos (FOUCAULT, 1999).

Nessa versão do "para menos", as mulheres eram vistas e entendidas como uma versão menos importante do que os homens. Responsabilizadas pela entrada do pecado no mundo, explicitada com a representação simbólica de Eva e Adão no paraíso, uma condição perdida pela "falha e fraqueza de caráter de Eva", que passa,

então, a ser associada e representada como: "pecadora", "desobediente", "fraca" "corrupta", "devassa", "sedutora", "infiel", entre outras definições negativas.

Lembrando que tais assimetrias eram debitadas e justificadas como se estivessem no "próprio plano de Deus, plano esse inscrito no corpo das mulheres e na sua capacidade física de dar vida" (UBIETA; HENRIQUES; TOLDY, 2018, p. 1). Está explicitado na CDF, 2004, no item de número 13, onde argumentos teológicos são transferidos para uma justificativa "teo-biológicos", e assim devem ser entendidos efetivamente, para a estruturação da sociedade e seu bom funcionamento, que dependem que a mulher esteja voltada para de sua "missão no seio da família". A concepção do "estado natural", que acabou por ter uma grande importância na história do pensamento, permanece até a atualidade.

Os argumentos acima relacionados representam apenas alguns dos muitos que contém elementos que possibilitaram e justificaram a desconfiança e vigilância sobre as mulheres e o "feminino", e que são explicitados nos pronunciamentos dos segmentos selecionados para análise, especialmente os argumentos bíblico-antropológicos, quando manifestam posições declaradamente,antigênero.

Sem se dar conta, por falta de conhecimento na área dos estudos de gênero, que tais segmentos produziram opressão e desigualdade de tratamento em vários níveis, especialmente na possibilidade de inclusão das mulheres nas hierarquias religiosas, em pé de igualdade, na perspectiva da paridade, e não em uma condição ora aceitável de subalternidade, enquanto tarefeiras, ou submissas, como comumente percebemos em várias religiões²⁹. São muitas as situações que ferem ou restringem o direito humano de uma existência livre, equânime e digna, que longe está de ser alcançada por tantas mulheres e coletivos, como por exemplo, o segmento LGBTIs, cuja problemática foi mantida circunscrita à zona de "obscurescência" e de silêncios incômodos que permeiam as relações sociais e interpessoais. Entretanto, chegado o momento em que Foucault (1999) concebe a sexualidade como um dispositivo histórico, acabou por fornecer um suporte imprescindível para mudanças.

As temáticas desta "zona de obscurescência" foram iluminadas, em muito, pelos trabalhos produzidos nos estudos de gênero que entraram na academia nos anos de 1970, rompendo com os "guetos", e capazes de produzir impactos ao desafiar

²⁹ Vale destaque, como contraponto, o papel e a função das mulheres nas religiões de matriz africana, que não são monoteístas, e onde se observa maior destaque e protagonismo. São também as que concentram o maior número de preconceitos e violências sofridas.

a "máxima essencialista" que definia a mulher por sua condição biológica, representado e apresentado, em preconceitos construídos historicamente, como indicamos acima, mas que continuam tendo apoio e sendo defendido pelo campo religioso, especialmente os tradicionais e conservadores, bem como de uma parte da comunidade científica (DE TÍLIO, 2014).

Da perspectiva histórica é importante ter presente as reflexões de Le Goff ao afirmar que "não há realidade histórica acabada por si própria ao historiador" (2005, p. 42). Um trabalho produzido necessitou da definição de escolhas. Foi necessário decidir, recortar, selecionar quais os discursos, narrativas devem entrar, para melhor demonstrar a dimensão e a importância de um fato, em vista dos objetivos traçados. Portanto, não se trata de um trabalho acabado quando se tomou decisões sobre o que mereceu ser mostrado ou descartado. Outros trabalhos podem "desvelar" aspectos não revelados, com novas escolhas de abordagem definidas.

Os estudos de gênero adquiriu grande importância, tornando-se um campo rico, que acabou por superar os estudos, inicialmente realizado sobre as mulheres na academia. Um processo novo e muito importante foi provocado pelas contribuições especialmente de Foucault e do movimento Queer, que é a dissolução da identidade, e acabou por provocar, com estudos posteriores, a necessidade de conviver com "o incerto, o inclassificado e o inominável" (RAGO, 2010, p. 8), no campo da sexualidade.

Esse salto de elaboração no campo dos estudos de gênero nocauteou a construção dos determinismos com base na natureza/cultura, propiciado pela problematização das teóricas feministas. Elas evidenciaram, na produção do conhecimento realizada, o peso das identidades fixas, bem como os estudos que contemplavam um padrão de interação com o sujeito branco, europeu, masculino e agressor e que julgava ser possível uma produção que separava: objetividade e subjetividade, razão e emoção, natureza e cultura, mulheres e homens (ORTNER, 1979). Com esse confronto também a construção das masculinidades problematizada, tornou-se importante nos estudos de gênero.

O interesse investigativo que motiva o presente estudo, focado na produção de conhecimento que pudesse explicar as relações de gênero, em períodos históricos diferenciados e na forma como operam os mecanismos de produção e manutenção da desigualdade. Que explicitasse as relações de poder e as produções de desigualdades, a construção social e cultural do feminino e do masculino e como eles se constituíam em meio às relações de poder (LOURO, 2002). O conceito de gênero

deu visibilidade a questões relacionadas inicialmente às mulheres, que acabou por emergir como um novo sujeito coletivo (SILVA, 2000), desnaturalizando e historicizando não só sobre a subordinação destas, mas também sobre as intrincadas relações sociais de poder estabelecidas, envolvendo o masculino, na construção social e histórica, onde ele próprio é também construído.

O conceito de gênero, por ser amplo, acabou por gerar polêmicas no próprio campo de estudo, demonstrando a riqueza de reflexão, seja na perspectiva de "construção" ou "desconstrução" do conceito, como aponta Butler (2003). Indubitavelmente, desde o início, gênero está vinculado ao movimento feminista na luta por igualdade e demais direitos. Metaforicamente falando, as relações de gênero fazem parte do DNA do movimento. Sofreu intenso combate, do ativismo antifeminismo, propagado. E o campo religioso sempre se mostrou refratário à agenda política do feminismo.

Em um contexto de grande polemicidade, com opiniões diversas, e, muitas vezes divergentes sobre gênero, o campo religioso o entende como um obstáculo, manifestando-se contrário as concepções antropológicas hodiernas. Conforme o item n. 1 da Carta da CDF, gênero é uma categoria analítica importante, com emblemática teorização conceitual (DE TILIO, 2014, p. 133). Scott (1990), em seus estudos, especialmente: Gênero uma categoria útil de análise histórica, dá suporte teórico necessário para explicar relações sociais de poder presentes nas sociedades interativas.

[...] a história e os agrupamentos humanos, por meio da cultura e da socialização, organizam de múltiplas maneiras as relações sociais e, assim, o gênero não seria a diferença sexual, mas sim as representações e as relações (de poder) produzidas a partir da constatável diferença sexual e, portanto, passíveis de alterações. (SCOTT, 1988 apud DE TILIO, 2014, p. 134).

Scott (1990) preocupa-se com os símbolos culturais que regulam as relações humanas, de onde evocam representações simbólicas e, com frequência, contraditórias. Já falamos das representações simbolicamente destrutivas do feminino que a figura de Eva foi portadora e que transmite. Maria é o oposto: obediente, submissa à vontade de Deus, pura, inocente, fiel; tantos adjetivos conhecidos que buscam forjar um padrão de comportamento feminino, que traduz a mulher desejada, na ótica de um pensamento machista que espera ou que encontrar aquela mulher

bela, recatada e do lar. Posturas estimuladas pelos setores conservadores e tradicionais, que são apresentados no presente trabalho.

Para ilustrar o exemplo de controle sobre os corpos, especialmente femininos, objetivando que estes, não explicitem qualquer amostra de sensualidade, sedução ou sexualidade, que é um conjunto de experiências humanas atribuídas ao sexo, um complexo cultural, historicamente determinada nas relações sociais e institucionais (LAGARDE, 1997). Mas a Associação Cultural Montfort desenvolve uma proposta formativa ministrada por docentes de instituições superiores públicas, entre elas a Universidade de São Paulo (USP), com produção e/ou disponibilização de materiais formativos e/ou orientativos de linha conservadora, que demonstrando uma enorme preocupação com relação ao corpo, como é o caso de um trabalho sobre a vestimenta, intitulado originalmente: *A Igreja e a Modéstia no vestir - O magistério supremo e a veste*. Esse material foi produzido pelo padre Marcelo Tenório, disponibilizado no seu blog e reproduzido no site da Associação Monfort, com uma chamada intitulada "Modas e modéstia" (MONFORT, 2011). O acesso ao texto está indicado em outros sites religiosos católicos, como a própria Monfort informa. O material foi produzido e dedicado exclusivamente às mulheres, demonstrando o esforço de muitos sacerdotes que, baseados em documentos da Igreja Católica em sintonia com Roma, insistem com todas as forças para que as mulheres usem vestes que expressem o pudor; que vestir-se de modo inadequado, segundo o texto, não só ofende o decoro feminino e a modéstia, mas vem em grave prejuízo dessas mulheres e, o que é pior, leva miseravelmente tantos outros à condenação eterna. Essa postura corrobora com a análise de Perrot (2005) sobre a necessidade que a Igreja Católica demonstra no controle sobre o corpo da mulher. Ao longo do texto atentam para que se evite roupas que marquem as partes sexuais. São entendimentos que demonstram a extrema preocupação e necessidade de controle sobre os corpos femininos, que insistem em inscrever no corpo feminino a origem do mal. Um corpo culpado e culpável. Para a sua redenção ele precisa de um estado de pureza e obediência. Como veremos adiante, as preocupações evangélicas com relação ao corpo e vestimentas comungam da mesma avaliação aqui postas. Vale lembrar que muitos casos de violência e estupros ocorridos, foram justificados e debitadas na forma da vestimenta usada. Mulheres vítimas, consideradas culpadas.

As contribuições das teorias de gênero acabaram por iluminar e denunciar os armários mofados, onde a inteligência e a razão ficaram convenientemente

penduradas em algum cabide deste obscuro, vestiário. Estudos gênero acabaram por mostrar que o corpo não é um acessório. E que ele precisa ser considerado em sua “infraconsciência, na sua suposta “naturalidade”, no que nele se apresenta indeliberado sempre socialmente produzido e adquirido” (FERREIRA, 2009, p. 5, grifos do autor), portanto, instrumentalizado, onde comportamentos e posturas foram indeliberadas, mas socialmente produzidas e adquiridas, fazendo do corpo um dos temas de produção de conhecimentos.

E de preocupação das (os) pesquisadores (as) "em compreender as diversas articulações possíveis entre sexo/gênero" (DE TILIO, 2014, p. 134), ou seja, sobre a diferença sexual e entendimento das hierarquias sociais. Portanto é preciso:

[...] historicizar gênero, enfatizando os significados variáveis e contraditórios atribuídos à diferença sexual, os processos políticos através dos quais esses significados são criados e criticados, a instabilidade e a maleabilidade das categorias "mulheres" e "homens", e os modos pelos quais essas categorias se articulam uma em termos da outra, embora de maneira não consistente ou da mesma maneira em cada momento. (SCOTT, 1994, p. 25-26).

Os estudos sobre gênero propiciaram o entendimento sobre o controle da função reprodutiva das mulheres, a politização do corpo, os efeitos das violações e maus tratos, a imposição e o estímulo da beleza como condição de aceitação social, a exploração do trabalho feminino, as diversas situações de violência contra as mulheres, que contou com conivências e ou silenciamentos religiosos, bem como uma série de violências de gênero, entre tantos outros temas que permearam a área (FEDERICI, 2004), enquanto no âmbito da religião, o investimento foi na construção da imagem das mulheres religiosas, obedientes e silenciosas.

O elemento que incomoda e parece ser crucial para o campo cristão, especialmente para a Igreja Católica, é a questão da sexualidade humana, "Que diz respeito aos usos do corpo e, em particular - mas não exclusivamente - dos órgãos genitais, a fim de obter prazer físico e mental, e cujo ponto mais alto é chamado por alguns de orgasmo" (LHOMOND apud HIRATA, 2009, p. 231), envolvendo conduta, comportamento, relações, práticas e atos sexuais.

De acordo com a autora, a sexualidade pode ser definida como uma construção social desses usos e ordenação dessas atividades, determinando um conjunto de regras e normas variáveis com as épocas e as sociedades. São regras proibitivas, orientativas sobre o que pode ou não se pode fazer. Lhomond defende que para abordar a sexualidade é preciso não esquecer a "fábrica do sexo" e faz menção aos

estudos de Laqueur (1990-1992) sobre "as diversas concepções do sexo anatomofisiológico e suas respectivas funções, bem como às intervenções físicas sobre os órgãos genitais" (LHOMOND apud HIRATA, 2009, p. 231-232).

Laqueur (2001), em seus estudos, demonstra com maestria como ocorre a passagem de um paradigma de sexo único/carne única para um modelo de dois sexos/duas carnes. Este fato em nada teve a ver com um avanço científico, mas foi resultado de uma mudança tanto epistemológica quanto política. Nesse sentido, falar sobre sexo implica, sempre, uma reivindicação sobre o gênero, uma vez que - "o sexo, tanto no mundo do sexo único como no de dois sexos é situacional; é explicável apenas dentro do contexto da luta sobre gênero e poder" (LAQUEUR, 2001, p. 23).

Sobre a sexualidade contemporânea nas sociedades ocidentais Lhomond, em 2009, falava das possibilidades da prática independente (autônoma) da reprodução e pela legitimação fora da instituição do casamento. Mas, na medida em que ocorrem mudanças das estruturas familiares, progressivo reconhecimento social e jurídico de certas relações sociais, no caso dos homossexuais, armam-se fortes tensões, particularmente quando se intensificam os questionamentos sobre "as noções de homo e heterossexualidade, a partir de uma compreendendo que esta é compulsória, que ninguém é naturalmente heterossexual, e que isso é uma construção social" (RAGO, 2010 p. 9). Tensionamentos entre as duas noções: homo e heterossexualidade, acabou por proporcionar profundas transformações nas relações de gênero, acompanhadas de crescentes tensões, ao que parece sem previsão de término, pelo menos, a curto prazo.

A tendência de vigilância constante da sexualidade humana não arrefece nos seus múltiplos mecanismos ideológicos, que agem para uma efetiva "contenção". De Tilio (2014) parte do entendimento do conceito de gênero com desdobramentos práticos, sobre as relações de e entre gêneros, determinando que "os homens e mulheres e os adultos e as crianças devem agir de específicas maneiras para serem consideradas normais e saudáveis, ou seja, não patológico. E os desviantes devem ser alvos de estudo e intervenções" (DE TILIO, 2014, p. 138).

Butler (2003), que está no centro dos ataques e polêmicas em torno da sexualidade, onde se evidenciam contra ela cenas grotescas e medievais de manifestações de misoginia, uma atitude cultural de ódio ou preconceito contra mulheres e meninas. Antiga na história humana, com presença registrada entre os gregos. Aristóteles sustentou que as mulheres existem como deformidades naturais

e são homens imperfeitos. Segundo Flood *et al* (2007) a posição de Aristóteles pode justificar o fato das mulheres nas culturas Ocidentais ter internalizado seu papel como bodes expiatórios da sociedade, influenciadas no século XXI pela objetificação das mesmas pela mídia com seu autodesprezo culturalmente sancionado e fixações em cirurgia plástica, anorexia e bulimia. A misoginia, manifesta em várias formas diferentes de piadas, pornografia e violência ao auto-desprezo pelos seus corpos (JOHNSON, 2000).

A misoginia faz Butler pagar altas faturas com valores múltiplos pela sua produção teórica que busca romper com os binarismos e essencialismo de gênero que são propostos, defende que as inteligibilidades dos gêneros são politicamente constituídas, não podendo o sexo ficar confortavelmente instalado dentro de uma lógica de discursos de “naturalidade” ou naturalizantes, e nem o gênero com seu caráter de “performatividade”. Para Butler, “os atributos e atos de gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz significação cultural, então não há identidades, pelo qual um único ato ou atributo pode ser medido” (BUTLER, 2003, p. 201), e conclui que, sendo assim, não há atos de gênero verdadeiros, falsos, reais ou distorcidos, portanto “a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora” (BUTLER, 2003, p. 201).

Já foi dito que gênero é um conceito aberto e que pode ser abordado a partir de diferentes perspectivas; é o que Butler faz em sua famosa obra: “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade”, Butler (2003), como apresentados acima, faz também uma crítica às teorizações feministas e escapa da perspectiva da natureza ou cultura, pois, para ela, o que parecia mais coerente era repensar as construções ontológicas de identidade na prática feminista, que em sua opinião carecia de renovação, pois estava num “gueto” teórico: natureza/cultura e era necessário renová-la, com uma nova formulação com base em outros termos.

Parece necessário repensar radicalmente as construções ontológicas de identidade na prática política feminista, de modo a formular uma política representacional capaz de renovar o feminismo em outros termos. Por outro lado, é tempo de empreender uma crítica radical, que busque libertar a teoria feminista da necessidade de construir uma base única e permanente, invariavelmente contestada pelas posições de identidade e de anti-identidade que o feminismo invariavelmente excluí. (BUTLER, 2003, p. 22-23).

De acordo com De Tílio (2014), o que torna as contribuições de Butler interessantes é a nova perspectiva que ela apresenta, superando a essencialista

tradicional/clássica, a compulsoriedade heterossexual e seu *status* de verdade que acaba por reforçar a dominação masculina sobre as mulheres e as mudanças tornam-se mais difíceis, explica. Em termos de síntese, na proposta teórica de Butler (2013) é preciso:

- a) Repensar o sujeito político do feminismo. Questão polêmica, pois, há uma argumentação de que sem o sujeito político do feminismo (mulher) fica complicado avançar em termos de direitos humanos;
- b) Desconfiar da ideia de representação, porque a lógica da heterossexualidade está no controle, e é nesta lógica que a categoria “mulheres” tem estabilidade. Não é que não exista, mas é onde tem estabilidade no interior de relações de poder;
- c) Repensar as políticas feministas sustentadas a partir da recusa do patriarcado, genérico e universalizante;
- d) A ideia de identidade é questionada, em uma tentativa que busca superação desta ideia. Um dos questionamentos importantes de Butler "gira em torno de compreender como essas identidades ganham consistência ontológica" (SILVA, 2017a, p. 110).

Butler segue os passos de Foucault que desconstruiu o conceito de sexualidade como uma espécie de raiz da natureza. O fato é que enriqueceu o campo de gênero exatamente por apresentar os "problemas de gênero", e pela necessidade de sua desconstrução ou historicização.

Trata-se, como já foi dito, de uma genealogia política da ontologia de gênero. Uma crítica que tenta mostrar o gênero como ato performativo de nomeação (representação e comportamento), que sujeitos generificados são constituídos e produzidos por relações de poder e saber que organizam as relações sociais.

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual 'a natureza sexuada' ou 'um sexo natural' é produzido e estabelecido como 'pré-discursivo', anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura. (BUTLER, 2003, p. 25, grifos da autora).

Fica latente a preocupação da desnaturalização de gênero, que passa por um processo de desconstrução e da incorporação do sexo no debate, pois, ele

permanecia intocado no âmbito da natureza, entendido como ficção ontológica sem, em princípio, possibilidade de ser desconstruído.

Críticas são necessárias e sempre possíveis, e Butler tem recebido muitas e não só do campo religioso. As primeiras, sobre a sua teoria de performatividade, vem das Queer theories. Miskolci (2009) diz que as Queer theories criticam tanto a heteronormatividade compulsória nas relações de gênero como toda a sorte de discriminações e exclusões por elas causadas, e as cirurgias de resignificação sexual são um bom exemplo. As queer theories enfatizam a crítica de que o que está em jogo na normalidade ou estabilidade sexual e/ou de gênero "é a tentativa de romper com a suposição de existência de apenas uma definição e pareamento possível entre sexo (macho e fêmea) e gênero (masculino e feminino), sendo suas variações excluídas" (DI TILIO, 2014, p. 140). E o corpo acaba por ser reduzido a sociabilidades e discursos.

São críticas sobre as concepções que participam da construção das sociedades, nas relações sociais entre e intragênero, ou seja, como homens, mulheres, gays, lésbicas, travestis, transexuais, transgênero. De fato precisamos compreender, pois, heterossexuais e homossexuais, somos de algum jeito, atingidos. Os movimentos feministas e o coletivo LGBTI são os carros chefes na crítica radical das normas sexuais postas, seja na teoria ou na prática, e são os mais atingidos pelos grupos religiosos cristãos.

2.2 AMAR A DEUS E/OU AO PRÓXIMO?

É uma pergunta de explícita referência cristã na tentativa de que reflexões apresentadas contribuam para entender as ações de enfrentamento que determinados segmentos católicos tradicionais e conservadores desencadeiam a partir de seus princípios cristãos, que lhes parecem mais importantes que os princípios dos direitos humanos, em tese. O que parece uma contradição, diante das contribuições do cristianismo para a construção da dignidade do ser humano. Essa contradição nos motiva a analisar os discursos de segmentos católicos que justificam seus posicionamentos contra o que chamam de "ideologia de gênero", mas o fazem com base em representações religiosas, construídas historicamente, pois as representações, especialmente as religiosas, foram os primeiros sistemas que a humanidade utilizou para explicar o mundo e de si mesma. Nas representações de gênero, defendidas pela Igreja Católica, também podem ser caracterizada ou definida enquanto uma ideologia, uma "ideologia de gênero" que atua na direção de

estabelecer, justificar e ou legitimar uma relação direta entre uma suposta subalternidade das mulheres em relação aos homens na relação simbólica entre Deus e os seres humanos, bem como entre Cristo e a Igreja, ou seja, são relações hierárquicas, onde um dos seres é inferior ao outro (UBIETA; RODRIGUES; TOLDY, 2018). O que estes autores defendem é que:

a partir do momento em que se estabelece um paralelo entre Deus fiel e o povo de Deus, identificando simbolicamente este último com uma mulher infiel, se não mesmo, por vezes, com uma prostituta, enuncia-se esta assimetria entre os homens (identificados com Deus) e as mulheres identificadas como «infiéis a Deus») enquanto imagem decorrente de um contexto patriarcal assumido e integrado para «explicar» a relação de Deus (homem, esposo) com o povo e a Igreja nos seus momentos de infidelidade a Deus. (ULBIETA; RODRIGUES; TOLDY, 2018, p.1).

Evidencia-se a perspectiva essencialista e profunda assimetria, colocada no "plano de Deus", que passa a fazer parte de vários documentos da Igreja Católica, como a citada Carta aos bispos católicos da CDF, onde apresenta "as exigências da missão da mulher no seio da família" (n. 13), cuja adequação não deve se restringir apenas ao campo "jurídico", "econômico" e "organizativo", mas especialmente à "mentalidade" e "cultura", segundo a Carta aos Bispos (CDF, n. 13, 2004, grifos nosso).

Nesta perspectiva, apresentada pela carta do CDF, o lugar da mulher nesta ordem ideológica é "ser a principal reprodutora (no sentido físico e social) do sistema que a submete e deixar-se converter e reconhecer os singulares valores, fortemente eficazes, do amor pelo outro, de que a sua feminilidade é portadora" (n. 17). O que de certa forma justifica afirmações feitas por alguns segmentos católicos com muita severidade medieval, de manifesta redução e/ou estreitamento das propostas e práticas religiosas cristãs.

Nos mitos gregos e judeu-cristãos sobre a origem da humanidade, há uma afinada concordância de que "toda pessoa é uma metade incompleta. Mas discordam noutro aspecto: se para o homem o outro homem ou mulher completa a sua metade e o faz um ser inteiro" (RANKE-HEINEMANN, 1999, p.339), pois, considerar que a outra metade que supostamente falte pode ser o seu igual, e não o seu diferente, era aceitar a possibilidade da relação homossexual.

No relato bíblico da criação, o homem e a mulher se tornaram uma só carne, são expressos através da criação de Eva a partir da costela de Adão. Evidentemente isso não deve ser interpretado dentro do prisma científico: o

Gênesis não contradiz a evolução, já que Eva como Adão se desenvolveram a partir de um corpo de animal. A versão bíblica do relacionamento original entre o homem e a mulher é uma versão metafórica da sua profunda interligação. Quando Deus traz Eva a Adão, diz: "Desta vez sim, é osso dos meus ossos e a carne de minha carne". E a passagem se encerra com a reflexão: "Por isso o homem deixa o seu pai e sua mãe para se unir a sua mulher, e já não são mais que uma só carne" (Gn 2,23-24) (...). *Em virtude* dessa unidade original, a mulher uma vez mais se tornará uma só coisa em corpo com ele, e isso na condição de casada. Do ponto de vista desta unidade original revivida no casamento, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo vêem a homossexualidade como antinatural. Por natureza o homem, só busca se unir à mulher e a mulher ao homem. (RANKE-HEINEMANN, 1999, p. 340).

Outra narrativa mitológica é a grega, especialmente com destaque em Platão (427-348 ou 347 a. C.), que o apresenta no *Simpósio*³⁰. Há outras referências mitológicas que destacam a existência de três tipos de seres humanos completos: "as criaturas esféricas, algumas compostas de um homem com um homem, outras de uma mulher com uma mulher, e por fim os heterossexuais compostos de um homem e uma mulher" (RANKE-HEINEMANN, 1999, p. 340). Seres estes, que foram divididos por conta dos castigos dos deuses e cada um deve buscar a sua metade. O interessante é que a teóloga destaca que no mito grego há "desprezo" com relação às metades heterossexuais e não com as homossexuais.

Então todos os homens que são um fragmento do antigo sexo comum que era chamado de homem-mulher, gostam de mulheres, e os adúlteros geralmente provêm daquele sexo, e também todas as mulheres que são loucas por homens, e adúlteras. (RANKE-HEINEMANN, 1999, p.340).

A narrativa sobre o mito grego segue contando como as coisas vão se complicando e como as leis vão determinando o que deve ou não ser feito. O mito cristão fez com que o mundo cristão perseguisse inquisitoriamente os homossexuais, pois eram rotulados como antinatural. No mito grego era "natural", mas também por vezes questionado, em que pese que o conceito de "natural" ou "antinatural" nem sempre e nem em todos os lugares é o mesmo, afirma Ranke-Heinemann (1999, p. 340). Mas segundo a autora que na Epístola aos Romanos, Paulo, o judeu, posiciona-se duramente contra o amor homossexual e lésbico, classificando-os "entre os típicos vícios gregos - e eles o enchem de repugnância". O cristianismo adotou a repulsa do judaísmo à homossexualidade. E tão logo galgaram o poder, os cristãos tentaram erradicar os homossexuais. Muitos pereceram em vários processos inquisitoriais

³⁰ Trata-se de *O banquete* (do amor, das belas coisas do amor). Um dos mais importantes textos de Platão, os diálogos éticos acerca da natureza e qualificação de Eros ou o tema do Amor. Platão. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996).

(RANKE-HEINEMANN, 1999). Em que pese todas as incompreensões que pesam sobre os homossexuais, vale destaque que o mito apresentado no referido *Simpósio* é um dos mais celebrados textos de Platão por conta do diálogo ético acerca da natureza e qualificação de Eros, ou o tema do Amor.

Predominantemente representadas nos primeiros séculos da Igreja como uma fonte de pecado, as mulheres enfrentavam também a suposta inimizade entre mulheres, decretada por Deus em castigo a Eva e a serpente. "O catolicismo herdou de Aristóteles, sobretudo a ideia de que as mulheres não eram capazes de manter a amizade, fazer amizade, ou seja, a amizade é a forma mais elevada de relacionamento entre os adultos" (RANKE-HEINEMANN, 1999, p. 342).

Especialmente nas contribuições de Butler, o tema da sexualidade. Tema que, apesar de ainda não ter tido total permissão da igreja para ultrapassar as portas do confessionário, mesmo assim o ultrapassou, quando não o derrubou. A Igreja, nas sociedades ocidentais, entendeu a sexualidade humana como objeto de desconfiança e de necessário controle. Em alguns períodos um controle maior e, em outros, menor, mas jamais foi destronada. A teóloga Ranke-Heinemann (1999) menciona a Igreja Católica, foi a responsável por vários "absurdos" donde decorreram muitas tragédias conjugais, pois, foram:

[...] resultados de uma moralidade sexual equivocada que depois de quase dois mil anos ainda não está disposta a desistir de seu domínio usurpado sobre os quartos de dormir de pessoas casadas. Surpreendente como durante todo o decorrer da História, e de forma abundante, cada geração criou outra geração de pretensos especialistas incompetentes, envolvendo-os com um halo divino, a dedicar uma parcela substantiva de suas vidas a falar bobagens. (RANKE-HEINEMANN, 1999, p. 190).

Em sua crítica sobre à permanente tentativa de controle da Igreja sobre corpos e sexualidades, a autora destaca, por exemplo, o tabu do sangue menstrual, presente desde a antiguidade, que proibia o coito com a mulher durante a menstruação, por uma condição dada de "impureza" feminina. Era um tabu da antiguidade clássica que o cristianismo acabou incorporando e justificando, tanto que Filon de Alexandria "como o médico Sorano de Éfeso (século II D.C), sustentava que a concepção não pode ocorrer durante a menstruação e proíbe o ato sexual neste estado" (RANKE-HEINEMANN, 1999, p. 32-33). A justificativa com relação as mulheres era a existência de um útero úmido e a umidade não só debilitava a vitalidade do sêmen como a anulava por completo, e, "se um homem dormir com uma mulher durante o

período menstrual e tiver relações com ela, ambos serão eliminados do meio do povo" (RANKE- HEINEMANN, 1999, p. 33). Além do castigo determinado, eventuais filhos deficientes eram justificados como castigo ao desrespeito à lei. Segundo a autora, posteriormente essa normativa foi entendida como um "pecado venial"³¹ por alguns sacerdotes e "mortal" por outros, por conta de uma leitura de que havia algo de "impróprio" no ciclo, além de vincular-se a uma falta de controle sobre os desejos carnis. A Comunhão para as mulheres menstruadas foi quase sempre proibida durante a idade média.

Toynbee (1956), que estudou as religiões e realizou um levantamento sobre os desafios postos para todas as estudadas, entre elas, o cristianismo, apontou a necessidade da libertação das mulheres. Constatou que todas as religiões se colocavam em acordo de que o humano não é a presença espiritual suprema do universo, não detém conhecimento, sobretudo o que nos cerca, sobre a nossa própria sociedade.

Butler (2013) radicalizaria nesta direção, muitos anos mais tarde, argumentando que sabemos muito sobre nós mesmos, pelas identidades construídas, de "homens" e "mulheres" formados a partir de categorias fixas e binárias, por meio de uma identificação por "gêneros" que não permitem a inclusão de outras possibilidades. Na sua polêmica obra "Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade", Butler acaba por promover uma "avalanche", inclusive no feminismo. Ela negou a possibilidade de articulação cultural à diversidade da experiência. Na argumentação de Butler,

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual "a natureza sexuada" ou "um sexo natural" é produzido e estabelecido como "pré-discursivo", anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra *sobre a qual* age a cultura. (BUTLER, 2013, p.25, grifos nosso).

³¹ Segundo o **Catecismo da Igreja Católica**, pecado é o que separa o humano de Deus e estão divididos conforme o grau de gravidade. Pecado Venial é o pecado que não separa a pessoa humana totalmente de Deus, mas fere essa comunhão. O pecado mortal, por sua vez, atenta gravemente contra o amor de Deus, desviando o ser humano da sua finalidade última, a bem-aventurança. (RICARDO, 2018).

Na teoria de Butler o gênero é performatividade. "Ser mulher" ou "ser homem" só adquire sentido, com também "se torna estabilizada" (PERREIRA, 2018, p. 2), a partir e dentro de uma ordem heteronormativa. Onde o sexo passa a não ser um dado inquestionável. E o conceito de performatividade acaba por desconstruir o que parecia um dado inquestionável da natureza. Fica posto o desafio de "pensar o feminismo para além de questões identitárias. Em outras palavras, esse questionamento gira em torno de compreender e desvelar como essas identidades ganha consistência ontológica" (PERREIRA, 2018, p. 2).

A partir das contribuições teóricas de Butler percebemos "corpos e subjetividades colocados em enquadramento de poder que estabelece categorias daquilo que pode entrar no mundo dos possíveis" (PERREIRA, 2018, p. 2). Expõe os processos de exclusão e de violências ontológicas e epistemológicas sobre os corpos dissidentes, e também abre a possibilidade de pensar o mundo de forma diferenciada, e bem mais inclusiva (PERREIRA, 2018).

Todavia há de se considerar as resistências e proibições, especialmente as de linha religiosa, saltaram para as manifestações nas ruas, em um forte ativismo religioso, que se somou a setores conservadores e ultraconservadores. Tal processo acabou por evidenciar a formação e a ação de uma nova direita no Brasil, na qual o bloco parlamentar religioso conservador acaba por integrar estabelecendo "cruzadas morais que insistem em suprimir pequenas conquistas obtidas com muita luta" (PERREIRA, 2018, p. 2) pelos movimentos sociais e com relação as produções acadêmicas, que visibilizaram sobre as problemáticas de setores historicamente excluídos. Por meio de ações articuladas em níveis diferenciados que acabam por incluir "as linhas sociais: economicamente liberal, moralmente reguladora, e socialmente punitiva" (ALMEIDA, 2019).

Uma situação de medo foi habilmente construída contra o gênero. Instalou-se, segundo Balieiro (2018), uma situação de "pânico" onde a criança foi utilizada como elemento central de defesa da ordem sexual e da família tradicional. Demarcou-se uma posição contrária a qualquer diálogo ou boa vontade de entendimento, adotando apenas a de confronto, defesa, acusação e mentiras, as chamadas *fakes news*.

Junqueira reverbera dizendo que os religiosos conservadores, considerados os "cruzados morais":

[...] investem maciçamente na renaturalização das concepções de família, maternidade, filiação, parentesco, heterossexualidade, diferença sexual e de toda a ordem sexual. Ao lado disso, em vez de debater com os seus adversários, preferem ridicularizá-los e estigmatizá-los como: destruidores da família, familiofóbicos, homossexualistas, gayzistas, feminazis, pedófilos, heterofóbicos, cristofóbicos, etc. (JUNQUEIRA, 2018, s/p).

Neste embate, Butler foi estigmatizada e aprisionada na categoria de "bruxa". Considerada *persona non grata*, por influências maléficas para a família, para as crianças e os bons costumes, justificando novas razões para uma verdadeira caça à bruxa, desencadeada por cristãos verdugos, analisada com profundidade reflexiva por FEDERICI (2004) em sua obra intitulada, *Caliban e as bruxas: mulheres, corpo e acumulação primitiva*, mostrando os motivos geradores de medo. Butler instiga o pensamento sobre as razões de se agarrar numa definição de contra a natureza, quando não se abre para a discussão da "natureza", onde se julga mais fácil pensar e explicar o mundo a partir de uma racionalidade dual, fixa e excludente, mesmo quando parecem outras possibilidades, evidentes.

O que se constata em Butler é que "a proibição não busca obliterar o desejo proibido; ao contrário busca a reprodução do desejo proibido..." (BUTLER, 1997, p. 117, apud PEREIRA, 2018, p. 2). Sobre essa afirmação de Butler, que reflete

[...] a luta por eliminar um termo, gênero, se torna autorreferente e o dissemina gerando um circuito social - mas também psíquico - de interdição intensificadora do desejo. Assim, a paranóia homossexual cria o social de dentro para fora na perseguição a um fantasma do qual não conseguem se desvencilhar. (MILKOSCI, 2018, apud PEREIRA, 2018, p. 2).

Retornando a Toynbee (1956), ele fala da necessidade de uma postura de maior cautela e humildade contra atitudes prepotentes e intolerantes, especialmente no que diz respeito ao conhecimento produzido, sobre as muitas "certezas" e "verdades", pois, tantas já foram construídas e destruídas, independentes das guerras desencadeadas para mantê-las.

Estamos hoje acompanhando mudanças sociorreligiosas importantes em um mundo cada vez mais plural e complexo. A categoria "complexa" aqui entendida se articula com a proposta de Queiroz (1996), ou seja, o entendimento de complexidade na relação entre o possível e o real, entre o que se pode imaginar, ver, fazer, manipular e o que é possível efetivamente determinar e modificar. Fica a reflexão de que "tudo poderia ser diferente, mas quase nada eu posso modificar" (FERRAROTI, 1990, p. 304). Inclusive no aspecto religioso há de se considerar que, no advento da pós-

modernidade, (há uma crítica de que o Brasil, não atingiu essa condição, ainda de acesso a direitos básicos) certezas ou orientações não são definitivas (QUEIROZ, 1996), mesmo aquelas que nos interessam.

Nas construções históricas e sociais, “presentes nas religiões, as práticas religiosas, certas expressões de fé, as representações simbólicas e os discursos são reveladores de relações sociais” (NUNES, apud HIDRATA, 2009, p. 213). A Igreja Católica é uma instituição social, fruto da cultura, produtora de “sistemas dogmáticos ou doutrinários, ritualísticos e organizacionais, construídos historicamente pelos sujeitos” (BELLOTTI, 2012, p. 55). Pode-se questionar se Deus existe ou não, mas não há dúvida sobre a existência de cristãos e de cristãs; e aqueles que estão alinhados com segmentos conservadores estão fazendo não só estragos, por conta de uma argumentação que denota pouco conhecimento sobre as teorias de gênero, mas um retrocesso enorme do ponto de vista dos direitos humanos, a começar pela não inclusão de gênero nos Planos de Educação.

No paradigma da pós-modernidade, onde as certezas não são definitivas, podemos constatar a contradição, pois a mesma religião que, no embate sobre os problemas morais de gênero prima por uma pauta moral severa, intolerante e punitiva, especialmente no que diz respeito à sexualidade, não estabelece “travas morais” nos espaços virtuais, ao contrário, entrega-se cada vez mais ao “desbravamento” e ocupação da “nova fronteira religiosa”, no ciberespaço em contínuo crescimento, segundo afirma o jornalista Francisco de Juanes. Para ele, no “reino viril há uma postura de clericalização e patologia do sexo” (JUANES, 1994, p. 157). E isto é possível constatar no cenário religioso, ideológico contemporâneo.

2.3 OS CATOLIBÃS E O ESPAÇO VIRTUAL CONTRA O GÊNERO

De início, uma pequena mostra do que foi a Cruzada Religiosa nos Meios de Comunicação e Informação, no espaço virtual. A internet continua sendo uma das principais ferramentas de acesso à informação, especialmente do público jovem, e se constituiu no principal meio para o ativismo religioso, que utiliza cada vez mais os espaços disponíveis para divulgar suas doutrinas e compartilhar materiais produzidos, sem deixar de considerar os fakes news. A Igreja Católica é uma instituição com uma experiência bimilenar que tem se mantido a longos processos históricos, pouco alterados no que diz respeito a sua estrutura organizativa e comunicacional, por exemplo. Porém, a Revolução Digital está forçando mudança em todas as organizações sociais. O campo religioso, grupos conservadores, tem investido muito

neste espaço de livre acesso, ágil e desburocratizado de comunicação. E segundo Sbardelotto (2018), trata-se de um processo que está a todo o vapor e sobre o qual a Igreja precisa se posicionar.

"No novo espaço midiático e cibernético, as práticas religiosas se sustentam num fundamento institucional muito fraco, mas concentram a força na exploração do emocional virtual" (MENDOZA-ALVAREZ, 2011, p. 38), o que se constituiu em uma estratégia de combate ao conceito de gênero e à sexualidade, tornando-se um espaço gerador de tensionamento, polêmica e desdobramento reativos, como juízos morais postos em prática e, ao que parece, menos rigoroso no que diz respeito ao filtro religioso e valores morais. (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 1996) Meios de comunicação e informação são utilizados para divulgar, compartilhar mensagens, vídeos e materiais com caráter ofensivo e preconceituoso.

Sbardelotto (2018, s/p. grifos do autor) analisa a intolerância entre os católicos na rede; explica que as identidades de "irmãos" e "irmãs" na fé desaparecem; fica a pessoa sobre a qual se descarrega "toda a raiva e o rancor pessoais, camuflados de defesa da tradição, da doutrina e da liturgia, com citações artificialmente pinçadas da Bíblia e do Catecismo."

Os grupos católicos estudados, no espaço virtual, podem ser enquadrados nos chamados de "catolibãs", para usar uma definição de Sbardelotto (2018) em uma junção de "católicos e talibãs", devido ao confronto nas redes sociais digitais, que "convertem-se em patíbulos para a realização de novos 'autos de fé'. E onde são construídas as 'fogueiras digitais' o local destinados aos para aqueles (as) que são condenados (as), pois, considerados os (as) 'hereges' da sociedade contemporânea, e estes (as) são especialmente os (as) que estão vinculados (as) as pautas de gênero e que estão dentro das relações homoafetivas. "Hereges" é expressão recorrente nas páginas e redes sociais que circula abundantemente entre grupos católicos. (SBARDELOTTO, 2018).

O teólogo e historiador italiano Massimo Faggioli (2018), que denominou tais grupos de "cibermilícias católicas". E diz que usam "linguagem extremista de ódio em defesa da ortodoxia católica". Elas não vêem isso nem como vício nem como pecado:

A 'autoridade digital' desses católicos fundamentalistas não vem do saber teológico (academia) nem do poder eclesiástico (hierarquia), mas de um saber-fazer e de um poder-fazer midiáticos. Muitas vezes, trata-se de pessoas sem qualquer relevância ou reconhecimento acadêmico ou hierárquico. Mas captam muito bem as lógicas das mídias digitais (saber-

fazer) e dominam seus meios e linguagens (poder-fazer). E assim vão conquistando visibilidade, notoriedade e autoridade sociais e eclesiais, atuando em rede como inquisidores digitais. (SBADELLOTTO, 2018, s/p.).

O que se percebe em alguns espaços digitais, são inquisidores (as) contemporâneos (as) à caça dos “hereges digitais”. São elementos de transformações culturais que estão em curso e se tornaram espaços importantes para o ativismo religioso e feminista pró e contra o conceito de gênero especialmente. Mas muito potencializada também por setores religiosos, especialmente os evangélicos, como veremos adiante. O processo eleitoral de 2018, no Brasil mostrou que se trata de um espaço decisivo e que ninguém quer ficar fora dele, especialmente a Igreja Católica, que vem também trabalhando o seu marketing. O catolicismo também vai se reconfigurando nas várias redes sociais e digitais. Mesmo os grupos tradicionais, refratários a mudanças, estão utilizando assiduamente o espaço virtual para propagação de fé e de visão de mundo.

A nova realidade religiosa aparece como desterritorializada, individualizada e fragmentada, exposta ao embate técnico com uma modernidade em crise, vive o ambiente propício para o surgimento de uma imensa variedade de respostas individualistas, não institucionais. O que fica escondido nos templos territorializados, como por exemplo, o ritual de acender velas, passa a ser exposto e oferecido como o principal ritual religioso das capelas virtuais. Por um lado, aparece o retorno dos valores tradicionais e, por outro, mostra a possibilidade de uma mensagem religiosa que ultrapassa as fronteiras através de outros recursos de comunicação, gerando novas formas de ação religiosa no mundo. (GOUVEIA; MARTINHO, 2008 apud VILLASENOR, 2013, p. 11).

Villasenor (2013) aponta que há indicação de uma possível transformação ou reconstrução da identidade religiosa em marcha, que vai ter que enfrentar a pluralidade, múltiplas pertença, num território brasileiro, que está se configurando, pelo que se percebe, “movediço”, tenso e dividido. Max Weber (1994) já apontou a importância das religiões para as mudanças sociais. E sobre os possíveis e perigosos retrocessos sociais.

Toynbee, falando sobre as ameaças no mundo contemporâneo não foram vencidas pelo conhecimento acumulado. Há sempre a possibilidade do “ressurgimento de uma, outra religião antiga e perversa o culto de nós mesmos, no plural e na forma de poder humano coletivo³²” (TOYNBEE, 1956, s/p). Onde o “culto ao homem”, se torna e permanece central, que se trata de uma abordagem no campo

³² “ressurgimiento de otra religion antigua y perversa o culto de nosotros mismos, em plural y em la forma del poder humano coletivo” (TOYNBEE, 1956, s/p).

religioso, muito vinculada a categoria "homem" no sentido literal, "androcêntrico", e não no sentido antropológico, de humanidade. O "culto ao homem", segundo Toynbee (1956), possibilitou o surgimento de regimes totalitários, como o nazismo e o fascismo.

Na sociedade brasileira contemporânea fala-se do surgimento de um regime populista. É o que percebe Neves (2018) tendo em vista a possibilidade de surgimento desse regime em situações de crise econômica. Um fundamentalismo que extrapola a conotação religiosa e que diz respeito aos "sujeitos que se aferram às suas opiniões e ações, condenando os que discordam de suas posições" (BELLOTTI, 2012, p. 53).

2.4 PATRIARCADO RELIGIOSO E AS QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

As religiões explicitam, em todos os contextos, um código moral com uma severa base patriarcal. O conceito "patriarcado" inicialmente aparece com um sentido ligado à organização global da sociedade. E sociedade é um sistema de relações, e tem uma história semântica. De acordo com a socióloga francesa Christine Delphy a palavra patriarcado tem uma primeira definição antiga, vinculada às religiões e a organização social. A segunda definição ganha sentido no final do século XIX, por conta de "São Morgan e Bachofen" (DELPHY, 2009 apud HIRATA, 2009, p. 174), que se manterá até os anos 70. Eles postulam a existência de um direito materno que teria sido substituído pelo direito paterno, explicitamente chamado por Bachofen de patriarcado. Seguido por Engels e depois por Bebel. Antes das denúncias dos autores socialistas, encontra-se bastante o adjetivo "patriarcal" em autores do século XIX utilizado de maneira elogiosa em expressões como "as virtudes patriarcais", a saber, a simplicidade dos costumes, a frugalidade, a vida no campo. A palavra denota pequenas comunidades agrícolas compostas de unidades familiares de produção, cada uma sob o cajado de seu antepassado, sendo a vida comunitária regida pela reunião dos ancestrais, dos chefes de família. De acordo com Delphy (2009) trata-se de uma imagem que reporta a uma "idade de ouro", ou seja, outra perspectiva frente à corrupção e à decadência provocadas pela vida na cidade, pela indústria e pelo assalariamento. "A mesma imagem de uma sociedade composta de famílias sob a autoridade de um *pater familias* e a mesma palavra que evocam, para os autores dos séculos XVIII e XIX, uma "idade de ouro" acaba se tornando uma acusação para as feministas do século XX" (DELPHY apud HIRATA, 2009, p. 174). E, finalmente, "a invenção do terceiro sentido – o sentido feminista contemporâneo - a Kate Millet, em *Sexual Politics* (Política sexual) (1969). Esse terceiro sentido está em clara continuidade com o segundo. Mas, diferentemente dos autores socialistas – ainda que

Engels seja discutido até muito antes nos anos 70 -, as feministas, a exemplo de Simone de Beauvoir, não creem na existência de um matriarcado original, e a maioria não se interessa pelas teorias evolucionistas, desacreditadas pelas atuais Ciências Sociais” (DELPHY, apud HIRATA, 2009, p. 175). A autora diz que o sentido dado pelas feministas prevaleceu, ou seja, o patriarcado “é compreendido como o (s) sistema (s) que oprime (m) as mulheres, quer sejam eles pais biológicos ou não” (DELPHY apud HIRATA, 2009, p. 175).

Delphy (2009 apud HIRATA, 2009, p. 174), é uma palavra antiga, resultado da combinação das palavras gregas *pater* (pai) e *arkhe* (origem e comando). “O patriarcado e os patriarcas designavam os dignitários da Igreja, seguindo o uso dos autores sagrados, para os quais patriarcas são os primeiros chefes familiares” (DELPHY, 2009 apud HIRATA, 2009, p. 173). Trata-se de um sentido que ainda é encontrando hoje, por exemplo, no patriarcado de Constantinopla, de Moscou, ou o de Kiev, na Ucrânia.

Para o grego antigo a primazia no tempo e a autoridade são uma só e a mesma coisa. A prevalência é a autoridade do pai, que posteriormente passa para o marido e depois para o filho; tanto nas sociedades antigas criadoras do termo, como nas atuais. Para o pensamento feminista, o sistema de submissão e opressão das mulheres permanece. Nessa linha de pensamento, o termo mais adequado defendido por feministas, alinhadas às reflexões de Simone de Beauvoir, deveria ser “viriarcado”, visto que se trata do domínio do “viril”, do masculino, seja ele pai, marido, tio, irmão, filho entre outros. Herança da tradição judaico-cristã que constituiu o sujeito masculino, à sua imagem e semelhança, um Deus masculino e Eva também, criada, mas numa condição diferencia, criada para estar à serviço do homem “fazer-lhe companhia”, Mathieu. A história é conhecida por conta de sua transgressão, silenciada passou a conviver com sua “culpa”, por sua desobediência. O sistema patriarcal, bem mais antigo do que a Igreja, convive entre nós. Podemos debitar na história de submissão da mulher, controle sobre a sua sexualidade, sujeição: infantilização intelectual, mental e física. “O patriarcado é rapidamente adotado pelo conjunto dos movimentos feministas militantes nos anos 70 como o termo que designa o conjunto do sistema a ser combatido” (DELPHY, 2009, p. 175).

O pensamento patriarcal pertence a um sistema de opressão, que funciona por meio de um “pensamento hierárquico” e a partir de uma “lógica hierárquica”. Neste sentido vale considerar algumas das contribuições do pensamento de Louis Dumont

que estudou o sistema de castas na Índia, que é um sistema de estratificação, edificado e justificado pela religião, realizado numa perspectiva holística, ou seja, sem deixar de estabelecer a relação que existe entre a parte e o todo, em uma relação dialógica, integrada, articulada “todo/parte/conjunto/elemento e não mais simples oposições distintivas” (TCHERKÉZOFF, 2017, p. 689).

A “teoria da hierarquia” não diz respeito a que inicialmente parte de uma relativização lógica de tradição aristotélica, distintiva linear, mas que acaba sendo sobreposta por esta lógica.

Essa relação hierárquica é muito geralmente a que se dá entre um todo (ou um conjunto) é um elemento desse todo (ou desse conjunto): o elemento faz parte do conjunto, é-lhe nesse sentido consubstancial ou idêntico, e, ao mesmo tempo, se distingue ou se opõe a ele. É o que designo pela expressão “englobamento do contrário”. (DUMONT, 1978, p. 397).

Duarte chama a atenção para um segundo elemento importante da teoria de Dumont, que é a necessidade de “níveis.” A “oposição ou relação hierarquia implica a concomitante presença lógica de um nível superior onde há unidade, e de um nível inferior, onde há distinção (complementaridade ou reciprocidade)” (DUARTE, 1986, p. 41). Duarte diz que, para Dumont, a hierarquia combina as duas proposições de níveis diferentes. E para exemplificar utiliza a metáfora de Eva:

Deus criou inicialmente Adão, ou seja, o homem indiferenciado, protótipo da espécie humana. Depois, num segundo tempo, extraiu de alguma maneira desse primeiro Adão um ser diferente. Eis a face Adão e Eva, protótipos de dois sexos. Nessa curiosa operação, por um lado Adão mudou de identidade, uma vez que indiferenciado passou a masculino; por outro, apareceu um ser que é ao mesmo tempo membro da espécie humana e diferente do representante maior dessa espécie. Em suma, Adão, ou na nossa língua o homem, é duas coisas ao mesmo tempo: o representante da espécie humana e o protótipo dos indivíduos masculinos dessa espécie. Num primeiro nível, o homem e a mulher são idênticos, num segundo nível, a mulher é o oposto ou o contrário do homem. Essas duas relações tomadas em conjunto caracterizam a relação hierárquica, que não pode ser melhor simbolizada que pelo englobamento material da futura Eva no corpo do primeiro Adão. (DUMONT, 1978, p. 397).

Considerando a relação patriarcal que estabelece um nível de hierarquia, uma condição de exploração e silenciamento histórico no meio católico é o caso das religiosas. A condição da mulher na estrutura da igreja, um “nó” que inicialmente interrompia drasticamente questionamento, mas parece que começa a ser desatado. Segundo o jornalista e ensaísta Marco Politi (2018), em matéria divulgada no jornal *Il Fatto Quotidiano*, o Papa Francisco já afirmou que a questão das mulheres na igreja

começa a ficar mais visível. Ele fez nomeações de duas mulheres professoras "subsecretárias" do Dicasterio dos Laicos e outra, freira como "subsecretária" da Congregação dos Religiosos (Vida Consagrada). Mas a única mulher nomeada a norte-americana Mary Ann Glendon, para o conselho administrativo do Instituto Obras de Religião (IOR), mais conhecido como o Banco do Vaticano, após breve período pediu demissão, em decorrência das impossibilidades de efetuar alterações significativas.

A preocupação é com relação à lentidão sobre as mudanças necessárias e urgentes para a efetiva inclusão das mulheres, o que foi objeto de estudo da Scarrafia, publicado no caderno mensal "Mulheres, Igreja, Mundo", do jornal L'Osservatore Romano, em 2018, bem como uma reportagem de autoria de Marie-Kubacki, sobre o trabalho (quase) gratuito das religiosas. Em um depoimento colhido de uma religiosa oriunda da África, diz: Muitas vezes recebo freiras em situações de serviços domésticos realmente bem pouco reconhecido. Algumas delas trabalham nas casas de bispos ou cardeais, outras atuam na cozinha de estruturas da **Igreja** ou executam tarefas de catequese e ensino. Algumas delas, **empregada estão a** serviço de **homens da Igreja**, levantam-se de madrugada para preparar o café-da-manhã e vão dormir depois de ter servido o jantar, organizado a casa, ter lavado e passado a roupa.... Nesse tipo de "serviço" as freiras não têm um horário preciso e regulamentado, como os **leigos**, e o seu pagamento é aleatório, frequentemente bastante modesto (KUBACKI, 2018, s/p, e p. 13, grifos no original).

O MENSILE DELL'OSSERVATORE ROMANO, na referida reportagem, diz que as religiosas falam das exaustivas horas de trabalho, que servem as refeições, depois se dirigem para fazer a sua, cozinham, e nunca são convidadas para sentar-se à mesa. Contam ainda que depois de 30 anos de trabalho, nos casos de doenças, sequer receberam alguma visita daqueles a quem serviram por tantos anos. Cara representação de quem vê os trabalhos desenvolvidos como de pouca importância, desenvolvido por uma funcionária qualquer, dentro da lógica da descartabilidade. Sai uma, entra outra.

Não se trata de reivindicações "feministas", um termo que tem conotação deliberadamente negativa no campo religioso conservador e de nem mesmo de ignorar que os tempos da Igreja são tradicionalmente lentos e graduais (POLITI, 2018). Para este, o risco está na Igreja efetivamente perder o contato com o mundo de fé feminino, pois, estudos recentes vêm demonstrando, segundo ele, que a participação efetiva na missão de ativa evangelização da Igreja, desenvolvida pelas religiosas, pode se perder com o afastamento das mulheres da estrutura eclesial. No caso da Itália, mulheres e homens "abandonam" agora, em número igual, a paróquia

e a frequência aos sacramentos após a adolescência. Não há mais, como no passado, uma maciça "reserva feminina".

Para finalizar, destacamos que, a partir da exploração do trabalho das religiosas na igreja, foi elaborado um manifesto (IHU-ONLINE, 2018) de mulheres reivindicando papéis femininos "coerentes com nossas competências e capacidades", que circulou nas redes sociais, com o objetivo de confrontar a hierarquia da igreja a respeito da desigualdade de gênero.

A Igreja Católica, um fenômeno social, opera com níveis hierárquicos que são consentidos entre os iguais. Ou seja, tem a relação hierárquica entre os assimétricos: homens e mulheres e a relação hierárquica entre os iguais, cujas atividades se coadunem com as exigências da ordem e da ideologia postas. Mas antes de adentrar na estrutura interna, acreditamos ser conveniente a reflexão de sobre o conceito de social.

Social não é para nós o popular e tampouco o comum. Até mesmo quando se trata de magia e de folclore, jamais perdemos de vista a ideia de que práticas e crenças são específicas de determinados povos, de certas civilizações. Elas tem o colorido particular que assume todo e qualquer fenômeno em cada sociedade... o que proporciona um campo sólido à ciência são fenômenos particulares: sacrifícios, magias, formas de classificação etc. Mas todos os fenômenos particulares têm razões gerais. É através das particularidades das instituições que buscamos encontrar os fenômenos gerais da vida social. (MAUSS, 1968, p. 37-38).

O social contempla as crenças, tão presentes no cotidiano das pessoas. Sem as motivadoras, crenças não é possível viver e nem ao menos seguir adiante, defendem as filósofas feministas Camps e Valcárcel (2007).

2.5 ASPECTOS SOBRE A IGREJA CATÓLICA NO BRASIL

No período do golpe civil/militar de 1964 a Igreja Católica recebeu ataques, segundo Dussel (1989), principalmente depois de 1968, pelo Ato Institucional nº 5. Militantes cristãos foram presos, torturados e destruídos psicologicamente, Frei Tito de Alencar suicidou-se, e outros padres foram assassinados, como o caso dos padres Rodolfo Lunkenbein (1976) e João Bosco Penido Burnier (1982). Casos que conquistaram projeção internacional.

O cardeal de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns foi defendido em 24 de agosto de 1984 por 3.000 professores do ensino médio público, não católico, contra ataques da imprensa de direita, e acabou por liderar a presença da Igreja no mundo operário industrial urbano e intelectual universitário. D. Pedro Casaldáliga, bispo da Prelazia

de São Felix do Araguaia conduziu o movimento camponês do sertão pobre do Nordeste, no V Encontro Intereclesial das Comunidades de Base, em 1983. D. Tomás Balduino, presidente do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), assumiu a causa indígena, e D. Helder Câmara, que ainda na condição de sacerdote foi a pessoa que sugeriu a fundação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), (DUSSEL, 1989). Fatos de destaque que fazem parte da história da Igreja Católica no Brasil.

Considerando que a Igreja Católica é composta de uma série de grupos de linhas políticas ideológicas diferenciadas, abriga também tensionamentos variados. Certamente é muito respeitada, mas não é mais a única explicação do mundo para a humanidade. O número de fiéis a mantém como uma das principais igrejas no mundo. O Brasil continua sendo ainda um país católico, mas, a partir das eleições de 2018, passou a ser governado por uma elite religiosa evangélica, declaradamente conservadora, que foi apoiada também por católicos tradicionais e conservadores, a chamada “direita católica”, inclusive por membros da hierarquia eclesiástica, como veremos adiante, unidos pelo combate à perspectiva de gênero.

Berger (2017), é considerado um dos principais e mais respeitados sociólogos da religião, defendeu por 25 anos que a modernidade produziria a secularização, e que mais tarde reconheceu seu erro teórico, e passou a defender uma nova teoria: o pluralismo. Para ele, “a modernidade não necessariamente produz a secularidade, mas necessariamente produz o pluralismo” (BERGER, 2017). Configurava-se para Berger a “coexistência na mesma sociedade, de cosmovisões e sistemas de valores diferentes” (WEBER, 2017). Em uma entrevista à Zaccuri (2017), o referenciado autor, diz que, se olharmos de forma atenta para a situação internacional, precisamos admitir que a religião, hoje, é mais importante do que nunca, e desempenha papéis importantes. Não foi o fim de Deus, como alguns desejavam e outros temiam. (BERGER, 2017).

A ação intensiva do campo religioso evangélico configura-se uma realidade nova para a Igreja Católica que por tanto tempo manteve-se praticamente absoluta, o que desperta e estimula uma reação, especialmente dos segmentos tradicionais e conservadores, refratários à dimensão ecumênica, em decorrência da suposta “pureza” da tradição, e que já foi geradora de guerras religiosas e inúmeras divisões entre os cristãos e as cristãs.

Lançando mão dos aportes teóricos de Toynbee (1956), podemos dizer sucintamente que a área territorial de domínio do cristianismo católico e protestante,

que é de interesse em nosso trabalho, se difundiu inicialmente na Europa Ocidental, e posteriormente por meio do Atlântico, com a expansão marítima chegou às Américas, conquistando a América do Norte e também os países andinos da América do Sul, Brasil, Uruguai, Argentina e Chile, especialmente por conta da colonização europeia, onde ocorreram conversões forçadas das populações pré-colombianas. O contingente católico no mundo é significativo (SILVA, 2018), embora a Igreja Católica venha perdendo fiéis em alguns continentes, especialmente na América Latina.

2.6 ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

A Igreja Católica apresenta uma vasta estrutura que facilita sua administração. Destacaremos apenas as principais que têm ligação com o combate às questões antigênero.

Iniciamos pela Cúria Romana, onde o Romano Pontífice costuma tratar os negócios da Igreja universal que, em nome dele e com sua autoridade, desempenha função para o serviço das Igrejas. A estrutura consta da Secretaria Papal, do Conselho para os negócios públicos da Igreja, das Congregações, dos Tribunais e de outros organismos, cuja constituição e competência são determinadas, para todos eles, por lei especial (Cân. 360) (CÓDIGO..., 2001).

Santa Sé: composta pelo Romano Pontífice e também pela Secretaria de Estado, o Conselho para os negócios públicos da Igreja e os demais organismos da Cúria Romana (Cân. 361). Romano Pontífice: o Papa, sucessor de Pedro, e os Bispos, sucessores dos Apóstolos, estão unidos entre si (Cân. 330). O Bispo da Igreja de Roma é considerado pastor e o cérebro Igreja universal, do Colégio dos Bispos, Vigário de Cristo na terra, ele tem na Igreja o poder ordinário supremo, podendo exercê-lo livremente (Cân. 331). Cardeais: constituem um Colégio especial ao qual compete assegurar a eleição do Romano Pontífice, de acordo com o direito especial (Cân. 349). Sacro Colégio: é distribuído em três ordens: a ordem episcopal, à qual pertencem os Cardeais, bem como os patriarcas orientais incluídos no Colégio dos Cardeais; a ordem presbiteral e a ordem diaconal. (Cân. 350). Patriarca/Primaz: o título, além da prerrogativa de honra, não implica, na Igreja latina, nenhum poder de regime, a não ser que conste o contrário quanto a algumas coisas, por privilégio apostólico ou por costume aprovado (Cân. 438) (CÓDIGO..., 2001).

Vale dizer que a Igreja Católica³³ não se limita ao rito romano. Ela é uma grande comunhão de 24 Igrejas, sendo uma ocidental e 23 orientais.

2.7 O ANTIGÊNERO VIA A "IDEOLOGIA DE GÊNERO"

Junqueira (2018) realizou trabalho de pesquisa sobre a gênese da categoria "Ideologia de gênero", que se debita à Igreja Católica, mentora intelectual do conceito e principal articuladora, pois, segundo o autor, a estratégia católica contra a "ideologia de gênero", contou com a colaboração de católicos distribuídos nas regiões consideradas importantes para o Vaticano. A estratégia eclesial e política desenvolvida visava alcançar o objetivo de barrar o debate sobre gênero mobilizando no nível individual e coletivo, no privado e no público, de forma pacífica, ou com intensos combates. (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1986). Na escolha dos meios mais eficazes, obviamente enquanto garantia de cumprimento, as ações também visavam o legislativo. E a América Latina foi destacada enquanto prioridade em decorrência dos avanços conquistados nas questões de gênero, nos governos progressistas e de esquerda que governavam na região. A "ideologia de gênero" foi então, divulgada em nível global, por iniciativa do Papa João Paulo II, o polonês Karol Wojtyła, que ainda estava no pontificado exerceu a função por vários anos e foi considerado o que mais realizou viagens internacionais; esteve, no Brasil na década de 1990, onde foi chamado popularmente "João de Deus". O pesquisador, em entrevista concedida ao centro Latino-Americano e Direitos Humanos (CLAM) em 30 de outubro de 2018, explica que a "Ideologia de Gênero":

É uma invenção católica que emergiu sob os desígnios do Conselho Pontifício para a Família, da Congregação para a Doutrina da Fé, entre meados da década de 1990 e no início dos 2000. Trata-se de um sintagma urdido no âmbito da formulação de uma retórica reacionária antifeminista, sintonizada com o pensamento e o catecismo de Karol Wojtyła. A matriz dessa retórica é católica – mais precisamente, neofundamentalista católica, contrária inclusive a disposições do Concílio Vaticano II. (JUNQUEIRA, 2018, s/p).

Os pontificados de João Paulo II e do Papa Bento XVI, foram considerados de linhas conservadoras, marcados por irredutibilidade no que diz respeito às questões morais, aborto, contracepção, homossexualidade e, especialmente, no que diz respeito à ordenação de mulheres e celibato dos padres (JUNQUEIRA, 2018). E onde

³³ Maiores informações no site: <<https://pt.aleteia.org/2018/12/30/voce-sabia-que-a-igreja-catolica-e-constituída-por-24-igrejas-autônomas-2/> - constituída por 24 igrejas autônomas>. Acesso em: 30 dez. 2018.

o fantasma do comunismo não ficou nocauteado e sossegado debaixo do Muro de Berlim.

Portanto foram dois papas responsáveis por publicações sobre a ordem sexual. Uma delas produzida ainda no pontificado de João Paulo II, intitulada "Teologia do Corpo", que postula as "disposições da mulher (como amor materno, por exemplo), entendidas como naturais e próprias dela e que derivam da sua anatomia e da sua psicologia 'particular'" (JUNQUEIRA, 2018, s/p). O autor explica que, na obra lançada, as mulheres deixaram de ser representadas como meras subordinada ao homem para ganhar e se contentar com o status de *complementar*. Portanto, ainda um mero "apêndice".

Diante de tais posições de setores tradicionais e conservadores é pouco provável, ou ilusório, considerar que representantes máximos da hierarquia eclesial católica, ligados a esses setores, como o Rvmo. Pe. João Scognamiglio Clá Dias, fundador dos Arautos do Evangelho, refratários à histórica demanda de participação da mulher na esfera de cargos diretivos, aceitariam sem resistência as teorias de gênero, especialmente as questões pós-estruturalistas apresentadas por Butler (2003).

A perspectiva dos dois pontificados citados, como dos grupos tradicionais e conservadores, foi refutar violentamente o sexo como resultado de construção social. Parece ser de difícil concordância – talvez impossível, que o conceito de gênero possa, por parte de tais setores, ser interpretado e especialmente construído a partir de uma "ficção", como dito por Butler e posto neste capítulo. Para a Igreja é um dado indiscutível da biologia e tornou-se um terreno fértil para a defesa da perspectiva naturalizante, supostamente inquestionável. Mas, segundo Butler, não corresponde ao real, pois, é exatamente por ser uma ficção que o gênero precisa ser, a todo o momento, reiterado.

Por que a Igreja aceitaria passivamente que a norma heterossexual organizadora histórica e socialmente da forma de pensar o mundo, numa perspectiva binária, restringida a dois sexos, dois gêneros estariam em cheque? Que aceitaria questionamentos a uma ordem legitimada, abençoada e principalmente construída por ela? Nada provável. Butler (2003), desnudando a pretensão e presunção da heterossexualidade que se transformou em heteronormatividade, matriz estruturante de relações de poder, dando sentido e organizando o sistema sexo-gênero-desejo,

construiu inimigos poderosos e tem acumulado hostilidades, não só no Brasil, mas em outros países católicos.

No combate à "ideologia de Gênero", Butler já dito, foi submetida aos autos das inquisições modernas, tendo sido simbolicamente queimada em um ato produzido em espaço público, a avenida paulista, em 2017, apresentada como a poderosa bruxa que deve ser eliminada. Manifestantes chamavam-na de "pedófila", "corruptora de menores" entre outros adjetivos. Acusações e condenação que antecedeu um suposto crime, que não aconteceu, mas sobre o qual Butler foi julgada (sem defesa) e condenada, como bem mostra Balieiro (2018).

A tecla "ideologia" é tocada constantemente. Parece adquirir novos "tons." Ledo engano, pois Foucault, no final da década de 1970, alertava para que se tomassem devidas precauções com relação ao termo "ideologia", sobre o qual estabeleceu três considerações importantes. São elas:

A primeira é que, queira-se ou não, ela está sempre em oposição virtual a alguma coisa que seria a verdade. Ora, creio que o problema não é de se fazer a partilha entre o que num discurso releva da cientificidade e da verdade e o que relevaria de outra coisa; mas de ver historicamente como se produzem efeitos de verdade no interior de discursos que não são em si nem verdadeiros nem falsos. Segundo inconveniente: refere-se necessariamente a alguma coisa como o sujeito. Enfim, a ideologia está em posição secundária com relação a alguma coisa que deve funcionar para ela como infra-estrutura ou determinação econômica, material, etc. Por estas três razões, creio que é uma noção que não deve ser utilizada sem precauções. (FOUCAULT, 1989, p. 07-08).

As pesquisas de Junqueira mostram que a escolha do conceito "ideologia" vinculado ao de gênero não foi por acaso, pois poderia estar ligado a qualquer outro tema, por exemplo, "ideologia feminista", "ideologia homossexual", "ideologia feminista pós-moderna", enfim, só para dizer que são várias as possibilidades, mas não foi o que ocorreu.

A ideologia foi vinculada ao gênero como parte de uma estratégia planejada e articulada no interior da igreja, a partir do pontificado de João Paulo II, com a preocupação de bloquear o espaço que os avanços teóricos já haviam conquistado, resultado de uma produção razoável de conhecimentos suficientes para resultar na elaboração de uma série de políticas públicas no campo.

Estratégica para municiar o enfrentamento das propostas avançadas a partir da Conferência Internacional sobre População, no Cairo (de 1994), e da Conferência Mundial sobre as Mulheres, em Pequim (de 1995). Dentre essas propostas, aquilo que viria a ser mais tarde denominado "ideologia de gênero"

seria, segundo a visão vaticana, um dos mais desventurosos legados. (JUNQUEIRA, 2018, s/p).

Correa (2018) participou dessas conferências que discutiam e potencializavam as questões de gênero, com um trabalho intitulado: *A política de gênero: um comentário genealógico*. Nele a autora conta como, na década de 1990, tomou "corpo na arena das Nações Unidas a pauta transnacional de repúdio ao gênero, cujos deletérios assistimos hoje nos mais diversos contextos nacionais" (CORRÊA, 2018, p. 3), em consequência das ações antigênero que foram efetivadas. Depois disso, a Igreja Católica parece ter silenciado estrategicamente, no âmbito dos pronunciamentos mais públicos, ou pelo menos não foi tão ostensiva, mas a ação dos grupos tradicionais conservadores e tradicionalistas não silenciou em decorrência das articulações antecipadamente realizadas, com demonstrou Junqueira (2018).

A galáxia antigênero possui alguns nomes que se destacaram no processo de emergência do sintagma e dessa retórica, dentre os quais costumam ser lembrados: a jornalista e ensaísta norte-americana Dayle O'Leary, o monsenhor francês Tony Anatrella, a teóloga alemã Jutta Burgraff, a jornalista estadunidense Marguerite Peeters, a escritora alemã Gabriele Kuby, o cardeal guineense Robert Sarah e, claro, o alemão Joseph Ratzinger – cada um deles atuando de maneira influente em diferentes áreas do mundo. A América Latina deu contribuições importantes e, dentre tantos nomes, nunca poderemos nos esquecer do ultraconservador cardeal colombiano Alfonso Lopez Trujillo, que presidiu o Conselho Pontifício para a Família, de 1991 a 2008, exatamente nos períodos de construção e emergência do discurso antigênero. (JUNQUEIRA, 2018, s/p).

No Brasil, os grupos conservadores ligaram estrategicamente aos partidos de esquerda, especialmente ao PT o apoio ao debate sobre a considerada "ideologia de gênero". Foi especialmente no período de administração petista que efetivamente ocorreram avanços nas questões de gênero e de diversidade, devido às condições dadas. Evidenciou-se nas redes sociais esforços desses setores conservadores em ligar gênero e marxismo, gênero e comunismo, especialmente. Na busca de unir gênero e marxismo, deturpa-se a proposta ideológica original do sistema, que está voltado para outros objetivos e cuja teoria tem importante grau de sofisticação.

2.8 OS SEGMENTOS TRADICIONAIS E CONSERVADORES

Historicamente, o conceito tradicionalista, que surge no século XIX ligado a questões de heresia, mas existem diversas matizes no tradicionalismo e não acreditam que a razão não tem a capacidade de conhecer as realidades espirituais. Tratava-se de um movimento filosófico teológico de reação ao racionalismo, e o movimento só considerava a fé ou a tradição como fonte de certeza, opondo-se

frontalmente ao racionalismo, de acordo com Caldeira (2011). São fundamentalistas e consideram que a “malignidade demoníaca” é decorrente das novas percepções da Igreja modernista que é também acusada de “corromper” a fé católica tradicional, da qual, o setor tradicionalista, se julga o único defensor. E mantém estreita relações com os (as) católicos (as) tradicionalistas americanos e latino-americanos. Tradicionais e conservadores apresentaram divergências com realização do Concílio Vaticano II, convocado em 25 de dezembro de 1961 por meio de uma bula papal: “*Humanae salutis*”, pelo Papa João XXII. Iniciou-se no dia 11 de outubro de 1962 e encerrou-se no dia 8 de dezembro de 1965, sob o papado de Paulo VI. Período de intenso trabalho e debates.

Em 1995, o Papa João Paulo II, no discurso de encerramento do Congresso Internacional sobre a Atuação e os Ensinamentos Conciliares, definiu o Concílio como: “um momento de reflexão da Igreja sobre si mesma e sobre as suas relações com o mundo”, mas também colocou que se tratava de um “impulso que vinha também das grandes mudanças do mundo contemporâneo, que, como sinais dos tempos, exigiam ser decifradas à luz da Palavra de Deus”.

Com efeito, não é nossa intenção aqui fazer uma análise eclesiológica, pois, não é esse o interesse do trabalho e nem reunimos as condições necessárias e acadêmicas para tanto. Nossa intenção é saber com quais grupos da estrutura eclesial e fora dela, mas ainda no “território católico”, o conceito de gênero está se confrontando diretamente e quais são as suas representações de gênero, destes segmentos.

A Opus Dei: em latim, significa: Obra de Deus, fundado por José Maria Escrivá de Balaguer, canonizado em 2002, pelo Papa João Paulo II. É considerada uma instituição controversa dentro da Igreja Católica, que acabou recebendo maior atenção dos meios de comunicação de todo o mundo por conta da publicação do livro “O Código Da Vinci”. Foi destacada por Junqueira (2018), nas ações antigênero. Dayle O’Leary³⁴, que foi uma das responsáveis pelos ataques teóricos faz parte do movimento na Prelazia da Santa Cruz (HISTÓRIA, 2018), um prelado reúne clérigos e leigos e leigas, casados ou solteiros. Portanto é uma organização internacional de leigos e de leigas. A Opus Dei, está espalhada por vários países do continente. A partir de 1975, o trabalho da entidade foi se estendendo rapidamente pelo país, com

³⁴ O nome da autora americana, aparece com grafia diferenciada. Na entrevista apresentada está como Daly O’Leary, Dale O’Leary na obra “The Gender Agenda”.

variadas iniciativas de caráter cultural, social e apostólico iniciadas no Rio de Janeiro, Curitiba, Brasília, Porto Alegre, Belo Horizonte, Campinas, Londrina, Niterói, São José dos Campos e Ribeirão Preto, sendo que, em várias outras cidades, há fiéis da Opus Dei que promovem atividades formativas, sociais e apostólicas de diversos tipos.

Atualmente a Opus Dei conta no Brasil com 1.700 fiéis, entre eles 40 sacerdotes incardinados na Prelazia do Opus Dei e outros 20 em diversas dioceses. A fundação ocorreu em 2 de outubro de 1928 em Madrid, na Espanha. Tem uma organização hierárquica. O atual prelado é o teólogo Mons. Fernando Ocariz Braña e, segundo Junqueira (2018), Dayle O'Leary foi convocada pelo Papa João Paulo II para fazer as contraposições iniciais ao conceito de gênero, tarefa que assumiu desde então. Segundo informações disponibilizadas no site Centro da Família Coração de Jesus – Dayle é americana, de Rhode Island, autora do livro “Gender Agenda: Redefining Equality” (Programa Gender – nova definição da igualdade); é mãe de quatro filhos e avó de doze netos. Dirige a revista de internet “The Factis.org (www.thefactis.org)” editada em Washington, que se dedica aos problemas da política social nos Estados Unidos, e no mundo. A revista é sustentada pela Fundação da Cultura da Vida (Catholic Family & Human Rights Institute).

É considerada especialista em “ideologia de gênero”. No site referenciado, foi postada uma entrevista com a especialista intitulada: "gender" - uma nova e perigosa ideologia, onde diz:

O último século foi o período de uma justa luta das mulheres contra os abusos, tratamento injusto e humilhantes estereótipos. Como resultado dessa luta foram as leis, que garantiram às mulheres o *status* de igualdade. Porém, na década dos 70 do século passado, sobre o movimento feminista começaram a exercer uma forte pressão das ideologias radicais que propagavam uma nova e revolucionária visão do homem. Essas ideologias fizeram com que a luta pelos direitos iguais das mulheres se tornassem apenas um pretexto para combater a assim chamada “família tradicional” e a maternidade, e apoiar a promiscuidade sexual. Por isso, as diversas instituições convocadas pelos países, com o propósito de assegurar a igualdade entre homens e mulheres, servem mais à propagação de ideias radicais feministas, do que à defesa dos verdadeiros interesses das mulheres e da sociedade. Uma dessas ideologias é amplamente propagada a ideologia do gênero. (O'LEARY, 2014).

Dayle O'Leary, é conhecida internacionalmente, com sua pauta de defesa de uma visão essencializada sobre gênero e de sua estreita ligação com a Opus Dei. No Brasil, um dos nomes mais conhecidos, pertencente a instituição é do Geraldo Alckmin

(PSDB), governador de São Paulo e ex-candidato a presidente do Brasil, no pleito de 2018.

Instituto Plínio Corrêa de Oliveira - IPCO: de acordo com informações disponibilizadas no facebook da instituição, o Instituto Plínio Corrêa de Oliveira é uma associação de direito privado, pessoa jurídica de fins não econômicos, de inspiração católica. Fundado em 8 de dezembro de 2006 por um grupo de discípulos do líder católico brasileiro, por iniciativa do Eng. Adolpho Lindenberg, seu primo-irmão e um de seus primeiros seguidores, o qual assumiu a presidência da entidade. O principal objetivo é promover a mobilização da sociedade civil com vistas a preservar os pilares básicos da Civilização Cristã ameaçados pela Revolução anti-cristã, em defesa da Família Tradicional; da vida humana inocente; da Propriedade Privada e da Livre Iniciativa! (IPCO, 2019).

A instituição carrega o nome de Plínio de Oliveira (1908-1995), advogado e professor universitário paulistano, qualificado por um intelectual italiano como “O Cruzado do Século XX”. Entrou no Movimento Católico em 1928 e rapidamente tornou-se líder da juventude católica, chegando a ser Presidente da Junta Arquidiocesana da Ação Católica em São Paulo. Dirigiu o Legionário, órgão oficioso da Arquidiocese de S. Paulo e o maior semanário católico do Brasil naquele tempo. Em 1933 foi eleito deputado para a Assembléia Constituinte, sendo o candidato mais jovem e mais votado do Brasil. Uma vez aprovada a Constituição, voltou à vida privada assumindo a cátedra de História da Civilização, no Colégio Universitário da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, e mais tarde tornou-se professor catedrático de História Moderna e Contemporânea nas faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, São Bento e Sedes Sapientiae da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Em 1951, fundou o mensário Catolicismo, que até hoje é um polo de opinião. Autor de quatorze livros, vários dos quais com edições em diversas línguas.

A revista mensal "Catolicismo", lançada pelo professor Plínio com o objetivo de orientar os católicos, faz sua apresentação com a reflexão abaixo, postada na página inicial do site da entidade, onde anuncia textualmente a necessidade de uma revista para apoiar os católicos que se sentem abandonados pela Igreja Católica, frente a questões polêmicas:

Nunca antes estivemos em uma situação tão caótica: Corrupção moral generalizada; Implantação da Ideologia de Gênero e do assassinato de bebês no ventre materno; Crise na Igreja e na sociedade; Noticiário confuso e

contraditório; Destruição da Família e dos bons costumes. Mas o pior não é isso. O pior é encontrar católicos confusos... desorientados... e – em quantos casos! – até abandonando a Santa Igreja [...] (REVISTA CATOLICISMO, 2017).

A instituição se propõe a lutar por uma civilização cristã e manter o Brasil livre do aborto, da agenda homossexual e do comunismo. Participaram ativamente na articulação das mobilizações em decorrência da votação do Plano Municipal de Educação (PME) em Curitiba. Em todas as manifestações que participam carregam os enormes estandartes da instituição, e seus associados, em sua grande maioria composta por homens, usam além de traje formal, uma faixa da mesma cor do estandarte. Disponibilizam no site da instituição vários vídeos sobre a “ideologia de gênero”, especialmente do padre Paulo Ricardo, considerado como o "Malafaia católico", que apresenta posicionamentos sobre questões de gênero de forma radical; viaja o país divulgando a suposta "Ideologia de gênero". Fez críticas ao governo da Suécia devido à abordagem de gênero na educação sueca e recebeu resposta da própria Embaixada daquele país (APRÁ, 2019).

Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição Família e Propriedade - TFP: fundada em 1960, pelo professor Plínio Corrêa de Oliveira, que nela e com ela atuou até seu falecimento em 1995. Coloca-se em defesa da Civilização Cristã. Tradição, Família e Propriedade, são as palavras chaves da Instituição, que esta postada no site. A tradição é apresentada em termos mais concretos, na tradição cristã é enquanto um valor incomparável que deve regular o que é hodierno. Uma tradição que deve atuar para que a igualdade não seja entendida como o arrasamento das elites e a apoteose da vulgaridade. Deve ser canalizada para que a liberdade não sirva de pretexto ao caos e à depravação. Para que o dinamismo não se transforme em delírio. Resumindo, a perspectiva apresentada pela instituição, visa impedir que o progresso se torne desumano, insuportável, odioso. O que dizem buscar é salvar o progresso de desvarios imensos que poderiam transformá-lo em barbárie organizada. Tal barbárie seria a do marcusianismo, segundo as informações disponibilizadas.

Defende que a família gera necessariamente a tradição e a hierarquia social. Depauperar e enfraquecer a família destrói a cultura e a civilização impregnadas de tradições cristãs. Defendem a propriedade, pois, consideram que o fundamento da propriedade está na própria natureza do ser humano. Os direitos à liberdade, ao trabalho e ao fruto de seu trabalho, isto é, à propriedade, nascem da essência do

homem. A TFP atua junto com o Instituto do Dr. Plínio, com quem mantém estreita ligações e fidelidade.

Associação Cultural Montfort é uma entidade: civil de orientação católica que tem como finalidade, entre outras, a difusão do ensinamento tradicional da Igreja e da cultura desenvolvida pela civilização cristã ocidental. Foi fundada em 1983, pelo professor e historiador Orlando Fedeli, falecido em 2010. Disponibiliza em seu site uma série de materiais formativos (livros, textos, vídeos), especialmente sobre gênero e o comunismo. São seguidores de D. Antônio de Castro Mayer, um dos quatro bispos que foi excomungado junto com Leifreuve. É uma associação brasileira de leigos e de leigas católicos (as). Seguem a orientação católica tradicional e defendem a forma extraordinária da celebração litúrgica em Rito Romano, a Missa Tridentina. Como missão assumem a defesa da doutrina da Igreja Católica, contra o que consideram heresias modernistas as consequências/reflexos do Concílio Vaticano II, rejeitado por este segmento. Gostam de atuar no meio universitário e estudantil, com a presença de vários professores da Associação em Universidades.

O professor Orlando Fedeli já foi membro da TFP. Entre os motivos da sua saída, estava o culto ao seu fundador Plínio Corrêa de Oliveira. As críticas a TFP estão explicadas no seu livro: *No País das Maravilhas: A Gnose Burlesca da TFP e dos Arautos do Evangelho*. Atualmente, o Professor Alberto Zucchi é o presidente da Associação Cultural Montfort.

Arautos do Evangelho: é uma Associação Internacional de Fiéis de Direito Pontifício, a primeira a ser erigida pela Santa Sé no terceiro milênio, o que ocorreu por ocasião da festa litúrgica da Cátedra de São Pedro (22 de fevereiro) em 2001. O seu Fundador é o Rvmo. Pe. João Scognamiglio Clá Dias. Composta predominantemente por jovens, esta Associação está presente em 57 países. Seus membros de vida consagrada praticam o celibato e dedicam-se integralmente ao apostolado, vivendo em casas destinadas especificamente para rapazes ou para moças, que alternam a vida de recolhimento, estudo e oração com atividades de evangelização nas dioceses e paróquias, dando especial ênfase à formação da juventude. Embora não professem votos e conservem-se no estado leigo – exceção feita de alguns que abraçam as vias do sacerdócio – os Arautos do Evangelho procuram praticar em toda a sua pureza fascinante os conselhos evangélicos.

Vivem normalmente em comunidade (masculinas ou femininas), num ambiente de caridade fraterna e disciplina. Em suas casas fomenta-se uma intensa vida de

oração e estudo, seguindo-se a sapiencial diretriz do Papa João Paulo II: “A formação dos fiéis leigos tem como objetivo fundamental a descoberta cada vez mais clara da própria vocação e a disponibilidade maior para vivê-la no cumprimento da própria missão” (CHRISTIFIDELIS LAICI, 58).

Outra categoria na instituição são os (as) cooperadores (as) que embora se sintam identificados com o espírito da Associação – lê-se nos Estatutos –, não podem comprometer-se plenamente com os objetivos dela, devido a seus compromissos sacerdotais, ao fato de pertencerem a algum instituto de vida consagrada ou sociedade de vida apostólica, ou a seus deveres matrimoniais ou profissionais. Leigos e leigas, casados (as) ou solteiros (as), que vivem no mundo, sacerdotes, diáconos, religiosos, religiosas, consagrados (as) ou membros de outras associações ou movimentos apostólicos, os (as) cooperadores dos Aautos do Evangelho, observam os preceitos e deveres próprios a seu estado, e vivem em conformidade com o carisma e a espiritualidade da Associação, dedicando a ela seu tempo livre e se comprometendo a cumprir certas obrigações. Enfrentam investigações, determinadas por Roma, devido a prática de exorcismos, e por ameaças ao papa. São defensores e defensoras da ordem heteronormativa, vista e entendida enquanto vontade de Deus, portanto, também contra a “ideologia de gênero”, aliados na luta antigênero. Abaixo, duas imagens, que representam a Associação Cultural Montfort e os Aautos do Evangelho.

Figura 1 - Águia da Montfort: Pureza e virtude devem ser defendidas com coragem



Fonte: Associação Cultural Montfort (2017).

Figura 2 - Arautos de Curitiba – Ala feminina



Fonte: Arautos do Evangelho (2015).

3 PENTECOSTAIS E NEOPENTECOSTAIS E A CRUZADA MISSIONÁRIA: GÊNERO X IDEOLOGIA DE GÊNERO

3.1 DESILUSÕES E ESPERANÇAS

A presente seção dedica-se a dois propósitos centrais neste compromisso de empreendimento acadêmico. O primeiro é o de contextualizar e diferenciar dentro do campo protestante, de grande amplitude, os segmentos pentecostais e neopentecostais, comumente chamados de evangélicos por terem como princípio a leitura e o uso constante do evangelho nos processos de evangelização.

No segmento pentecostal, selecionamos para análise a centenária Igreja Assembleia de Deus, fundada em 1911 em Belém do Pará, com significativa história de evangelização e de intervenção no contexto urbano brasileiro. É considerada o segundo maior empreendimento religioso do Brasil, e implantada em todos os estados brasileiros (FAJARDO, 2005).

No segmento neopentecostal, a análise centra-se na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), fundada em 1977 no Rio de Janeiro e é considerada uma igreja carismática e midiática, de aporte transnacional (ORO, 2004), e que na atualidade representa a principal referência de um pentecostalismo renovado, considerado de *terceira onda*, num olhar de sobrevoo, ou seja, um terceiro momento do segmento, cujo conceito será explicado sinteticamente neste trabalho, e mais adiante.

No espectro religioso, tanto os pentecostais como os neopentecostais, representam forças religiosas e políticas com inegável destaque na conjuntura política brasileira, com elevado potencial eleitoral que, somados a outros segmentos do campo, desempenham um papel decisivo na política brasileira, cujo apoio é desejado e muito disputado. O campo apresenta posições destacadamente moralmente conservadoras e em defesa do que julgam “bons costumes” negociando seus interesses, em troca de apoio. Mas em política, apoios são considerados “investimentos”.

As narrativas argumentativas sobre a natureza das intervenções e propostas realizadas pelos segmentos religiosos de linha conservadora, cada vez mais amplos e complexos na conjuntura política, cuja prática vai no sentido de restringir ou impedir a entrada e aprofundamento de temas candentes, a exemplo dos identitários, sexualidade, saúde sexual e reprodutiva e homofobia nas escolas, que não é apenas um espaço onde a cultura é vivida, mas onde também se transmite cultura (CANDAU, 2013 apud OLIVEIRA, 2017) e que pode atuar decisivamente no sentido de promoção

da igualdade de gêneros e combate à violência, pode ajudar a transformar ou segurar e atrasar mudanças.

Os temas citados acima também são de interesse histórico do campo religioso, embora a perspectiva deste siga outra direção, de controle e manutenção da ordem heteronormativa estabelecida, que as teorias de gênero questionam e tentam desestabilizar, portanto, configurando-se em uma ameaça à ordem posta, resultando na necessidade de impedir a entrada de gênero na consagrada cultura escolar, que sofreu modificações significativas ao longo dos anos e nos tempos atuais parece estar seguindo uma rota de profundas, polêmicas e drásticas transformações na forma e no conceito de ensinar.

Em se tratando da educação escolar contemporânea, a configuração é outra, pois, não se trata mais de uma instituição de pouco acesso e/ou de acessos privilegiados de uma pequena elite que historicamente tinha condições objetivas de instruir-se. Em menos de 50 anos, mudanças impressionantes ocorreram na escola, que é agora frequentada por um contingente maior de estudantes, com grande pluralidade na sua composição, onde as discussões sobre diversidade e gênero acabam por se colocar, forçando a discussão, e facilitaram uma significativa contribuição para o "desmonte" dos estereótipos sociais, étnicos ou de gênero postos na sociedade. O que justificou as fortes reações do segmento religioso, especialmente o evangélico, mas não só, no debate e aprovação do Plano Nacional de Educação³⁵ (PNE), em 2014, uma das ações governamentais importantes para a garantia da inclusão do debate sobre gênero e diversidade nas escolas.

O Plano Nacional de Educação (2014-2024), e conseqüentemente os Planos Estaduais e Municipais de Educação, foram alvos de intensos debates e grandes polêmicas, em uma base argumentativa e teórica "bio-religiosa", somado a documentos eclesiais que denunciavam o que chamavam de "ideologia de gênero", que se transformou em um grande "mote" para justificar a exclusão do conceito de gênero e diversidade nos Planos de Educação. Resultado que não ajuda no combate

³⁵ O PNE resulta da Lei 13.005/2014, é uma lei ordinária prevista na Constituição Federal. Consiste em um conjunto de medidas a serem adotadas de forma gradual em um período de 10 anos, ou seja, de 2014 a 2024. As ações previstas no Plano serão desenvolvidas de forma colaborativa entre todas as entidades da federação. O PNE possui 20 metas que abrangem todos os níveis de formação, da educação infantil ao ensino superior.

aos considerados "fracassos" localizados no âmbito escolar e conseqüentemente na sociedade em geral.

O mote "Ideologia de Gênero" aglutinou várias forças conservadoras, como referenciamos na primeira seção, e acabou por ajudar a mobilizar setores religiosos diversos e demais setores reacionários contra a proposta dos Planos de Educação, tomando conta dos discursos de parlamentares, especialmente da Frente Parlamentar Evangélica (FPE), num Congresso Nacional e Senado Federal composto na sua maioria por representantes ruralistas, latifundiários, evangélicos e defensores da segurança pública (DA SILVA, 2017), refratários a temas ligados à sexualidade e gênero, principalmente quando se trata de propostas que tem origem nas contribuições dos movimentos sociais que buscam ampliação da democracia, com a inclusão dos temas supracitados. Portanto, há pontos de tensão em decorrência das disputas políticas postas, e a religião é também, evidentemente, profundamente política.

A cruzada moral e religiosa antigênero, assumida enquanto "ideologia de gênero", coaduna com "uma ideia de mal", que vai tendo variações de personagens que a "incorporam" ao longo da história, localizado: nos (as) desobedientes, nos (as) adúlteros (as), nas mulheres, nas bruxas, nos (as) estrangeiros (as), nas crianças malformadas, enfim, são muitos os casos. Esta ideia da existência de um "mal" que deve ser enfrentado e combatido é muito conveniente e utilizada por todas as religiões, segundo Castilho y Zuñiga (2018).

O mal contemporâneo se personificou, adquiriu um rosto (gênero) e um endereço (a educação), no grande "elo" de unidade (PIRAGINI JUNIOR, 2018), importante entre setores das várias igrejas do campo conservador. Além das pregações antigênero em vários ambientes religiosos, tem as ações da FPE, que vem se notabilizando por praticar a paralisação ou inviabilização de agendas de mudança social de governos progressistas (DA SILVA, 2017), segundo seus interesses, na Câmara dos Deputados, entre outros locais. A FPE, no conturbado cenário do impeachment da presente Dilma Rousseff (PT), por exemplo, ocorrido em 2015, atuou ativa e decisivamente na sua deposição, em nome de "Deus", da "família", da "moral" e dos "bons costumes", demonstrando que a transcendência não é apenas um fenômeno religioso, mas é também, marcadamente ideológico.

Têm se configurado em uma força de extraordinário potencial eleitoral, tanto que candidatos (as) em disputa a pleitos não ousam ignorar tal força, e quando obtêm

sucesso nas urnas, prontamente vai agradecê-los³⁶ logo após a divulgação do resultado obtido.

O segundo objetivo desta seção é de localizar a percepção e a representação do conceito de gênero presentes nas igrejas selecionadas do campo pentecostal e neopentecostal, por meio de seus posicionamentos públicos obtidos das narrativas e pronunciamentos realizados e/ou documentos produzidos e disponibilizados nas redes sociais, utilizadas e acessadas especialmente pelos referidos segmentos; parte de sua estratégia de comunicação em defesa da moral e dos bons costumes e/ou, "valores cristãos e da família", comumente frisada pelo campo religioso.

3.2 DA REFORMA PROTESTANTE AO PENTECOSTALISMO E A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS

Campo religioso é um conceito amplo, onde se agrega uma composição enorme de variadas correntes religiosas, e que contempla Igrejas, Templos, espaços religiosos das religiões de matriz africana, entre outros centros religiosos e seitas³⁷.

Mas o campo religioso evangélico, também é muito amplo, e abriga desde pequenas e recentes igrejas intituladas evangélicas, que surgem Brasil afora, como as clássicas igrejas de tradição luterana e calvinista, que são frutos da Reforma Protestante, desencadeada na Alemanha, em 1517, liderada por Martinho Lutero, que era um monge agostiniano.

A Reforma foi "um movimento de protesto político que abalaria a influência religiosa do Sacro Império Romano Germânico no Antigo Regime e estabeleceria os fundamentos da modernidade" (DA SILVA, 2017, p. 9). No ano de 2017 comemorou-se 500 anos desta importante Reforma que tem como marco o dia em que Lutero afixou as suas 95 teses na porta da Igreja do Castelo Wittenberg; ato considerado inaugural da chamada Reforma Protestante (ALTEMAN, 2017). Mas não foi só isso.

A importância da Reforma Protestante se deu por estar ligada ao clima da época, que impulsionou o capitalismo desde o século XVI e que se estendeu pela

³⁶ O presidente Jair Bolsonaro, foi pessoalmente agradecer em igrejas evangélicas o resultado da sua eleição. Na Igreja Batista Atitude, onde sua esposa Michele Bolsonaro participa, disse que o resultado de sua eleição foi delegado a intervenção divina, "obra de Deus". Na Igreja Assembléia de Deus, que não era capacitado, mas que Deus "capacita os incapacitados". (PORTINARI, 2018; CHAGA, 2018).

³⁷ Origem no latim *secta*, significa "seccionar", "dividir". Tem grande complexidade, utilizado por grupos que professam doutrinas, ideologias, religiosas, políticas, etc.. Pode ser entendida num sentido negativo, grupos que são contrários a uma determinada realidade na qual estão inseridos e são antagonistas, mas não foi sempre assim. Na Antiguidade e na Idade Média, "secta" foi usada de maneira neutra no significado de "sequazes" ou "comunidade de fé", e neste sentido o Cristianismo (católico) pode também ser designado "secta" christiana, segundo estudo sobre elas, publicado em: Seiwert (2001).

Europa e Estados Unidos, segundo Javier Calderón Castillho e Taroa Zúñiga (2018). Uma afirmação que é compartilhada por Da Silva (2017).

A Reforma Protestante foi a gênese que deu origem ao campo que ora estudamos e acompanhamos, com nuances cada vez mais complexos na contemporaneidade. Mas, podemos questionar a permanência da exclusão das mulheres dentro de uma perspectiva inicialmente "contestadora" de uma ordem hierárquica um tanto "lesada" nas suas propostas de arrecadação financeira e "corrupta" diante da grande riqueza, então, denunciada como espuriamente acumulada. Porque não contestou o papel da mulher nessa ordem? Não era de interesse, posto.

E, como a história não é um fato dado, lembra Le Goff (2003), tem muito material a ser "garimpado", pois, muitos aspectos nas histórias contadas não foram considerados relevantes, visto que os resultados de pesquisas, especialmente no caso das pesquisas históricas, são resultados das escolhas, de decisões e de encobrimentos. Já falamos sobre isso no capítulo anterior.

A situação das mulheres na Idade Média, com especial controle por parte da igreja, foi especialmente baseada nos modelos fortemente disseminados: Eva, pecadora, enganadora; Maria, pura e assexuada; Madalena pecadora, arrependida e seguidora de Jesus. Já falamos também, sobre essas representações sociais de gênero na primeira seção. Mas as representações nos ajudam a entender a lógica e as práticas de poder que estavam postas na época (CHARTIER, 2002).

Em que pese que no período da Reforma (1517-1648) configurava-se uma sociedade de forte e explícito protagonismo masculino, a "idade dos homens" segundo Duby (1989, p.15), que produzia fartas histórias masculinas, também é verdade que foi impossível esconder ou negar que esta história não foi tão "puramente" masculina quanto o desejado, se considerarmos que nas relações de gênero a perspectiva é relacional, ou seja, os homens não estavam e nem viviam sós. Nos posicionamentos masculinos, e também femininos, ficam então evidenciadas as relações de gênero postas, nas relações de poder estabelecidas; mas não forte o suficiente para evitar um insubordinado, e transgressor, protagonismo feminino.

Em se tratando de Reforma Protestante, muitas pessoas, especialmente do campo luterano, ou quem se dedicou ao estudo, provavelmente já ouviu falar dos grandes nomes da Reforma, como Martim Lutero, João Calvino, João Knox, Ulrico Zwinglio, Felipe Melancton. São os grandes destaques masculinos da Reforma

sobre uma "ordem religiosa" na qual não estava posta, como necessária, qualquer contestação das relações assimétricas de gênero, garantidoras e recomendáveis em um mundo, cujo funcionamento não poderia prescindir supostamente de tais relações, que entendia o trabalho, como as demais atividades desempenhadas pelas mulheres, a partir de uma representação cultural vinculada à produção e reprodução da vida, no âmbito familiar.

Os contestadores reformadores, não eram homens sem instrução, ao contrário, muitos entre eles, especialmente Martin Lutero, João Calvino, Felipe Melancton e Guillerme Farel (LOPES, 2018) eram homens estudiosos, intelectuais no seu tempo histórico. Entendiam e compreendiam a educação como um fator de grande importância para posicionamentos mais eficazes e críticos diante das instituições, e da sociedade, mas sem comprometer as representações culturais postas, especialmente no que diz respeito ao gênero.

A Revolução Francesa, mais tarde, não incorporou mudanças significativas nas relações de gênero, excluindo posteriormente as revolucionárias francesas, que reivindicavam outro lugar social a partir da proposta revolucionária, como foi o caso de Mary Wollstonecraft (2016) que no século XVIII teceu longos comentários políticos à atuação masculina, questionou a ordem sexual e de gênero e defendeu uma pauta e uma agenda de lutas em defesa ao direito das mulheres à educação e relações paritárias no casamento, ou Marie Gouze, mais conhecida como Olympe de Gournay (1748-1793), que reclamou que a recém formulada: "Declaração do homem e do cidadão", não considerava e nem incorporava os direitos das mulheres. Olympe chegou a escrever a *Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne* (Declaração dos direitos da mulher e da cidadã), mas foi vencida e acabou guilhotinada no dia 3 de novembro de 1793 (GOURGES, 2007).

Ainda sobre a exclusão das mulheres, e voltando para o período da Reforma, segundo Streck (1992), a Igreja Católica, historicamente ligada de certa forma a processos educativos, tinha no período algumas iniciativas educacionais, mas nada, evidentemente voltada para as mulheres. Mas a crítica era de que esta, como também o Império Romano, tinham uma visão pragmática e utilizavam-se do saber e do poder para sua mútua sustentação em detrimento do povo e das mulheres.

A Reforma chega com a proposta de facilitar o acesso à educação, para propiciar o direito à ampla leitura da Bíblia, deixando para trás os seus interpretadores.

Constituiu-se em um fator importante no processo de alfabetização e também nos processos de evangelização futuros.

Nesse sentido a Reforma representa um novo impulso e de certa forma primeiro - no sentido de promover uma educação ampla visando a participação de toda a Igreja, especialmente através do acesso à Bíblia, como na sociedade, através de aquisição das ferramentas para se integrar no mundo em mudanças. (STRECK, 1992, p.4).

Os líderes da Reforma eram “revolucionários”, no sentido de buscar uma profunda transformação, mas de fato eram apenas "reformadores", que atuaram no sentido de realizar reformas e não alterações significativamente radicais, como a inclusão em pé de igualdade das mulheres, com os homens, por exemplo. A proposta não era "revolucionar", apenas alterar os itens que os incomodava; "remendo novo, em pano velho". Mais tarde o protestantismo será acusado de repetir os defeitos que acusou, na ordem católica, como veremos adiante. Nas relações de gênero, não houve alterações revolucionárias que destoassem da "balada" da Reforma. As mulheres participaram, é certo. Então, quem eram as mulheres que se destacaram no processo e nas propostas da Reforma? Quais as representações que estavam postas? Essas perguntas serão respondidas ao longo do presente capítulo.

Eram representações que valorizavam o ser esposas e mães e sujeitas/sujeitadas aos seus respectivos maridos! Era essa a posição defendida por Lutero, um dos grandes líderes da Reforma. João Calvino consegue ir além, pois, não aceitava também qualquer tipo de governo de mulheres, para não contrariar a natureza da Escritura e porque usurparia a autoridade masculina (MOTTA, 2011).

Para que se possa alterar uma ordem, há consciência de que alguém tem que "perder", talvez o termo mais adequado, "compartilhar", mas quem compartilha sabe que não terá a posse do todo, abre mão de "acumular" a parte cedida, ou melhor, compartilhada, para que haja um equilíbrio nesta nova ordem.

O problema é que quem detém o poder, não deseja compartilhá-lo. Quem vê efetivamente razão em perder? Mas quem perde, ou melhor, é forçado a perder, é vítima em uma ordem estrutural injusta que acaba construindo “razões” para que se aceite a perder, e nesta lógica, quem perde porque as condições para ganhar são injustas, acaba não entendendo que perdeu. E para que este quadro não se altere, é também ensinado (a) a perder a uma dimensão externa, superior. E acaba contribuindo para que o perdedor a se submeter. E é aí que entra a lógica da fé e

crenças que lhe inflige perdas e o (a) submete, portanto, a revolta, seria contra a sua fé, que é “inadmissível”.

A fé não analisa estruturas, mas se entrega às crenças de quem a sustenta. O perigo está naqueles (as) que são sustentados pela fé, ou seja, aqueles (as) que por meio dela edificam e sustentam sistemas sociais e econômicos. Segundo Castillho e Zúñiga (2018), e nesta direção, logicamente podemos acrescentar de forma especial, os sistemas culturais religiosos, nesta "missão" de sustentação de sistemas, e aí, segundo o autor, está o desafio de analisar as estruturas, sustentadas pela fé.

Alguém poderia argumentar que tais entendimentos são delegados aos contextos da época, o que é verdade. Mas, são as justificativas de sempre sobre as mesmas assimetrias de gênero, que vão sendo repetidas em diferentes contextos históricos, sobrevivendo, portanto, de contexto em contexto, e agora estão na contemporaneidade. São necessárias novas categorias analíticas, como gênero, como as representações sociais, para que possamos entender e reagir diante de tais situações de permanência e de quem não se percebe como sujeito (a), atrasando em milênios significativas alterações sociais e culturais, de fato equânimes.

Ainda sobre a Reforma Protestante, que produziu resultados surpreendentes do ponto de vista do exercício e práticas da religiosidade, há um silêncio incômodo sobre a participação muito restrita das mulheres. Elas efetivamente não só participaram, mas foram responsáveis por uma série de iniciativas importantes em favor desta, segundo Motta (2011).

Trata-se da participação de mulheres que estavam ao lado dos mais altos líderes da Reforma, a começar pela esposa de Lutero, Catarina Von Bora (1499-1550), que consegue ultrapassar um dos mais fortes marcadores sociais, e de gênero, para as mulheres: esposa, mãe ou religiosa professa.

Lutero compactuava com as representações de gênero postas para as mulheres, e que ainda é muito utilizado. Lutero foi católico, agostiniano, conhecia as teorias da Igreja católica sobre as mulheres, cujas representações sobre o corpo feminino era,

[...] o discurso da igreja, gestado ainda no período clássico, cria – de uma forma absoluta – certezas, concepções, imagens sobre as mulheres, levando a própria igreja a viver de recusas, sobre a convivência com as mulheres, impondo um estatuto de celibato e castidade aos seus clérigos. A identidade feminina gestada pelas estruturas e concepções de igreja permanecem presentes no imaginário feminino. Tais representações impuseram um vasto 'corpo' de modelos de comportamento religioso e doméstico às mulheres,

exortando-as à prática da virtude, da obediência, ao silêncio, e à imobilidade em nome de uma ética católica muito parcial. (TEDESCHI, 2008, p. 64).

Catarina Von Bora foi religiosa, uma monja, antes do casamento com o líder Lutero; ambos foram religiosos católicos. Ela dominava conhecimentos sobre ervas medicinais, administrava muito bem os bens familiares, e sabia o que poucas na época sabiam: ler e escrever (MOTTA, 2011).

Outra mulher de destaque, detentora de grande cultura, inclusive era leitora de Lutero, foi Catarina Schutz Zell (1497-1562), de Estrasburgo. Também casada com sacerdote que foi excomungado, acabou virando uma "ativista" da causa, ou seja, em favor do casamento aos clérigos, estabelecendo também laços de solidariedade ou sororidade, que tem raízes latinas "sóror", que significa irmãs. Em português³⁸, e significa uma aliança, estabelecida no contexto histórico da Reforma, entre as mulheres de defensores desta, especialmente com aquelas cujos maridos estavam em situação de fuga e precisavam de forças e solidariedade para manter a fé e a encontraram em Catarina.

Catarina Schutz Zell também acolheu pessoas flageladas, perseguidas e visitou doentes; as mulheres desempenham historicamente um trabalho de "assistência social" que foi posteriormente assumido pela igreja. Catarina, ao contrário do que pregavam e/ou desejam os principais líderes reformadores, conseguiu realizar pregações, inclusive na morte do marido e, com sua capacidade intelectual, teceu comentário sobre os Salmos 51 e 130, sobre a oração dominical e o credo (MOTTA, 2011). Na Igreja Católica, a luta das mulheres ainda é por reconhecimento pelo desempenho de várias funções, inclusive de ordenadas, e que, deliberadamente, foram apagadas da história da Igreja. Para Phyllis Zagano, pesquisadora da Hofstra University em Hempstead, Nova York, a questão premente das religiosas católicas não é o sacerdócio feminino, inclusive esse é o título de um artigo seu sobre o tema (RÍOS; LAGARDE, 2009).

Retomando o período da Reforma Protestante, e nas ações realizadas por mulheres, vale destaque que em Genebra, Claudine Levet, exerceu essa função de

³⁸ Português adotou um conceito similar de origem latina que é "frater", ou seja, irmãos. Solidariedade entre irmão, numa perspectiva masculina, uma solidariedade possível e circunscrita, entre os homens, que foi transmitida nas sociedades patriarcais. O feminismo contemporâneo trabalha o conceito como uma dimensão ética, política, pois busca estabelecer a identificação das mulheres como semelhantes, criando mecanismos de defesa contra as variadas violências de gênero enfrentadas. Que cada mulher possa ver o mundo a partir de si mesma e de forma crítica, rejeitando uma centralidade androcêntrica. (ZAGANO, 2019).

pastora por diversas ocasiões, a partir do princípio chamado de necessidade, ou seja, diante de absolutas ausências masculinas.

A resistência de Lutero com relação à perspectiva de uma pregação realizada por mulheres, que aproveitasse o processo de mudanças que estavam ocorrendo com a Reforma, incluindo as mulheres, e tinha por base dois argumentos: o primeiro argumento tinha uma base cultural, de que os homens teriam mais desenvoltura para se expressar em público, dadas as condições para pregar: ter boa voz, eloquência, boa memória além de outros dons naturais (DEIFELT, 2016). Para ele a pregação masculina era mais apropriada para manter o respeito e a disciplina.

Lutero não era um homem a frente do seu tempo no que diz respeito à participação pública das mulheres em pregações. A justificativa, que denotam as representações de masculinidades que estavam postas, fica evidente. E não era uma questão de exigências de qualidades era uma questão de racionalidade masculina, que não se abria e nem permitia a inclusão de mulheres. A repetição de tais racionalidades restritivas às mulheres acabou resultando que a participação delas na religião está influenciada pelos espaços disponíveis às mesmas (WOODHEAD, 2002).

E o segundo argumento é de ordem teológica para os reformadores, com base em textos bíblicos especialmente paulinos no que diz respeito à submissão das mulheres. Reconhece que a Bíblia destaca mulheres importantes na história da salvação, mas concorda que a pregação deveria manter-se missão e vocação masculina, sem inclusão de mulheres. Portanto concordando com Paulo, que a pregação feminina não seria aceitável quando na comunidade há homens para fazê-lo, diz Deifelt (2016).

A Reforma produziu belas reflexões sobre o melhor rumo a ser adotado para corrigir os erros da estrutura católica anterior. Nos textos produzidos por algumas mulheres, a insistência nos necessários laços de sororidade entre as mulheres, que ajudam a sobreviver e, na prática, ensina a refutar a misoginia, pessoal e coletiva, muito forte também entre as mulheres. Uma misoginia que vem do mandato patriarcal, e que foi capaz de introjetar a crueldade e a equivocada ideia, muito alimentada, da inimizade, competição e desconfiança, entre as mulheres.

Entre tantas mulheres estrategicamente resistentes, destaca-se Claudine Levet, que enviou uma carta dirigida à Rainha Marguerite, de Navarra, solicitando que ela pusesse fim à divisão entre homens e mulheres, dizendo: "Embora não seja

permitido a nós (mulheres) pregar em assembleias públicas e nas igrejas, não obstante não nos é proibido escrever e admoestar uma a outra com todo o amor".

A calvinista inglesa Rachel Specht que, em 1621, recorreu à parábola dos talentos para defender o direito das mulheres. Se Deus concedeu corpo, alma e espírito às mulheres porque Ele daria todos esses talentos, se não fossem para ser usados? Não usá-los seria uma irresponsabilidade.

Na reflexão de Rachel Specht fica evidente a distância que algumas mulheres conseguiram imprimir e registrar na história, apesar das representações de gênero que buscaram colocá-las nas funções restritas de esposas e mães, enganosas, pois na prática desempenharam facilmente funções nos espaços públicos, comumente exercidos pelos homens. Certamente existiram outras mulheres na Reforma que não tiveram seus feitos registrados, mas que acabaram, pela necessidade de sobrevivência, rompendo as barreiras através de suas práticas cotidianas, que Certeau (1990) vai chamar de "táticas" como "falar, ler, circular, fazer compras, preparar refeições" (CERTEAU, 1990, p. 47, grifos do autor) que pode representar simbolicamente uma vitória do "fraco" contra o "forte". Para o autor, trata-se de um saber antigo que não está em evidência, mas representam "pequenos sucessos", as "performance operacionais que dependem de saberes antigos. Os gregos as designavam de *métis*" (CERTEAU, 1990, p. 47, grifos do autor). É a astúcia, o senso de oportunidade, que faz com que as barreiras impostas pelas representações postas sejam ultrapassadas, superando a trama ou o drama discursivo sobre o próprio sexo, "fragilidade", "infantilidade", "inseguranças", "desconfianças", em um contexto histórico particularmente marcado por uma ordem heterossexual patriarcal.

3.3 O PENTECOSTALISMO

Consolidada a Reforma Protestante e a divisão entre católicos e protestantes na Europa Ocidental, que impactou profundamente a sociedade e a política (RIETH, 2016) em suas várias dimensões e acabou desembocando na terrível Guerra dos 30 anos (1618), onde cristãos se tornaram pouco ou nada cristãos, estabeleceu-se um abissal processo divisionista, onde a definição identitária passou a ser determinada em primeira linha pelo ser anticatólico e não tanto por características da doutrina, da teologia ou espiritualidade. Gerou-se uma série de dificuldades, que são replicadas no tempo, por exemplo, as dificuldades contemporâneas de construção de um processo permanente de atividades ecumênicas amplas entre os cristãos e as cristãs, que longe se distancia da aliança firmada entre setores cristãos para a luta antigênero.

Uma luta entre irmãos e irmãs que deixou para trás uma Europa devastada, ressentimentos, muitas feridas abertas, exposição de preconceitos, sexismos, misoginias, desigualdades, intolerâncias, entre outras atitudes nada cristãs, mas a vida segue religiosa e com cisões simultaneamente. Outras novas igrejas com novas perspectivas vão surgindo. E entre essas tantas que foram criadas, estão as Igrejas Pentecostais³⁹ (At 2,1-11), também egressas do protestantismo, mas com suas raízes diferenciadoras de origem fortemente norte americanas. É sobre essa origem estadunidense do pentecostalismo será apresentado a seguir, não sem antes esclarecer que a abordagem sobre o pentecostalismo não intenciona propriamente uma abordagem histórica pormenorizada, rica em detalhes, dados, personagens ou fatos históricos. Nada disso. Evidente que citaremos alguns, mas somente aqueles que julgados importantes e que possam contribuir com a pretensão de responder aos objetivos destacados no presente trabalho, que se liga às representações de gênero que são evidenciadas neste momento nas Igrejas pentecostais destacadas.

Diante de um segmento histórico importante e complexo, capaz de confundir, pois, a nomenclatura pentecostal representa uma espécie de guarda-chuva conceitual, ou então, para pegar emprestada a expressão de Lopes (2018), de que se trata de um grande cabide conceitual com diferentes igrejas, abrigadas e/ou dependuradas, mas compondo o mesmo campo. Entre elas a Igreja Assembléia de Deus (AD), selecionada como já foi citada, para análise no presente trabalho.

O interesse é de destacar no pentecostalismo os elementos que possam explicitar as representações de gênero, as percepções e concepções trabalhadas, e como os sujeitos se posicionam ou se reposicionam a partir dessas representações culturais, que mobilizam entendimentos. E que possam ajudar a compreender como, num mundo em processo de rápidas e profundas transformações, que para alguns chega a ser entendida como "mudança de época", é possível abrigar, tolerar e estimular comportamentos assimétricos de gênero.

Tais elementos podem estar nas raízes históricas do pentecostalismo oriundo dos Estados Unidos no final do século XIX, cujas igrejas obtiveram grande auge nos princípios do século XX. Um dos fatores que marcam profundamente o nascimento do

³⁹ O termo pentecostal tem origem em "pentecostes" onde se estabelece uma relação com a descida do Espírito Santo sobre os discípulos no dia de Pentecostes, a festa judaica das semanas. E nesse dia, segundo relatos bíblicos os discípulos ficaram cheios do Espírito Santo, falaram em línguas que não conheciam e pregavam o evangelho a muitas pessoas.

pentecostalismo é o posicionamento profundamente anti-intelectual, que se sustenta em bases teológicas, segundo Lopes (2018), deve ser entendido num sentido comum, um saber tácito, prático, entendido e vivido na comunidade de fiéis cotidianamente. Não diz respeito a uma sistematização teológica acadêmica exclusiva aos especialistas do sagrado. É uma prática popular, simplificada, com referência em textos bíblicos⁴⁰ interpretados ao pé da letra sem a devida contextualização histórica, acabam por justificar e legitimar posturas de intolerância.

De acordo com Lopes, esse anti-intelectualismo pentecostal pode ser entendido como "uma predisposição contra o uso diligente e ponderado do intelecto" (NAÑES, 2007, p. 210), mas o autor entende essa posição anti-intelectualista sob outro prisma, qual seja: "uma atitude de profunda desconfiança para com a educação superior, quando não uma aversão aberta e declarada, cujo fato seria evitá-la, quiçá rechaçá-la" (LOPES, 2018, p. 8).

Este pentecostalismo de origem estadunidense, será marcado por posições de anti-intelectuais, vai sofrer influência de outras duas importantes correntes religiosas, que surgiram do protestantismo: o pietismo surge no século XVII, oriundo do Luteranismo enquanto um movimento de reavivamento religioso, marcado pela obra intitulada: *Pia Desidéria*, de autoria de Philipp J. Spener, em 1675, que continha seis desejos pios (PIETISMO, 2013). E o puritanismo de origem inglesa e que nasce com a proposta de purificação da Igreja da Inglaterra, dos vestígios de purificação da ordem romana, de origem inglesa, que tem em Calvino uma referência.

O site do movimento evangélico intitulado "voltemos ao Evangelho de Jesus Cristo", que apresenta o puritanismo como um movimento não organizado, mas que envolve cristãos zelosos, metódicos, idealistas, práticos e formadores da verdadeira família cristã, cheios de ideias de renovação para a igreja, entre outros pontos, defende a necessidade para que se volte a esses ideais, ortodoxos, fundamentais.

Tanto o pietismo como o puritanismo acaba por constituir-se enquanto uma reação para a chamada "alta ortodoxia protestante", também denominada de escolástica luterana (WALKER, 1981 apud. LOPES, 2018, p. 13). Ou seja, observa-

⁴⁰ O autor cita dois textos bíblicos, sobre o tema, exatamente, de Paulo, considerado o mais intelectualizado dos apóstolos. Um desses textos diz: *Eu destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos inteligentes. Onde está o sábio? Onde está o doutor da lei? Onde está o raciocinador deste século? A caso Deus não tornou louca a sabedoria deste mundo? (I Coríntios 1.19-20).* (BÍBLIA, 1994, p. 2480).

se no protestantismo posturas muito semelhantes às práticas do catolicismo que criticavam e que desejam evitar. Desagradando certo número de fiéis.

Pietistas vincula-se aos desejos pios (por conta disso, "pietistas") defendiam, por exemplo, o culto familiar e pessoal, bem como os cultos comunitários. Cultos estes que não necessitavam de pastores ordenados, diplomados, enfim, formalmente capacitados, e nem mesmo de templos para a sua realização.

Puristas e pietistas, cada segmento à sua maneira, defenderam uma forma de viver (*modus vivendi*) que conjugasse uma espiritualidade que se ligasse e/ou mais, "colada", às contingências cotidianas (LOPES, 2018). O elo de participação com maior envolvimento e compromisso, as pregações, poderiam ser realizadas por pastores (as) da comunidade, gente simples, não intelectualizadas (as), letrados (as), diplomados (as). Pessoas simples, mas que passaram por um "avivamento ⁴¹" da fé que se trata de um conceito religioso, utilizado entre os evangélicos e que tem origem em outro conceito, "o sagrado selvagem", e deve ser entendido grosso modo como uma forma religiosa dinamogênica latente (LOPES, 2018). Pode surgir numa comunidade e tomar conta, representa o "novo", pode renovar a religiosidade. E de acordo com o autor, em tal estado o divino pode possuir o cultuante e aparecem os estados de transes, proferidas entre outras coisas. E em tal estado o "divino pode possuir o cultuante" e, que representaram reações contra um intelectualismo e formalismo distanciador. Tratava-se da defesa de um "sacerdócio universal" acessível a todos (as), não restrito apenas aos preparados ou "eleitos" (as).

O que entendemos é que nas raízes do pentecostalismo americano que veio para o Brasil, há influências de um anti-intelectualismo-puritano-pietista que aqui se enraizou e se estendeu. Lopes (2018) chama a atenção para que os representantes dessas duas correntes citadas, homens proeminentes em universidades, que ajudaram a fundar ou nas quais trabalharam. Os pietistas ligam-se à Martin Luther-Universität-Halle-Wittenberg, na Alemanha e os puritanos, na Oxford, na Inglaterra. E nos Estados Unidos na Harvard, Yale, Columbia e Princeton.

⁴¹ Esse conceito religioso, utilizado entre os evangélicos, tem origem em outro conceito, o "Sagrado Selvagem", e deve ser entendido grosso modo como uma forma religiosa dinamogênica latente (LOPES, 2018). Pode surgir numa comunidade e tomar conta. Representa o "novo", pode renovar a religiosidade. E em tal estado o "divino pode possuir o cultuante" e aparecem os estados de transes, profecias, etc,

No tocante às contribuições pietistas para o campo educacional de interesse, evidentemente, podemos lembrar Immanuel Kant, também oriundo da vertente pietista, e que marcou indiscutivelmente o pensamento filosófico Ocidental.

São as ambiguidades, não só pelo fato de nomes importantes das referidas correntes, com contribuições nas universidades, pertencerem a movimentos anti-intelectuais, mas também, pelo fato, de que essas correntes que surgem de uma contestação, acabem também se tornando dogmáticas.

Com as reflexões apresentadas é possível ter uma ideia do esforço realizado para que a instituição formalmente organizada, não fosse "podadora" da participação livre de seus fiéis.

A glossolalia, desde o início do pentecostalismo tem sido apresentada como um sinal exterior do "batismo com o Espírito Santo." O mesmo aconteceu com a crença na eminente volta de Cristo à Terra e da crença na interferência dos demônios na vida cotidiana. Várias das ênfases primeiras do pentecostalismo não se constituíam em novidade alguma. Elas foram herdadas dos movimentos de reavivamento religioso e de santidade, e estavam solidamente instalada no protestantismo norte-americano. (CAMPOS, 2011, p. 507).

São influências que se mostram muito presentes nas práticas da AD, avessa e resistente ao intelectualismo formal, que traduz em forma de exclusão, portanto devendo ser evitado na prática de evangelização, em cuja ênfase deve ser a pregação do evangelho. Essa constituiu a mentalidade pentecostal e sua conseqüente prática religiosa.

No final do século XIX nos Estados Unidos, foi uma época de destaque para lideranças religiosas carismáticas⁴² e autodidatas que pululavam em todos os lugares na "esteira" do chamado "sacerdócio universal" (LOPES, 2018) p. 29) e, se proclamavam os verdadeiros "guardiões do cristianismo puro e originário" e "testemunhas de revelações". Nesse contexto, marcado por "ebulições" surgiu o que Lopes (2018) chama de "seitas" quais sejam: Mormismo (1830), Adventismo (1844), Ciência Cristã (1879). E surge também, nesse período, a Igreja pentecostal.

Algumas igrejas pentecostais que conquistaram grande destaque no início do século XX nos Estados Unidos tiveram à sua frente personalidades controversas, e algumas conquistaram enorme sucesso e riqueza, como a Igreja Ciência de Cristo,

⁴² Na definição de Weber, carisma é "uma qualidade pessoal considerada extracotidiana e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre humanos ou pelo menos extracotidianos, específicos ou então se a toma como uma pessoa enviada por Deus, como exemplar, e, portanto como líder (WEBER, 2000, p. 158-159).

que chegou a ser uma entre as quarenta maiores empresas dos Estados Unidos, com uma riqueza bilionária, segundo Castillo e Zuñiga (2017), mas com a morte da "profetisa", iniciou processo de decadência. Vale destacar que a igreja "Ciência de Cristo", no final do século XIX, teve a sua frente uma mulher: Mary Baker-Eddy⁴³, conhecida como "imperadora", e que mesmo depois de 100 anos de sua morte, a igreja ainda possui quase mil e novecentas igrejas e seu busto está presente em setenta delas.

Outro personagem importante, e controverso, no pentecostalismo, foi Charles Fox Parham, inicialmente pastor da Igreja Metodista, que a abandona na busca de uma fonte de "cura". E acabou por oferecer uma importante contribuição ao campo pentecostal porque teve o mérito de associar o Batismo com o Espírito Santo à chamada 3ª bênção, que acabou se tornando uma "uma forte experiência do poder do alto com sinais de línguas estranhas" (JOSGRILBERG, 1995, p. 65). É considerado controverso porque pesa sobre ele acusações de mau comportamento sexual (homossexualidade), racismo e envolvimento com a Ku Klux Klan. Lopes (2018) diz que os pentecostais não falam muito dele. Todavia, encontramos em um blog, chamado: "os pentecostais verdadeiros" (PENTECOSTAIS..., 2013), o relato detalhado de sua vida, menção a todas as acusações recebidas e desmentidos sobre estas.

E, como estamos tratando de comportamentos controversos representativos, acreditamos ser oportuno falar sobre a raiz fundamentalista do pentecostalismo, cujos primeiros vestígios, registra o ano de 1895, ano em que:

[...] um grupo de teólogos conservadores norte-americanos reuniu-se numa conferência, em Niágara Falls, para tomar posição contra a crescente aceitação do emprego do método histórico-crítico na interpretação de textos bíblicos. O documento final da Conferência estabeleceu cinco proposições sobre as quais não poderia haver nenhum tipo de negociação: a) a inerrância absoluta do texto sagrado; b) a reafirmação da divindade de Cristo; c) a proclamação do nascimento virginal de Jesus; d) a pregação da morte e ressurreição de Cristo como garantia da redenção universal; e) a proclamação da ressurreição da carne a certeza da segunda vinda de Cristo. (DIAS, 2008 apud LOPES, 2018, p.27).

Estudiosos sobre o tema do Pentecostalismo, como Castillo y Zuñiga (2017), Lopes (2018), Nañez (2007) entre outros, abordam as raízes que influenciaram o pentecostalismo norte americano, cuja doutrina foi transferida para o Brasil, visto que

⁴³ Um artigo sobre a história de vida da fundadora da Igreja Ciência de Cristo, intitulado: A incrível história de Mary Baker e o neo-pentecostalismo, publicado no blog de Luis Nassif. (MORAES, 2014).

os missionários suecos que vieram para o Brasil e fundaram a Igreja Assembléia de Deus, se encontravam nos Estados Unidos em missão. Destacam que esta é outra grande característica do pentecostalismo; os (as) seus e suas integrantes se dispõem a deslocamentos de qualquer distância, em nome da fé e da evangelização. Trata-se de uma religião fortemente itinerante, que se motivou a vir "desbravar" o Brasil.

A religião protestante de forte viés conservador e reprodutor de relações de gênero assimétricas e fortemente patriarcais marcou de forma fulcral o processo civilizatório estadunidense. No final da década de 1960, outras manifestações, não de cunho religioso, mas em consequência do viés conservador do país que foi formado nas raízes conservadoras da religião, acabou desembocando na famosa Rebelião de Stonewall, ocorrida em 28 de junho de 1969 no bar Stonewall Inn, em Manhattan.

Este fato foi o estopim para uma série de manifestações violentas e espontâneas de membros da comunidade, hoje chamada de LGBT, contra a invasão ao estabelecimento frequentado por esta comunidade, que se opôs ao tratamento agressivo destinado a ela, considerado na época anormal e patológica. Este fato político marcou a luta pelos direitos LGBT no país, e o embate permanente com as comunidades religiosas.

No ano de 1984, segundo Silva (2017b), grupos religiosos considerados fundamentalistas contribuíram de forma decisiva para a realização de uma série de campanhas contra os direitos gays, temas como aborto e currículo escolar. Foram campanhas articuladas e mobilizadas junto a setores da extrema direita, geradores de muitos conflitos que acabaram por produzir leis e decretos modificando a dinâmica social, com o objetivo de atacar a sexualidade e as forma de vivê-la. O debate sobre a sexualidade era deveras incômoda na sociedade americana, tanto que houve manifestações, como a de Rubin que disse:

chegou o tempo de pensar sobre o sexo. Para alguns a sexualidade pode parecer um tópico sem importância, um desvio frívolo de problemas mais críticos como a pobreza, guerra, doença, racismo, fome ou aniquilação nuclear. Mas é em tempos como esse, quando vivemos com a possibilidade de destruição sem precedentes, que as pessoas são mais propensas a se tornarem perigosamente malucas sobre a sexualidade. Conflitos contemporâneos sobre valores sexuais e condutas eróticas têm muito em comum com disputas religiosas de séculos anteriores. Eles passam a ter um imenso peso simbólico. Disputas sobre o comportamento sexual muitas vezes se tornam o veículo para deslocar ansiedades sociais, e descarregar a concomitante intensidade emocional. Consequentemente, a sexualidade deveria ser tratada com especial atenção em tempos de grande estresse social (RUBIN, 2003, p. 1).

As manifestações ocorridas nos Estados Unidos, com grande influência de setores religiosos conservadores, que envolveram temas geradores de polêmicas, desencadearam manifestações no Brasil, muito semelhantes àquelas, demonstrando, nas narrativas e práticas religiosas, como foram fortemente assimilados os valores do protestantismo evangélico americano, do qual, o pentecostalismo brasileiro é um fiel egresso. Todavia,

[...] os países recebedores de missionários não são beneficiários (ou vítimas!) passivos da difusão religiosa. Parte do problema dos argumentos antiproselitistas é a imagem humana que veiculam, de vítimas passivas. Esse erro é o outro lado da moeda da imagem frequentemente veiculadas por missionários, de beneficiários igualmente passivos e do propagador missionário todo-poderoso que determina os resultados. (FRESTON, 2012, p. 30-31).

Nas reflexões sobre a centralidade e a importância da cultura, Hall (1997) propõe que seja feita uma reflexão sobre as identidades individuais, apontando como a nossa condição de sujeitos não é "simplesmente" autônoma, mas constrangida pela cultura vivida no cotidiano. Para finalizar este item, do ponto de vista histórico, e político de intervenção na sociedade, como mostra as análises de Freston (1993, 1994, 2012). Sobre o desenvolvimento do Pentecostalismo no Brasil, considera-se uma classificação que se dá por períodos históricos, que pode ser comparado com ondas. Segundo o autor, estamos agora acompanhando, no movimento pentecostal, a chamada *terceira onda*. No caso do termo "ondas" nos referidos estudos de Freston, a primeira onda consiste na introdução do pentecostalismo no Brasil, vindo dos Estados Unidos e trazido por pastores que fundaram a Congregação Cristã (Luigi Franceson), em 1910, e a Assembléia de Deus, em 1911 (Daniel Berg e Gunnar Vinger). O ponto doutrinal básico é o batismo no Espírito Santo. A segunda onda é marcada pela fragmentação do campo pentecostal onde desponta a Igreja do Evangelho Quadrangular, fundada em 1951, e as Igrejas Brasil para Cristo (fundada em São Paulo, em 1955, por Manoel de Mello) e Deus é Amor, também fundada em São Paulo, em 1962, por David Martins Miranda. Com forte ênfase nos rituais de cura e na organização institucional um empreendedimentismo ou empreendedorismo - empresarial. Período de ingresso na mídia, na política, renovação dos rituais numa relação de aproximação e de combate a religiosidade popular presente no catolicismo e nas religiões mediênicas.

A terceira onda começa no final dos anos de 1970 e ganha força nos anos de 1980, com o surgimento das Igrejas Sara Nossa Terra (fundada em 1980 por Robson Rodovalho), Universal do Reino de Deus (fundada no Rio de Janeiro em 1977 por Edir Macedo), Renascer em Cristo (fundada em 1986 pelo casal Estevan e Sonia Hernandez), a Internacional da Graça de Deus (fundada no Rio de Janeiro em 1980 Romildo R. Soares), entre outras). Caracterizam-se pelo exclusivismo frente ao resto das expressões pentecostais e evangélicas, ênfase nas teologias da prosperidade e da guerra espiritual, investimento forte na mídia (impressa, radiofônica, televisiva e informatizada) e na política, e expansão de sua presença para além das fronteiras nacionais. Acompanhado de um nível pouco intenso de exigências, permitindo uma diversificação e ampliação de suas bases sociais de recrutamento (ORO, 1997).

No próprio site da igreja, intitulado O Pentecostal Reformado, há uma explicação sucinta sobre o processo de ondas (FERREIRA, 2018). O título é: As 3 principais ondas do pentecostalismo:

- 1ª Onda - O Pentecostalismo clássico;
- 2ª. Onda - O Pentecostalismo da cura divina;
- 3ª. Onda - O Neo-pentecostalismo.

3.4 O SURGIMENTO DA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL

Na apresentação do livro: "O movimento ecumênico no Brasil a serviço da igreja e dos movimentos populares" (1954-1994), de autoria de Agenor de Carvalho Dias, resultado de uma tese de doutorado, Euclides Marchi⁴⁴ cita, de início, Le Goff em uma entrevista publicada pelo jornal "O Estado de São Paulo" em 1979, na qual, segundo Marchi, Le Goff diz:

A História me ensinou o seguinte: quando vejo que alguma coisa muda nas religiões, fico certo de que há importantes transformações em vias de ocorrer. Não quero com isso dizer que para mim a religião é essencial, mas que é um elemento de revelação. (MARCHI, 2009 Apud. DIAS, 2009, p.14).

Portanto, em evidente concordância com Le Goff, que animou na construção deste trabalho, atentas a alguns aspectos que julgamos em mudanças nos segmentos pentecostais, especialmente em processos de mudanças na Igreja Assembléia de Deus (AD), e na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Estas mudanças visam ações diretamente vinculadas ao campo educacional e às relações de gênero, que

⁴⁴ Professor Sênior dos Cursos de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná e Diretor do Museu Paranaense. Esta referência foi elaborada por Dias (2009).

são de grande interesse desses "empreendimentos religiosos", pegando emprestada uma expressão de Castillo y Zuñiga (2017).

O objetivo é trazer a reflexão sobre a Igreja Assembléia de Deus, mas com redobrado cuidado e cautela, como já orientou e recomendou Sergio da Mata (2010, p. 160), especialmente porque não se trata de uma única igreja nesse campo, são as ADs, e é no plural que vamos chamá-la doravante, exceto quanto se referir a uma especificamente.

Pesquisadores (as) focados (as) no estudo das ADS, como o sociólogo e também presbítero da Igreja Assembleia de Deus, Gedeon de Alencar, chamam a atenção para o fato de que as "Assembléias de Deus são "brasileiríssimas", como o Brasil, que carrega dentro de si vários *Brasis*. ADs: diversas, distintas, plurais, contraditórias e concorrentes" (ALENCAR, 2012, p.15, grifos do autor), constitui-se em uma infinidade de igrejas espalhadas pelo Brasil todo, que se organizam em conferências, como mais tarde iremos abordar.

Selecionamos para análise a primeira Igreja da Assembléia de Deus no Brasil, fundada na cidade de Belém do Pará, no Norte do Brasil, pelos missionários, Daniel Gustav Högberg (1884-1930), mais conhecido como "Daniel Berg" e Adolf Gunnar Vingren, o "Gunnar Vingren" (1879-1933), em 18 de junho 1911. Inicialmente chamada de "Missão da Fé Apostólica", a "Igreja Mãe" pertence, na organização interna, ao Ministério de Belém.

Os fundadores, suecos, tinham também origem operária, um fato que na avaliação de Lopes (2018), somado à influência e formação no pentecostalismo norte-americano, marcou profundamente a origem e o destino da Assembléia de Deus no Brasil, inclusive em sua mentalidade, práticas e posturas anti-intelectuais e conservadoras (LOPES, 2018).

Daniel Berg e Gunner Vingren conheceram-se nos Estados Unidos, na Califórnia, onde estavam em missão. No ano anterior tinham "recebido a experiência do Espírito Santo em Chicago" (MORAES, 2014). O fato ocorreu durante as grandes mobilizações organizadas e realizadas nos Estados Unidos, e tais experiências sentidas foram delegadas em decorrência da ação do Espírito Santo, e também dos processos de formação, especialmente destinados para as áreas de missão. Na biografia de Vingren ele faz menção aos cursos de capacitação, e sobre as dificuldades dos primeiros momentos. Segundo o fundador, no início:

Éramos 55 participantes, homens e mulheres. A escola fazia parte de uma Federação Evangélica que tinha o objetivo de ganhar almas para Cristo. Uns quinze alunos foram enviados como evangelistas. Saímos dois em dois, e nos deram somente o dinheiro da passagem até o lugar de destino. O meu companheiro tinha 4 anos de experiência como evangelista. Chamava-se Soderlund. Tínhamos de confiar no Senhor quanto ao suprimento de nossas necessidades materiais. (VINGREN, 2000, p. 21).

Ele, Vingren, tinha deixado o pastorado da Igreja Batista Sueca de Menominee, Michigan, e fora acolhido pela Igreja Batista Sueca de South Bend, Indiana, que recebera de bom grado a novidade pentecostal. Mas o apelo para realizar um trabalho de desbravamento no Brasil foi forte, e ele trocou uma função certa por uma incerta, e isso tudo em um período político complicado, da I Guerra Mundial, portanto, de grande recessão.

Oriundos da Suécia, um país protestante, que à época tinha a Igreja Luterana como Igreja Oficial, um país com tolerância em relação à existência de outras igrejas, eles chegaram ao Brasil em 1910, e a partir da fundação da Igreja Mãe, rapidamente o movimento chegou ao interior da Amazônia (FAJARDO, 2015, p.14) e posteriormente para todo o Brasil. Vilhena (2018) ressalta que o primeiro período o confronto se dava com a Igreja Católica e outras denominações evangélicas:

Em 1911, enquanto a Igreja Católica celebrava missas em latim, a Igreja Luterana realizava cultos em alemão, a Igreja Anglicana, em inglês e os demais protestantes num “teologuês” anglo saxônico, os pentecostais seguiram conquistando gente muito pobre. Mesmo a única Igreja pentecostal da época, a Congregação Cristã do Brasil, celebrava cultos em italiano, o espiritismo era caso de política e religiões afro nem sequer eram nomeadas (VILHENA, 2018, p. 222).

A AD com um público inicial formado de gente muito pobre ou numa análise mais crítica, por gente empobrecida em um sistema excludente. Ela, acabou adquirindo proporções gigantescas. Segundo Alencar (2012), há séculos vem se mantendo como a maior denominação no Brasil, e segundo o censo de 2010, a AD possui 12.314.410 membros.

A única igreja implantada em todos os Estados e Territórios brasileiros é a Assembleia de Deus. Alguns territórios, servidos pela Assembléia, possuem igrejas pequenas e insignificantes, mas o fato é que sua presença é universal. As máquinas de costura Singer, o guaraná, e a Assembleia lá estão presentes. Na verdade, foram até os confins do país. (READ, 1967, p. 132).

O processo de expansão na Região Norte seguiu "a trilha das migrações interestaduais, primeiro da região amazônica para o Nordeste do país e

posteriormente do Nordeste para as demais regiões, a AD difundiu-se" (FAJARDO, 2015, p.15). Alencar (2012) faz referência ao processo migratório do ciclo da borracha e depois às inúmeras migrações Nordestinas, cuja esteira, propiciou que a AD se consolidasse no espaço urbano.

Fajardo (2015) menciona um quadro elaborado sobre o crescimento da Assembléia de Deus, que vamos compartilhar neste trabalho para que tenhamos ideia do processo inicial de crescimento das ADs.

Isael Araújo apresenta um quadro com a data de inauguração das primeiras ADs em cada um dos atuais estados do Brasil com as seguintes datas: Pará, 1911; Ceará, 1914; Alagoas, 1914; Paraíba, 1914; Roraima, 1915; Pernambuco, 1916; Amapá, 1916; Amazonas, 1917; Rio Grande do Norte, 1918; Maranhão, 1921; Espírito Santo, 1922; Rondônia, 1922; Rio de Janeiro, 1923; São Paulo, 1923; Rio Grande do Sul, 1924; Bahia, 1926; Piauí, 1927; Minas Gerais, 1927; Sergipe, 1927; Paraná, 1928; Santa Catarina, 1931; Acre, 1932; Goiás, 1936; Mato Grosso, 1936; Mato Grosso do Sul, 1944 (até então parte de Mato Grosso) e Distrito Federal, 1956. (ARAÚJO, 2007, p. 56).

Está presente em 176 países, segundo o pastor Samuel Câmara, em entrevista concedida ao Programa Argumento, em dezembro de 2017, ao jornalista Mauro Bonna, o presidente da Convenção Geral das Assembléias de Deus (CGADB), que é do Ministério de Belém, quando expõe sobre a forma de organização, sobre a identidade e constituição simples da Assembleia, como o uso da Bíblia, dos cantos, que se adaptam bem às diversas realidades encontradas no Brasil. Os vídeos estão disponibilizados nas referências deste trabalho.

O pastor Samuel Câmara é muito conhecido no meio evangélico. É um dos pastores que faz a disputa interna por cargos. Lutou para assumir o Ministério de Madureira, historicamente controlado pelo pastor José Wellington Bezerra, que ficou mais tempo no poder do que o tempo que tivemos de ditadura, e quando saiu conseguiu colocar seu filho no lugar. Foi ele quem sempre imprimiu fracassos ao pastor Samuel Câmara nos pleitos disputados. Desistindo de novos combates, disputou e ganhou a direção do Ministério de Belém. Tem investido em alta tecnologia e controla meios de comunicação e informação no ministério. Está preparando a Igreja para os novos tempos da era digital em um mundo globalizado. Demonstra, na entrevista concedida na referência, a preocupação dos evangélicos com a sociedade tecnológica, que amplia informações e críticas.

Preocupações altamente atuais que desmontam certa representação de que os (as) evangélicos (as) são avaliados (as) enquanto gente atrasada, moralistas,

ingênuos, conservadores, ignorantes com relação a gênero, e podem ser mesmo, em certa medida, mas certamente estão muito antenados nas mudanças que estão ocorrendo na sociedade e mais, antecipando-se a elas.

A disputa política, onde se explicita ferrenhamente o ativismo religioso, também não pode ser desconsiderado. Em que pese variações, indubitavelmente trata-se de um campo que manifesta decisiva influência político eleitoral e que está na atualidade em franco crescimento em nível internacional, nacional e no Continente Latino-americano ⁴⁵. Especialmente os carismáticos segmentos pentecostais e neopentecostais.

Sobre a intervenção das Igrejas evangélicas na América Latina, há o estudo cuidadoso de Herlerson da Silva (2017), que evidencia os dados pormenorizados e exitosos do desempenho eleitoral conquistado, e a atuação de parlamentares evangélicos na América o Continente, cujo título, "Da moral privada a ética pública. A nova elite parlamentar evangélica na América Latina (DA SILVA, 2017).

O autor mostra como a América Latina, considerada um continente católico, está experimentando "um processo acelerado de pluralização de seu campo religioso principalmente em virtude do crescimento exponencial de sociabilidades confessionais de tipo pentecostal e neopentecostal" (DA SILVA, 2017, p. 454). Mas muitas vezes age como "tribos morais", expressão emprestada de Greene (2018), para segmentos que demonstram posições arraigadas, que dificultam o entendimento e diálogo não só sobre o conceito de gênero, mas também sobre o feminismo, aborto, questões reprodutivas e sexuais, impedindo o entendimento do que se passa "por trás da cena" da moralidade, que vai além de uma aversão à esquerda, apoiadora de tais temas.

Prestam uma infinidade de atendimentos espirituais que são muito procurados nas igrejas pentecostais e neopentecostais, especialmente, por mulheres que compõe a base social das igrejas. "A porcentagem de mulheres na Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) corresponde a 69%, enquanto a IURD apresenta 81% e a AD 66% de população feminina" (BANDINI, 2014, p. 35).

Historicamente as religiões contaram, e ainda contam, e muito, com o potencial didático pedagógico e evangelizador das mulheres nas suas práticas religiosas, no

⁴⁵ Para maior aprofundamento sobre a influência dos (as) evangélicos (as) nos processos eleitorais na América Latina sugerimos a leitura da tese de doutorado de Da Silva (2017), sobre as disputas eleitorais do campo evangélico em países latino-americanos.

trabalho da reprodução da vida e do cuidado. Atividades não valorizadas no espaço privado, mas que se tornam públicas nas igrejas, onde as atividades do cuidado são visibilizadas, e também valorizadas. São possibilidade que respondem ou minimizam a situação de fragilidades sociais como um sistema de saúde precário que obriga grande parte da população procurar formas alternativas para o restabelecimento do seu bem-estar. (SANTOS *et al.*, 2004).

Os chamados "rituais de Cura" dos males espirituais e sociais são oferecidos pelas igrejas e muito procurados pelas mulheres, vistos que são essas as que mais participam das igrejas, buscando nelas também alternativas viáveis para solucionar ou ao menos amenizar as aflições e outras formas de desequilíbrios do corpo e da alma. São estimuladas por pregações e narrativas bíblicas históricas de possibilidade de curas, a partir da fé, como ocorreu com a filha de Jairo, oficial romano (Mt 9,18-29), a mulher corcunda (Lc 13,10-17), a pagã síro-finícia, cuja filha foi curada e libertada de seus problemas psíquicos (Mc 7-26), a mulher curada de intenso fluxo de sangue (Mt 9,20-22), entre outros exemplos.

A igreja se torna um "lar" ampliado, uma "extensão do seu lar", que conta com os trabalhos do cuidado, fundamental, - mas não pago – realizados por elas para a manutenção e crescimento da Igreja (SPYER, 2016).

Atrás de "soluções terapêuticas" inclusive enquanto um espaço de sociabilidade, onde buscam e encontram de algum modo nesses espaços religiosos, acabam por tornar-se "freguesas" do atendimento e de algum tipo de amparo, que efetivamente em algum nível recebem, acabam por participar assiduamente dos ritos religiosos, e tornam-se propagadoras das suas respectivas doutrinas.

Dessa forma, narrativas sobre doença e cura pela religião são possibilidade de demonstrar que, embora nossos corpos sejam uma unidade biológica complexa, submetida às leis da natureza, segundo Giddens (2005), eles não escapam às experiências sociais e às normas dos grupos de nosso pertencimento. (DA SILVA; VASCONCELLOS, 2013, p.1037).

Se por um lado têm um pensamento mágico que busca uma "fé de resultados" para problemas concretos que as afligem, e encontram um atendimento que de alguma forma vai de encontro às suas necessidades, de outro, o paradoxo que se apresenta é que os representantes dessas igrejas no parlamento se alinham a outras lideranças parlamentares com ideologias ultraconservadoras e tendem a desvalorizar as igualdades sociais, econômicas, políticas e a desigualdade de gênero, o que se

configura em uma redução da democracia. A continuidade da igreja depende da perpetuação da opressão.

É uma relação profundamente ambivalente com relação a alguns processos globais, especialmente aqueles interesses que estão ligados à expansão de mercado, que não aceita restrição da liberdade. Alardeiam igualdade de competição, em uma linha meritocrática, mas que mantém o conservadorismo em relação aos processos de desigualdade e de diferença, na esfera moral, opondo-se ao coletivo e ou ao público, ou seja, atuando no sentido de que os desejos privados não possam passar para a esfera pública sem medo ou risco de sofrer violências homofóbicas, discriminação ou violência de gênero. Portanto, do ponto de vista dos empreendimentos evangélicos que disputam o mercado, o que se observa é que são ousados e sem limites do ponto de vista do mercado, grandes defensores de políticas neoliberais e conservadores quase que medievais do ponto de vista da moral.

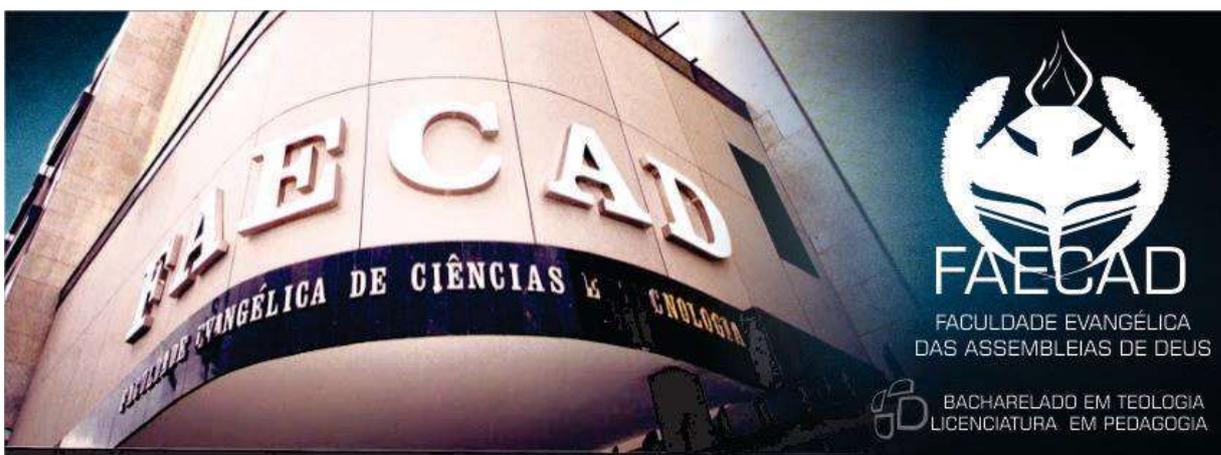
Paul Beatriz Preciado, no prólogo da obra de Suely Rolnik, “Esferas da insurreição” diz que:

A inesperada aliança das forças neoliberais e conservadoras têm a ver com o fato de ambas compartilharem a mesma moral e o mesmo modelo de identificação subjetiva: o inconsciente colonial-capitalista. Daí que os alvos da “nova perseguição neoliberal às bruxas” sejam os coletivos feministas, homossexuais, transexuais, indígenas ou negros que encarnam no imaginário conservador a possibilidade de uma autêntica transformação micropolítica. Se desenha aqui a paisagem que Guattari e Deleuze haviam conjecturado como terrível e insólita encarnação do “fascismo democrático”. Essa é a condição na qual nos encontramos e na qual temos que imaginar coletivamente novas formas de resistir. (PRECIADO, 2018 apud ROLNIK, 2018, p. 13).

Em linhas gerais, a partir da análise de Preciado apresentada, é possível evidenciar o que Almeida (2019) chama de “tabuleiros do poder”, onde jogadores tradicionais costumam jogar para manter-se no poder. Mas agora no jogo, toma o acento o setor evangélico, que chega ao que parece com grande disposição de jogar e ganhar. E agora contam com um posicionamento mais orgânico nas estruturas de poder, no Brasil, como demonstrado por Almeida (2019). Direção já apontada por Silva (2017c), cujo estudo mostrou o crescimento do número de parlamentares evangélicos na América Latina, na medida em que a partir do ano de 2000, governos de centro esquerda e esquerda, começaram a cair. Mas se há “um tempo em que há muita comunicação e integração em nível mundial e uma ordem neoliberal geral, simultaneamente ocorre a reação contra isso, que busca aumentar auto-expressões culturais” (GEERTZ, 2001, p. 6).

E como partimos da hipótese de que há em curso, uma estratégia que busca a formação de um corpo docente alinhado com a proposta de combate ao gênero, vale dizer que em agosto de 2005, a ADs inaugurou a Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia (FAECAD), no Rio de Janeiro, no bairro da Penha. No facebook da Instituição os dois cursos mais divulgados são os de Pedagogia e Teologia, como podemos constatar nas figuras de n. 3 e n. 4.

Figura 3 – Faculdade da Assembleia de Deus



Fonte: FAECAD (2018).

Figura 4 - Formação Teológica FAECAD



Fonte: FAECAD (2018).

Castilho y Zuñica (2018), também abordam em seus estudos o discurso e o protagonismo político-religioso dos segmentos pentecostais e neopentecostais nos processos eleitorais na Latino-América. Segundo Spyer (2018), atuam também como

uma espécie de estado de bem-estar-social alternativo, ajudando quem atravessa momentos difíceis, com ações filantrópicas, sem perder de vista o propósito evangelizador, o combate ao ateísmo contemporâneo motivado pelo progresso da ciência e da técnica e a busca de fidelização do (a) participante. Constituem uma presença importante no meio do povo, com incorporação de hábitos culturais.

Mas não é só isso. O que se percebe nos pronunciamentos públicos das principais lideranças das ADs e das Convenções é que há um investimento pesado em educação teológica e também em educação formal. O pastor Perci Fontoura⁴⁶, que é o presidente da Convenção do Paraná, informa em vídeo que estão investindo na formação teológica dos jovens que entram nas ADs para a formação futura. O Instituto Bíblico da Assembleia de Deus (IBADEP, 2019) foi reativado e está organizado em 26 estados brasileiros e na Capital Federal bem como em 32 países; formou 35 mil estudantes em português e espanhol, com professores altamente qualificados, e oradores internacionais.

Figura 5 - Instituto Bíblico da Assembleia de Deus



Fonte: FAECAD (2018).

Na propaganda das instituições educacionais, formal e teológica, fica explicita a proposta de formação oferecida. O IBADEP, por exemplo, fala da formação dirigida para o cristão, para a família cristã, etc. Nas falas das principais lideranças das ADs, disponibilizadas no espaço virtual, é possível constatar a preocupação estratégica com a educação em vista de uma perspectiva de continuidade futura dos trabalhos em andamento.

⁴⁶ A exposição do pastor está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Bht5mSnCSvE>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

As igrejas evangélicas se tornaram também grandes negócios nacionais e transnacionais. Tais empreendimentos, especialmente aqueles que atuam no campo educacional, necessitam de profissionais preparados (as). Entendemos que está no horizonte do campo religioso, especialmente pentecostal e neopentecostal, a estratégia de qualificar, de algum jeito, um corpo docente alinhado com a sua proposta religiosa.

O que nos recorda que uma das primeiras hipóteses levantadas no ano de 2014 para a realização do trabalho de doutorado, era de que as Igrejas evangélicas, que já haviam efetivado com sucesso o projeto de comunicação eficiente, que contribuiu para a realização do segundo projeto político na eleição de uma bancada significativa, estavam colocando em curso um terceiro projeto, no campo educacional, com mudanças significativas na educação e o combate ao conceito de gênero.

As ADs, estão revendo a sua posição anti-intelectualista que as marcou em sua origem. Estão investindo pesado em tecnologia de comunicação e em educação, mas não só isso. Estão em crescimento e também entrando no mercado educacional, e obviamente precisam de gente preparada, profissionalizada. Buscam formar o seu público, e estão motivando as suas lideranças religiosas a se qualificarem, seja em qualquer outra instituição de ensino. A formação teológica e bíblica, é ministrada, a partir de seus currículos próprios, nas próprias Igrejas ou nas Instituições de ensino que estão adquirindo. A formação religiosa é permanente.

Outra área na qual se tornaram mais flexíveis é no que diz respeito aos usos e costumes, especialmente com relação às mulheres. A Igreja tem conquistado e avançado sobre o setor da classe média, e classe média alta, acostumadas a ter acesso a muitos bens e regalias. É mais fácil, manter os (as) pobre do mundo dos "prazeres" deste mundo, pois, a eles é negado o acesso a quase tudo, e continuam em sua maioria, dóceis. Mas é difícil, senão muito mais complicado ou impossível impedir o acesso a gente acostumada ao consumo. E ao consumo das melhores coisas. Segundo informações da própria Igreja, nos vídeos disponibilizados no site, com relação aos costumes, continua a regra de vestir-se com "simplicidade e decência", mas já não há penalizações ou exclusão da igreja em decorrência de corte de cabelo, ou unhas pintadas, do uso de joias, ou qualquer outra ostentação.

Sobre o uso da TV vale uma breve reflexão, pois, na história das ADs, constituía-se pecado grave, ouvir rádio e TV, mas na medida em que a Igreja começa a atuar profissionalmente nos meios de comunicação social, inclusive possuindo seus

próprios canais de comunicação, o fato deixou de ser pecado, virou necessidade para inclusive aumentar a audiência e enriquecer, também deixa de ser pecado, se torna uma benção, portanto, não é mais necessário carregar uma culpa devido a uma benção divina, muito particular.

Enfim, a juventude evangélica, acaba percebendo as flexibilizações na moral e nos costumes que já ocorreram que lhes permite um grande acesso aos espaços virtuais, mais difíceis de controlar. Não será mais necessário submissão, ao contrário, permite-se e motiva-se a ocupação do espaço virtual em favor da Igreja e de suas causas.

Na pesquisa realizada no espaço virtual em busca dos pronunciamentos de lideranças religiosas da Assembléia de Deus, chama a atenção o nível dos comentários após a fala dos pastores, por parte dos membros das ADs e do público em geral. Notam-se insatisfações com relação às disputas internas entre os pastores, posicionamentos que apelam para uma volta aos cultos domiciliares, de apoios, enfim, mas inegavelmente há uma grande participação ativa, on-line.

Com relação à Igreja-Mãe do Ministério de Belém, na contemporaneidade, está passando por um momento de retorno às suas origens, e prepara-se para fazer mudanças profundas, segundo o Pastor Samuel Câmara, que preside a Conferência Geral das Assembléias de Deus do Brasil (CGADB). Segundo Câmara são quatro, os eixos centrais dessas mudanças:

1. Um Estatuto simples, voltar à simplicidade, evitando ostentações;
2. Sem interferência nas Igrejas Assembléias de Deus;
3. Reconhecer a ordenação de mulheres, enquanto um reparo histórico à exclusão de gênero;
4. Formar um Fórum de análise, de reflexão e estratégias em um mundo globalizado.

Se antes só a Convenção de Madureira reconhecia a ordenação de mulheres, a coisa parece querer mudar. Elas estão revendo com muita polêmica e celeuma a questão da ordenação de mulheres, como foi o caso da Igreja-Mãe, do Ministério de Belém. Um momento oportuno para apresentar uma das mulheres que exerceu forte protagonismo na AD da igreja-Mãe: Frida Vingren.

3.5 FRIDA MARIA STRANDBERG E A APROXIMAÇÃO COM A ASSEMBLÉIA DE DEUS

Daniel Berg era casado com Sara Sofia, também de origem sueca, com quem teve três filhos. Gunnar Vingren, pastor, ordenado pela Convenção Batista Sueca nos Estados Unidos em 1910, chegou ao Brasil solteiro, e após cinco anos de intenso trabalho no Brasil, sob um clima tropical, ficou esgotado, precisava de férias. Viajou do Brasil para os Estados Unidos e deste para a Suécia, a bordo do navio Frederic, que foi capturado durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Após três dias na Holanda, foi libertado (ARAÚJO, 2014). As aventuras vividas, ligadas à dimensão de fé, acabaram por contribuir para que a AD o constituísse em uma espécie de mito.

Em uma viagem de férias para a Suécia para recuperar-se do intenso e exaustivo trabalho que estava sendo realizado no Norte do Brasil, acabou encontrando a Frida Maria Strandberg, também evangélica e missionária sueca, com quem se casou para, segundo ele realizar a vontade de Deus, que escolheu Frida, para sua companheira, que após o casamento passou a se chamar Vingren. O casal teve cinco filhos.

Frida Vingren desembarcou no Brasil em 1917 para trabalhar junto ao marido na organização da Igreja Assembléia de Deus, que inicialmente chamava-se *Missão da Fé Apostólica*, e se tornou uma figura importante na construção e consolidação da Igreja Assembléia de Deus. Todavia, acabou por pagar um preço alto pelo seu protagonismo, em uma igreja marcada por forte perfil conservador e patriarcal.

Por algum tempo suas atividades ficaram restritas ao âmbito da família, no cuidado dos filhos e arranjos domésticos, seguindo as representações postas, especialmente para as mulheres crentes, segundo as práticas discursivas oficiais. Sua participação pública estava restrita apenas aos cultos na igreja. As mulheres, segundo Tamanini, pesquisadora na área de gênero são associadas ao trabalho do cuidado (TAMANINI, 2018) e vistas especialmente pelos segmentos religiosos como a "rainha" ou "anjo do lar", pronta para qualquer sacrifício ou tarefa. São elas as primeiras a buscar atendimento para si, para familiares, amigos ou vizinhos necessitados ou em qualquer outra situação de dificuldade.

Frida, é um nome de origem nórdica de significado *frior* que quer dizer paz, nasceu em uma família luterana, no dia 9 de junho de 1891, em Sjäkevd, na região Norte da Suécia, filha resultado de segunda núpcias de Jonas Strandberg com Kristina Margareta Sundelin. Foi criada em um ambiente cristão, participou das atividades

religiosas familiares e mais tarde da Evangeliska Fosterlands-Stiftelsens (Associação Evangélica da Pátria), um movimento de renovação surgido dentro da Igreja Luterana Sueca (ARAÚJO, 2014).

Perdeu a mãe ainda jovem, o que representou um duro golpe. Da Igreja Luterana, passa a participar da Igreja Batista, que oferecia uma oportunidade para "mulheres crentes batistas que desejassem atuar na obra de Deus, em áreas de missão em outros países. As mulheres podiam ser consagradas evangelistas ao frequentar a escola bíblica" (ARAÚJO, 2014, p. 23). O que significava uma oportunidade importante em uma época de grandes restrições às mulheres, cujas representações as colocavam diretamente nos espaços domésticos, no seio da família.

Foi uma mulher ativa, com grande autonomia de pensamento e incansável com relação às atividades que se propunha a fazer. Concluiu o curso bíblico no Instituto Bíblico Sueco, com duração de oito meses, um pré-requisito para viagens internacionais de missão, e fez um curso de enfermagem durante dois anos. Trabalhou em um hospital e também em uma Casa de saúde de atendimento infantil em Estocolmo. Foi chefe da seção de enfermagem no Hospital Sabbatsbergs. Portanto, Frida era uma profissional da área de saúde, e "como enfermeira, auxilia mães e crianças em relação a noções de higiene, nos partos e dá orientações básicas de saúde" (VILHENA, 2018, p. 121), portanto, também uma profissional do trabalho do cuidado qualificado, que está se tornando muito importante e uma atividade muito requisitada (TAMANINI; BOSCHILIA; SCHWENDLER, 2017), tanto junto às crianças, idosos e doentes.

Frida também se dedicava à arte da fotografia, uma revelada paixão, enquanto esperava a oportunidade para atuar em "áreas de missão".

Em 1917 foi publicado pela editora da Igreja Filadélfia de Estocolmo, a Filadélfia Forlaget, o documento: "Diretrizes do Movimento Pentecostal". Era a tradução de um trabalho de uma conferência pentecostal ocorrida na Alemanha. Nele se tratava fundamentalmente questões de ensino. O prefácio da edição sueca foi escrito por Lewi Pethrus. Ele expressou a sua esperança que isso trazia para o movimento pentecostal: "O futuro por meio de caminhos sadios e bíblicos". Dois aspectos eram interessantes para o capítulo "O lugar das irmãs na igreja e as evangelistas". A seção sobre as "irmãs" era a menor do documento e nem um pouco clara. Afirmava que o encargo das mulheres não se restringia à própria família. Sobre as mulheres se disse que teriam uma grande responsabilidade no crescimento da igreja de Deus, mas seu serviço não seria equivalente ao dos homens. O papel das evangelistas era, em parte, pregar os fundamentos da fé cristã e, em parte, ensinar de forma

que os novos convertidos pudessem crescer em sua fé. Na realidade, a maioria dos evangelistas suecos eram mulheres. (ARAÚJO, 2014, p. 28).

As mulheres que atuavam em áreas de missão enfrentavam muitas dificuldades que em decorrência da pouca valorização do seu sexo, e mesmo de reconhecimento das que estavam ousadamente, integradas nos grandes movimentos de evangelização, mas dentro de uma ordem religiosa, pouco situada no terreno sexual, com certo ascetismo inerente a ideias religiosas, somado às representações coletivas de moralidade da época, especialmente no que diz respeito às mulheres, num contexto restritivo e patriarcal. Os projetos, e os processos de evangelização contavam com maior presença masculina, que já dominavam o espaço público, com mais facilidade, portanto, para eventuais reivindicações, reclamações, denúncias, entre outras. Portanto, em um contexto de predominância viril, a invisibilidade das mulheres nas ações e presença em área de missões, os problemas e as dificuldades que enfrentaram, possivelmente tenha sido bem maiores e cujas narrativas históricas conseguiram chegar até nós. Na bibliografia, disponibilizada pela AD sobre a Frida Vingren, sobre o contexto missionário da época, nos seus relatos fica evidente, como as mulheres foram pioneiras nas missões em contextos sociais, políticos econômicos de grande complexidade e dificuldade.

Segundo relatos (ARAÚJO, 2014), as mulheres eram enviadas de duas a duas, como a prática de Jesus em seu tempo histórico. Elas assumiam comunidades onde não havia nenhuma igreja da sua religião que pudesse lhe dar algum tipo de suporte, e muitas poderiam enfrentar comunidades hostis às mensagens evangélicas, pois o ambiente era profundamente católico.

Se for perfeitamente possível imaginar as inúmeras dificuldades enfrentadas pelos homens em tal contexto cultural complicado, imagine-se o que foi esse contexto para as mulheres. Há muitas histórias para garimpagem no contexto histórico das mulheres evangélicas. No campo das mulheres pentecostais, segundo estudo realizado por Bandini (2014), os primeiros trabalhos datam da década de 1990. E estas enfrentaram contextos muito adversos.

Voltando a Frida e Gunnar Vingren, com uma identidade religiosa firmemente consolidada, eles de fato se encontraram na comunidade religiosa na qual participavam nos cultos domésticos, inclusive um deles foi realizado na casa de Lewi Pethrus, pastor batista sueco fundador da "Missão Sueca Livre", que enviava suecos para o Brasil e que veio a ser, mais tarde, um dos "algozes" de Frida (ARAÚJO, 2014).

Nos cultos domésticos, Frida e Gunnar Vingren oraram juntos por algum tempo, enquanto seguia o namoro. Vingren volta para o Brasil para a continuidade dos trabalhos da Igreja, enquanto Frida aguardava a sua ordenação missionária para poder seguir também para o Brasil. A ordenação ocorreu no dia 27 de maio de 1917 na Igreja Filadélfia de Estocolmo, e Frida estava autorizada para trabalhar como bibelkvinna, que é uma antiga palavra sueca para designar uma mulher que exercia o ministério de ensinadora da Palavra de Deus nas igrejas (ARAÚJO, 2014).

Após a sua ordenação como missionária, em 1917, Frida Vingren segue sozinha da Suécia para os Estados Unidos e de lá para o Brasil, em pleno contexto que acabou por resultar na Primeira Grande Guerra Mundial, fato que não é relatado em sua biografia, diferentemente do que ocorreu com Gunnar Vingren, onde as suas aventuras foram meticulosamente registradas. Logicamente que esta viagem não foi fácil para Frida, mas a sua realização não foi considerada digna de importância para registro.

Casada com Vingren, em cerimônia realizada no Brasil, logo após um curto período de adaptação, envolve-se nas atividades da Igreja. E como estava a frente de seu tempo, com grande senso de independência, que a fez viajar sozinha, raro na época devido à condição de mulher (continua sendo complicado viajar sozinha em nossa época, pela mesma condição, ou seja, ser mulher), Frida além de ser talentosa e muito vigorosa nas causas que abraçava, também tinha uma profissão definida.

Segundo registro da AD, Frida tinha um temperamento forte (pouco tolerado entre alguns homens, que preferem mulheres mais dóceis), dizia o que sentia e pensava e com muita sinceridade, o que a fez colecionar desafetos. Sem "papas na língua", mas uma mulher preparada, capacitada e com iniciativa. Foi a única mulher, em 100 anos, a fazer comentários na revista da AD. Foi redatora da revista "Boa semente", atuou como jornalista nos materiais publicados pela igreja, e fazia pregações públicas, traduções e publicações. Ministrava cursos bíblicos, tocava órgão e violão. São de sua autoria 22 hinos executados em todas as ADs. Publicava artigos e matérias sobre os trabalhos realizados no Brasil, enviados para a Suécia e vice-versa. Era responsável pelos cultos na prisão do Rio de Janeiro. Enfim, registra-se um ativismo religioso inesgotável, por parte de Frida. Atividades não esperadas e nem desejadas em uma mulher, especialmente se esta está na condição de uma mulher evangélica.

Consta que muitos homens reclamavam especialmente aqueles que se manifestavam frontalmente contra atuação pastoral de mulheres, como o pastor Samuel Nyström, conterrâneo de Frida, mas medíocre em termos de contribuições à igreja se comparado à Frida, e com posturas evidentemente misóginas. Frida lutava pelo reconhecimento e inserção digna das mulheres no ministério eclesial. “A luta de Frida por ela e pelas demais mulheres da igreja, recebia apoio de pouquíssimos homens e mulheres” (VILHENA, 2018, p. 132). Não se reconhecia nas ideias de Frida argumentos viáveis, com embasamento bíblico para o ministério feminino, posição contrária a “grande maioria dos homens, que negavam às mulheres a ascensão nos trabalhos da igreja” (VILHENA, 2018, p. 133). O fato é que a luta de Frida, certamente algumas mulheres da igreja também devem ter se sentido incomodadas com posturas femininas, tão “livres” para o contexto da época. Portanto, Frida, dentro deste contexto evangélico restritivo, acabava por destoar do padrão moral da época, por desvirtuar os papéis tradicionais, “naturais” da mulher, mãe, esposa, educadora. Sem dúvida, as reivindicações e condutas de Frida incentivadora do protagonismo das mulheres, e aproximou-se muito dos ideais feministas, acabou por enfrentar uma série de hostilizações e ações masculinas contra Frida, são várias e ostensivas.

Nos relatos sobre as ações dos homens contra Frida, consta uma carta muito dura, recebida em 1929, do Missionário das Igrejas Assembléias de Deus do Pará, já referido, Samuel Nyström, que era radicalmente contra o ministério das mulheres, como já dissemos. Estabeleceu-se um tensionamento muito grande, que acabou por abalar a saúde já frágil de Vingren, que era procurado pelos homens para que resolvesse o “problema” da sua mulher, numa visão e comportamentos que evidenciam a concepção de tutelamento da mulher ao seu marido. Uma representação muito forte. Não está tão longe o tempo em que os homens falam entre si sobre questões relacionadas às mulheres.

O fato é que o missionário pastor Samuel, declaradamente inimigo do exercício do ministério por mulheres, realizou articulações amplas, frente às resistências apresentadas por Frida em seguir as suas “ordens”. Trouxe para falar com Gunnar o outro pioneiro fundador da AD, Daniel Berg, o pastor sueco Lewi Pethrus, de quem Frida tinha traduzido conteúdo dos sermões. Todos contra a participação de mulheres no ministério. A tolerância era apenas no nível testemunhal, não em ministérios.

Na Convenção Geral da Assembléias de Deus do Brasil (CGADB), realizada em 26 de junho de 1930 em Belém, que foi amplamente mobilizada devido aos

interesses colocados sobre a questão da participação das mulheres, segundo registros (disponibilizados no vídeo referenciado), Frida Vingren foi a única mulher participante para defender a inclusão das mulheres.

Inteligentemente, Frida utilizou os próprios sermões dos seus grandes opositores para mostrar a importância da participação da mulher e também números de mulheres que foram convertidas nos trabalhos realizados, que na época representavam 2/3 dos participantes.

A CGADB de 1930 discutiu entre os temas polêmicos⁴⁷ a participação das mulheres, sem a presença de mulheres, logicamente, aprovou o não reconhecimento de exercício de ministério. Apenas a presença testemunhal e exceções quando do "princípio de necessidade", ou seja, quando houver ausência de homens para o fazê-lo. Já apresentamos essa prática na Reforma Protestante.

O desfecho foi muito triste e complicado. Vingren adoece gravemente, lê-se que em consequência de tantos tensionamentos, em que esteve ao lado de Frida, e em 1933 entrega seu ministério e volta com Frida à Suécia para tratamento, onde vem a falecer. Frida fica viúva e com cinco filhos para criar, enfrentando ainda resistência à sua participação na Igreja da Filadélfia, controlada por Lewi Pethrus, que se tornou seu grande inimigo e que era amigo de infância de Daniel Berg. As relações eram estreitadas entre os que dominavam as igrejas. Não obteve apoio para voltar ao Brasil, país onde viveu por 15 anos e sentia-se emocionalmente vinculada.

Por iniciativa própria consegue recursos para o retorno, mas conta a biografia que, na estação, pronta para embarcar em direção ao Brasil, com os seus cinco filhos, foi impedida por membros da Igreja, que a retiraram do trem, a internaram compulsoriamente em um hospital psiquiátrico, em 1934. "Uma rede de fofocas encadeada pelos homens contra a vida pessoal e íntima de Frida, culminou na fabricação de uma 'loucura'" (VILHENA, 2018, p.2019). Seus filhos foram entregues para adoção. Após o internamento, reúne-os e toca a vida que já não era mais a mesma. Frida apresenta um quadro de alucinações constantes. Muito doente, chegando a pesar 40 quilos, morreu em 30 de setembro de 1940, longe do Brasil, onde disse ter deixado o coração. A sentença que Frida recebeu não foi só do não

⁴⁷ Entre os temas polêmicos estava o fato de que os pastores brasileiros lutavam para ter o controle da CGADB que estava na mão dos suecos. Sobre a polêmica, há materiais disponibilizados em: <<http://mariosergiohistoria.blogspot.com/2017/03/>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

exercício do ministério, foi uma sentença de morte, lenta e dolorosa, da inquisição, agora, evangélica.

A história de Frida (FARIAS, 2016) se tornou um material visual a partir de reflexões do sociólogo e evangélico Gedeon Alencar, uma das referências do presente trabalho. Frida sofreu “com o processo de apagamento da história, mas também todas as mulheres assembleianas, que herdaram o prejuízo desse engendramento de poder e dominação aprendido no sistema cultural patriarcal da dominação masculina” (VILHENA, 2018), e para a autora, submete as mulheres, por meio de uma teologia e um discurso religioso, que atua como um mecanismo de poder.

Para alguns, Frida é considerada uma primeira mártir por conta dos grandes sofrimentos enfrentou pela sua condição de mulher e na luta incansável pela emancipação das mulheres. Outros contribuíram para seu esquecimento na história das ADs, pois, nem o jornal "O mensageiro", do qual ela participou e contribuiu por anos, foi capaz de emitir uma única nota por conta da sua morte.

O que todos deveriam e merecem saber é que Frida Maria Stranddberg, foi uma mulher evangélica com grande capacidade de luta, de resistência, e de grandes contribuições, como tantas outras que ainda permanecem na invisibilidade, violentamente silenciadas pelas estruturas de dominação. Mas não para sempre.

Figura 6 - Frida Vingren entre os missionários suecos no Brasil



Fonte: Araújo (2014).

Uma foto da primeira CGADB realizada em 1930 é apresentada na figura 7. Trata-se de uma Convenção que nasce cingida por disputas e polêmicas. Uma prática

que se tornou constante na história das ADs, conforme pode ser acessado no material intitulado “Memórias das Assembleias de Deus - CGADB - nascida sob o signo da cisão”.

A liderança machista nacional encontrou em Nyström o apoio que necessitava. Ele, em contrapartida, tinha no machismo brasileiro os votos de que precisava para manter seus intentos misóginos e a desigualdade entre homens e mulheres nas esferas de poder da Igreja Assembléia de Deus brasileira. A alquimia estava feita: machismo-sexismo-misoginia. Já que as coisas estavam em franca mudanças em sua terra natal, Nyström resistiria a elas em terras brasileiras. O resultado foi que os pastores brasileiros assumiram a direção das Assembleias de Deus nas regiões Norte e Nordeste e as mulheres passaram a ser oficialmente impedidas de estar à frente dos trabalhos. Esse foi o resultado da primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. (VILHENA, 2018, p. 232).

Figura 7 - Convenção da CGADB, realizada em 1930

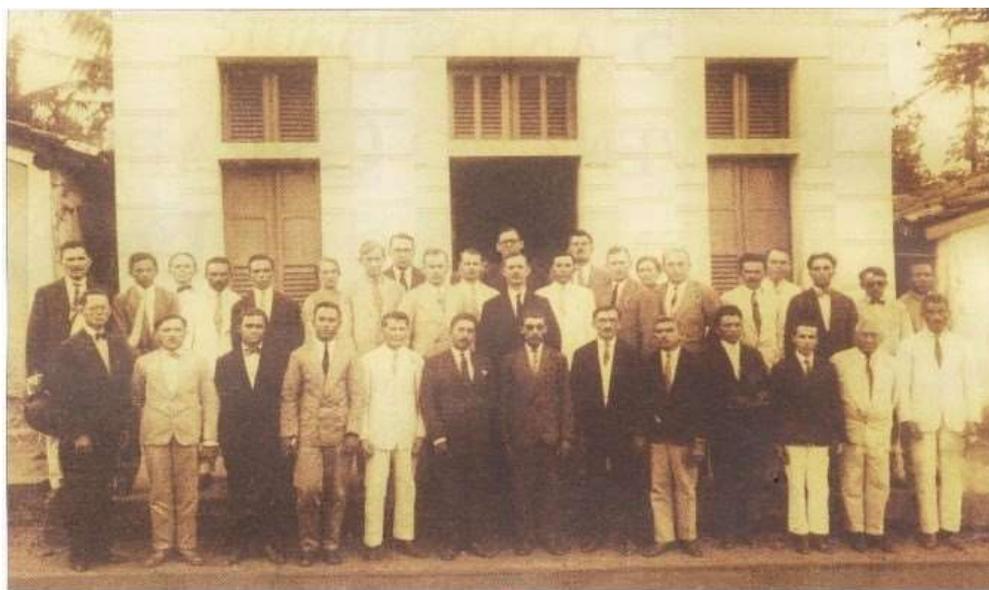


Foto histórica com pastores nacionais e missionários suecos à frente do templo da AD em Natal por ocasião da primeira edição da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil

Fonte: Memórias... (2017).

Na pesquisa realizada encontramos outros vídeos sobre as mulheres. Um deles sobre as mulheres dos pastores, que está disponibilizado nas referências, onde ficam evidentes as representações de gênero sobre o bom comportamento para as mulheres. Frida Vingren está contemplada em uma menção rápida que enaltece seus dotes artísticos e sua capacidade oratória em português, que aprendeu em dois meses.

As referências mais enaltecidas, e onde se "gasta" mais tempo em descrever, giram em torno das seguintes representações:

- a) Mulheres de poucas palavras, silenciosas;

- b) Boas mães e esposas;
- c) Caprichosas;
- d) Amorosas;
- e) Obedientes a Deus e a igreja;
- f) Discretas, entre outras.

A maternidade e o cuidado foram lapidados pela religião⁴⁸ na socialização de meninas e jovens na esfera privada e pública. Atributos essencialistas, como sobriedade, docilidade, meiguice, zelo, recato, cuidado, atenção, discrição, amorosidade, solidariedade, serenidade, resignação, entre outros, são apresentados como se fizessem parte da *natureza* das mulheres. “O ideal de mulher como mãe e dona de casa (...) serve mais aos interesses dos homens que precisam de mão-de-obra gratuita para cozinhar, lavar e cuidar dos filhos (...)” (SCHIEBINGER, 2001, p. 13). Em suma: cuidado para as mulheres, comando para os homens, é o que se constata especialmente na política e nas Igrejas.

Para Ruth Hubbard (1993), os elementos da ideologia da natureza feminina comprovam que os homens não desejam perder o tipo de atenção e os serviços pessoais que ainda estão habituados a receber de suas mães, esposas ou irmãs.

A impressão que passa por conta dos marcadores de gênero, ou seja, as formas de classificação: mulher, branca, hetero, evangélica entre outros, apresentados em material produzido para comunicação interna e externa, é que todas, na prática, mas cada qual do seu jeito exerce o que uma esposa de pastor diz literalmente: “O ministério de serviço aos seus respectivos maridos, que são pastores, ou seja, tem as representações impostas e as assumidas “livremente” em teoria (CHARTIER, 1990). As esposas enfrentam e estão expostas a permanentes deslocamentos geográficos constantes, onde perdem referências locais e os laços afetivos são rompidos” (BANDINI, 2014).

Mas segundo Bandini (2014), há resistências variadas no interior do pentecostalismo que reproduz a subordinação das mulheres. Com relação especialmente às mulheres mais pobres, adesões são justificadas por conta de que estar na igreja favorece a sobrevivência devido aos laços de solidariedade que são construídos e disponibilizados (MACHADO, 1998), mas não significa adesão integral.

⁴⁸ Muitos textos bíblicos fazem referência ao papel e as funções da mulher, a exemplo de: Atos 9:36-39, 1 Timóteo 3:11, 5:10; Efésios 5:22-24; 1 Pedro 3:1; 1 Coríntios 14:34-35; Provérbios 31, entre outros. (BÍBLIA, 1990).

Pode ser pequena, mas resistências acontecem, como o caso da mulher de um pastor no Pará (exposto no vídeo disponibilizado), que foi a primeira mulher no Estado a adquirir uma carteira de motorista. É um exercício de poder. Michel Foucault, na História da sexualidade, já mostrou que "onde há poder, há resistência", porque "ambos estão presentes em toda a rede de poder" (FOUCAULT, 1987, p. 47). É muito comum ouvir nas narrativas evangélicas, especialmente de mulheres que diante de dificuldades econômicas, sociais, saúde, familiares, amorosas, etc., frases como "Deus prepara", "Deus age", "Confie em Deus que ele resolve" entre outras. Sem entrar no mérito dessas afirmações, mas lembrando de um autor caribenho Stuart Hall (1997), que promoveu uma "revolução" nos binômios base-superestrutura, uma referência marxista, defende que a cultura não pode ser vista como mero reflexo das relações econômicas, mas como parte constituinte da realidade social.

A proposta de Hall (1997) é que se reflita sobre as identidades individuais, apontando como nossa condição de sujeito não é simplesmente "autônoma", mas ela é constrangida pela cultura vivida no cotidiano.

O que denominamos "nossas identidades" poderia ser melhor conceituado como sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e poderíamos "viver" como se viessem de dentro, mas que sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências únicas e particularmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são formadas culturalmente. (HALL, 1997, p. 26).

3.6 A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS – IURD

Sobre a IURD muito se sabe, pelo menos sobre o que é exaustivamente veiculado nos meios de comunicação e informação social. Esta poderosa e internacional igreja foi fundada por iniciativa do carismático⁴⁹ pastor Edir Macedo⁵⁰, em janeiro de 1977, no Rio de Janeiro. Acumula sucesso extraordinário e rápido crescimento, resultante da prática e da ênfase na chamada "guerra espiritual", investimento forte na mídia e na política e suas atividades concentradas acaba permitindo grande diversificação e ampliação das suas bases religiosas (FREESTON apud ORO, 2004).

⁴⁹ Aqui a expressão é utilizada no sentido Weberiano, daquele que detém um carisma e é reconhecido por ele, especialmente o político e religioso.

⁵⁰ Nascido em 18 de fevereiro de 1945, Edir Macedo Bezerra, é o líder fundador da IURD, é bispo da igreja, além de ser empresário e escritor. Proprietário do Grupo Record e TV Record, uma das maiores emissoras de televisão no Brasil.

Oferece um serviço de "cura das enfermidades" tanto físicas como espirituais, que muito agrada a tantos necessitados de atendimentos, em todas as áreas, em um país rico em tantos bens naturais, mas essencialmente desigual do ponto de vista humano. Promove uma luta espetacular e intensa contra o "demônio" que tanto persegue a humanidade, e é o causador de fracassos, dramas e sofrimentos, na visão da igreja; combatido com uma estética show, (CASTILLO; ZEÑIGA, 2017).

Mas qual é a imagem física do "demônio"? Segundo o professor Ronaldo de Almeida⁵¹, o "demônio", em decorrência do seu desempenho, vincula-se muito às figuras religiosas das religiões afro-brasileiras especialmente, e dá destaque à "Pomba Gira", que anda com as mãos cruzadas pra trás ou com as mãos na cintura e gritando, misturado a outras dinâmicas de uma igreja evangélica.

A performance religiosa da "Pomba Gira", invocada pela IURD em seus rituais de "expulsão do demônio", se aproxima, apropriando e desvirtuando símbolos e entidades afro-brasileiras, dos rituais religiosos dos terreiros de Candomblé e Umbanda. Na IURD, a "Pomba Gira" é um ser do mundo espiritual, invisível, que ao "incorporar" nos médiuns assume-se como uma mulher que transgride as normas, é sensual, sedutora, corajosa, vaidosa, bela. Várias em uma, e em uma, várias. Todavia, um "demônio". Novamente incorporado no feminino? Novamente mulher? Mas pode ser uma chave de leitura importante para as representações de gênero que estão postas nesses rituais com relação às mulheres e o perigo da sexualidade livre, que precisa ser controlada, domesticada, castrada, expulsa e normatizada.

Uma normatização cruel sobre o corpo, principalmente sobre o corpo das mulheres, justificando o perigo do impulso da liberdade da sexualidade, essa força normatizadora já escravizou e continua construindo hierarquizações sobre a sexualidade de ricos sobre pobres, de brancos sobre negros, de homens sobre mulheres, de hetero sobre homossexuais, de jovens sobre idosos, de ocidentais sobre orientais, de cristãos sobre judeus, de judeus sobre palestinos. Uma demonstração da heteronomia da injustiça de gênero. (VILHENA, 2018, p.157).

De acordo com Almeida (2009), há uma ênfase em que o exorcizado (a) se ajoelhe e bata a cabeça para Jesus, entre outros atos, pois "demônios" são as coisas que estão em nossas cabeças, que remoemos atacando o outro (ALMEIDA, 2009). Do ponto de vista não religioso, tem-se a impressão que a Igreja contraditoriamente

⁵¹ Professor da Unicamp, sociólogo e lançou o livro: A igreja Universal e seus demônios (ALMEIDA, 2009).

acaba se parecendo com aquilo que combate, ou seja, combate o “demônio”, mas o incorpora em seus ritos.

De um lado a representação de gênero na figura performática, sedutora e transgressora da Pompa Gira, encarnação do próprio mal, a sexualidade, com jeito e trejeito de mulher, e de outro, as representações assumidas pelos corajosos homens de fé que lutam para derrotar o mal por meio de uma performance político-religiosa. O sexo é sempre político, afirma Rubim (RUBIN, 2003), e está na cabeça e parece não querer sair, apesar das cruzadas históricas contra ele.

Outra representação de gênero, muito forte na IURD, diz respeito aos Gladiadores do Altar, que são jovens, todos são homens em situação de risco, resgatados e preparados pela IURD para servir exclusivamente a Deus, fazendo parte do "Exército do Senhor" contemporâneo. A existência de tal exército gerou repercussão, polêmica, e mesmo, insegurança, sobre a possibilidade de estar sendo preparada uma "ditadura" religiosa, com posicionamentos contra o gênero.

A comunidade LGBTI, especialmente, ficou muito apreensiva, pois, apesar do Estado Laico, na prática, grupos fundamentalistas cristãos tentam estreitar a democracia para a comunidade, impedindo que casais homossexuais possam adotar crianças ou se casarem, entre outras restrições.

Diante da reação preocupada da sociedade, que se assustou com jovens sendo apresentados como gladiadores dispostos a lutar, a IURD manifestou-se publicamente:

A Igreja Universal do Reino de Deus afirma que o projeto “**Gladiadores do Altar**” é um projeto que busca resgatar jovens de todas as idades em situação de risco e prepara-los para servir exclusivamente ao ‘**Senhor**’. A participação no projeto é opcional para aqueles que querem levar o evangelho deixado por Cristo há milhares de anos, em cumprimento ao registrado em Marcos 16:15: “Ide e pregai o evangelho a toda criatura.” A instituição religiosa diz ainda que ao invés de praticar a intolerância “o projeto realiza reuniões semanais com os rapazes que estão dispostos a abrir mão de suas vidas para que outras pessoas sejam ajudadas”. (QUEIROZ, 2015).

A representação de gênero é muito clara no projeto "Gladiadores do Altar" e no sentido do conceito. Estão prontos para lutar por Deus. Respondem como se fossem um exército a uma chamada do bispo, que pergunta sobre o que desejam e gritam: Altar, altar, altar! Todos trajados com calças de gabardine, camisas de algodão estampada com escudos "exército" e mocassins. Entram e saem marchando, causando um barulho enorme.

Estão presentes em vários países. Na Argentina foram oficializados a pouco mais de três anos. Não se sabe muito sobre eles, pois, há uma preocupação da IURD com o controle de informações, como já foi dito. Utilizamos o grupo apenas na intenção presente neste trabalho que é de evidenciar as representações de gênero que estão presente na igreja e como elas são constantemente reproduzidas.

Figura 8 - Gladiadores de Altar



Fonte: Os Gladiadores... (2018).

Nota: o vídeo sobre o grupo, encontra-se disponível na mesma fonte.

A questão religiosa também se configura em um grande empreendimento religioso, que está simbolizado por suntuosos templos distribuídos pelo país e fora dele também. A IURD apresenta tática e estratégias eficazes para atrair novos fregueses, com base em uma fundamentação denominada Teologia da prosperidade, que não só autoriza o enriquecimento, como também o julga abençoado. Apresentou crescimento significativo e constante a partir dos anos de 1980, na esteira que marcou o auge do neoliberalismo, (CASTILLO; ZEÑIGA, 2017). Estas novas e renovadas igrejas são conhecidas com o mesmo rito e influência fundacional pentecostal, como já vimos anteriormente, onde os pastores são ungidos com o Espírito Santo.

Trata-se de uma igreja “moderna” do ponto de vista do uso de recursos midiáticos, mas conservadora no que diz respeito às relações de gênero. Bandini (2014) conta que na realização do trabalho de seu doutorado encontrou muitas dificuldades em ter acesso às mulheres da IURD, e destacou

[...] o excesso de controle da Igreja sobre as mulheres esposas de pastores e o processo de renomeação, que resulta na marca da mulher sem nome. A IURD tem o público majoritariamente feminino e suas práticas estão divididas entre o modelo tradicional (funções auxiliares que reproduzem o modelo feminino) e o modelo moderno (mulheres na mídia e na política). Existem poucas pastoras iurdianas no Brasil e o principal pré-requisito para essa

função é ser esposa de bispo da IURD. No Estado São Paulo há duas pastoras que exercem suas funções nas catedrais de Campinas e São Paulo. Elas não praticam o “rodízio” institucional, ou seja, a circulação de uma igreja para outra, como os demais pastores com suas esposas e filhos/as, porque os bispos permanecem nas catedrais. Entretanto, existem cinco pastoras solteiras que, por esta condição, não podem ser ordenadas ao ministério. Elas trabalham no sistema de revezamento na Catedral de Santo Amaro e, especialmente para essas mulheres, o casamento com um pastor torna-se um processo de renomeação, pois quando elas se casam com os pastores tornam-se “esposas de pastores”. A partir desta condição, elas começam o processo migratório imposto pela instituição aos casais de liderança. Este processo de renomeação marca as práticas sociais e força uma contínua reorientação da trajetória social das mulheres iurdianas. O controle da Igreja sobre as mulheres dificultou o trabalho de campo. (BANDINI, 2014, p. 27).

Na análise que fez sobre as mulheres do século XX, a historiadora Michelle Perrot demonstra que a religião católica mantinha o controle sobre a educação das meninas, elas deviam ser “criadas aos joelhos da Igreja” (PERROT, 2002, p. 193). É uma aguçada observação, que serve para todas as demais igrejas. Só que as meninas crescem e os joelhos podem enfraquecer.

3.7 A DESCONSTRUÇÃO DE GÊNERO QUE DESAFIA O RELIGIOSO

A análise do campo religioso nos segmentos propostos, entre eles o Pentecostal e o Neopentecostal, apresentado neste capítulo, foi motivado pelo interesse de perceber como estão constituídas e são reproduzidas as relações de gênero no interior das referidas Igrejas, inseridas em um contexto machista e patriarcal, onde as mulheres são valorizadas na medida em que reproduzem os papéis sociais tradicionalmente considerados femininos, condicionados ao campo doméstico e da submissão. E, enquanto se ocuparem de tais tarefas e condições serão bem-vindas à igreja, caso contrário, se tornarão mulheres perigosas e destemperadas, como foi tratada Frida Maria Strandber, a Frida Vingren. Mais interessa especialmente o entendimento sobre como articulam, na sociedade, posicionamentos referentes à família e formação/educação pedagógica, em vista da manutenção do poder e do enfrentamento à “ideologia de gênero”, e de se tornarem guardiãs da moral alheia, com normatizações cruéis sobre os corpos, especialmente das mulheres. Interessamos entender como o campo religioso repassa, reitera, performatiza, pensa e repensa os conteúdos gendrificadas, articulados com os temas propostos e contemplados na “ideologia de gênero”, como família, formação e educação e o campo da pedagogia. Continua sendo importante e determinante nas histórias pessoais, no rumo do Brasil, na formação do povo brasileiro, na lógica de povos colonizadores, nos segmentos

colonizados, nas relações de gênero. A religião é uma força condutora na história, e uma chave hermenêutica desta.

Fomos marcados pela religião, que segue sendo importante e determinante nos rumos do Brasil, bem como na formação contemporânea do povo brasileiro, desejo de muitos, e tristeza de outros. A religião, sem dúvida é um fato social, importante, queiramos ou não, gostemos ou não. É dogmática e tem uma percepção simplista sobre a existência, condicionada ao desejo de Deus. A religião oferece a possibilidade de adesão a uma determinada crença, irresistível para uma parcela significativa da população. Sem alguma espécie de crenças não dá para caminhar. Afinal, como disse o poeta, "viver não é preciso". E diante de tantos desafios que a vida e as religiões nos apresentam, fica muitas vezes bem difícil ser "radical" no bom senso e na moderação.

Mas pessoas consideradas abjetas por transgredirem a norma, continuam discriminadas cotidianamente, enfrentando altos índices de violências preconceituosas, em que pese as garantias constitucionais, e também por pessoas do campo religioso e político, que, em tese, deveriam acolher e não excluir. É também “no campo das expressões religiosas que se encontram espaços para resistência e sobrevivência” (PEREIRA, 1996, p. 9).

As igrejas não são unidades herméticas, fechadas e incomunicáveis. Elas refletem também, ou principalmente, as contradições e ambiguidades presentes na sociedade e no interior delas mesmas, visto que por igrejas não se deve entender as grandes e imponentes estruturas, como os grandes templos da IURD ou da AD. Mas por igreja se entende as pessoas que se reúnem, se organizam e prestam louvores nessas suntuosas estruturas, ou nos cultos domiciliares, espalhados por todo o país, especialmente nas regiões mais carentes e sujeitas a tantas violências.

A religião é um mecanismo de manutenção do poder, e neste sentido, os movimentos sociais, especialmente feministas, fazem o enfrentamento a tantas igrejas, frente ao seu ativismo antiético, contraditório do ponto de vista da mensagem cristã. Utiliza-se de um eficiente trabalho de marketing a serviço da fé e da política, sem nenhuma possibilidade dialógica sobre as teorias de gênero, que pudessem ao menos promover um esclarecimento mínimo sobre o conceito, e o fizessem chegar às suas bases.

Os ressentimentos são gerados pelos ataques obtusos aos avanços conquistados pelos movimentos sociais, especialmente os feministas, na luta contra

a violência, que chega a atingir números elevados de mulheres evangélicas, que são constantemente condicionadas a esperar pela solução dada pela providência divina, quando o caso é de política em defesa da vida, desvirtuando a essência do cristianismo, e seus mecanismos de manutenção de poder.

Para os movimentos feministas é arbitrária a assimetria de gênero e precisa ser constantemente denunciada, pois, escondê-la é contribuir para que se torne um forte instrumento de opressão. Outra medida que está posta é o de denunciar a tentativa de criminalizar o exercício profissional docente, por considerar que pode ter uma conotação doutrinal, especialmente contra a chamada "ideologia de gênero" que esta ideologia está sendo anunciada e debitada na conta de educadores (as) de linha perigosamente, progressistas e feministas, como se identidade de gênero, fosse algo escolhido, portando, uma invenção destes. Falar sobre sexualidade nas escolas é algo perigoso. Pelo visto, o sexual monopolizou de forma muito aguda os rigores da doutrina religiosa: "o sexual por comover profundamente o indivíduo, por lhe suscitar foi especialmente enclausurado, injuriado, massacrado. A raiz de nossa existência, que é – queiramos ou não – corpórea e corporalizante" (FORCANO, 1996, p. 33), mas segundo o autor, parece que o sexual, nos envergonha, e que continuamos arrastando essa vergonha secularmente. É o que se constata nas polêmicas em torno de gênero que ao que tudo indica parece que vai se prolongar, pois, o presidente eleito, Jair Bolsonaro, se comprometeu pessoalmente fazer um ferrenho enfrentamento ao conceito.

Retornando às igrejas Assembléia de Deus (AD) e Universal do Reino de Deus (IURD), ambas desenvolvem estratégias sofisticadas para arregimentar e motivar a adesão de fiéis às suas respectivas igrejas. Recebem prontamente, cada qual à sua maneira, os homens e as mulheres dispostos a abraçar tal fé, seguindo as suas regras, simbologias, doutrinas, normas, que determinam estatutos, identidades e papéis diferenciados estabelecidos para os fiéis masculinos e femininos.

Nas igrejas evangélicas pentecostais, os (as) fiéis são orientados (as) por uma moral religiosa restritiva, como é o caso da AD e da IURD, o que significa ganhos e perdas com a decidida adesão. Os homens adquirem prerrogativas ou privilégios no exercício da prática de fé nas igrejas que decorrem da teologia masculina, "paterna", com ausência irremediável da "mãe" que possa equilibrar as narrativas religiosas no que diz respeito às relações de gênero, no âmbito institucional. Aliás, maternidade e família estão sempre na ordem do dia nos discursos e narrativas religiosas.

Enaltecidas como o grande dom de serviço divino, são representadas e valorizadas das mais variadas formas, exceto quando fogem do campo heteronormativo, sagrado.

Família e maternidade representam, no discurso evangélico, o grande e inexorável destino das mulheres, o que potencializa a condição de sofrimento de mulheres que não podem engravidar, e também de seus respectivos companheiros em uma sociedade cuja narrativa diz que a felicidade passa necessariamente pela maternidade e paternidade. Há controvérsias, pois, não é bem assim. É possível ser feliz, sem filhos ou filhas.

Mas o discurso bíblico religioso liga as mulheres a uma condição permanente de fertilidade, e as que não engravidam, são o ponto "fora da curva", bíblicamente chamadas "árvores secas", mobilizam céus e terras, sujeitando-se a sacrifícios em busca de tecnologias reprodutivas, como explica os estudos de Tamanini (2003) para corresponder a discursos de destino inexorável e representações postas pelas igrejas sobre a necessária condição de paternidade e maternidade.

Muitas mulheres se sentem representadas em um destino que lhes confere a possibilidade de se empoderarem diante da maternidade e do ministério pessoal, destacado nas falas de esposas de pastores como um cargo vitalício e intransferível de seu compromisso de criar bons filhos e atender bem às necessidades de seus respectivos maridos e lares, cumprindo a expectativa divina e religiosa.

Cria-se uma expectativa de que quanto melhor forem os filhos, constituídos como verdadeiramente "gente de bem" jargão usado por Bolsonaro na campanha de 2018, para enaltecer as pessoas responsáveis e cumpridores de seus deveres e da lei. Coloca-se a responsabilidade pela educação dos filhos e das filhas, especialmente sob a responsabilidade das mulheres. Que será supostamente avaliada, pelos resultados obtidos na criação dos filhos e filhas. E será enaltcida, sentindo-se honrada, enquanto mãe, mulher, religiosa, junto às suas irmãs e irmãos de fé, cumpridora de suas "obrigações" e supostamente contente pela satisfação do dever cumprido e reconhecido. Sobre o dever de boa mãe ou bom pai, é um discurso possível de escutar em muitas famílias, que manifestam satisfação, inclusive pelos sacrifícios realizados e superados.

E, na perspectiva das representações postas, que determinam os critérios estabelecidos, para avaliação do que é ser uma "boa mãe", resta para aquelas/aqueles que por mil motivos, não puderam dentro dos padrões estabelecidos, criar "filhos do bem", filhos considerados "desviados" do bem, para usar uma

expressão comumente utilizada no meio evangélico, a conclusão a que se chega, é de que mães e pais (mas principalmente as mães), falharam ou não estiveram à altura na sua missão, não importando o quanto tentaram, apenas o resultado, obtido.

Os homens, na perspectiva religiosa, especialmente evangélica, têm a possibilidade de se tornar pastores, bispos e desempenhar uma série de outras funções, não necessariamente, pais. Com relação às mulheres, a visão bio-científica, motiva para a realização na maternidade, em promover o equilíbrio no lar, os espaços são mais restritivos. São as representações do masculino e feminino, marcadas essencialmente pela diferença, enaltecida e entendida enquanto condição de complementaridade. Há uma clara relação exclusão/participação nas práticas religiosas cotidianas que correspondem à mesma relação em termos simbólico social dominante. A subjetividade religiosa, da pessoa convertida, pode ser pensada no desejo de encontrar um significado e um lugar, específico e especial neste mundo, sem esquecer da necessidade de um mínimo de reconhecimento.

"Meninos vestem azul, meninas vestem rosa", é o jargão binário restritivo defendido pela Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves, que discorrendo sobre relações homoafetivas em desenho para as crianças. Uma tentativa de alimentar o "pânico moral", acendido pelo suposto *kit gay* e a tal mamadeira erótica, fakes news de campanha, tão cômico como trágico. Cabe destacar que a ministra Damares, é filha de pastor, e também pastora da Igreja Batista, inclusive foi abusada sexualmente, como a própria divulgou, e adquiriu projeção, por conta das frases de efeito polêmico e por aparecer em um vídeo com as mãos sujas de sangue, na cruzada religiosa contra o aborto.

Mas o jargão utilizado pela ministra forneceu a oportunidade para que a primeira Dama, Michele Bolsonaro, também evangélica pentecostal, da Igreja Batista Atitude, iniciasse a utilização de camisetas nos espaços públicos, com mensagens diretas sobre gênero. Em uma estava escrita frase proferida pela juíza que fez julgamento de Lula: "Se começar assim, você vai ter problemas" e em outra: "somos diferentes sim!", em claro posicionamento à gênero. A primeira camiseta demonstra vontade de protagonismo reativo, pro-ativo, que vai para cima, reage. E na segunda a sua posição política e "bio-científica" sobre gênero.

A religião é política, e as igrejas pentecostais exercem inegável influência na política, controlando partidos e parlamentares, eleitos ou com vontade de se eleger. Apoiaram a eleição de Dilma Rousseff e também retiraram o apoio, contribuindo

significativamente para o seu impeachment, marcado por claras evidências de preconceitos de gênero. Portanto, se faz necessário considerar o quanto, nas relações de gênero, se manifesta as relações de dominação. São detentores de uma pauta moral, que desejam ver aplicada na sociedade como um todo.

Note-se que a religião se manifesta como uma forma de violência simbólica (BOURDIEU, 1989), evidenciadas em representações práticas. São em geral melhor vistas as pessoas e consideradas como pessoas de bem, de elevada índole e que certamente ou evidentemente, acreditam em Deus. Uma condição *sine qua non* para se estar entre as pessoas de bem. E, traça-se imediatamente um complicado "bio-tipo" da pessoa perigosa: negra, homossexual, migrante e atea.

No pleito de 2018, houve apoio massivo dos evangélicos para a eleição de Bolsonaro, especialmente das ADs e da IURD, que fizeram de cada uma de suas Igrejas espalhadas no país, um palanque eleitoral em favor dos seus candidatos. Pierucci chama atenção para o fato de que no Brasil "declarar não acreditar em Deus, ou vacilar na resposta, possa pesar negativamente em uma disputa eleitoral" (PIERUCCI; PRANDI, 1996, p. 211).

Se a presença feminina é muito reduzida na política, não acontece o mesmo com a participação feminina nas igrejas pentecostais e neopentecostais, que é muito grande. Estudos indicam que chegam a proporção de 56% de participação feminina na Igreja Assembleia de Deus, segundo Bandini (2015). E maior ainda na IURD.

Na IURD, a proporção de mulheres aumenta consideravelmente, havendo 81% de mulheres e 19% de homens – portanto, uma média de quatro mulheres para cada homem. Esse desequilíbrio de gênero tem sido destaque nas análises de alguns estudiosos (Machado, 1996, 1998; Mafra, 1998; Araújo, 2001; Couto, 2002), já que ressalta a importância da mulher nos rumos desta instituição. (BANDINI, 2011).

Os fiéis acabam se adaptando aos severos valores morais que regem a organização, também em decorrências dos ganhos, maiores que as perdas. Não há sérias insurgências registradas contra as representações sociais tantas vezes, tão ingenuamente ou astutamente, colocadas e reproduzidas. Elas são uma ferramenta importante para descortinar as concepções e percepções que estão operando a partir delas, tanto nas dimensões do micro e como no macro, mesmo porque as mudanças são sempre possíveis.

James Scott (1990) traz um conceito que julgamos importante nas resistências cotidianas, mas pouco considerado ou valorizado nas reflexões, que é o de armas

comuns. O autor não trabalha com o conceito de classe, mas fala das resistências individuais, coletivas, solidárias, ocultas, sem muita relevância, mas que aos poucos vai minando as relações de subordinação.

Armas comuns são as ações como as dissimulações, fofocas, ignorância fingida, falsa submissão, vagarosidade no desempenho de tarefas, entre outras (SCOTT, 1990). Enfim, uma série de ações que são desencadeadas enquanto formas veladas de insubordinação e resistências, dentro dos parâmetros estabelecidos pela ordem.

As igrejas pentecostais insistem em um padrão de comportamento moral, de usos e costumes, que deve obedecer às regras da simplicidade e dos bons costumes, e que atinge especialmente a mulher congregada. Na AD, por exemplo, uma mulher virtuosa e temente a Deus não cortava no passado os cabelos, não se maquiava, nem se depilava, nem usava adereços e vestia-se com simplicidade e decência. Nada de decote provocante, ou amostra de pernas sedutoras. Essa era a representação da mulher séria e virtuosa.

A beleza da mulher evangélica estava representada no recato. E era exatamente esta narrativa, de uma beleza que se mostrava por si só, sem necessidade de realces, e trata-se de "um capital simbólico" (BOURDIEU, 1989), que pode ser inclusive servir de barganha e motiva galanteios, pois, "ao longo da história, as mulheres foram identificadas com o seu sexo, confundiram-se com ele, e a ele se reduziram" (PINSKY, 2012, p. 471). Para a mulher "evangélica", uma outra distinção que pesa e exige um comportamento disciplinar, ser "mulher de bem", distinguir-se como uma verdadeira "mulher honesta", nos gestos, comportamentos e modo de vestir-se.

O homem evangélico deveria vestir-se com simplicidade e seriedade. Isso significava roupas clássicas, ternos e gravatas. Nos lares evangélicos era proibido ver televisão, por exemplo. O discurso religioso tem grande influência sobre os corpos e lares evangélicos. Quem desrespeitasse a regra deveria sofrer sanções aplicadas pelos pastores, homens "ungidos por Deus", portanto, com autoridade indiscutível.

Mas com o advento da entrada das igrejas ADs e IURDs, na área tecnológica, na área da comunicação e informação, tudo mudou. A AD que era mais inflexível do que a IURD com relação aos usos e costumes, retirou a conotação de pecado, com relação à TV, e as mulheres já podem cortar os cabelos, pintar as unhas, depilar-se, entre outros. Enfim, o pecado se transforma conforme a conveniência, especialmente

para aqueles que atuam a partir de um projeto posto, que é o caso das duas igrejas que estudamos.

Agora, tanto as ADs como as IURDs, vão poder contar com suas próprias universidades para formar seus fiéis e futuros profissionais. Sobre a FAECAD já falamos. Foi criada também a “Faculdade Republicana Brasileira”, ligada ao PRB, partido controlado pela IURD, cujo lema é: “Aqui formamos cidadãos, não militantes” (FRAZÃO, 2018). Bolsonaro e Edir Macedo estão unidos no ativismo religioso antigênero e na proposta do Projeto da Escola Sem Partido. O campo educacional parece ser o próximo grande investimento das religiões, e já estão trabalhando para mudanças significativas neste campo.

Na área educativa, o campo evangélico mostra que aponta em outra direção, diferente das nossas universidades públicas brasileiras, constantemente alvejadas e responsabilizadas pela produção de conhecimento na área de estudos de gênero que fortalece a perspectiva de alargamento da democracia. Mas sobre o ativismo religioso direcionado para a educação, falaremos posteriormente, bem como se as representações de gênero das Igrejas são ou não entendidas, incorporadas pelos (as) estudantes de Pedagogia.

4 ESTUDANTES DE PEDAGOGIA: REPRESENTAÇÕES SOBRE GÊNERO E RELAÇÃO COM CAMPOS RELIGIOSOS (PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES)

Neste capítulo analisamos os dados obtidos em uma pesquisa realizada na área da educação, em duas universidades, uma confessional (UC) e outra Universidade Pública (UP), no Estado do Paraná, no município de Curitiba, junto a estudantes de pedagogia. Na UC contemplou os (as) estudantes de 1º e 8º períodos, contando com a participação de 89 estudantes, sendo destes, 87 do sexo feminino e dois estudantes do sexo masculino. Na UP⁵², com estudantes do 1º e 3º anos, totalizando nesta, a participação de 32 estudantes, sendo 30 estudantes do sexo feminino e dois estudantes do sexo masculino. Na soma geral das duas Universidades, a pesquisa realizada de forma presencial contou com a participação voluntária de 116 estudantes, e mais cinco de forma digital, quatro estudantes do sexo feminino e um (a) estudante do sexo masculino, portanto, a pesquisa atingiu 116 estudantes do sexo feminino e cinco estudantes do sexo masculino, somando um total de 121 estudantes, que foram entrevistados (as) nesta primeira fase da pesquisa.

A pesquisa foi realizada por meio da aplicação de questionário estruturado (SEVERINO, 2016), sobre o qual já fizemos referência na introdução deste trabalho, composto por 25 questões fechadas e 15 questões abertas, somando um total de 40 questões. O objetivo foi saber sobre representações que tais estudantes apresentam sobre questões de gênero e a sua relação com o campo religioso na atualidade, que corresponde ao item “b” dos objetivos apresentados no presente trabalho.

A coleta de dados junto aos (as) estudantes de Pedagogia foi realizada no mês de outubro de 2018, nas respectivas salas⁵³ de aula. Vale dizer que a pesquisa foi realizada em um ano marcado por polêmicas, debates e “tramas discursivas” produzidas especialmente pelas igrejas e parlamentares cristãos, sobre questões

⁵² Na Universidade Pública (UP), a organização do curso é anual e contemplamos também os estudantes do 1º ano, os “calouros”, e os estudantes do 3º ano, que estão no “meio”, da graduação em Pedagogia. Infelizmente houve uma confusão da professora que autorizou a pesquisa na sua turma de 3º ano, que trocou a data combinada para um dia em que os estudantes já estavam dispensados de suas aulas, em férias. A professora, preocupada com a realização da pesquisa, solicitou que lhe enviássemos o roteiro (questionário) se dispondo, ela própria, a motivar os (as) estudantes para o seu preenchimento on-line. Assim foi feito. Encaminhamos-lhe o questionário, mas retornaram apenas cinco preenchidos, de uma turma de aproximadamente 25 estudantes. Consideramos que o retorno simboliza uma amostra e decidimos incluí-la na análise do presente trabalho.

⁵³ Como a pesquisa foi aplicada de forma presencial, além de explicar os objetivos da pesquisa, nos colocamos à disposição para dirimir eventuais dúvidas sobre as questões formuladas.

emanadas do conceito de gênero ou da “ideologia de gênero”, como o campo religioso preferiu chamar, por conta das eleições de 2018.

A intensificação das polêmicas em torno do conceito de gênero no momento da aprovação dos Planos de Educação, fato pautado pelas mídias sociais, foi marcada por polarização, em torno da defesa do pluralismo de ideias e concepções pedagógicas e da “ideologia de gênero” como fator de ameaça para os valores e os bons costumes.

4.1 PEDAGOGIA E OS (AS) ESTUDANTES DE PEDAGOGIA

Não é objetivo, do presente trabalho, discorrer sobre a história da Pedagogia. Acreditamos que para este trabalho, basta dizer que se trata de uma área do conhecimento com uma inegável e significativa trajetória histórica, que se firmou “como correlato da educação, entendida como modo de aprender ou de instituir o processo educativo” (SAVIANI, 2013, p. 1). Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 1996) para o Curso de Pedagogia, consubstanciadas nos Pareceres CNE/CP nº 05/2005 aprovada em 13 de dezembro de 2005, e na Resolução CNE/CP nº 01/2006, de 15 de maio de 2006, a Pedagogia desenvolve a formação para a ação docente na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na Educação Inclusiva, Educação de Jovens e Adultos e no Ensino Médio (Modalidade Normal), constituindo-se em um campo amplo de atuação para profissionais da área, segundo o Artigo 4º da Resolução CNE/CP nº 01/2006 (BRASIL, 2006).

Nas diretrizes destaca-se que o objetivo central dos Cursos de Pedagogia é:

[...] a formação de profissionais capazes de exercer a docência na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nas disciplinas pedagógicas para a formação de professores, assim como para a participação no planejamento, gestão e avaliação de estabelecimentos de ensino, de sistemas educativos escolares, bem como organização e desenvolvimento de programas não-escolares. Os movimentos sociais também têm insistido em demonstrar a existência de uma demanda ainda pouco atendida, no sentido de que os estudantes de Pedagogia sejam também formados para garantir a educação, com vistas à inclusão plena, dos segmentos historicamente excluídos dos direitos sociais, culturais, econômicos, políticos. (BRASIL, 2005).

Entre as finalidades listadas para os Cursos de Pedagogia está a especial atenção aos princípios constitucionais e legais; à diversidade sociocultural e regional do país; ao respeito à pluralidade de ideias e de concepções pedagógicas dos

estabelecimentos de ensino e dos docentes para a gestão democrática; à reflexão crítica; entre outras dimensões fundamentais no processo educativo. Por conseguinte espera-se que o (a) egresso (a) do Curso de Pedagogia possa, entre outras funções, “atuar com ética e compromisso com vistas à construção de uma sociedade justa, equânime, igualitária” (BRASIL, 2005, p. 8).

As diretrizes apresentam a importância e a responsabilidade deste campo do conhecimento com seu ideário profissional. Considera-se que se trata de um campo formado por pessoas diversas, portanto, um campo plural que evidentemente apresenta potencialidades advindas de tais configurações e relações conflituosas, de resistências e tensões, pelos vários paradigmas que o compõe.

Trata-se de um campo marcado por trocas e transferências culturais que se operam através da escola (JULIA, 2001), uma das áreas fundamentais de atuação, e constitui-se consensualmente em um espaço cultural de relevada importância. Há quem analise que se trata de um espaço importante para que as “diferenças” sociais, culturais, religiosas, possam deixar de ter um “caráter ameaçador” e que possa contribuir para a desconstrução dos processos naturalizadores, em seu ambiente, avançando efetivamente rumo à desestabilização das culturas dominantes, fortemente instaladas na sociedade, como analisa Candau (2014). O que poderia impedir a permanência e criação de “*apartheids* socioculturais” (CANDAU, 2008 p. 37), especialmente os de gênero, acrescentaríamos nós.

Há de se considerar que nesses espaços culturais escolares, nos mais longínquos rincões, em maior ou menor grau de infraestrutura e várias dificuldades facilmente apontáveis, mas onde as representações de gênero e sociais estão colocadas atuando de forma reposicionadora do sujeito que representa, age e interage nas relações sociais, transmitindo e legitimando cultura.

O campo educacional é apontado como o “vilão” responsável pelos problemas e “desvios”, principalmente os chamados de ordem moral e ética, que estão postos e precisam ser enfrentados na sociedade brasileira e, concomitantemente, não há entendimento que não considere que as soluções necessariamente passem por esse campo, desvalorizado e ameaçado, especialmente na atual conjuntura política brasileira.

Todavia, vale lembrar que esse campo importante do sistema educacional, a Pedagogia, também é “pouco prezada na hierarquia acadêmica” (ROSEMBERG, 1999, p. 157). Apresenta um corpo docente formado por forte recorte de gênero, ou

seja, a Pedagogia obviamente é majoritariamente feminina; tem rosto, corpo e jeito de mulher. Por isso sempre pagou um preço alto em nossa Sociedade. Louro (1997, p. 88), analisa que:

Se as diferentes instituições são constituídas pelos gêneros (e também os constituem), isso significa que essas instituições e práticas, não somente “fabricam” os sujeitos como também são, elas próprias produzidas (ou engendradas) por representações de gênero, bem como por representações étnicas, sexuais, de classe, etc.

Nesta direção, Zaidmam (2009) explica que a produção de categorizações sexistas ou racistas intervém de modo complexo nas relações entre adultos e crianças, entre as próprias crianças, nas instituições ou nos conflitos entre indivíduos. Portanto, é importante “compreender que a justiça, a igreja, as práticas educativas ou de governo, a política, etc. são atravessadas pelos gêneros” (LOURO, 1997, p. 25). E o campo educacional é generificado, especialmente o Curso de Pedagogia, historicamente marcado pela massiva presença feminina. Foi esta a configuração encontrada nos (as) estudantes pesquisados (as). Nas declarações, a grande maioria demonstrou vínculo com os campos religiosos estudados, generificados, ampla participação feminina nas bases, e forte androcentrismo nos cargos de direção. Androcentrismo que é um sistema de pensamento centrado nos valores e identidades masculinas, onde o homem está no centro. Com uma prática comum e generalizada, além da linguagem discursiva, presente nas práticas culturais e institucionais. Uma ordem social masculina (LLANOS, 2010).

Os (as) estudantes em formação vão atuar em ambientes escolares diversos, plurais, e, conseqüentemente desafiadores. Espaços onde as representações (CHARTIER, 1990) podem se reproduzir na prática educativa. É questionado pelas teorias de gênero, pois, necessariamente, de algum jeito ou em algum momento, o (a) pedagogo (a) que está sendo formado (a) tende a se deparar com o tema, apesar das suas preocupações, considerações, entendimentos ou convicções que tenha, ou possa vir a ter, sobre esse conceito.

Por fim, inicia-se a apresentação dos resultados obtidos na pesquisa realizada, onde se passa, a analisar as principais representações (CHARTIER, 1990) de gênero que estudantes de Pedagogia possuem, bem como a sua relação com o campo religioso (BOURDIEU, 1998), que tem inserção e influência em nível nacional, e um projeto educacional, claramente manifestado nas estratégias utilizadas para barrar o

conceito de gênero nos Planos de Educação e nos avanços políticos conquistados com a “ideologia de gênero”.

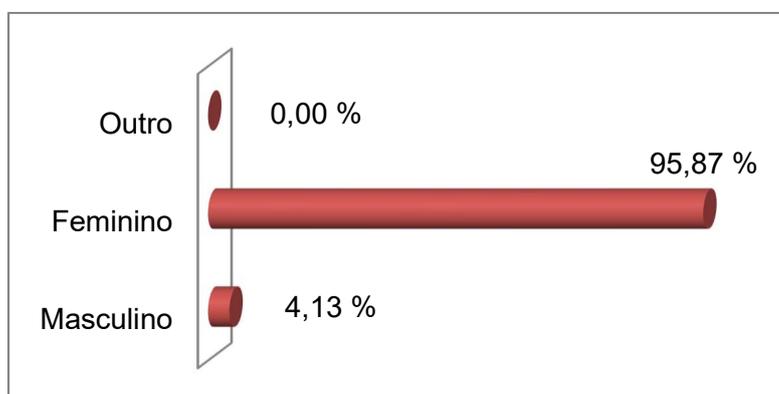
Esclarecemos que as categorias que estruturam, e, por assim dizer, organizam a análise dos dados advém da composição do instrumento de coleta de dados, nesse caso, o questionário (ANEXO 1).

4.2 PERFIL

4.2.1 Sexo biológico, faixa etária e renda pessoal e familiar

Inicialmente esclarecemos que por conta de uma lógica organizacional do trabalho, as informações sobre a renda, foram transferidas para o bloco que reúne informações sobre o (a) perfil do (a) estudantes. A pesquisa constata que a Pedagogia continua se mantendo como uma área de predominância, feminina. Nas quatro turmas, tanto na UC como na UP, as estudantes do sexo feminino são a maioria. Somadas atingem o número de 116 estudantes mulheres nas duas turmas (95,87%); do sexo masculino são cinco estudantes (4,13%). Na UC, no primeiro período de Pedagogia, são 59 estudantes do sexo feminino (98,33%) e um estudante do masculino (1,67%). No oitavo período, são 27 do sexo feminino (93,10%) e dois do sexo masculino (6,9%). Na UP, no primeiro ano de Pedagogia são 26 do sexo feminino (96,30%) e um estudante do masculino (3,70%), e no terceiro ano, foram quatro estudantes do sexo feminino (80%) e um estudante do masculino (20%), como podemos observar no gráfico 1, abaixo:

Gráfico 1 - Sexo biológico



Fonte: a autora (2018).

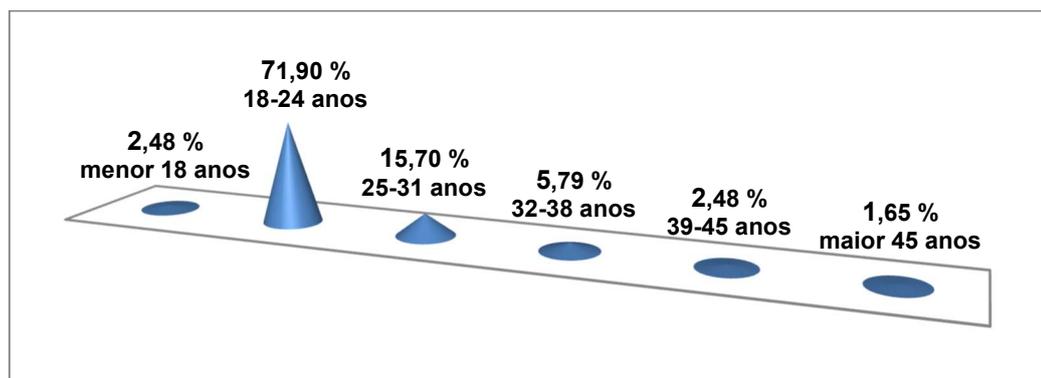
Existe um elevado percentual de mulheres que optam em ingressar no campo pedagógico, local de crianças em processo de formação básica, área de

conhecimento exigente em função da demanda de desempenho constante, de profissionais que atuam numa relação de “aprendizagem-serviço”, conceito utilizado por Carbonell, (2016), e porque não dizer de “profissional-serviço”. Esta função de colocar-se sempre a serviço em várias atividades que decorrem do cuidado, é desempenhada quase que naturalmente por mulheres, ou a elas ligadas, dentro de uma proposta filosófica e educativa que “articula processos de aprendizagem e de serviço à comunidade em um único projeto” (CARBONELL, 2016, p. 21), mas invisibilizada e pouco valorizada.

Todavia ressalta-se que, embora o gênero, ou seja, o perfil de sexo, na educação básica no Brasil seja feminino, existem análises como de Oliveira (2018), que apontam uma possível modificação de direção, tímidas e eventuais, pois alterações significativas nesta área são lentas. Segundo a autora, está em curso uma alteração do quadro, pois, “vemos emergir a desfeminização na instituição escolar, não apenas pelo reingresso de homens na docência e gestão, mas porque o devir feminino parece estar sendo desinvestido na escola do desempenho e a condição feminina – associada a uma maior sensibilidade, formação de vínculos e cuidado com o outro – é vista como fora de lugar” (OLIVEIRA, 2018, s/p). A sociedade do desempenho e produção, não considera que o ser humano é social e simbólico e gosta de ser lembrado (a). Há, no meio acadêmico, uma retórica discursiva que fala da inclusão, da participação, mas não se traduz em uma linguagem do gesto, ou seja, na prática.

Os dados atuais demonstram que os (as) estudantes de Pedagogia são em sua maioria jovens. Nas duas universidades pesquisadas: UC e UP a faixa etária predominante é de 18 a 24 anos. Eles (as) somam um total de 87 estudantes (71,90%). No primeiro período da UC são 48 estudantes nesta faixa (80%) e no 8º período são 20 (68,97%). Na UP, no primeiro ano, são 17 (62,96%) e no terceiro ano, são 2 (40%). Com relação a outras faixas etárias, obtivemos os seguintes resultados: menor que 18 anos: três estudantes (2,48%); de 25-31 anos: 19 estudantes (15,70%); de 32-38 anos: sete estudantes (5,79%); de 39-45: três estudantes (2,48%); e maior de 45 anos: dois estudantes (1,65%), e são da UP. Podemos melhor observar esses dados no gráfico 2:

Gráfico 2 - Faixa etária



Fonte: a autora (2018).

São, portanto, os (as) jovens que buscam uma formação acadêmica, em meio a uma conjuntura política complicada, permeada por interesses políticos, especialmente da bancada religiosa, que está voltada de forma especial para a educação. E onde há ações governamentais, tais como a redução de investimentos na área, e no campo da pesquisa, que vão acabar por enfraquecer as Universidades Públicas, especialmente. Jovens estudantes que assistem uma forte pressão dos discursos morais instalados num clima de desconfiança sobre a ação docente no que diz respeito às competências a serem desempenhadas, especialmente com relação à chamada “ideologia de gênero”, e apoio à proposta da Escola Sem Partido, apoiadas pelo atual presidente considerado de (extrema) direita, Jair Bolsonaro, e manifestadas em seu discurso de posse, onde prometeu “reerguer a pátria”, livre da “submissão ideológica”, “valorizando a família e os valores, judaico-cristãos” e combatendo a “ideologia de gênero” (BOLSONARO, 2019). Santos (2000) fala das “globalizações”, referindo-se aos “localismos globalizados”, enquanto fenômenos *locais* que logram impor-se como *globais*, como podemos acompanhar nas atividades educacionais que utilizam cada vez mais as novas tecnologias de ensino, disponibilizadas a *fast food*, onde impera a linguagem do inglês, com vista e que tem em vista um serviço de qualificação e desenvolvimento de competências para manter o mercado da fé. Mas onde também se localiza mudanças ocorridas nas mulheres, que também se insurgem com seus contínuos “usos” e buscam maior autonomia na administração de si, e que questiona o seu lugar junto ao outro.

Rama, um dos estudiosos dos processos educacionais latino-americanos, diz que as “mutações nos sistemas universitários” explicitam o objetivo de “introduzir nuevas dinámicas para responder a los cambios en los mercados laborales y

económicos y responder a las nuevas demandas y entornos socioeconomicos⁵⁴” (RAMA, 2016, p.21). Promovem uma profunda “transformación de los marcos teóricos a partir de los cuales se analizaban el rol de la formación universitária y de las tareas de la enseñanza superior em la dinâmica económica y los mercados de trabajo⁵⁵”. (RAMA, 2016, p. 21). Os avanços tecnológicos obviamente vão criar novos postos de trabalho, inimagináveis no momento, acompanhado de critérios de inserção que exigirá altíssima qualificação e desempenho meritocrático, a pergunta é em que medida os (as) jovens pesquisados (as) terão condições de competir nesse novo mundo digital, tecnológico que se avizinha tão rapidamente?

Portando, estamos falando de jovens que estarão diante dos desafios colocados por um mundo internacionalizado e de um país que está diante de retrocessos republicanos, no sentido da salvaguarda de direitos, além dos desafios pertinentes à influência religiosa na educação, que apresenta comportamentos e condutas morais, nem sempre sintonizadas com a diversidade existencial. São alguns fatos dos espinhosos problemas educacionais que geram tanta discussão no momento atual.

Com relação a análise de dados sobre os (as) estudantes de Pedagogia, vale dizer que para analisar a renda, tanto em nível pessoal como familiar, que se constitui em um quesito importante para que possamos ter uma ideia do padrão de vida de cada estudante, quem apresenta uma situação mais cômoda economicamente falando e aqueles que se distanciam desta. Apresentamos a possibilidade de escolha entre oito faixas de renda, em quantidades de salário mínimo⁵⁶.

Diante do campo educacional, e considerando os dados fornecidos pelos (as) estudantes de Pedagogia, constatamos que um grande número de estudantes declarou a renda pessoal no valor de até um salário mínimo (SM), e que no período da pesquisa estava fixado em 954,00 e para o ano de 2019, foi fixado em 998,00 para o ano de 2019. No primeiro período da UC, 17 estudantes afirmaram não ter nenhuma renda (28,33%), e no oitavo período, dois estudantes (6,89%). Até 1 SM, 23, (38,33%)

⁵⁴ “Introduzir novas dinâmicas para responder às mudanças nos mercados laborais e econômicos e responder as novas demandas e entornos socioeconômicos” (RAMA, 2016, p. 21, tradução nossa).

⁵⁵ “Transformação dos marcos teóricos a partir dos quais se analisam no rol da formação acadêmica e das tarefas de ensinagem superior na dinâmica e nos mercados de trabalho” (RAMA, 2016, p. 21).

⁵⁶ O valor do salário mínimo de R\$ 954,00 em 2018, período de realização da pesquisa, passou para R\$ 998,00 em 2019. Ou seja, um aumento de R\$ 44,00.

no primeiro período e 12 (41,37) no oitavo período, de 1 a 3 SM, 12 (20%), e 13 no oitavo período (44,82). De 3 a seis SM, 5 (8,33%), no primeiro período, e duas (6,89%) no oitavo período. De 6 a 9 SM, apenas um (1,66%) no primeiro período, e dois estudantes do primeiro período, não responderam.

Na UP, no primeiro ano do Curso de Pedagogia, obtivemos os seguintes resultados: três (11,11%) estudantes declararam não ter nenhuma renda. Dez (37,04) disseram ganhar até um SM, nove (33,33%) de 1 a 3 SM. Três (11,11%), um (3,70%) de 9 a 12 SM e um estudante não respondeu. No terceiro ano, três estudantes disseram que recebem um SM. Um recebe de 1 a 3 SM e um de 3 a 6 SM. Na soma total das duas instituições pesquisadas, constatamos 48 estudantes (39,67%) recebem um SM. Entre 1 e 3 SM, 10 estudantes (8,26%). Apenas uma estudante da UC, declarou possuir renda pessoal de 6 a 9 SM. Uma estudante da UP declarou que tem renda pessoal de 9 a 12 SM. Uma estudante da UP declarou que tem renda pessoal de 9 a 12 SM. Não responderam a questão de rendimento pessoal, três estudantes.

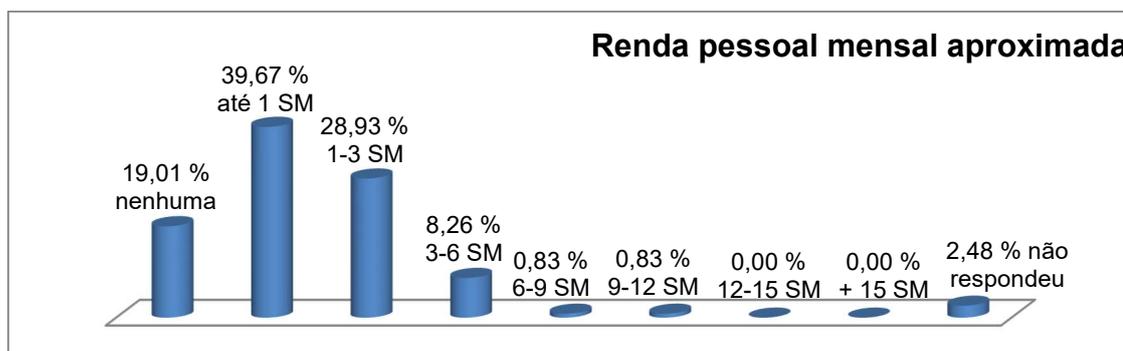
Como observamos no gráfico 2, a maioria dos (as) estudantes são jovens entre 18 a 24 anos, e são estes que recebem um salário mínimo para custear as suas eventuais despesas. É importante ressaltar também que muitos estudantes exercem a função de estagiários (as), o que pode explicar o alto índice de estudantes que declararam receber apenas um salário mínimo.

Constatamos pelos dados obtidos que na UC, no primeiro período que oito (13,33%) tem renda familiar declarada de 1 a 3 SM, que 20 (33,33%), disseram receber de 3 a 6 SM. Nove (15%) de 6 a 9 SM, sete (11,67%), de 9 a 12, cinco (17,24%), de 12 a 15 SM, dois (6,89%), disseram que recebem mais do que 15 SM e dez (34,48%) estudantes não responderam. No oitavo período, são 14 (48,27%) que tem renda família de 1 a 3 SM, dez (34,48) de 3 a 6 SM, dois (6,89 %) de 6 a 9 SM, um (3,44%) de 9 a 12 SM e dois (6,89%) não responderam. Somando os resultados nas duas universidades obtivemos os seguintes resultados: entre de 3 a 6 SM foi resposta de 44 estudantes (36,36%). De 1 a 3 SM, 32 estudantes (26,45%); de 6 a 9 SM, 13 estudantes (10,74%); de 9 a 12 SM, 9 estudantes (7,44%); de 12 a 15 SM, 6 estudantes (4,96%); mais de 15 SM, 3 estudantes (2,48%). Um (a) estudante declarou que a renda familiar é apenas até 1 SM (0,83), e estuda na UP.

Sobre os dados do campo econômico, julgamos importante esclarecer que a pesquisa realizada na UC e UP objetivava priorizar temas relacionados a gênero em interface com as

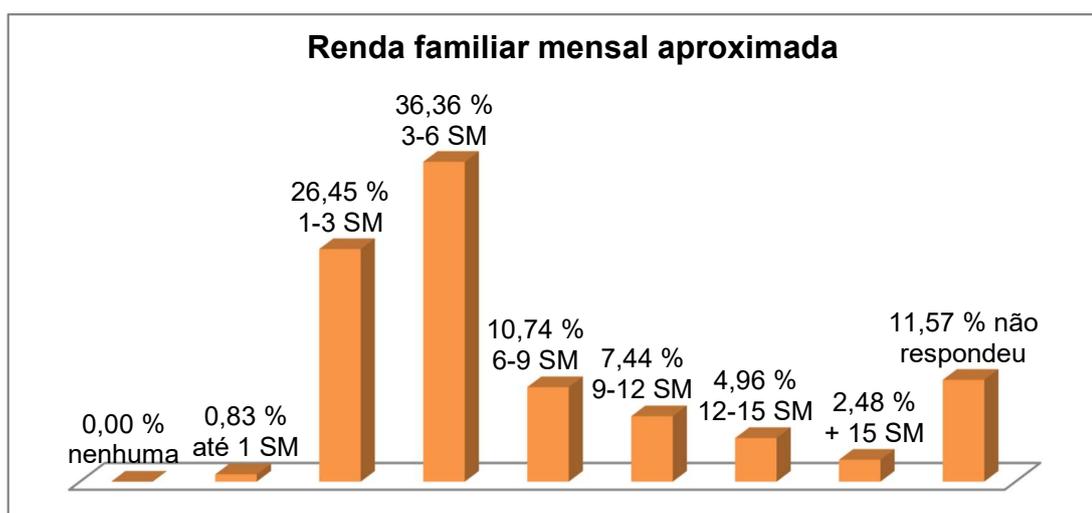
Igrejas, por isso, não formulamos perguntas relacionadas a questões socioeconômicas, e nem sobre a composição familiar como o fizemos no pré-teste realizado em dezembro de 2016, junto aos (as) estudantes de Pedagogia de uma UC. Na época, os resultados nos forneceram o suporte necessário para afirmar que os (as) estudantes de Pedagogia, em sua grande maioria, era pobre e sobrevivia com dificuldades, mostrando os reflexos das estruturas de desigualdades que dificultavam uma formação de qualidade. Dificuldades, resultantes da lógica da chamada ditadura da falta de oportunidades, que sobrecarregam a maioria dos (as) estudantes brasileiros (as). Todavia podemos afirmar, em linhas gerais, que os dados obtidos na pesquisa atual, pelo menos os referentes à UC (não realizamos o pré-teste na UP) são semelhantes aos dados de 2016. Nos gráficos 3 e 4, estão graficamente representadas as rendas pessoal e familiar, do total dos (as) alunos (as) da UC e UP.

Gráfico 3 - Renda pessoal



Fonte: a autora (2018).

Gráfico 4 - Renda familiar mensal aproximada



Fonte: a autora (2018).

Vale destacar que a renda pessoal e familiar compõe um dos elementos importantes para analisar o desenvolvimento econômico de um país nos contextos macroeconômicos. No caso brasileiro, trata-se de rendimentos baixos, pelo menos de parcela significativa dos (das) trabalhadores (as), como podemos observar no rendimento declarado pelos (as) estudantes. Situação que tende a se agravar em um contexto de crise, com baixo crescimento econômico. Nos dados sobre hábitos culturais dos (as) estudantes, que apresentaremos adiante, é possível constatar que atividades simples e factíveis com rendimento módicos, sem grande investimento para a sua realização, como veremos adiante.

Perguntamos aos (as) estudantes sobre o seu rendimento pessoal e familiar. Algumas pesquisas indicam que a necessidade de trabalhar, por vezes, obriga estudantes a abandonarem os estudos, adiando a aquisição do diploma, ou tentam conciliá-los, como já demonstrou uma pesquisa realizada pelo Ministério da Educação (MEC), Organização dos Estados Interamericanos (OEI) e Faculdade Latino-Americana e de Ciências Sociais (ZINET, 2016) e que quase 60% dos estudantes de 15 a 29 anos trabalham e estudam, e apenas 41,3% se dedicam exclusivamente aos estudos. A pesquisa comentada pela FLACSO indica ainda que o percentual de jovens do sexo masculino (36,6%) que deixam o estudo para trabalhar é maior do que feminino (20,9%), e entre as estudantes mulheres 18,1% abandonam os estudos por conta da gravidez, contra 1,3% dos homens devido à paternidade.

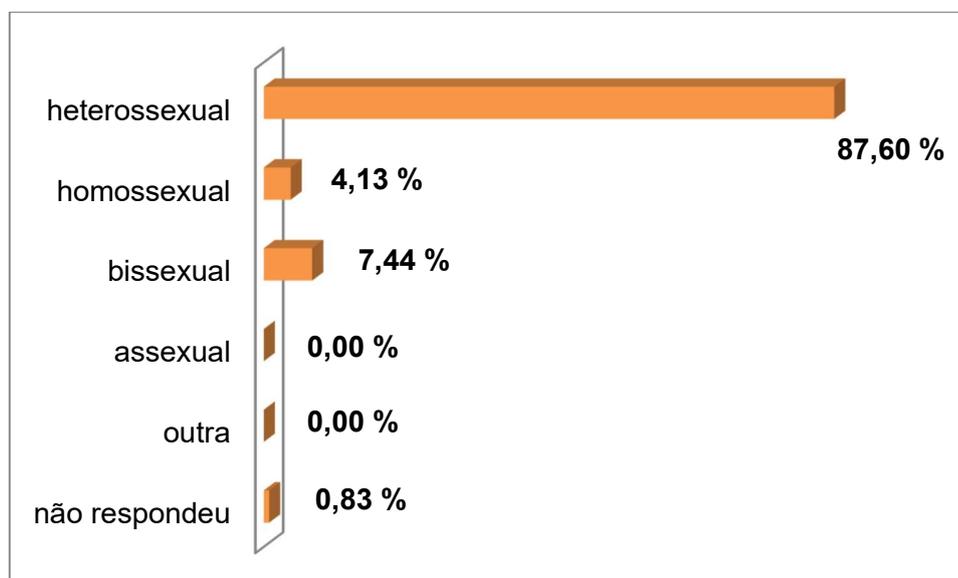
4.2.2 Definições pessoais – identidade de gênero e formação escolar

Por identidade de gênero entende-se o gênero com o qual uma pessoa se identifica, ou seja, que ela sente que de fato é. A identidade de gênero “pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem” (JESUS, 2012, p. 24), pois, segundo a autora, as “pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero” (JESUS, 2012, p. 24).

A primeira pergunta que adentra as questões do campo de gênero inquiriu sobre a sua própria orientação sexual/identidade de gênero. Julgamos que seria uma pergunta não tão complicada para responder. Obtivemos as seguintes respostas: heterossexuais declarados (as) representaram a maioria, somaram-se 79 estudantes

na UC e 27 na UP; somados os dados das duas universidades pesquisadas, são 106 heterossexuais no total (87,60%). Homossexuais: cinco (4,13%) e bissexuais: nove (7,44%). E um (a) não respondeu. Dados apresentados no gráfico 5:

Gráfico 5 - Definições e identidade de gênero



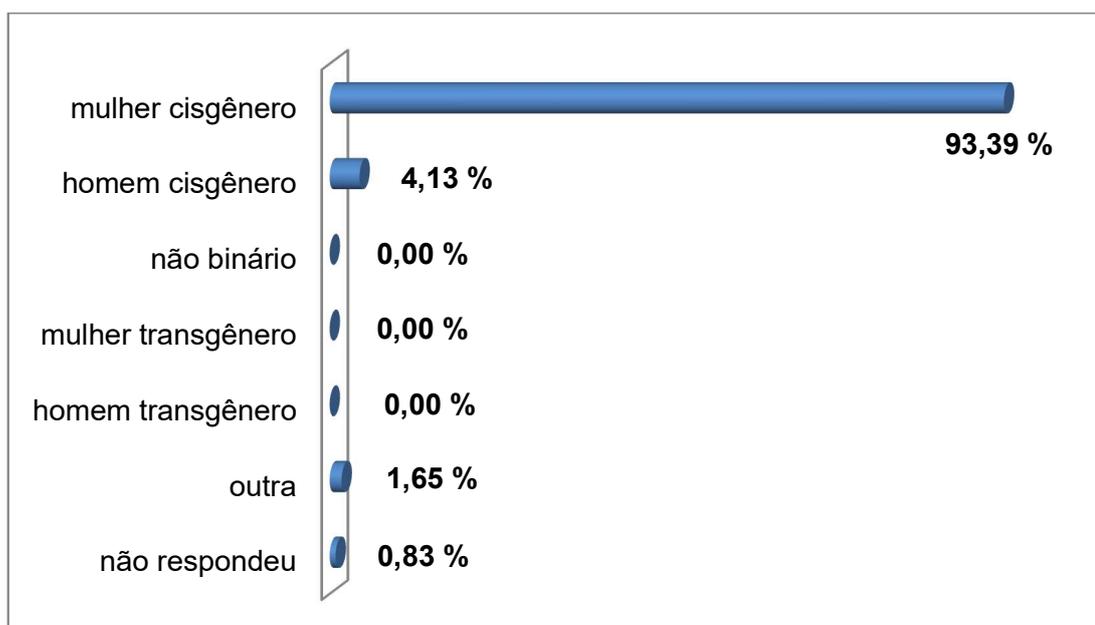
Fonte: a autora (2018).

Sobre a questão da cisgeneralidade, na origem etimológica o prefixo *cis*, em latim, significa do mesmo lado ou ao lado de e refere-se a pessoas que estão em concordância com o seu gênero de nascença, ou seja, não há divergência alguma, pois, identificam-se com o seu gênero de nascimento.

Cento e treze (113) estudantes declararam ser mulher *cisgênero* (SIGNIFICADO..., 2017), cinco estudantes se declararam homem *cisgênero*. Somando-se o total de 118 pessoas que se definiram enquanto *cis*. A opção sexo não binário, entrou na pesquisa com a intencionalidade e possibilidade de localizar as pessoas eventualmente pudessem ser definidas enquanto, *queers*. É importante ressaltar que o conceito: não binário é muito amplo, abrangendo várias possibilidades. Não foi selecionada, nem mulher ou homem transgênero (com mudanças no corpo). Mas uma das alternativas oferecia ao (a) estudante a possibilidade da opção “outra” para a identidade de gênero, e foi a alternativa selecionada por duas pessoas da UP, sendo que uma delas declarou-se evangélica. Mas não deram maiores dados sobre a sua identidade de gênero. Um (a) estudante, não respondeu. Partimos do pressuposto que algum conhecimento prévio sobre esses conceitos os (as) estudantes já

detinham, em caso negativo, foi esclarecido em sala que em qualquer momento da pesquisa eles (as) poderiam solicitar explicações sobre as questões propostas à pesquisadora ou mesmo pesquisar em sala. Os dados obtidos estão representados no gráfico 6, abaixo:

Gráfico 6 -Definições pessoal/identidade de gênero



Fonte: a autora (2018).

Com relação à formação escolar no Ensino Médio, 18 estudantes (14,88%), declararam que cursaram o magistério. Destes 14 estudam na UC e 04 na UP. A maioria declarou terem cursado o ensino regular, opção outros cursos, totalizando as declarações de 85 estudantes (70,25%). Estudantes que declararam que cursaram o Ensino Técnico foram 13 estudantes (10,74) e cinco optaram por não responder. Os dados são visualizados no gráfico de nº 7.

A educação brasileira, constantemente problematizada ao longo da sua história, especialmente pelo seu caráter elitista e excludente, de acordo com Saviani (2013). Com relação ao ensino médio resultante da segunda Constituição republicana que determinava que a educação deveria ser função do Estado, e de responsabilidade da nação, dos estados e municípios (COSTA, 2002). Mas a prática constatada foi de constante omissão, prejudicando a formação dos (as) estudantes. Em 1942, o Ensino Médio se estruturou a partir da Reforma Gustavo Capanema. Iniciam-se os cursos colegiais divididos entre o científico e clássico com um prazo de duração de três anos.

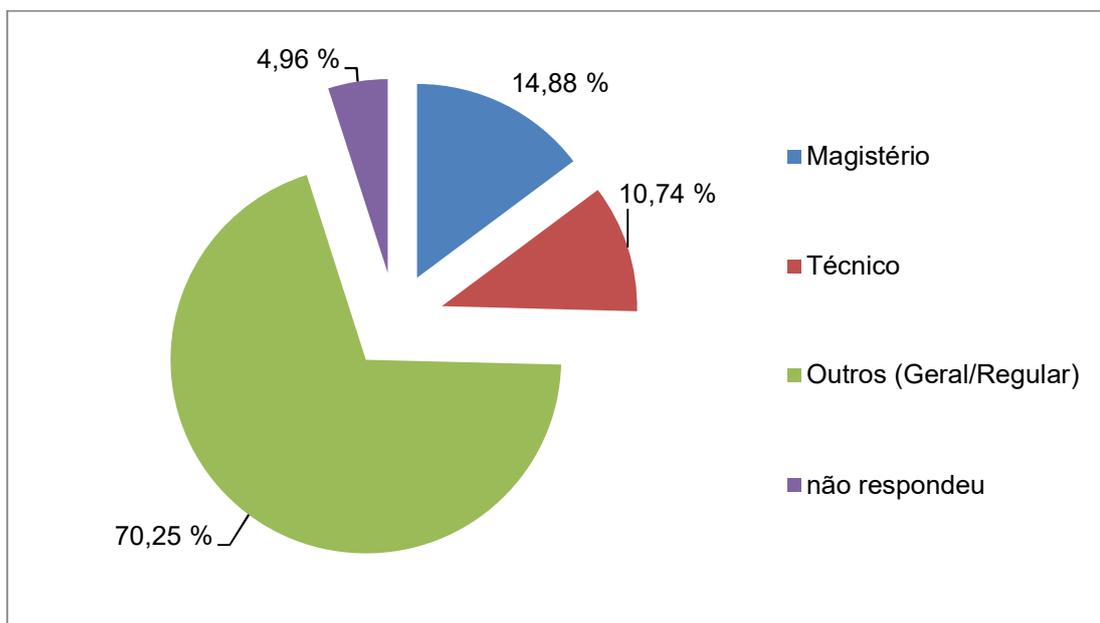
O Ensino Médio é a última etapa da educação básica, assegurada como um direito a todos os cidadãos e cidadãs do Brasil. Assim como os outros níveis de ensino.

O Ensino Médio é a formação deveria garantir ao (as) estudantes conhecimentos que proporcionasse e ampliasse o desenvolvimento humanista, cultural no geral, enquanto alicerce preparatório para o ensino superior. E, atualmente é exatamente a base humanista que está em questionamento na no atual governo de Bolsonaro, sem superação da elitização e exclusão, contínua.

Considerando que há uma longa história sobre a formação e a concepção da formação do (a) profissional pedagogo (a) no Brasil que vão atuar em milhares de escolas espalhadas pelo país, faz-se urgente e indispensável em qualquer momento e contexto histórico, reflexões constantes do pedagogo (a) sobre suas diretrizes teóricas e práticas, proporcionando dessa maneira, a formulação de estratégias que o (a) auxiliem a desenvolver suas atividades da melhor forma possível.

Constatou-se que os (as) estudantes pesquisados (as) que apresentam uma trajetória na área educacional própria, desde o ensino médio, são poucos. A maioria “migrou” de outras áreas para o campo educacional. A Reforma do Ensino Médio faz parte de uma política pública de reformulação curricular e metodológica, que tem início na formulação de uma Base Nacional Comum Curricular para as etapas dos ensinos Infantil e Fundamental. A lei da reforma do ensino médio sancionada pelo ex-presidente Michel Temer, altera a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), foi aprovada sob muitos protestos, pois, apenas matemática e português serão mantidas com carga horária obrigatória. As demais áreas do conhecimento serão distribuídas ao longo dos anos de formação. É a proposta de currículo mínimo, onde os estudantes poderão escolher quais as matérias vão estudar e aprofundar em vista de suas futuras profissões. Na avaliação de Rama (2016), a formação se torna cada vez mais necessária e exigente, necessidades do mercado, especialmente do religioso, que interage com um público cada vez mais diversificado.

Gráfico 7 - Formação pessoal



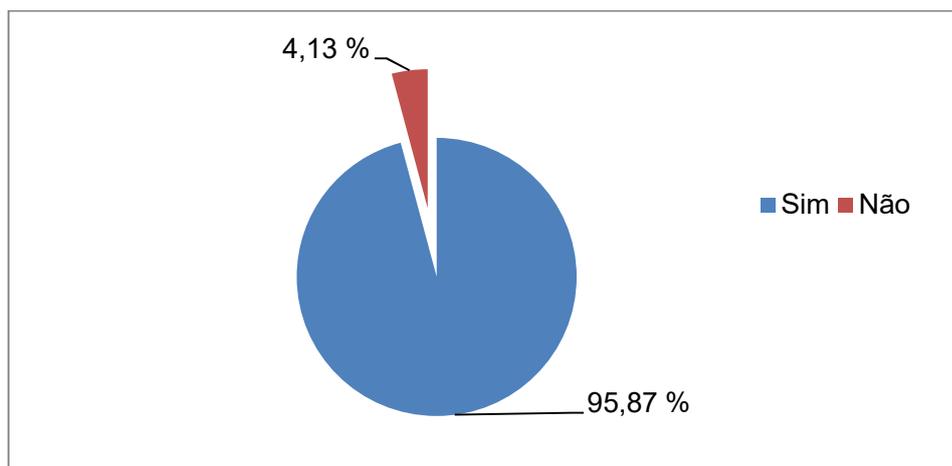
Fonte: a autora (2018).

4.2.3 Perfil religioso, participação em confissão religiosa e práticas religiosas

Quando perguntados se acreditavam em Deus, na UC, no 1º período, 57 estudantes, expressiva maioria, declaram-se crentes (95,00%). Mas houve os que se declararam não crentes, representando três estudantes (5,00%). Declarar-se “não crente” em uma sociedade cristã, tem lá as suas implicações e desconfianças. A turma do 8º período declarou-se toda crente em Deus (100%). No total das turmas, 116 deles (as) (95,87%) declaram-se crentes, cinco estudantes disseram que não (4,13%), destes, três da UC e dois da UP.

Já foi dito neste trabalho que a religião existe desde os tempos imemoriais. E é um dos fatores culturais que podem ser transmitidos de geração para geração, especialmente por meio da família. São hábitos e costumes herdados do primeiro grupo social do qual fazemos parte, com grande possibilidade de ser incorporados enquanto verdades individuais e, assim, passados e repassados para os (as) descendentes.

Gráfico 8 - Crença em Deus



Fonte: a autora (2018).

Os dados demonstram não só as questões de gênero no Curso de Pedagogia, mas um elevado número de estudantes que declararam crença em Deus. E esses (as) estudantes são majoritariamente mulheres com práticas religiosas e participação em igrejas, como veremos a frente no gráfico 11. Tais resultados parecem um paradoxo, pois, como vimos nos capítulos 1 e 2, do ponto de vista institucional as igrejas tem trajetórias similares de certa negação histórica da dignidade feminina. Construiu-se uma representação da mulher enquanto um ser historicamente de “segunda categoria”, perigoso por sua especial sexualização e que foi legitimado por uma “leitura masculinizante da Bíblia” (FORCANO, 1995, p. 125).

E mulheres, mesmo aquelas com mais acesso a informações se mantêm vinculadas às instituições patriarcais e hierárquicas sem questionamento nesta ordem posta. O que evidencia a importância de formação religiosa constante, e acaba por corroborar com a premissa deste trabalho, de que há efetivamente uma preocupação por parte de setores conservadores da Igreja Católica, estudados e das Igrejas: Pentecostal e Neopentecostal estudadas, com a formação de um corpo docente alinhado com o projeto de combate ao conceito de gênero. Mas sem deixar de considerar a possibilidade de insurgência das mulheres (pedagogia) com relação às questões de gênero.

Em que pese o fato de uma forte vinculação das mulheres às instituições religiosas não significa que compartilhem de todas as suas ideias e nem que estejam a favor da Igreja. Falquet (2014), analisando as reflexões de Mathieu (1991), aborda reflexões da autora em um texto intitulado “Quando ceder, não é consentir” (1991) e

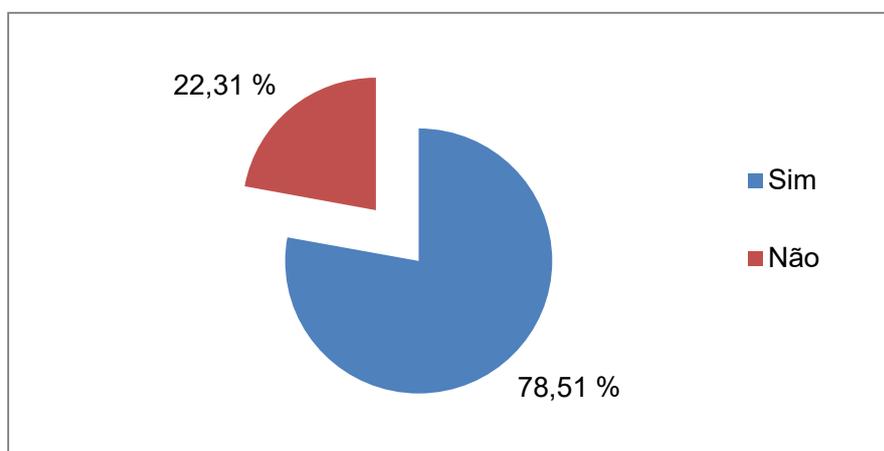
que esta enfrentou posicionamentos de intelectuais que afirmavam que as mulheres “*consentiriam*” com a dominação sobre elas (FALQUET, 2014, p. 17). Na análise, a palavra “dominação” poderia até despertar sentimentos lisonjeiros nos homens, por serem “dominantes”; o termo mais adequado a usar seria “opressão” por apresentar a ideia de violência e sufocamento. Falquet (2014) diz que Mathieu lembra que há uma diferença de acesso às mesmas informações. As mulheres não tem a mesma informação sobre a ‘sua’ cultura que os homens. Nem no acesso à alfabetização, à educação científica ou sexual, ou aos conhecimentos religiosos, filosóficos ou esotéricos, entre outros. Portanto, de acordo com a autora, não teriam que ser obrigadas a se alinhar a um campo ou a outro, já que ‘seus’ próprios homens lhes excluem em geral da definição, da plena participação e da possibilidade de encarnar a versão mais legítima da ‘sua’ cultura. Para Mathieu a explicação no caso das mulheres, daquilo que outras pessoas começaram a teorizar simultaneamente para ‘raça’ ou na perspectiva da imbricação entre sexo e ‘raça’, ela propõe a “chamar de *esquizofrenia legítima e política das minorias*.” (FALQUET, 2014, p. 17, grifos da autora).

Tentou-se demonstrar no primeiro e segundo capítulo, a respeito das representações construídas sobre o feminino, o elevado sucesso das práticas que as mantiveram dentro de modelos ético-culturais conservadores e tradicionais. As hierarquias eclesiais são refratárias ao arcabouço filosófico das teorias feministas, que buscam em suas propostas a inclusão da mulher na ordem política, econômica, social, cultural e religiosa, o alargamento da democracia, a possibilidade de decisão sobre o seu corpo, entre outras. Como demonstrado em algumas manifestações e atos políticos sobre o ciclo menstrual, normalmente mantidos escondidos, sigilosos e com certo tabu, que colocados a público por mulheres que permitiram que seu ciclo fosse visualizado e que chocaram e provocaram reações da moralidade religiosa das Igrejas aqui apresentadas. Católica, Pentecostal ou Neopentecostal, resistem de uma ou de muitas formas à participação das mulheres nos cargos de decisão, justificam a desigualdade de gênero, e, inclusive outras, a partir da teodicéia, palavra de origem grega, e que significa “justiça de Deus”. Relacionada ao filósofo alemão Gottfried Wilhelm (1646 – 1716).

Entre os (as) estudantes, os dados demonstram que 95 deles (78,51%) declararam seguir uma determinada religião; 27 estudantes (22,31%) declararam que não. Um (a) estudante assinalou a alternativa “sim” e “não”. O que talvez possa ser

considerado um “mais ou menos”, pois, esta alternativa não estava incluída no questionário.

Gráfico 9 - Seguimento de religião

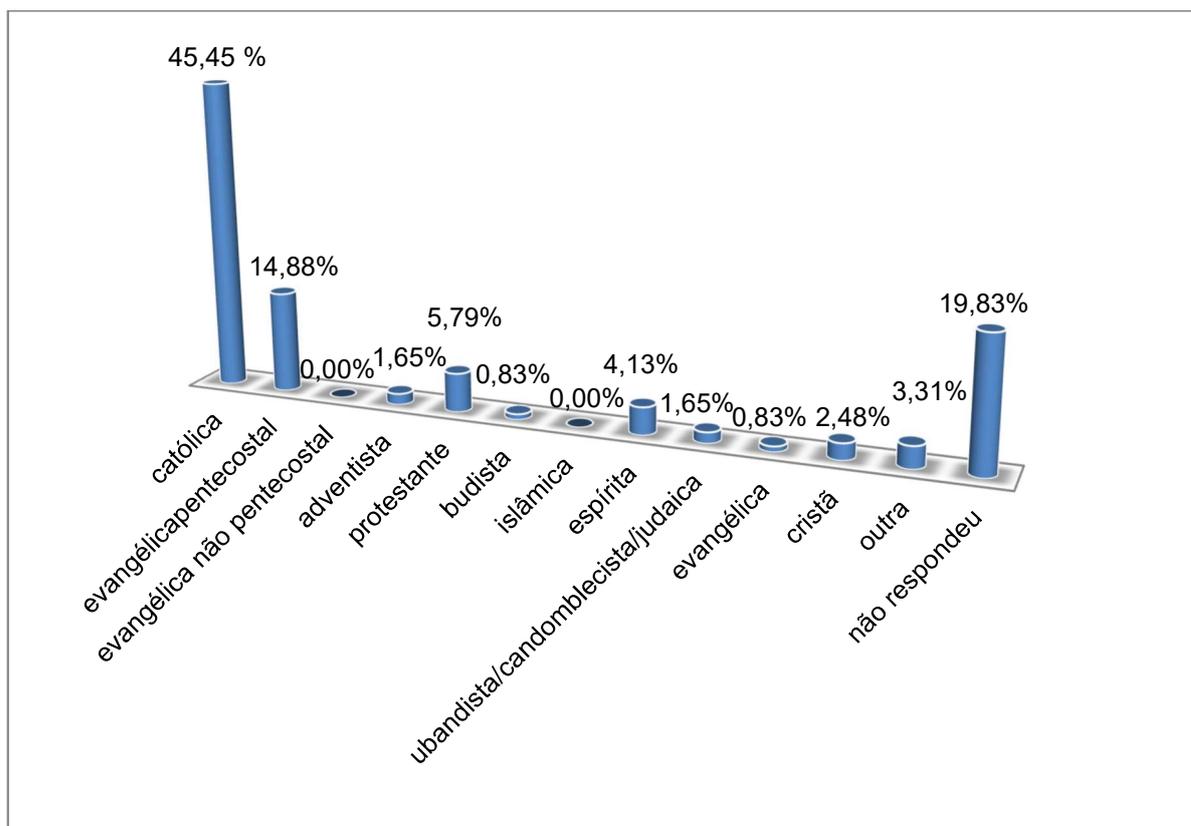


Fonte: a autora (2018).

Segundo Weber (2017) pode-se constatar um pluralismo no campo religioso, perceptível nos cursos de Pedagogia pesquisados. Na aplicação do pré-teste, onde perguntamos simplesmente: “Qual era a sua religião”, percebemos a dificuldade dos estudantes em situarem a sua igreja, os segmentos pentecostais e neopentecostais, no campo protestante, que é de nosso interesse e, como vimos no segundo capítulo, trata-se de um campo muito diverso, que contempla uma variedade de Igrejas. Por conta deste fato, indicamos uma possibilidade maior de segmentos e igrejas, as que mais se destacaram na aplicação do pré-teste, para que pudéssemos determinar com maior precisão as suas respectivas igrejas do campo cristão. Citamos também algumas religiões do campo não cristão, bem como as de origem africana.

Na soma das declarações dos (as) estudantes das duas universidades localiza-se as seguintes religiões: Católica: 55 estudantes (45,45); Evangélica Pentecostal: 18 estudantes (14,88); Protestantes tradicionais: sete estudantes; Espírita: cinco estudantes (4,13); Cristã: três; Adventista dois (1,65); Budismo, Candomblé e Judaica, cada uma indicada por um (a) participante. A alternativa “outra” foi escolhida por quatro estudantes (3,31%), e entre eles (as) um (a) declarou ser Mórmon. Nas respostas, um (a) estudante marcou a alternativa “pentecostal” e na alternativa outra, novamente escreveu “pentecostal”. Outra declarou ser católica e espírita, e outra, marcou a alternativa “católica” e “umbandista”. Dados apresentados no gráfico 10.

Gráfico 10 - Estudantes de Pedagogia e respectivas religiões



Fonte: a autora (2018).

Considerou-se na soma, as respostas dos (as) estudantes que disseram ser cristãos, ou seja, católicos, pentecostais, neopentecostais. Como podemos novamente constatar, alguns estudantes parecem ter dificuldades de localizar em qual campo a sua igreja se situa, mesmo diante das várias possibilidades oferecidas. É totalmente compreensível, muitos crentes sentem dificuldade em se situarem em algum campo. De acordo com alguns pesquisadores do campo evangélico, (ALENCAR, 2012; FAJARDO, 2015; LOPES, 2018), a diversidade da composição do campo religioso protestante/evangélico, no que diz respeito às nomenclaturas, é grande.

Weber, baseado em Berger (2017), diz que, se olharmos de forma atenta para a situação internacional, precisamos admitir que a religião hoje é mais importante do que nunca. As exceções são os países do Ocidente, onde a religião não tem mais a importância crescente. O fenômeno do islamismo e do neopentecostalismo tem mostrado a força e o poder das religiões. Não foi o fim de Deus, como alguns desejavam e outros temiam, constatou Berger, e que tem a concordância de Weber (2017).

Solicitou-se que os (as) estudantes nomeassem as suas respectivas Igrejas, pois, pelos nomes, poderíamos localizar se eram do campo pentecostal ou neopentecostal. Foram nomeadas 29 igrejas católicas e um (a) estudante disse que qualquer uma desde que fosse católica. Entre os evangélicos, foram citadas 19 igrejas. Dois (as) estudantes apenas citaram a sua religião como Cristã. Todas as Igrejas citadas pelos (as) estudantes podem ser visualizadas no Anexo 2.

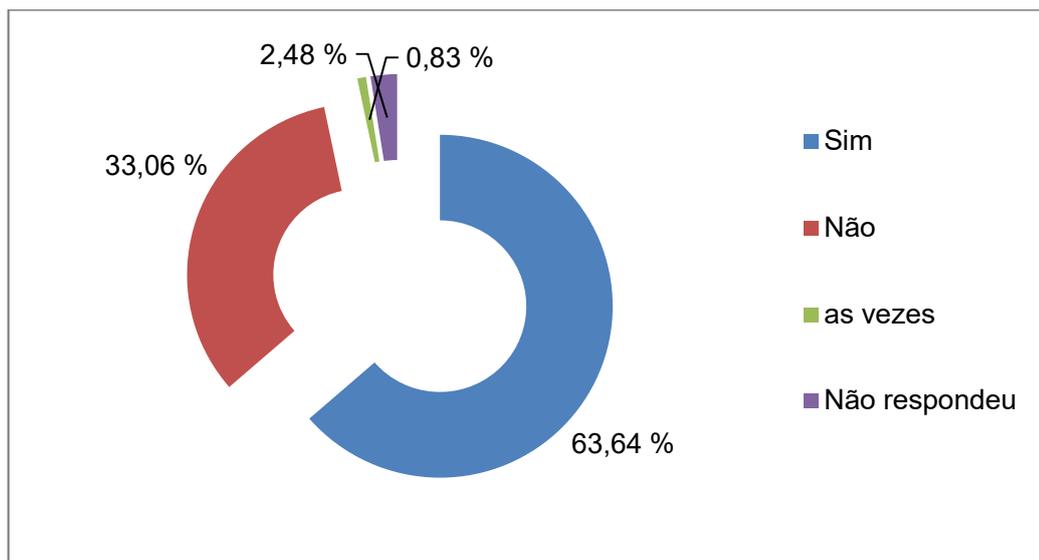
As Igrejas citadas já se manifestaram publicamente, de alguma forma, contra as perspectivas de gênero, como pudemos constatar nos materiais produzidos (vídeos, documentos, cartilhas etc.) sobre o tema, e que foram disponibilizados ao longo do presente trabalho, e podem, em torno da temática de gênero, ser consideradas pontualmente “aliadas”. O pontualmente é dito no sentido de que, historicamente, relações mais “colaborativas”, “ecumênicas”, entre elas é sempre mais complicado (DIAS, 2009) enquanto instituição eclesial. A Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, por exemplo, muitas vezes encontra uma dificuldade prática. Na Igreja Católica os fiéis investem na atividade, mas não na mesma proporção o seu clero. Nas Igrejas Protestantes que participam da Semana, seus pastores investem na atividade, mas não os seus fiéis, geralmente demandando de muita articulação e criatividade. Reparem que há uma desproporção, que pode ser ainda o peso das estruturas socioculturais intervindo nas ações práticas ou práticas religiosas.

As crenças, vivências ou práticas na área da religiosidade/espiritualidade, são importantes para a nossa compreensão do envolvimento que tais estudantes têm com as suas determinadas Igrejas. Entende-se por práticas religiosas uma atividade ritual por meio da qual as pessoas expressam, de forma simbólica, através de sua conduta, o relacionamento com o mundo sagrado. Segundo o Tesouro (TESAURO..., 2019), a prática religiosa segue representações coletivas, obedece a códigos de comportamento e organiza-se de modo coletivo e padronizado.

Com relação às práticas religiosas, 77 estudantes declararam serem fiéis praticantes (63,64%), enquanto 40 (33,06%) declararam que não têm prática religiosa. Um (a) estudante disse que “às vezes” tem, e três estudantes não responderam (2,48%). No gráfico 11, podemos visualizar o resultado das declarações sobre tais práticas. Portanto, não se trata de estudantes que declararam ter uma fé, mas de estudantes que efetivamente mantêm práticas religiosas frequentes. E as religiões apresentam Deus e uma prática religiosa, mas nem todos (as) os fiéis se sentem na obrigação de práticas permanentes. E nas sociedades contemporâneas, as religiões

continuam atuais e atualizadas. “Nenhuma sociedade pode sobreviver sem a religião, de que a maioria dos homens considera insatisfatórias as respostas dadas pela ciência às perguntas existenciais sobre a vida e a morte”. (ROUANET, 2002, p. 11). E é na religião que muitos (as) encontram conforto, consolo e explicações para a existência humana.

Gráfico 11 - Práticas religiosas



Fonte: a autora (2018).

Constatou-se na pesquisa o grande número de estudantes crentes em Deus, mulheres em sua maioria, declaradamente com práticas religiosas. Na tentativa de interpretação dos dados obtidos, o que constatamos é que tais estudantes, apesar da dinâmica da sociedade contemporânea, onde o tempo se tornou um objeto raro e muito desejado e quase nunca alcançado, essas estudantes reservam tempo em suas múltiplas atividades para o exercício da fé, ou seja, tempo para orações, ir ao culto ou à missa, participar dos sacramentos entre outras atividades previstas pelas suas respectivas Igrejas. O que significa certo engajamento que supera o nível de apenas “professar” uma fé, mas dela, efetivamente participar. Sem participação não há engajamento. A espiritualidade é toda relacionamento. Fundada em um relacionamento com Deus, com o próximo e consigo mesmo, é o que Salzman e Lawler (2012), defendem.

Para as igrejas, essa presença histórica das mulheres em seu meio não é novidade. Ao contrário, contam com o potencial didático-pedagógico e evangelizador

das mulheres nas suas práticas religiosas. Atividades muitas vezes pouco valorizadas ou visualizadas no espaço privado, se tornam públicas e valorizadas nas igrejas.

Considerando a representação da mulher vinculada aos cuidados da casa, com o bem estar de seus habitantes, a participação em atividades religiosas, ou de exercício de práticas religiosas, a Igreja se torna uma “extensão do seu lar”, que conta com seus trabalhos do cuidado, onde é responsável pelos arranjos necessários para um ambiente mais bonito, agradável e acolhedor. Elas também desenvolvem atividades assistenciais previstas pelas suas respectivas Igrejas, tais como visita aos doentes domiciliares e hospitalares. Atendimento aos necessitados, em trabalhos de manutenção, bem como de crescimento da Igreja, especialmente aquelas do campo evangélico, onde existe um fluxo constante de pessoas, como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), cujo o templo de Curitiba, tem capacidade para 5 mil pessoas, em São Paulo, o Templo de Salomão abriga 10 mil e no Rio de Janeiro a capacidade é para 15 mil pessoas. Em Brasília, onde está sendo projetado o novo templo, só o terreno, custou 90 milhões, segundo informação divulgada na imprensa (MENEZES, 2016), com capacidade em torno de 10 mil pessoas também. Os templos, de maior ou menor porte, contam com o trabalho generoso e gratuito de muitas mulheres, pois, nem toda relação com base na fé, é mercadológica, mas não é a mesma dinâmica com os homens, na sua maioria pastores, padres, ministros, reverendo, bispo diáconos, recebem um salário pré-fixado, um piso salarial, estabelecido pelas suas respectivas Igrejas, para as funções desempenhadas, ou seja, pelo zelo e conforto de seus, suas fiéis. Segundo o guia de carreiras (QUANTO..., 2019), a variação salarial depende do tempo de experiência da liderança religiosa, e no guia há uma referência a um posicionamento público do pastor Silas Malafaia da Igreja Assembléia de Deus, que disse que paga para os seus pastores valores entre R\$ 4.000,00 a R\$ 22.000,00, sem contar os benefícios, como escola para os filhos e moradia.

Mas não é o mesmo que ocorre com as mulheres, um verdadeiro exército feminino, se considerarmos a maior presença e participação das mulheres nas práticas religiosas, que oferecem seus trabalhos para a chamada *obra*, ou a *casa do Senhor*, comumente chamada, tarefa que desempenham com alegria e dedicação. Considere-se também que, em geral, os pais, maridos, namorados, enfim, a figura masculina, normalmente não apresentam objeções quanto à participação das mulheres nas Igrejas, ao contrário, apoiam. É facilmente perceptível a importância das mulheres para as Igrejas.

4.3 CONHECIMENTO SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO

Os estudos de gênero remontam a década de 1970, portanto com uma significativa caminhada em termos teóricos, com muitos trabalhos que abordam uma infinidade de problemáticas sobre processos de exclusão em gênero, das construções de representações excludentes. A Declaração dos Direitos Humanos de 1948 diz:

- a) “Todas as pessoas livres e iguais em dignidade de direitos (...) sem distinção de qualquer espécie”
- b) “Todo ser humano tem direito à instrução (...) orientada no sentido do desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento dos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais”.

A Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres, 1979, definiu, em seu Artigo 10, a igualdade de direitos com o homem na esfera da educação e a necessidade de eliminação de todo o conceito estereotipado dos papéis masculino e feminino em todos os níveis e formas de ensino. A Declaração Mundial sobre Educação para Todos (Jomtien), 1990, mencionada neste trabalho, expressa a necessidade de “Ser tolerante com os sistemas sociais, políticos e religiosos que diferem dos seus, assegurando respeito aos valores humanistas e aos Direitos Humanos comumente aceitos[...].” A discussão de temas relacionados a gênero, não são de fácil entendimento e nem de aceitação. Foi o que constatamos em todo o processo que resultou no Impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, com conotação de preconceitos de gênero, a exclusão do conceito de gênero e diversidade dos Planos de Educação.

Para a aplicação do questionário, junto aos estudantes de Pedagogia, relacionamos alguns dos temas que mais aparecem nos debates de gênero e são polêmicos na sociedade contemporânea. São eles: gênero, identidade de gênero, “ideologia de gênero”, transexualidade, heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, LGBTI, *cura gay*, vivência homoafetiva e direito de decisão.

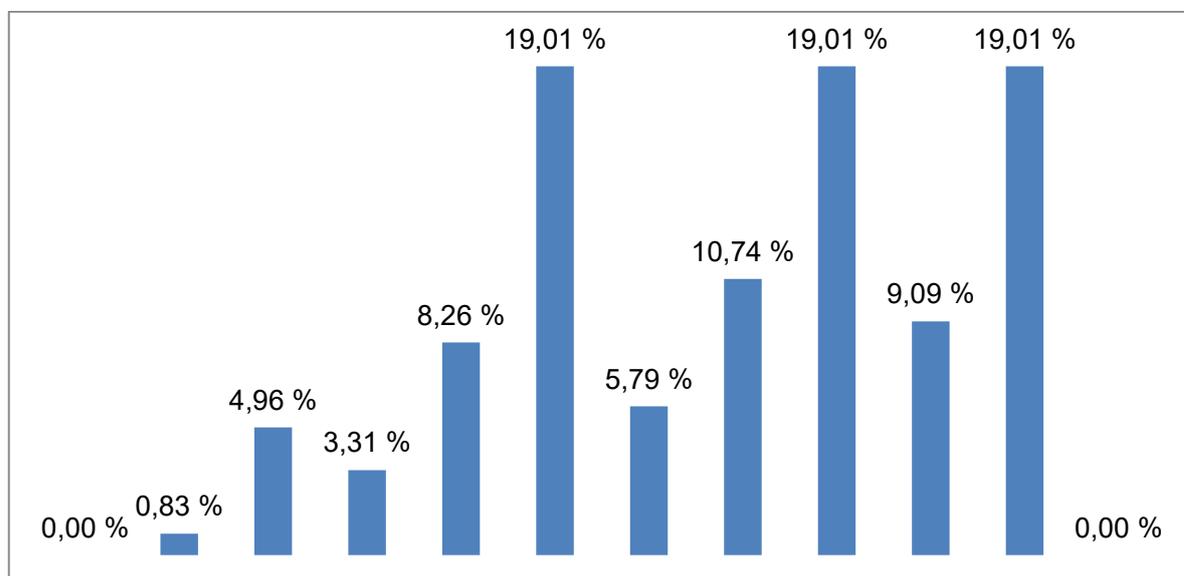
Nas orientações repassadas aos (as) estudantes sobre a proposta da pesquisa explicamos, na introdução, que o nível de conhecimento sobre os temas, se daria na representação das escalas numéricas. A opção “0” como conhecimento inexistente. A numeração 1 pouco conhecimento, de 2 a 4 conhecimento de alguns temas, o 5 considerado conhecimento mediano, de 6 a 9 um conhecimento razoavelmente/bom

e o 10 avaliado como muito entendimento sobre temas de gênero (Anexo 2). Os resultados dos principais conceitos, declarados pelos (as) estudantes, apresentaremos na sequência, e também nas figuras gráficas com as numerações selecionadas pelos (as) estudantes, demonstrando seu conhecimento.

Sobre gênero: 1 estudante declarou saber pouco; 20 estudantes conhecem algumas questões; 23 estudantes (mediano) ou mais ou menos; 54 estudantes conhecimento razoável bem; e 23 estudantes declararam muito conhecimento. Entre um (a) que sabe pouco e aqueles (as) que conhecem pouco, temos 21 estudantes. Quem sabe medianamente são 23; e os que consideram que conhecem bem e os que conhecem muito são 77 estudantes.

O conhecimento sobre gênero parece relativamente distribuído, com 23 estudantes afirmando saber sobre o assunto e 54 apenas razoavelmente. Todavia o que efetivamente os (as) estudantes sabem sobre esse assunto, por meio de respostas pessoais, não foi perguntado, no primeiro momento da pesquisa realizada, então, o entendimento pessoal, sobre questões de gênero, não foi explicitado.

Gráfico 12 - Nível de conhecimento sobre gênero



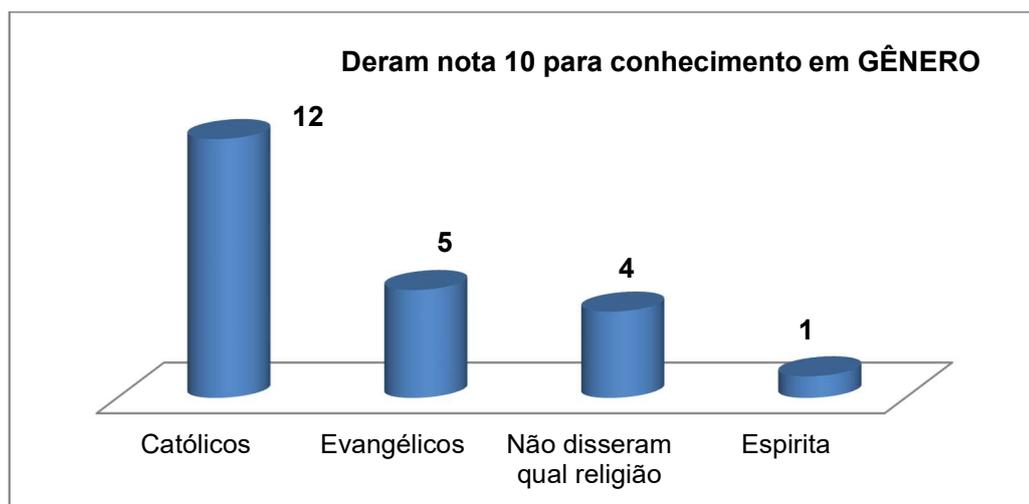
Fonte: a autora (2018).

O resultado obtido traz preocupações pela pouca base sobre as questões de gênero que a pesquisa evidenciou, pois frente à uma sociedade alicerçada em papéis pré-estabelecidos de gênero, há resistências com relação as mudanças. E não se trata de uma história nova, pois, isto já (infelizmente) aconteceu em outras lutas por

justiça e igualdade na sociedade, como na luta dos negros contra o racismo, na emancipação das mulheres, entre tantas outras.

Finalmente, sobre gênero, apresentamos graficamente as respostas dos (das) estudantes, por religião, que declararam muito e bom conhecimento sobre a temática de gênero.

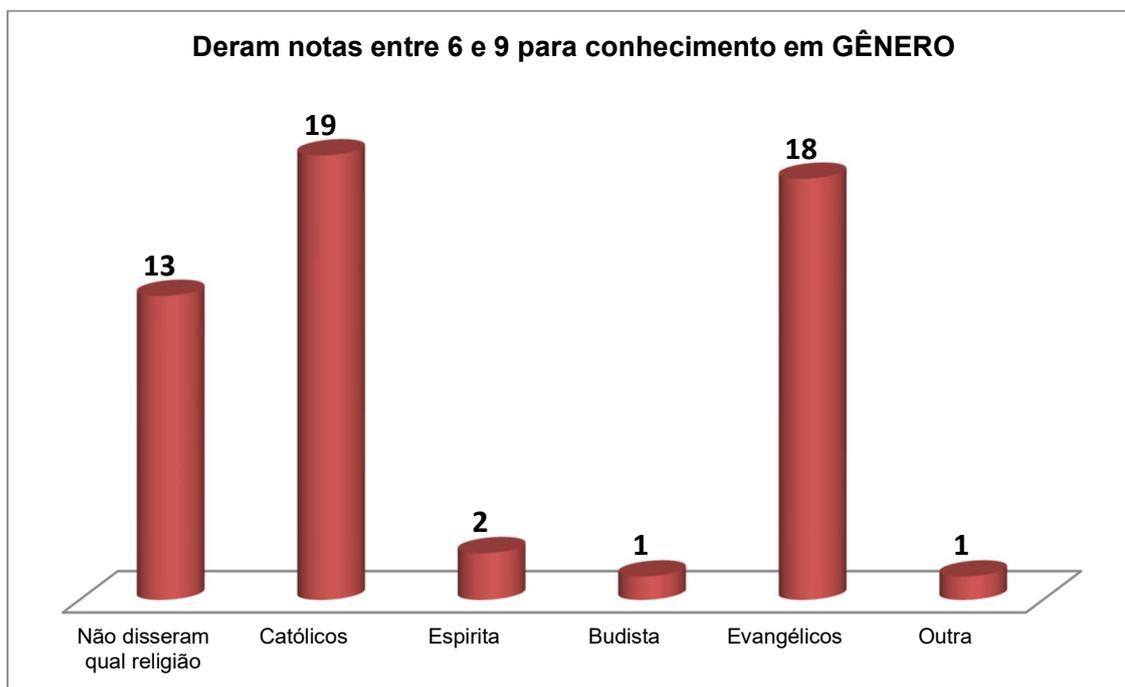
Gráfico 13 - Muito conhecimento sobre gênero – em números de pessoas



Fonte: a autora (2018).

A partir dos dados obtidos e considerando a formação dos (as) futuros (as) profissionais em Pedagogia, especialmente no cotidiano escolar. E o ambiente escolar é motivo de preocupação e denúncia em casos em que o comportamento dos (as) educadores (as) é, muitas vezes, carregado de estereótipos e preconceitos. Na prática profissional é comum que educadores (as) ajam como se meninos fossem, por natureza, mais bagunceiros, e as meninas mais aplicadas. Mas a realidade mostra que não é necessariamente assim, e a distinção realizada que separa tudo no universo lúdico das crianças, criando barreiras entre coisas de meninos e coisas de meninas, cria mais do que distinções sem sentido, estabelece distanciamentos que poderão ser nocivos do ponto de vista da convivência, nos relacionamentos quando adultos (as), como preconceitos, discriminações, violências, entre outras.

Gráfico 14 - Bom conhecimento sobre gênero – em números de pessoas



Fonte: a autora (2018).

Os (as) Católicos (as) que disseram conhecer muito sobre questões de gênero, assinalando a opção “10” representam 54,55% dos (as) pesquisados (as). Evangélicos (as) são 22,73%, não declararam religião 18,18%, e 4,55% são espíritas. Os (as) católicos (as) que disseram conhecer razoavelmente bem o tema de gênero representam 35,19% dos (as) pesquisados (as). Evangélicos (as), evangélicos, 33,33%, não declararam a religião, 24,07%, espíritas, 3,70%, budistas, 1,85% e outra religião, 1,85%.

Em relação à identidade de gênero: três estudantes não sabem nada; três sabem pouco; 23 conhecem algumas questões; 18 conhecem mais ou menos; 58 têm conhecimento razoável/bom; 12 estudantes declararam saber muito sobre o tema; e quatro não responderam. Nas respostas dadas, 70 estudantes declararam conhecer bem o tema da identidade de gênero. Um número significativamente alto. São poucos os que declararam não conhecer o tema ou saber muito pouco, ou seja, seis, estudantes.

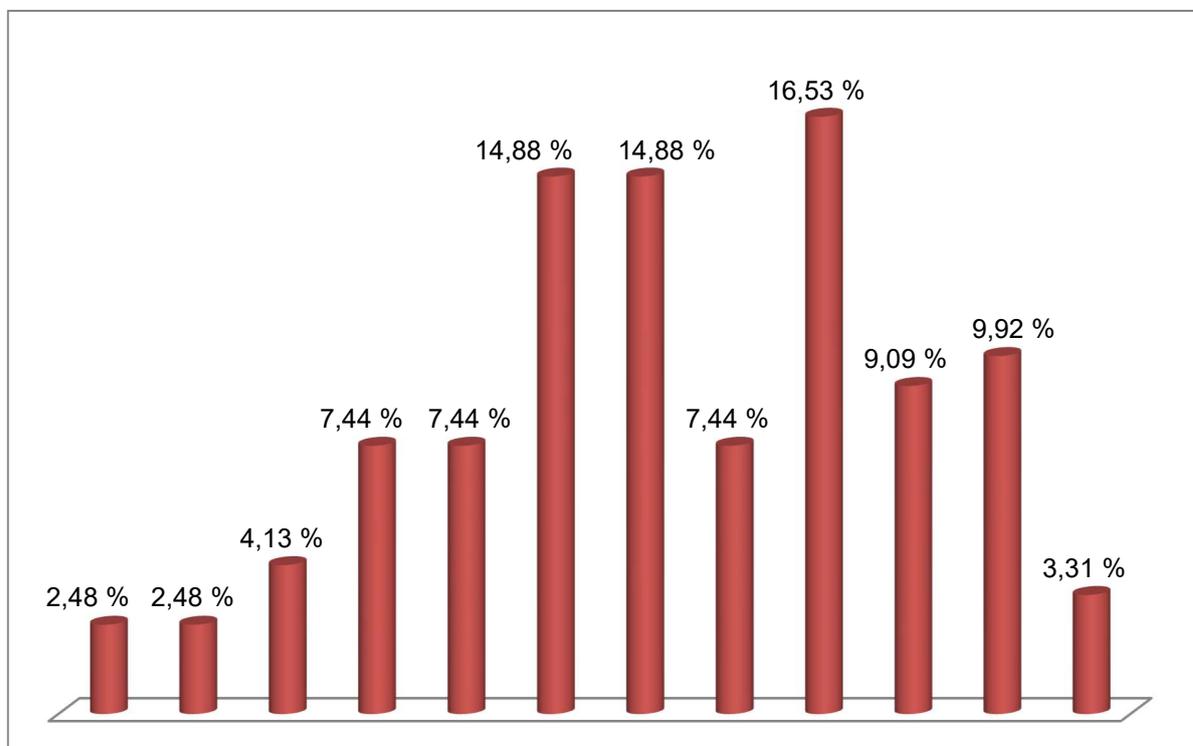
As teorizações sobre o conceito de gênero, transmutado em “ideologia de gênero”, especialmente por segmentos tradicionais e conservadores da Igreja Católica, unidos em sua meta de defender as normas éticas sexuais absolutas do ensinamento magisterial, prioriza o físico e o biológico em detrimento do relacional, e

posiciona-se em favor da complementaridade heterogenital e pessoal que, segundo a Nova Teoria da Doutrina Natural (NTDN), determina como imoral os atos homossexuais, por exemplo, por violarem não só a complementaridade heterogenital, mas também a reprodutiva, segundo Salzman e Lawler (2012), que são teólogos católicos e que também discordam desta posição da NTDN.

As representações de gênero (CHARTIER, 1990) para as Igrejas analisadas, considera o papel e a função do masculino e o feminino vinculado ao matrimônio, e consequente maternidade e paternidade.

João Paulo II associa um significado ontológico ao sexo masculino e ao feminino, com as respectivas implicações normativas (absolutas) para o gênero no matrimônio e na Igreja, O segundo relato da criação no Gênesis revela “a verdade fundamental (...) *relativa ao homem* criado como homem e mulher à imagem e semelhança de Deus”. Essa verdade fundamental revela a igualdade fundamental entre homem e mulher, mas sua natureza física distinta envolve papéis de gênero distintos tanto no matrimônio como na Igreja. O matrimônio é definido em termos de complementariedade masculino-feminino, pela qual as mulheres são conclamadas a trazer plena dignidade à maternidade e a vida conjugal. (SALZMAN; LAWLER (2012, p. 167, grifos do autor).

Gráfico 15 - Identidade de gênero

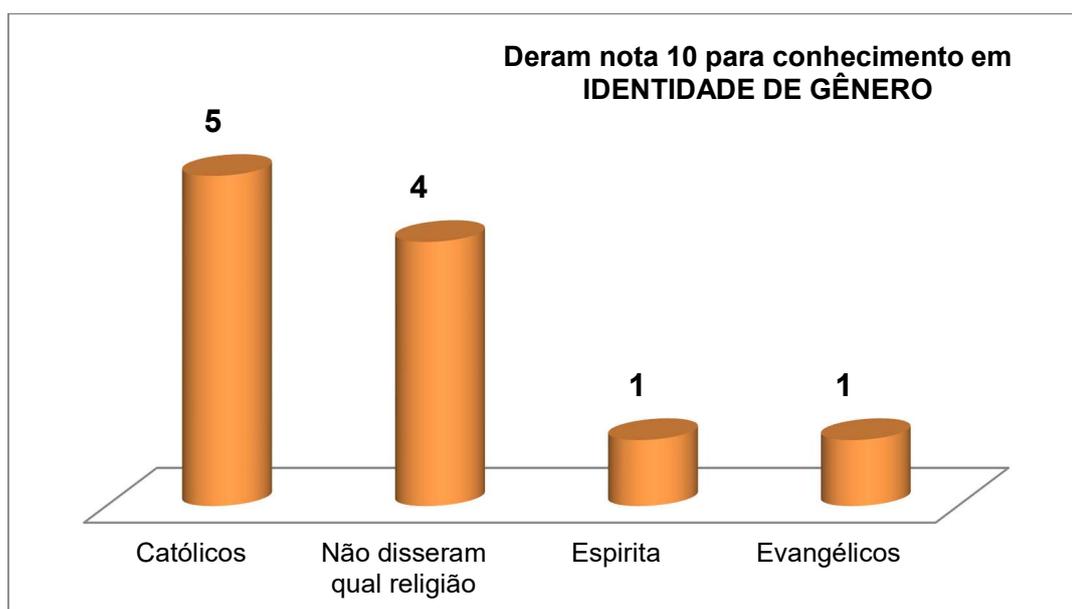


Fonte: a autora (2018).

A identidade de gênero pode ter tido uma interpretação mais tranquila, ou seja, menos difícil de um posicionamento pessoal, pois é comumente usada para identificação pessoal, ou como a pessoa se reconhece. Tem a ver com o modo de identificação do sujeito, seja ele homem cis⁵⁷ ou trans, mulher cis ou trans, ou outro modo de identificação que não se encaixa no sistema binário.

Todavia, separando as declarações dos estudantes por religião, buscando saber o que de fato sabiam mais sobre questões de gênero considerando as denominações religiosas pertencentes, constatamos uma queda entre os estudantes que deram nota “10” avaliando o seu conhecimento pessoal sobre as questões de gênero e o seu conhecimento. Foram 11 pessoas que declararam saber muito sobre o tema. Abaixo apresentamos o gráfico comparativo por religião, onde fica demonstrado o nível de conhecimento declarado pelos (as) estudantes sobre as questões de gênero:

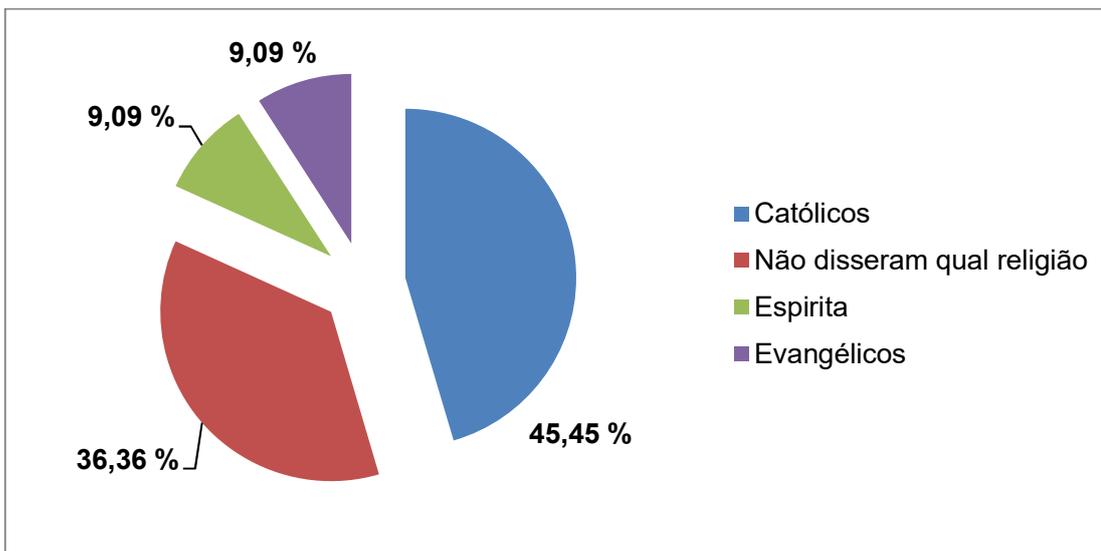
Gráfico 16 - Muito conhecimento em Identidade de gênero – em números de pessoas



Fonte: a autora (2018).

⁵⁷ O conceito vem do Latim e significa “deste lado”. Nessa lógica, de maneira simplificada, o termo surge para representar as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi designado ao nascer. Julgamos importante, fazer um novo acréscimo que diferencia das pessoas que são trans* outra categoria que pode produzir certa confusão com relação também à sua orientação. Para saber mais consultar: <http://transfeminismo.com/>. Acesso em 30 jan. 2019.

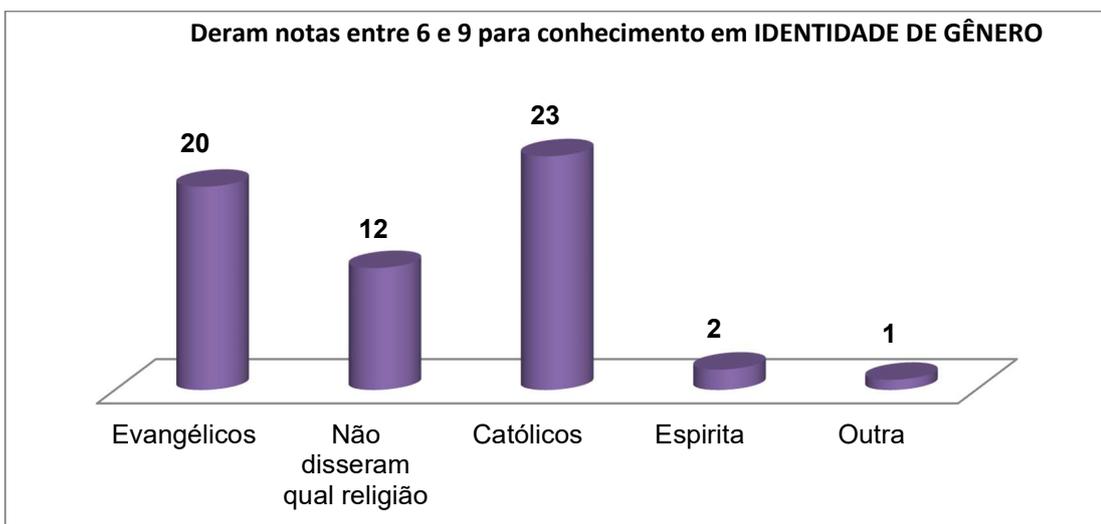
Gráfico 17 - Muito conhecimento em Identidade de gênero – em percentuais



Fonte: a autora (2018).

Ainda sobre as declarações dos (as) estudantes, considerados em separado, ou seja, por religião, os (as) que declaram saber de uma escala que vai de 6 a 9 pontos. O número dos que declaram estar encaixados nessas numerações sobem, como podemos ver no gráfico abaixo.

Gráfico 18 - Bom conhecimento em Identidade de gênero – em números de pessoas

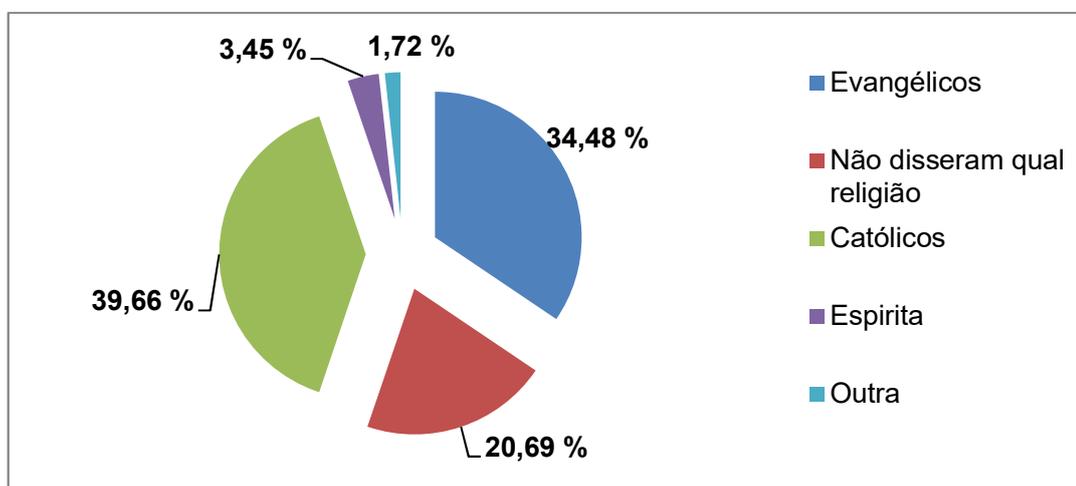


Fonte: a autora (2018).

Podemos perceber pelo gráfico, o quanto católicos e evangélicos detêm um conhecimento que pode ser classificado entre razoável e satisfatório a partir das

respostas sobre identidade de gênero, pelas 58 respostas declaradas. No gráfico abaixo, podemos observar as respostas em percentuais.

Gráfico 19 - Bom conhecimento em Identidade de gênero – em percentuais

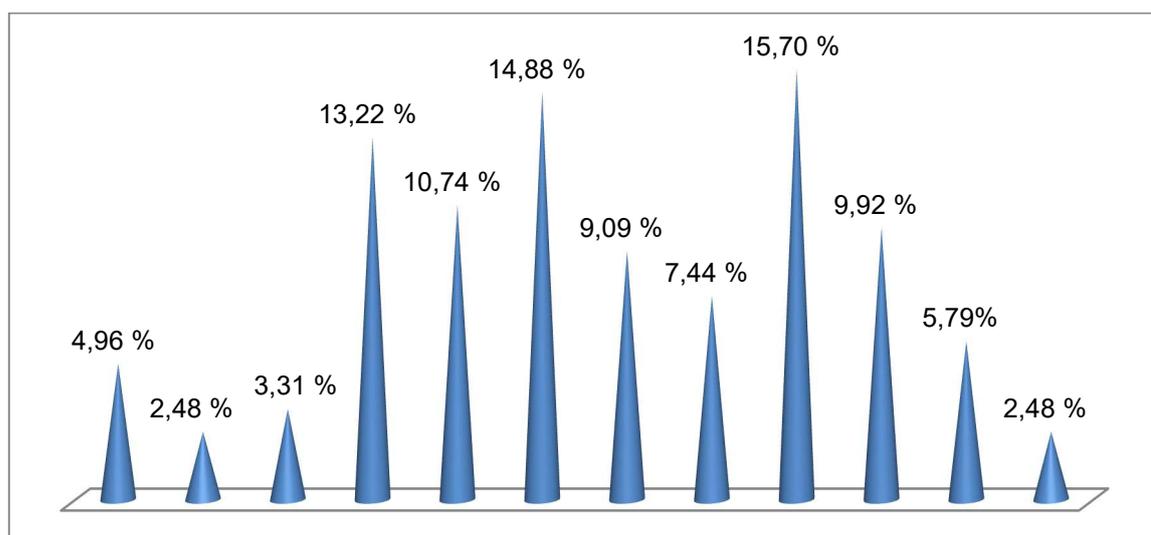


Fonte: a autora (2018).

No que se refere a “ideologia de gênero”, conceito que parece atuar sobre a ignorância, pois, seis estudantes não sabem nada, três sabem pouco, 33 conhecem algumas questões e 18 conhecem mais ou menos. Se considerarmos o número de estudantes que declaram não saber nada, os que sabem pouco e aqueles que sabem medianamente chegam a 60 estudantes que tem pouco conhecimento sobre o tema. Com relação aos que declararam muito conhecimento, obtivemos o número de sete estudantes. Aqueles que declararam um conhecimento razoável/bom foram 51, e três não responderam. Os dados indicam que são 60 estudantes que declararam que sabem pouco. Os que sabem razoavelmente bem somam 58 estudantes, portanto, os dados da pesquisa indicam que uma parcela significativa não conhece o debate em torno do conceito da “ideologia de gênero”. Causa-nos certa surpresa, pois o tema foi um dos principais motes de campanha, tanto de quem defendia a proposta quanto daqueles que fizeram oposição ao conceito; posições presentes em toda a mídia social, transformado em um grande espetáculo. Ao considerar as respostas, os discursos ficaram restritos aos púlpitos e parece não ter conseguido chegar até os (as) estudantes que estavam em formação nas universidades. Qual é a relação que as lideranças religiosas estão estabelecendo com os (as) estudantes no que diz respeito a gênero? Será que os (as) estudantes cristãos (ãs) não se sentem obrigados (as) a se alinhar com um campo ou outro no que diz respeito a gênero? Qual a relação

que estabelecem entre questões de gênero, ideologia de gênero e educação? Finalmente sobre esse tema, acreditamos ser importante compartilhar que nas respostas, não houve manifestações escritas pelos (as) estudantes que indicasse uma posição mais radicalizada sobre o tema.

Gráfico 20 - “Ideologia de Gênero”



Fonte: a autora (2018).

Ainda sobre a “ideologia de gênero, a primeira referência do conceito, vinculada ao termo ideologia, em um documento eclesial, foi uma nota emitida pela Conferência Episcopal do Peru em 1998, intitulado *La ideología de genero: sus peligros y alcances*, alertando que, entre vários perigos, encontra-se a necessidade de proteger a família contra os defensores de tal ideologia que tentam promover a desconstrução da família, da educação, da cultura e da religião (CONFERÊNCIA..., 1998). O que acabou por desembocar em confronto e ativismo religioso contra o conceito de gênero, tornando-o o centro do debate e de ações legais, dando-lhe visibilidade de forma a extrapolar as fronteiras universitárias e de alguns movimentos sociais. A reação da Igreja Católica e demais Igrejas, especialmente do campo Pentecostal e Neopentecostal, acabou por promover o a “ideologia de gênero”, ampliando o conhecimento sobre estes para o bem e para o mal, nas narrativas especializadas, religiosas ou nos debates livres, que circularam nas mídias sociais.

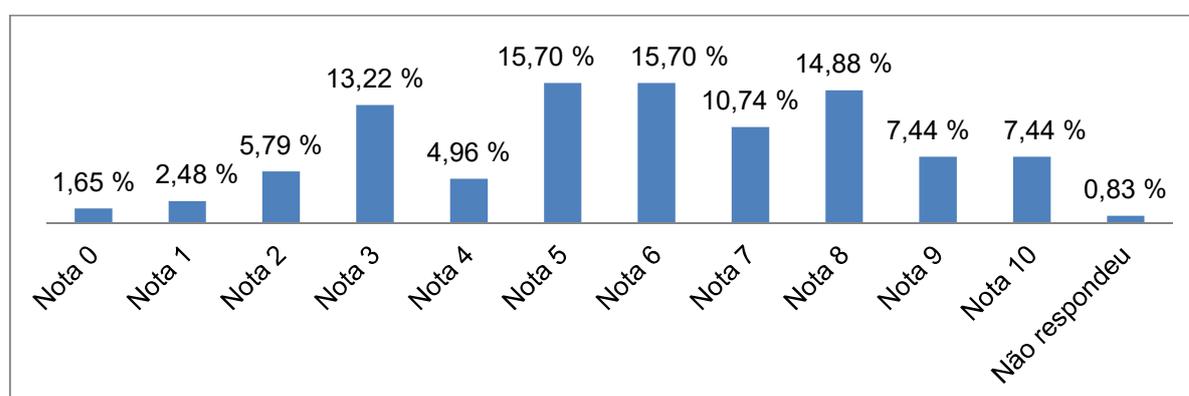
A questão da transexualidade, uma categoria distinta, criada na década de 1950 nos Estados Unidos, cujo conceito define dois sexos distintos e opostos, cada qual com uma psique própria, característica. E que emerge publicamente, e é uma

das discussões polêmicas e de grande desacordo pelo campo religioso conservador que mais comumente considera a existência transexual enquanto uma aberração, um transtorno, ou um afastamento da vontade divina. Segundo Verikas (2003) a naturalização da hierarquia dos sexos no mundo moderno é, ao mesmo tempo, o arquétipo e o sintoma desse processo histórico que desloca a legitimação do campo religioso para a natureza. A teoria feminista, pesquisas de gênero acabou por “desnaturalizar” todo o âmbito da experiência social que, durante muito tempo, não se configurou como objeto de interesse acadêmico. Em uma proposta de multiplicar as pessoas que interatuem entre si.

Com relação a compreensão sobre o conceito de transexualidade a pesquisa indicou que dois estudantes não sabem nada; três sabem pouco; 29 conhecem algumas questões; 19 conhecem medianamente; 59 têm conhecimento razoável/bom sobre o tema; nove estudantes declararam possuir muito conhecimento sobre o tema; e dois não responderam. Totaliza assim 41 estudantes que declararam não conhecer muito e 68 com muito ou bom conhecimento sobre o tema.

O campo religioso apresenta grande resistência ao tema, por acreditarem que não respeita a ordem biológica naturalizante nem o pensamento católico tradicional e conservador e muito mais o pentecostal e neopentecostal. A educação católica, por exemplo, ensina em uma perspectiva antropológica cristã, onde a totalidade da pessoa deve estar em comunhão com os elementos biológicos, entendidos como complementaridade, como já foi dito por Salzman e Lawler (2012) e integração dos elementos biológicos, psicoafetivos, sociais e espirituais. Não há concordância com uma transição sexual. Consideram-na uma situação de patologia.

Gráfico 21 - Transexualidade

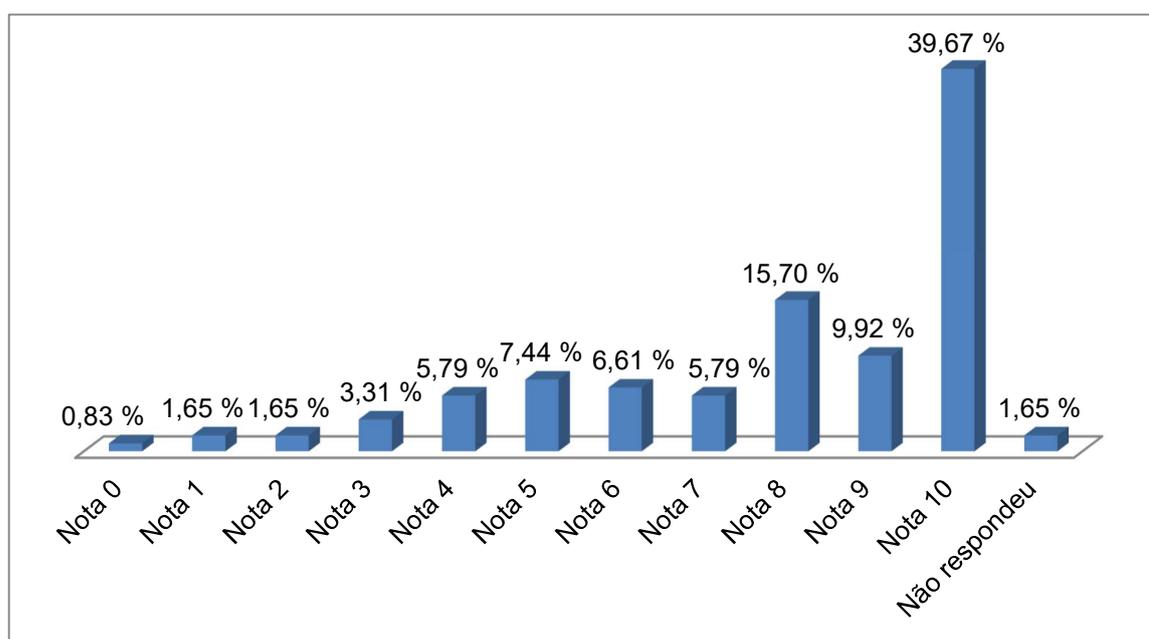


Fonte: a autora (2018).

A heterossexualidade é a norma aceitável na sociedade, de plena concordância com as Igrejas, tanto católica quanto Pentecostais e Neopentecostais. É a ordem da complementaridade, que garante a reprodução da vida que está em questão. Para as Igrejas, atos heterossexuais são verdadeiramente humanos e, portanto, cabíveis e morais no que se refere à heterossexualidade.

Nas respostas ao questionário, um estudante disse não saber nada; dois sabem pouco; 13 conhecem algumas questões; nove conhecem mais ou menos; 46 estudantes dizem ter conhecimento razoável/bom; 48 declararam possuir muito conhecimento; e dois não responderam. Na temática os (as) estudantes demonstraram maior domínio de conhecimento, mas ainda não é total. Vale ressaltar que a heterossexualidade é a norma estabelecida em nossa sociedade, ou seja, é a heteronormatividade, legitimada pelas Igrejas, bem como por setores da área médica.

Gráfico 22 - Heterossexualidade



Fonte: a autora (2018).

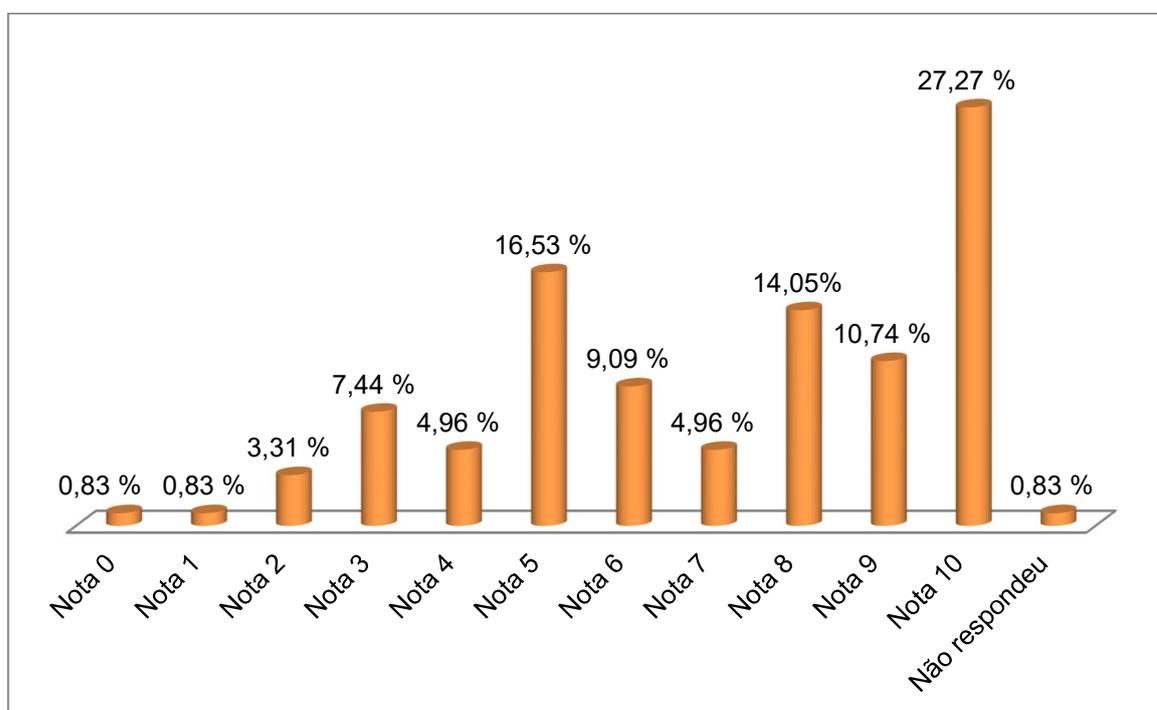
Ainda sobre a questão da heterossexualidade, o Papa Francisco lançou, no Sínodo dos Bispos, em abril de 2016, a Carta Encíclica sobre Amor e Família, “Amoris Laetitia”. Baseando-se grandemente nos documentos aprovados pelos dois Sínodos, assim como em outros textos tradicionais e nos decretos do Concílio Vaticano II, na votação do relatório final, a maior parte das preposições recebeu grande apoio, porém três parágrafos, sobre a comunidade LGBTI e a questão de como

ajudar os católicos divorciados e recasados, não conseguiram convencer dois terços dos prelados eleitores.

Com relação ao conceito de homossexualidade, um (a) estudante declarou não saber nada; um (a) sabe pouco; 19 conhecem algumas questões; 20 conhecem mais ou menos; 47 têm conhecimento razoável/bom sobre o tema; 33 estudantes declararam possuir muito conhecimento sobre o tema; e um não respondeu. São 80 estudantes que declaram que dominam bem o tema, contra 41 que declaram pouco ou nenhum conhecimento sobre um segmento que luta por reconhecimento desde a década de 1970 no Brasil, e são alvos de ações violentas e de toda a sorte de preconceitos.

Observa-se que, embora a homossexualidade seja um assunto aparentemente mais conhecido, abordado na sociedade e vivenciado socialmente, no entanto ainda há um número importante de sujeitos que manifestam conhecer pouco ou razoavelmente sobre isto. Questão que será aprofundada na pesquisa, que realizamos para checar melhor o nível de conhecimento dos (as) estudantes sobre o tema.

Gráfico 23 - Homossexualidade

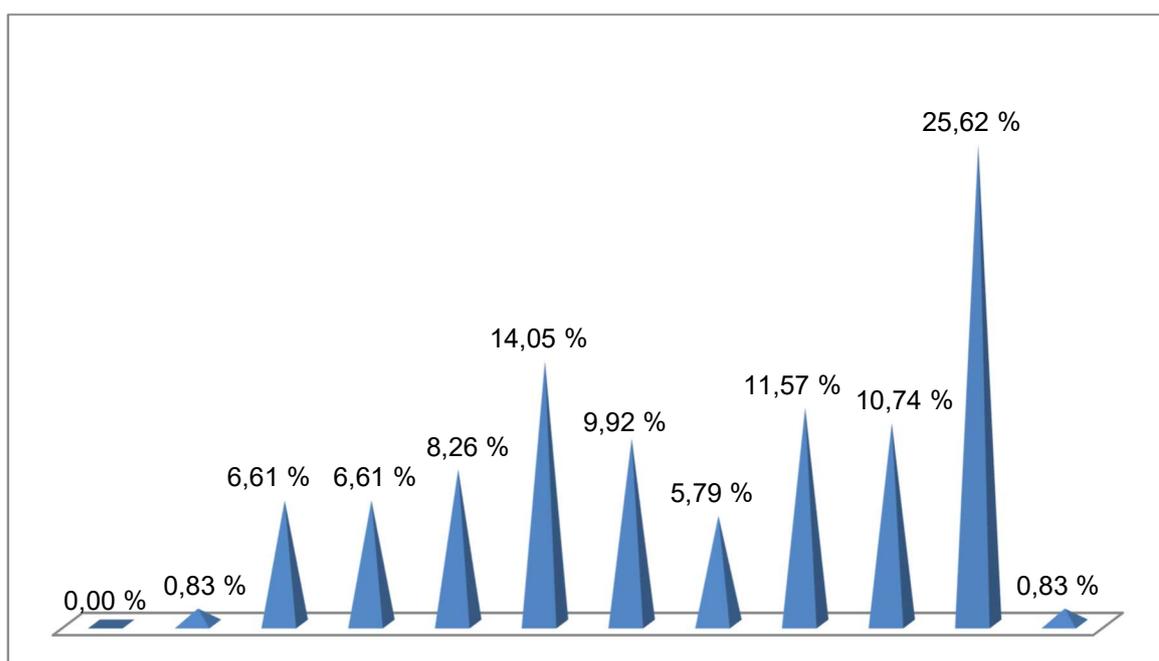


Fonte: a autora (2018).

A bissexualidade conceito que subverte a ordem da heteronormativa, com adesão a uma sexualidade, não tão evidente, volátil e livre das normas hetero, obviamente não é bem vista na sociedade e especialmente pelo campo religioso. Com relação ao debate posto pelas teorias de gênero, a bissexualidade, em nível de conhecimento dos estudantes, a pesquisa demonstrou que um (a) estudante declarou que sabe pouco sobre o tema; 26 estudantes conhecem algumas questões; 17 conhecem medianamente; 46 têm conhecimento razoável/bom; 31 declararam possuir muito conhecimento; e um não respondeu.

Ainda que a pesquisa indique que se tenha acúmulo de reflexões sobre o conceito, mostra também que 46 dos estudantes respondentes manifestaram ter pouco ou mediano conhecimento sobre bissexualidade, o que pode apontar para a corroboração de que é um assunto que se constitui tabu.

Gráfico 24 - Bissexualidade



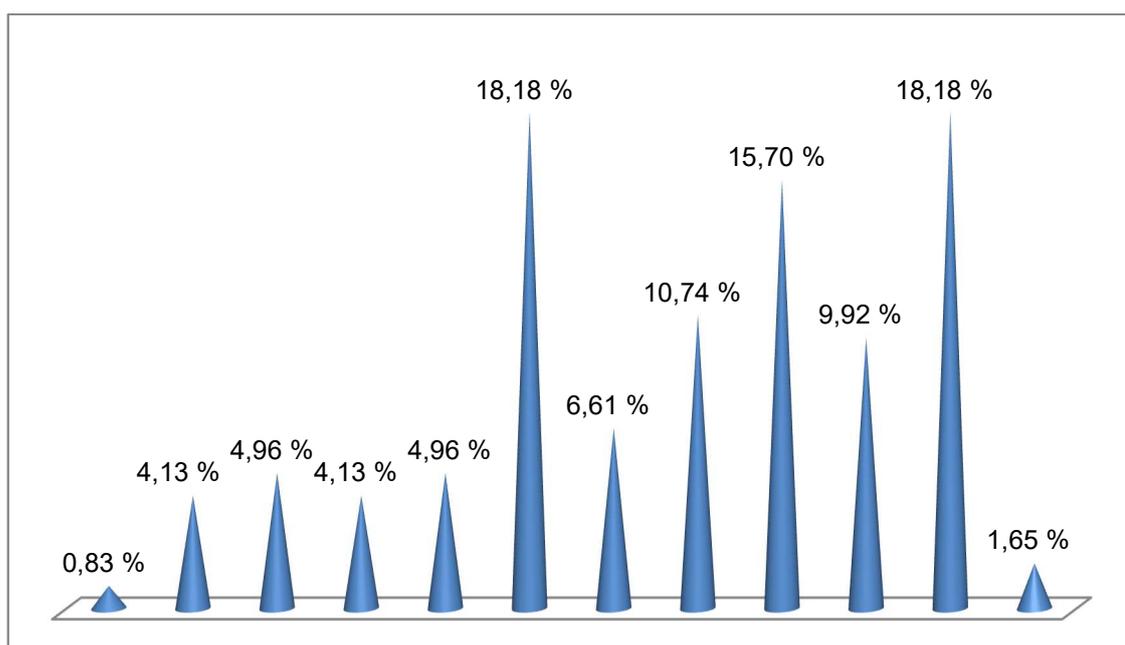
Fonte: a autora (2018).

Em relação à comunidade LGBTI, um estudante não sabe nada; cinco sabem pouco; 17 conhecem algumas questões; 22 estudantes conhecem mais ou menos; 52 têm conhecimento razoável/bom; 22 declararam possuir muito conhecimento; e dois não responderam. Como aos temas abordados sobre bissexualidade, transexualidade, identidade de gênero, são temas muito complexos de entendimento. São escassos os debates mais plurais sobre os temas. E há também de se considerar,

como afirma Louro (2000) que carregam práticas e linguagens de como os sujeitos femininos e masculinos são construídos, e carregam e produzem as “marcas”. São comportamentos ou modelos de ser, determinados, que parecem ter sido gravados nas histórias pessoais. E participam dessa produção de comportamentos, instituições como a família, escola, mídia, igreja, lei. Trata-se, segundo a autora “de instâncias que realizam uma pedagogia, fazem um investimento que frequentemente aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina ou recusa outras identidades e práticas [...]” (LOURO, 2000, p.16).

Talvez esse investimento todo e de forma articulada conforme exposto por Louro (2000) possam explicar a influência que acabam por ter em grandes segmentos da população especialmente naqueles com práticas religiosas, ou com maior aproximação do campo religioso.

Gráfico 25 - Comunidade LGBTI



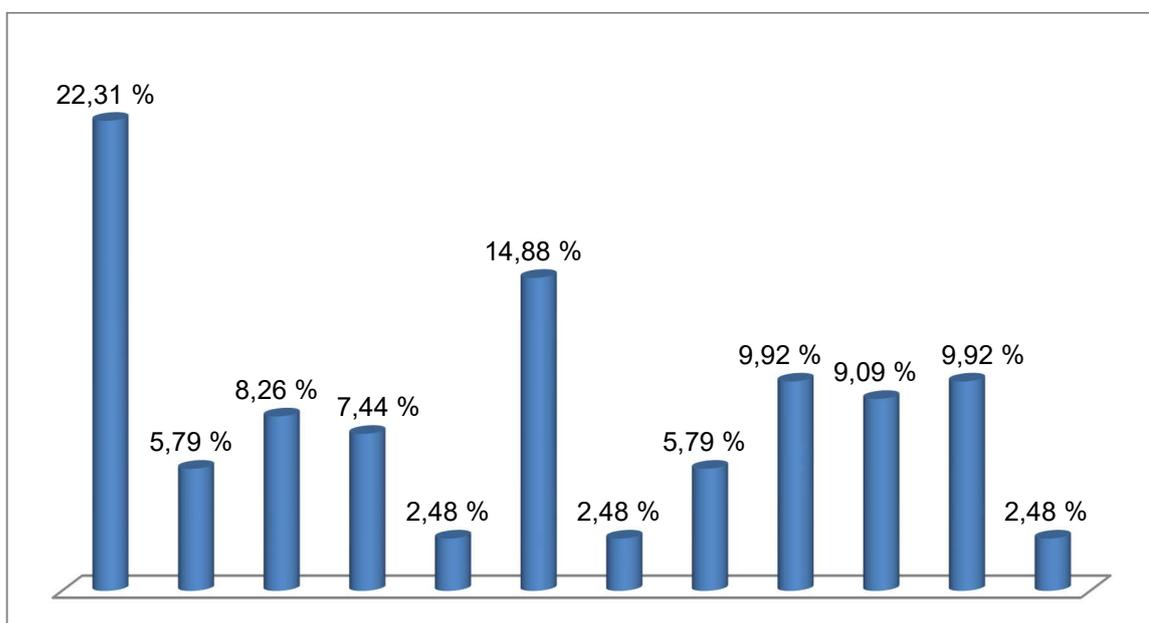
Fonte: a autora (2018).

Assim, em termos percentuais o dado é relevante em termos de pouco conhecimento sobre o assunto, considerando que a sigla aponta para um tipo de pertencimento, e, por assim dizer, de identificação de orientação sexual.

A relação entre sexo e gênero que tanto debate tem produzido, tem que ser categoricamente retrabalhadas. Modelos tradicionais quadros de conhecimento, dificilmente dão conta da interseccionalidade, que potencializa e problematiza o

debate sobre o conceito da homossexualidade. O lugar social de fala tem importância, pois, mesmo diante dos desafios postos, é diferente ser gay, rico e branco, do gay, pobre e negro. A figura do gay destaca-se na sociedade enquanto uma figura problemática, potente, e segundo LIMA (2006) a política gay acaba por contrapor o poder do macho, mas não contrapõe o poder político e econômico brancos. Do ponto de vista das religiões, ou setores mais conservadoras, independente da condição social, cultural ou econômica, ser gay é uma condição patológica, que precisa e/ou deve ser curada, e muitas igrejas se dispõem a fazer a “cura”. Sobre a “cura gay”, 27 estudantes não sabem nada, sete sabem pouco; 22 conhecem algumas questões; 18 conhecem mais ou menos; 33 têm conhecimento razoável/bom; 12 estudantes declararam possuir muito conhecimento; e dois não responderam. Em nossa opinião, 56 estudantes que nada ou pouco sabem sobre o tema, é um número alto para um tema que fez parte de motes de campanhas, bem como sobre discussões no interior de confissões religiosas que tratamos nos capítulos anteriores deste trabalho.

Gráfico 26 - “Cura gay”

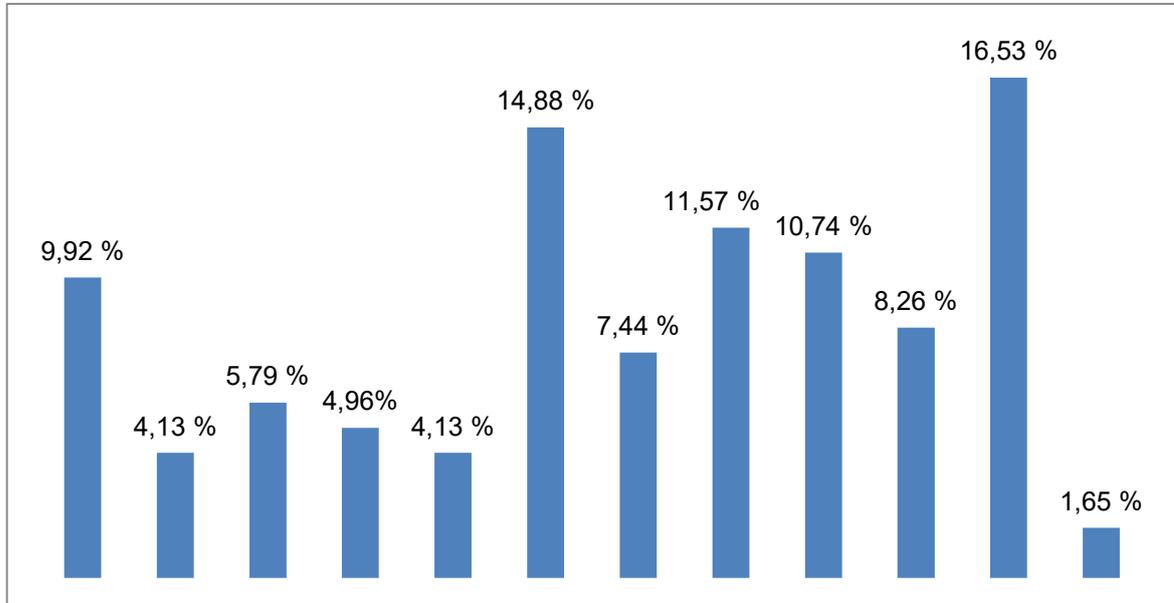


Fonte: a autora (2018).

Sobre o entendimento ou conhecimento sobre a vivência homoafetiva, ou seja, partindo de um pressuposto sobre os casais homossexuais, as novas configurações de família, demandas, reivindicações entre outros pontos, a pesquisa indicou que 12 estudantes disseram não saber nada a respeito; cinco sabem pouco; 18 conhecem algumas questões; 18 estudantes conhecem mais ou menos; 46 com conhecimento

razoável/bom; 20 estudantes declararam possuir muito conhecimento; e dois não responderam.

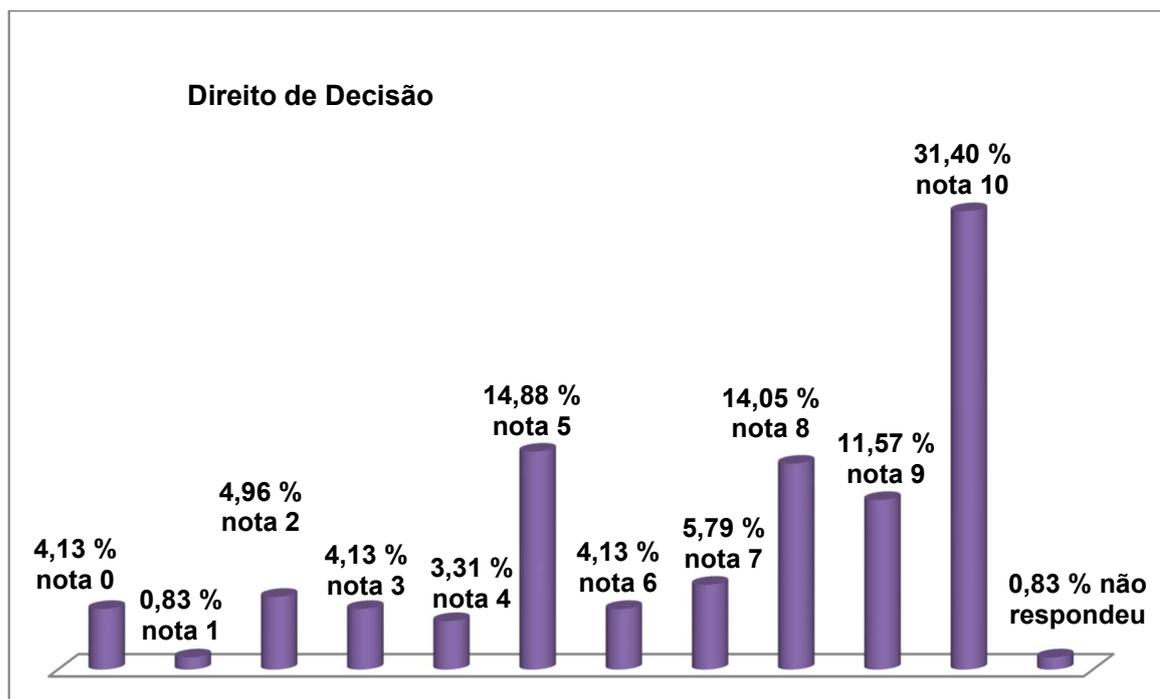
Gráfico 27 - Vivência homoafetiva



Fonte: a autora (2018).

Considerando que entre os temas postos no debate de gênero, está o direito de decisão sobre os seus próprios corpos, tema gerador de muitas tensões, pois, é uma fronteira entre o físico e o não físico, especialmente no que diz respeito às mulheres, pois, há uma problematização da diferença, que gera papéis diferenciados, e uma fixidez a partir dos corpos, onde entra o debate sobre o aborto, e as cirurgias necessárias para o caso da transexualidade. É o corpo determina o papel, a função, a moralidade de alguém. A pergunta foi posta, com o objetivo de tentar perceber como os estudantes, encaravam esta assertiva, direito de decisão, bandeira especialmente do movimento feministas. E obtivemos as seguintes cinco estudantes declararam que não sabem nada; um, sabe pouco; 15 conhecem algumas questões; 18 conhecem mais ou menos; 43 têm conhecimento razoável/bom; 38 estudantes declararam muito conhecimento; e dois não responderam.

Gráfico 28 - Direito de decisão



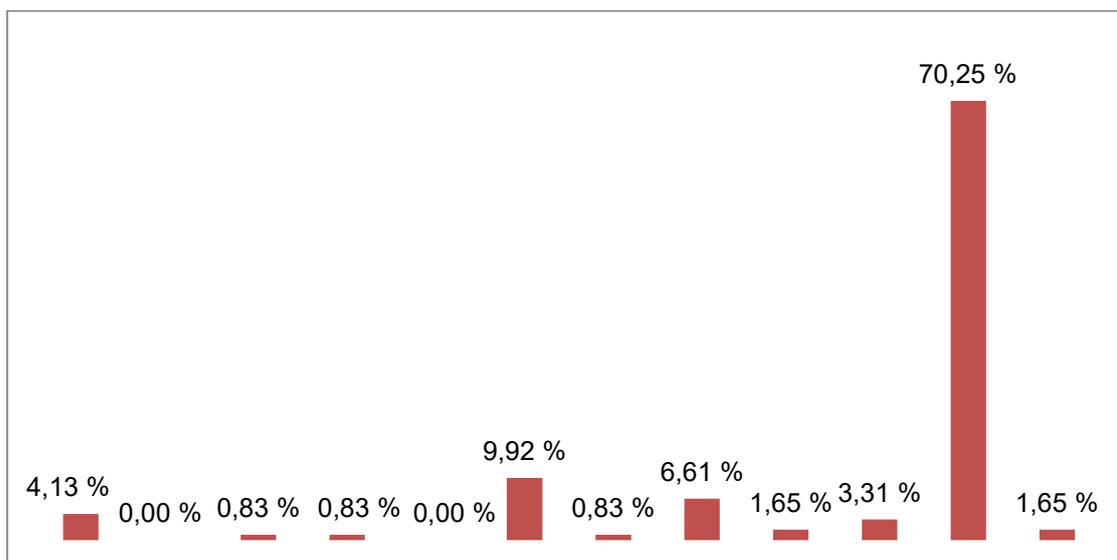
Fonte: a autora (2018).

Os percentuais obtidos nos permitem dizer que os (as) estudantes, em maior número, se dizem saber sobre “direito de decisão”; o que não significa, evidentemente, que concordem, pois foi perguntado se conhecem a temática. Mas também, se percebe, nos percentuais, um bom número de pessoas que declaram saber pouco sobre a matéria, embora tenhamos pesquisas e estudos de gênero desde a década de 1970.

Sobre a Escola e a questão de gênero: foi solicitado que os (as) estudantes indicassem o seu grau de concordância com as seguintes questões:

A escola precisa estar preparada para discutir as questões de gênero: nas respostas dos estudantes, as seguintes declarações: cinco não concordam em absoluto; dois manifestaram pouca concordância; 12 concordam mais ou menos; 15 boa/razoável concordância; 85 concordam plenamente; e dois estudantes não responderam. A legislação brasileira apresentou significativos avanços no sentido de incorporar direitos e valores à discussão na escola, mas “não há uma relevância para gênero condizente com a centralidade que esse debate tem assumido na cena contemporânea” (VIANNA; UNBEHAUM, 2006, p. 420). Voltando as respostas obtidas em nossa pesquisa, apresentamos os dados, no gráfico 29, em percentuais:

Gráfico 29 - A escola precisa estar preparada para discutir as questões de gênero

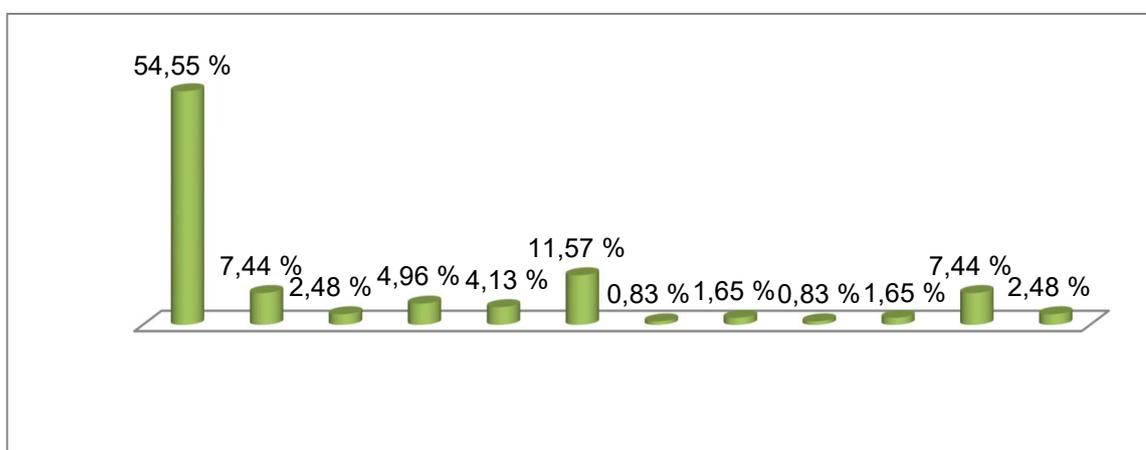


Fonte: a autora (2018).

A questão da Orientação Sexual que já configurou como Tema Transversal dos Parâmetros Curriculares Nacionais e leis como a 10.639/2003 – da obrigatoriedade de inserir História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial da rede pública -, não se concretizam nas práticas sem investimentos sérios, e sem vontade política de levar o projeto adiante.

Não é papel da escola discutir temas de gênero: não concordam em absoluto foram 66 estudantes; 23 pouca concordância; 14 concordam mais ou menos; seis boa/razoável concordância; nove concordam plenamente; e três estudantes não responderam. Como demonstra o gráfico 30:

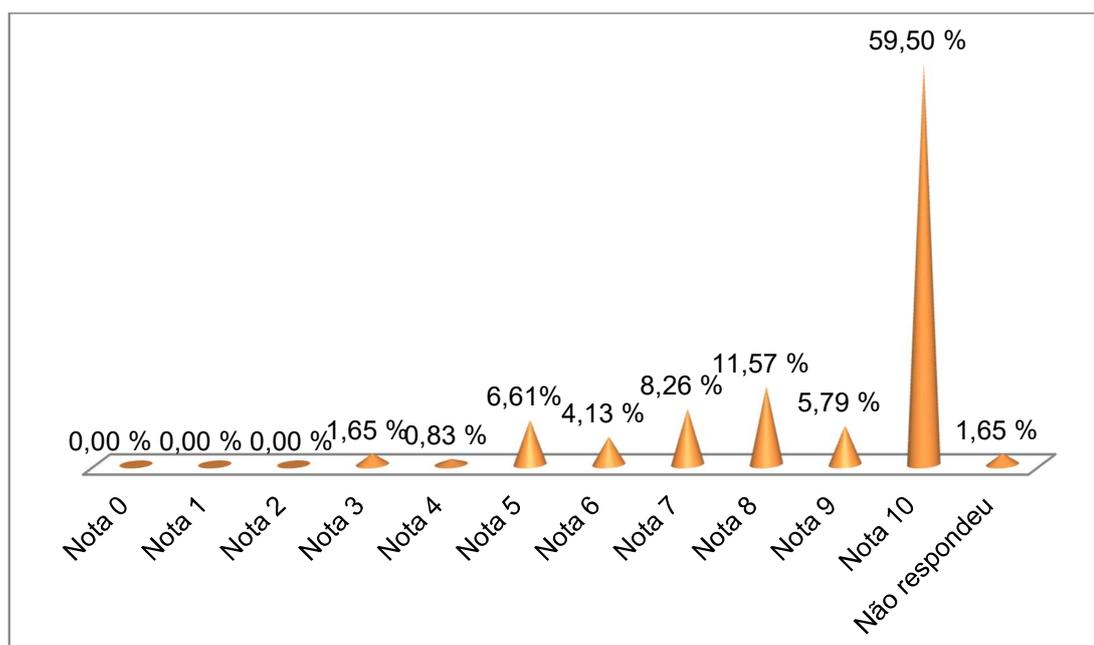
Gráfico 30 - Não é papel da escola discutir temas de gênero



Fonte: a autora (2018).

Há preconceitos de gênero na escola: três alunos concordam só um pouco; oito concordam mais ou menos; 36 tem boa/razoável concordância; concordam plenamente 72 alunos; e dois estudantes não responderam. Como demonstra o gráfico 31:

Gráfico 31 - Há preconceitos de gênero na escola



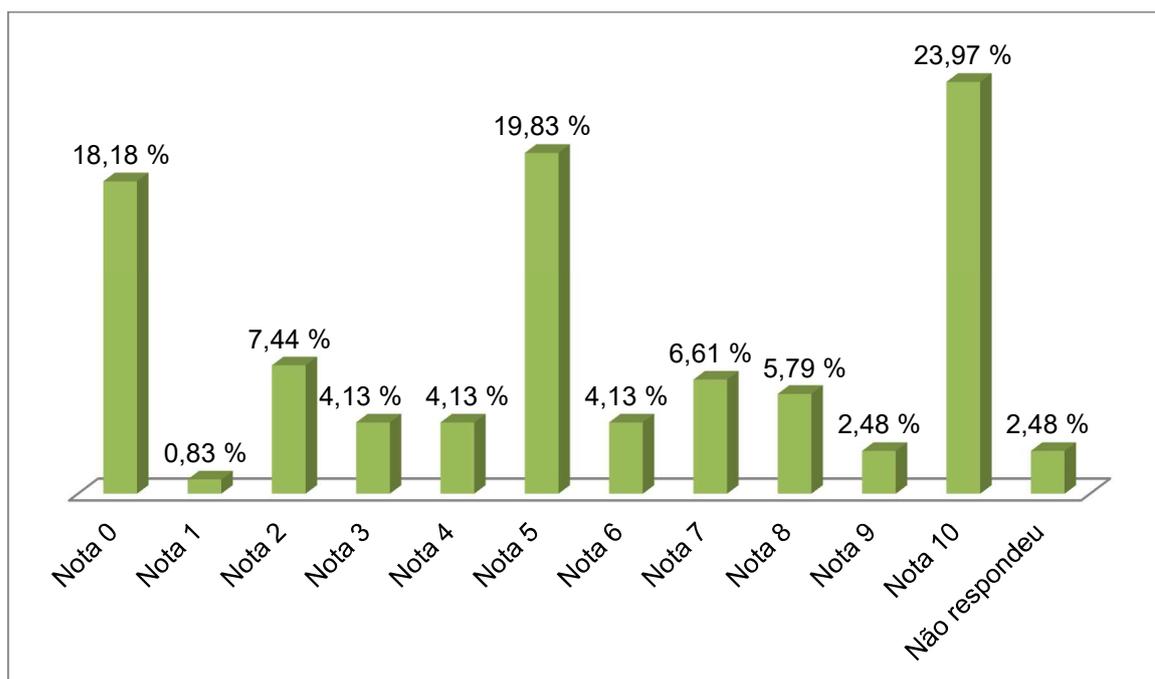
Fonte: a autora (2018).

Sobre o tema do preconceito, recorrente na escola, vale lembrar que a Conferência Nacional de Educação – CONAE, realizada de 19 a 23 de novembro de 2014 em Brasília, resultado de profícua e diversificada parceria em torno de temas da educação, que entendia a educação nacional como uma política de Estado, cujo documento final, Eixo II sobre Diversidade, inclusão e Direitos Humanos, em seu item 7 deliberou: inserir, implementar e garantir na política de valorização e formação inicial e continuada dos (as) profissionais de educação o discurso de raça, etnia, gênero, identidade de gênero [...] na perspectiva dos Direitos Humanos adotando práticas de superação do racismo, do machismo, do sexismo, de homofobia, da lesbofobia ou transfobia.

Considerando o posicionamento das Igrejas, não há objeções em políticas de enfrentamento ao racismo, mas não apresenta a mesma postura com relação ao combate a preconceitos de outra ordem.

A igreja reforça práticas machistas e preconceituosas que validam discursos de inferiorização de outros gêneros: 22 estudantes não concordam em absoluto; 20 tem pouca concordância; 24 concordam mais ou menos; 23 tem boa/razoável concordância; 29 concordam plenamente; e três estudantes não responderam. Gráfico 32, em percentuais:

Gráfico 32 - A igreja reforça práticas machistas e preconceituosas

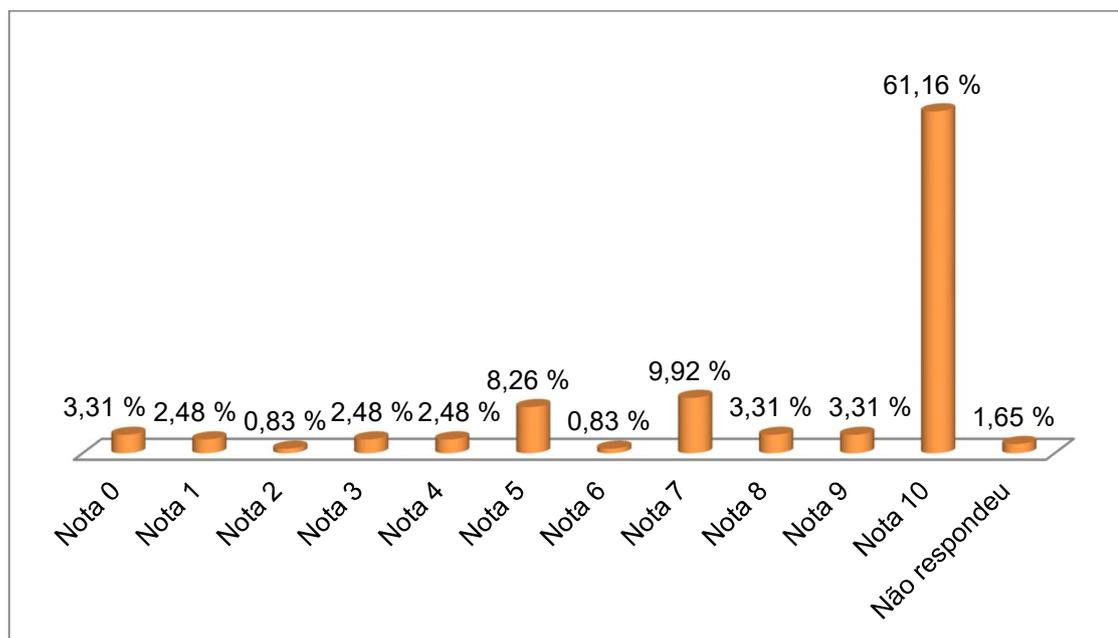


Fonte: a autora (2018).

Com relação a esta questão, onde um número significativo de estudantes acaba declarando que não concorda com a afirmação sobre o fato, chama a atenção sobre o nível de comunicação e informação alcançada, ou sobre a ausência de uma avaliação mais crítica sobre os posicionamentos adotados pelas Igrejas. Considerando que a maioria dos (as) estudantes são mulheres, as respostas dadas corroboram com as análises de Castillo y Zuñiga (2017), que nem sempre os (as) dominados (as) percebem as forças que os (as) dominam.

A capacitação de professores (as) e colaboradores (as) quanto a questão deve ser contínua: quatro estudantes não concordam em absoluto; 10 tem pouca concordância; 10 concordam mais ou menos; 21 tem boa/razoável concordância; 74 concordam plenamente; e dois estudantes não responderam. Gráfico 33, percentualmente.

Gráfico 33 - A capacitação de professores (as) e colaboradores (as)



Fonte: a autora (2018).

Solicitado que os (as) estudantes escrevessem, três palavras que representassem a sua concepção acerca de GÊNERO como tema a ser tratado na escola.

Uma das palavras de destaque foi: respeito, citada 12 vezes, sendo que em uma das citações, teve um enfoque de posição evidentemente contrária, pois, o (a) estudante escreveu: “em vez de discutir gênero tem que ensinar respeito pelo próximo”. Desse modo cabe indagar qual seria a concepção de respeito do estudante? O conceito respeito pode ter uma interpretação “enviesada”, ou tonta, pois, muitas vezes na solicitação de respeito familiar, genitores, podem esconder conflitos profundos, tais como violência doméstica, incestos, pedofilia entre outros. É no interior de família que violências profundas acontecem, e por aqueles de quem se esperava amor e proteção.

As demais palavras citadas pelos estudantes foram: Identidade (12 vezes), Igualdade (12 vezes), preconceito (9 vezes); família (8 vezes), aceitação (7 vezes), empatia, (7 vezes), conscientização (6 vezes), conhecimento (5 vezes), diferença (5 vezes), amor (4 vezes), diversidade (4 vezes), tolerância (4 vezes). Uma das colocadas entre as menos citadas, mas a relacionamos neste momento por estar diretamente vinculada ao nosso estudo, foi a palavra ideologia, escrita de uma forma que deixa evidente que o (a) estudante não está alinhada a “ideologia de gênero”, pois

o (a) mesmo (a) disse: a “ideologia de gênero não existe”. Esta não foi a única frase colocada, onde solicitou-se apenas “palavras”.

Aproveitamos esse momento para refletir sobre as discussões em torno do conceito de gênero, cujo bloco, apresentou por 53 vezes o conceito RESPEITO. O que nos chamou atenção. Podendo ter uma conotação de respeito à diversidade. Outras frases foram formuladas a saber: Não deve ser tratado na escola; Não conheço assunto a fundo, só superficialmente; Aquilo que diferencia socialmente as pessoas e que leva em consideração os padrões históricos; culturas atribuídas para homem e mulher; Em vez de discutir gênero tem que ensinar respeito pelo próximo (Frase já destacada acima); Tema deve ser tratado com cuidado em relação família; Gênero = respeitar as pessoas de mesmo gosto; Esse tema deve ser tratado no ensino médio; (Não) a erotização nas escolas; Preparo - escola precisa estar preparada para saber responder as questões, mas o papel fundamental é ensinar respeito ao próximo; Ideologia de gênero não existe! (Frase já destacada acima).

Além disso, para ele (a) discutir/abordar gênero na escola se justifica por: Ajuda na hora do respeito; Algo a ser conversado e tratado na família; Escola não é lugar adequado; é para ensino e aprendizagem; Apenas para conhecimento; As crianças não devem ser expostas a questões de gênero; Presente no cotidiano; algo que se vai deparar; Igualdade; Com cautela; focar no respeito; Questão presente na sociedade; Assunto faz parte sociedade; Falar sobre diferenças e respeito; Acredito que quanto mais tempo tivermos para refletir sobre algo, mais frutos bons teremos; Gênero sim, ideologias não; respeito sim, promoção de práticas não; Papel escola é ensinar respeito à diversidade; Para prática empatia e respeito; As propostas que estão sendo apresentadas não são para informar, mas para induzir; Tratar no ensino médio onde essas questões levam ao ódio e brigas; Brincadeiras infância socialmente divididas: menino diferente menina. A falta de informação leva professores e pais reprimirem crianças de infância plena; Diminuir preconceito e conscientizar sobre diferença; Tema deve ser esclarecido e não reforçado ou incentivado; Cada escola tem que ter sua concepção; Papel da escola é tratar currículo; Tema extremamente violado devido falta de conhecimento; Para que crianças tenham noção que é normal ser diferente; Importante conhecer diferenças e aprender aceitar, conviver.

Nas respostas obtidas, fica evidente que uma parte significativa dos (as) estudantes em formação, entende que a discussão de gênero nas escolas é importante, não só no sentido de combate aos preconceitos, violências de gênero e

para uma maior equidade, mas também diz respeito a necessidade de formação no campo. Houve nas respostas destaque sobre a falta de informação em gênero. O que ficou de certa forma evidenciada nas respostas que os (as) estudantes deram sobre os conceitos de gênero. Outro ponto destacado foi sobre o currículo, que é segundo Silva é construído sobre determinado conhecimento que explicita um entendimento de pessoa e de subjetividade “o currículo é também uma questão de identidade. É sobre essa questão, pois, que se concentram também as teorias do currículo” (1999 p. 15-16). Percebe-se também em certa preocupação com uma resposta que questões de gênero, deve ser esclarecido e não e não reforçado ou incentiva. O que deixa evidente a preocupação com o tema.

Foi solicitado que os (as) estudantes, que expresassem em três palavras ou expressões breves, sua reflexão pessoal sobre educação e gênero: Polêmica; tabu; necessidade; Direito de escolha; escola não é para isso; diversidade cultural; Família; Respeito; tolerância; igualdade; Respeito; diversidade; escolha da pessoa; Respeito; tolerância; Respeito; tipos de família; Pouca reflexão; insegurança; despreparo; Educação deve promover respeito a todos independente gênero; não cabe escola orientar sobre não se identificar com o gênero; literaturas que promovem a ideologia de gênero não devem ser utilizadas na escola; Para que crianças tenham noção que é normal ser diferente; Reconhecer a presença do feminismo na história da educação; homens e mulheres são iguais; respeito ao lugar de fala; Empatia, respeito, amor; E com o tempo que se define se é menino ou menina; é preciso experimentar para saber; essas expressões me remetem à indução, não concordo; Conhecer a si mesmo; respeito diversidade; olhar com compreensão quem pensa diferente; Direito de todos; promover respeito; diminuir violência; Educar para que não haja preconceito; que não haja bulling; esclarecer e não incentivar; Reforço; educação deve se posicionar; não deve ser obrigatório ensino gênero; Respeito, empatia, mudança; Desconhecimento, identidade, sexualidade; Devemos respeito acima de tudo, amar é amor; Etc, etc.

Foram várias as possibilidades destacadas pelos (as) estudantes, como pode ser constatado no Anexo 2 deste trabalho. Para facilitar a visualização, as respostas estão separadas blocos. Os posicionamentos dos estudantes em relação a gênero, em três blocos:

- a) O primeiro diz respeito às respostas da maioria dos (as) estudantes, que não só manifestaram conhecimento sobre as questões de gênero, mas também, posições avançadas com relação a elas, e defendem que a escola

deve estar preparada para discuti-las, que o tema é importante e precisa ser tratado. Mesmo quando estes estudantes são filiados a Igrejas que mantêm posicionamentos contrário ao gênero, como veremos posteriormente;

- b) Um segundo bloco, são estudantes, que não tem segurança sobre os temas de gênero, portanto, não manifestaram explicitamente seus posicionamentos, em decorrência de tal fato;
- c) E um terceiro bloco, minoritário, se posicionou contra o conceito de gênero, com adesão a ideia de “ideologia de gênero”, com base nas doutrinas religiosas.

Com o objetivo de evidenciar, ou nos aproximar melhor, do grau de conhecimento dos (as) estudantes sobre o tema, enviamos por meio do espaço virtual, uma pesquisa (amostra) contendo oito perguntas. Essa amostra, foi enviada aos (as) estudantes, pesquisado (as) e contou com a colaboração voluntária.

Nas oito entrevistas que retornaram pudemos constatar que o grau de informação sobre gênero é muito baixo e algumas resposta contém vestígios de representações de gênero do campo religioso.

Quadro 1 - Grau de conhecimento dos estudantes sobre o tema

1	Você manifestou ter conhecimento sobre gênero, que conhecimento é esse? Poderia exemplifica-lo?	Gênero é a separação entre sexo masculino e feminino
		Gênero é como a pessoa se identifica como homem ou mulher podendo ser Cis ouTrans
		Desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho
		Sim. Entendo o gênero como o que a pessoa se identifica ser independente do sexo biológico.
		Relações entre os sexos e de poder
		Gênero é como a pessoa se identifica
		Não tenho conhecimento
2	Por qual ou quais meios teve acesso a esse tipo de conhecimento?	O significado da palavra aprendi na escola
		Pesquisas na internet faculdade
		Textos acadêmicos, jornal e conversas com amigos e colegas
		Em conversas informais com colegas e professores. E em buscas pela web.
		TV e internet
		Conversas com amigos
3	Sobre identidade de gênero, você manifestou ter conhecimento sobre	Não busquei esse esclarecimento
		Identidade de gênero é a parte sexual em que uma pessoa se identifica, estando ou não de acordo com seu corpo, tem aqueles que nascem em um corpo mas desejam ter outro. É a escolha sexual sobre quem o indivíduo quer ser

	isso, também. Que tipo de conhecimento possui?	<p>Como a pessoa se identifica</p> <p>Não me lembro de falar que eu sei sobre este assunto! Se eu coloque que sabia desculpe! Nas eu não sei muito sobre este assunto para comenta-lo</p> <p>Considero que mesmo lendo sobre este tema, me sinto totalmente confusa e insegura sobre esse tema. Para Identidade de gênero e gênero tenho a mesma resposta: independente do sexo biológico, é que a pessoa se identifica ser (mulher/homem ou feminino/ masculino)</p> <p>Como a pessoa acha que é</p> <p>Identificação</p> <p>E como alguém se identifica</p> <p>Não possuo</p>
4	Por qual ou quais meios o teve acesso a ele?	<p>Depois do assunto se tornar polêmico nas eleições de 2018 de uma forma negativa, decidi pesquisar para saber do que se tratava</p> <p>Estudando na internet</p> <p>O pouco que sei é com conversas entre o meu meio social</p> <p>Conversas informais com colegas amigos e professores, e por meio da web.</p> <p>Redes sociais</p> <p>Grupo de jovens</p> <p>Internet e conversas informais com amigos e professores</p> <p>Não busquei</p>
5	Para você o que é: Transexualidade?	<p>Transsexual é aquele que nasce em um corpo mas gostaria de ter o corpo do sexo oposto</p> <p>É quando uma pessoa que por exemplo nasce menina e ela não se vê como menina então começa a se comportar e se vestir como homem.</p> <p>É alguém que muda o sexo pois não se identifica com o que nasceu</p> <p>Pessoas que passaram por algum procedimento médico, para mudar seu sexo! Pelo fato de não sentirem que o sexo que nasceu é o que ela ou ele é de verdade.</p> <p>É uma que diz ter nascido em um corpo que não lhe pertence. Como estar em uma prisão.</p> <p>Transsexual é pessoa que nasce em um corpo mas gostaria de ter outro corpo. É uma situação muito difícil e triste</p> <p>Busca outro sexo</p>
6	Para você o que é: Bissexualidade?	<p>É aquele que aceita ter relações sexuais com parceiros do mesmo sexo e do sexo oposto</p> <p>É quando uma pessoa se relaciona sexualmente tanto com homens como com mulheres</p> <p>São pessoas que se atraem por pessoas do sexo feminino e masculino</p> <p>Pessoas que sente atração por ambos o sexos.</p> <p>Pessoa que sente atração sexual pelo gênero feminino e masculino</p> <p>Quem se sente atraído, gosta dos dois sexos</p> <p>Não é hetero e nem homo</p> <p>Não sei direito</p>
7		Aquele que sente atração pelo sexo oposto

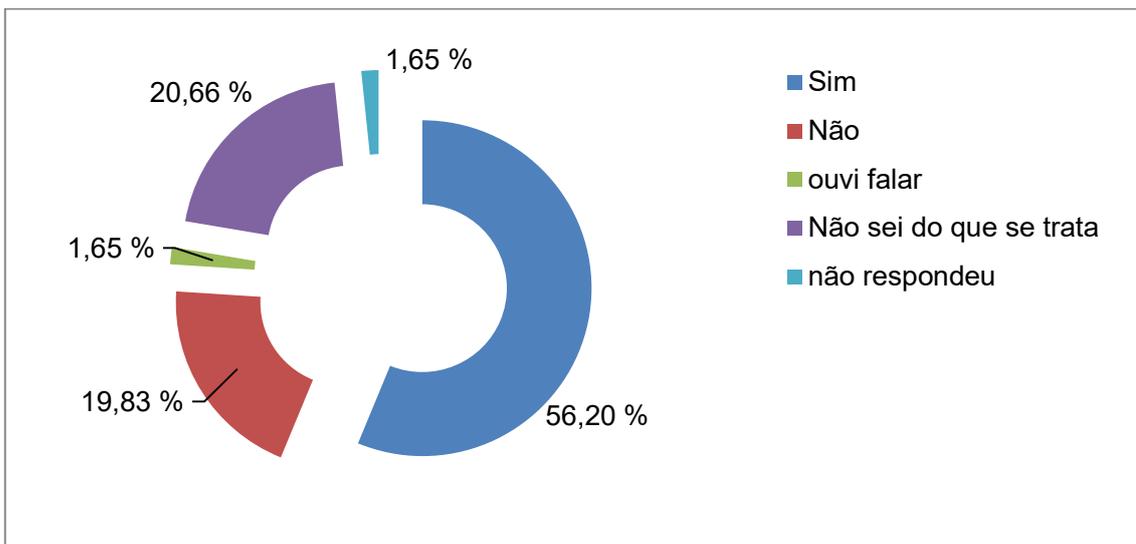
	Para você o que é: - Heterossexualidade?	É o relacionamento entre homem e mulher
		São pessoas que se atraem por diferentes sexo um homem por mulher e uma mulher por homem
		Pessoas que tem vontade de ficar somente com sexo oposto
		Pessoa que sente atração sexual pelo gênero oposto ao dela
		É o mais normal, comum, complementaridade
		Quem sente-se atraído pelo sexo diferente
8	Para você o que é: homossexualidade?	Aquele que sente atração pelo mesmo sexo
		É a pessoa que se relaciona sexualmente com uma outra pessoa do mesmo sexo
		São pessoas que se atraem pelo mesmo sexo homens por homens e mulheres por mulheres
		São homens que ficam com homens e mulheres que ficam com mulheres.
		Pessoas que sentem atraídas sexualmente por pessoas do mesmo gênero que o dela.
		É a pessoa que se relaciona sexualmente com outra pessoa do mesmo sexo.
		Curte pessoas do mesmo sexo
		Quem sente atração pelo mesmo sexo, seja homem ou mulher.

Fonte: a autora (2018).

4.4 A ESCOLA SEM PARTIDO

Sobre o Projeto da Escola Sem Partido (ESP), que segundo análise de especialistas do campo educativo, jurídico, entidades de classe, trata de um projeto inconstitucional pois “fere a liberdade de ensino e os pluralismo de concepções pedagógicas” segundo o Manual de Defesa Contra a Censura nas Escolas (2018), e sendo que processos formativos não se dão só na escola. E o mais grave, não permite o desenvolvimento de uma postura crítica, pois, “a conscientização é um conhecimento, uma nova posição epistemológica que gera a tomada de consciência, principalmente, pelo processo de educação, assentado na dialogicidade e na politicidade”. (BORGES, 2013, p. 14). Perguntamos aos (as) estudantes se eles (as) conheciam o Projeto Escola Sem Partido (ESP). Obtivemos as seguintes respostas, somadas as quatro turmas pesquisadas:

Gráfico 34 - Se conhecem a ESP



Fonte: a autora, (2018).

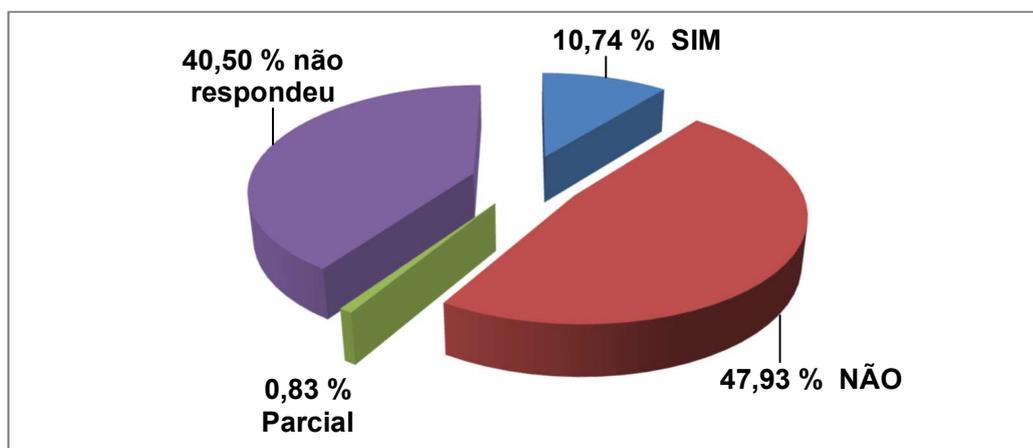
Foi perguntado se eles/elas concordavam com a proposta da ESP.

Tabela 1 - O que acham do Projeto Escola Sem Partido

Concorda com as propostas da ESP?	Nº de estudantes	%
Sim	13	10,74
Não	58	47,93
Parcial	1	0,83
Não respondeu	49	40,50

Fonte: a autora (2018).

Gráfico 35 - Se concordam com a ESP



Fonte: a autora (2018).

Solicitamos que escrevessem três palavras de concordância ou discordância com o Movimento Escola Sem Partido e obtivemos uma variedade de respostas que extrapolaram as palavras, pois, foram construídas várias frases. Seleccionamos algumas, como demonstração. As demais, estão disponibilizadas no Anexo 2:

Quadro 2 - Grau de concordância ou discordância com o Projeto da ESP

Concordância	Discordância
A Educação É um ato político	Não faz com que a criança siga apenas uma postura
Acho que diz respeito a não manifestarmos nosso partido mas isso não quer dizer que não	Não se deve idolatrar partidos ou pessoas
Devemos falar sobre política	Necessário refletir sobre
Afronta a liberdade, exclusão pensamento crítico, perpetuação pré-conceitos na sociedade	
Alienação	
Aluno precisa senso crítico	
Alienação sócio política cultural da sociedade	
Censura (6 vezes)	
Impositivo (2 vezes)	
Anti democrático	
Sem discussão em sala; gera ambiente de pressão e observação exagerada	
Não é possível ser neutro ao tratar de questões sociais	
Não existe educação sem ideologia	
Não existe essa doutrinação maluca que os defensores do Movimento pintam para a sociedade	
Cada um tem sua cultura	
Escola é lugar garantia direitos, é um espaço político	
Conhecimento	
Consciência	
Constituição	
Contrapor	
Criticidade (falta)	
Debate	
Debate político	
Defender ideias é tomar partido	
Desconheço	
Desigualdade	
Desigualdade social existe	
Desordem	
Devemos estimular pensamento crítico	
Direito ao saber	
Direito da pessoa humana	
Ditadura (2 vezes)	
Educação em "caixinhas"	
Educação libertadora	

Concordância	Discordância
Educação para trabalho	
Educação sem criticidade	
Educar é ato político e os discursos desse movimento não condizem com a realidade	
Escola é ambiente político; ideologias não excludentes	
Escola lugar para discussão, acesso informação	
Escola não é mercado	
Escola não propaganda política	
Escolha pessoal	
ESP não consegue um ideal	
Estado laico	
Ética	
Expressão (2 vezes)	
Falta de liberdade professor; falsa neutralidade	
Falta reflexão crítica	
Fazer das gerações "máquinas" a comando de alguns	
Fazer dos professores "técnicos" e não sujeitos	
Fere a democracia, liberdade acadêmica e autonomia escolar	
Filosofia e sociologia descartados = não	
Formar cidadãos sem voz; formar robôs	
Hipocrisia	
História (2 vezes)	
Ideologia	
Ignorância (2 vezes)	
Ilógico	
Imparcialidade	

Fonte: a autora (2018).

A análise sobre o Projeto da Escola Sem Partido no presente trabalho em decorrência de dois fatos vinculados à proposta deste. O primeiro, liga-se diretamente ao ativismo religioso antigênero, assumido. O segundo é sobre a proposta de cerceamento da liberdade do (a) professor (a), inconstitucional.

O ESP acabou por fortalecer o ativismo religioso desencadeado contra o gênero, criando um fato político em torno da proposta do governo federal, elaborado em parceria com o movimento social de abrangência nacional, visando o Combate à Violência e à Discriminação contra LGBTI⁵⁸ e originalmente chamado de "Brasil sem

⁵⁸ A sigla contempla: Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e intersex. Nesta sigla considera-se também, o relatório produzido pela ONU sobre Direito Humanos, Orientação Sexual e Identidade de Gênero para o Conselho de Direitos Humanos, que sugere a utilização da sigla LGBTI e está disponível em: <<https://goo.gl/EmbSnk>>. Acesso em: 31 jan. 2019.

Homofobia – Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB⁵⁹ e de Promoção da Cidadania Homossexual” (BRASIL, 2004). O objetivo era de promover “uma mudança de comportamento nos gestores públicos, uma política de não violência” (SILVA, 2017) com prioridade na educação. O documento, em seu item de nº 5, que diz respeito à educação, diz que tem por “objetivo promover os valores de respeito à paz e à não discriminação por orientação sexual no âmbito educacional”, estabelecendo oito ações:

- a) Elaborar diretrizes que orientem os Sistemas de Ensino na implementação de ações que comprovem o respeito ao cidadão e à não-discriminação por orientação sexual.
- b) Fomentar e apoiar curso de formação inicial e continuada de professores na área da sexualidade;
- c) Formar equipes multidisciplinares para avaliação dos livros didáticos, de modo a eliminar aspectos discriminatórios por orientação sexual e a superação da homofobia;
- d) Estimular a produção de materiais educativos (filmes, vídeos e publicações) sobre orientação sexual e superação da homofobia;
- e) Apoiar e divulgar a produção de materiais específicos para a formação de professores;
- f) Divulgar as informações científicas sobre sexualidade humana;
- g) Estimular a pesquisa e a difusão de conhecimentos que contribuam para o combate à violência e à discriminação de GLTBI.
- h) Criar o Subcomitê sobre Educação em Direitos Humanos no Ministério da Educação, com a participação do movimento de homossexuais, para acompanhar e avaliar as diretrizes traçadas.

Mas a proposta do programa “Brasil Sem Homofobia”, causou fortes reações na ala considerada direita conservadora e religiosa, que criticou toda a proposta de produção de materiais para a realização da campanha “Escola Sem Homofobia”. O então deputado federal à época, Jair Bolsonaro, apelida o material que seria utilizado na campanha (que nunca saiu da proposta) de *kit gay* e, lançando mão de uma retórica ofensiva e agressiva, se colocou como porta voz dos pais, cujo “alerta” acionou, se colocando em defesa da família e dos valores, argumentando que ela seria um

⁵⁹ Na década de 1990 a sigla definia: gays, lésbicas e simpatizantes, sofreu alterações com novas identidades.

“estímulo ao homossexualismo”. Como é sabido, Bolsonaro deu grande impulso à sua carreira política com o discurso de suposta sexualização precoce e, em várias ocasiões, apresentando um livro, “manual” segundo ele, para ensinar sexo para as crianças, e também do chamado pejorietariamente de *kit gay*. Livro este, que segundo o Ministério da Educação nunca distribuído para as escolas, mas o slogan, foi amplamente utilizado enquanto retórica utilizada na campanha presidencial pelo então, candidato Jair Bolsonaro, que demonstra não acompanhar ou entender o debate teórico sobre gênero e que pertence aos grupos evangélicos tradicionais, apoiador do ESP, que também recebeu apoio explícito dos elaboradores do Projeto. Bolsonaro, prometeu combater de forma vigorosa o que chama de “ideologia de gênero” nas escolas. Resultado das propostas do ESP, deputados (as) ligados a linha política de Bolsonaro, com a deputada por Santa Catarina Ana Campagnolo, utilizaram-se das redes sociais para incentivar os (as) estudantes a denunciar professores (as) que promovessem o que chamavam de “ideologia de gênero” nas escolas. O Projeto ESP, criado em 2004, a partir de uma parceria entre “Miguel Nagib, e o deputado estadual Flávio Bolsonaro” (PENNA, 2016), que atuou enquanto um movimento incorporando outras pautas conservadoras que inicialmente não faziam parte de suas bandeiras, como o combate a questão de gênero nas escolas. Mas, apesar de todo o embate na conjuntura nacional sobre o ESP, chama a atenção a postura de parte dos (as) estudantes de Pedagogia, declaradamente com práticas religiosas, que são favoráveis ao debate de gênero nas escolas.

A ESP, idealizada por Miguel Nagib, Procurador do Estado de São Paulo, cujo primeiro projeto de lei foi apresentado na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ) em maio de 2014, pelo então Deputado Flávio Bolsonaro, do Partido Social Cristão (PSC), e de lá para cá já foi apresentado em várias casas legislativas, municipais e estaduais, na Câmara Federal, em 2015, e no Senado, em 2016 (FRIGOTTO, 2017), acabou sendo centro de polêmicas no pleito eleitoral de 2018 por conta da proposta da fiscalização e controle dos professores em sala de aula, que acabou por gerar não só intensos debates, mas também a produção de um “Manual de defesa contra a censura nas escolas”, que aborda a inconstitucionalidade do ESP, com base na Constituição Federal do Brasil de 1988:

[...] como uma resposta às agressões dirigidas a professoras e professores e às escolas como estratégias de ataque de movimentos reacionários à liberdade de ensino e ao pluralismo

de concepções pedagógicas, princípios previstos na Constituição Federal. (1988).

Portanto, acabou sendo uma surpresa que o Projeto da ESP seja pouco conhecido dos (das) estudantes de Pedagogia que declaram tal posição, pois se trata de propostas que, de uma forma ou de outra, lhes diz respeito. Isso reforça a insuficiência do debate sobre o projeto, fora dos centros políticos diretamente envolvidos com a execução da proposta do Projeto ESP, bem como o contraponto feito por aqueles que se opõe à proposta. Todavia, aqueles que disseram ter um conhecimento razoável e aqueles (as) que disseram ter muito conhecimento apresentam, na pesquisa, uma posição bem demarcada com relação ao Projeto ESP. Os (as) estudantes que se manifestaram apoiadoras do Projeto ESP parecem ter tido dificuldades de articular uma defesa mais consistente, pois, apenas disseram “Não faz com que a criança siga apenas uma postura” e a outra “não se deve idolatrar partidos ou pessoas”. E ao que parece na resposta do (a) estudante há uma confusão entre ESP com a ação de um partido político

4.5 ESCOLA E ENSINO RELIGIOSO

Com relação ao tema do ensino religioso nas escolas, há de se considerar que as religiões, em geral, se não invariavelmente, trazem consigo profundas implicações morais. Perguntamos se os estudantes julgavam importante o ensino religioso nas escolas. O resultado foi:

Tabela 2 – É importante o ensino religioso nas escolas

Sím	96	79,34
Não	21	17,36
Não sei	1	0,83
Não respondeu	3	2,48

Fonte: a autora (2018).

Observa-se um número importante de estudantes manifestaram-se favoráveis ao ensino religioso nas escolas. Solicitamos que os estudantes justificassem a sua posição. E evidentemente as justificativas foram várias. Vamos destacar as frases que tem ligação direta com o trabalho.

Quadro 3 - Grau de aderência ao ensino religioso

Favorável ao ensino religioso	Contrário ao ensino religioso
A fé é essencial para ser humano	acaba abordando apenas uma religião
Com tanto que aborde todas as religiões, para que, todos entendam e respeite a cultura do outro	educação deve ser laica
Como forma ensinar o respeito e tolerância a todas as religiões, e não como uma extensão da igreja católica	escola não é para isso
Conhecimento culturas religiosas, diversidade	deve ficar esfera da igreja
Depende. Considero importante ensinar a DIVERSIDADE RELIGIOSA presente no Brasil e não impor essa ou aquela religião em um ambiente escolar, que é laico.	
Valores cristãos devem ser reverenciados e ensinados, pois nossa sociedade é cristã	
Prevenir intolerância e proselitismo religioso	
Trabalhar intolerância religiosa	

Fonte: a autora (2018).

Os (as) estudantes na sua maioria foram muito incisivos no fato de que são favoráveis ao ensino religioso, mas desde que este esteja condicionado à inclusão de todas as religiões e não apenas algumas, com o claro objetivo de combater a intolerância. O pressuposto básico parece de evitar fazer do espaço de sala de aula um local de “conversionismo”, visto que as religiões pentecostais e neopentecostais tem um forte viés conversionista. Em alguns dos (as) estudantes evangélicos (as), nota-se uma defesa mais acentuada do ensino religioso, mesmo assim a preocupação centra-se em uma abordagem mais ampla, e outro insistiu que o ensino seja a partir de valores cristãos; fica difícil saber se o (a) estudante se deu conta que tal postura não é inclusiva, visto que tem religiões que não são do “eixo” cristão.

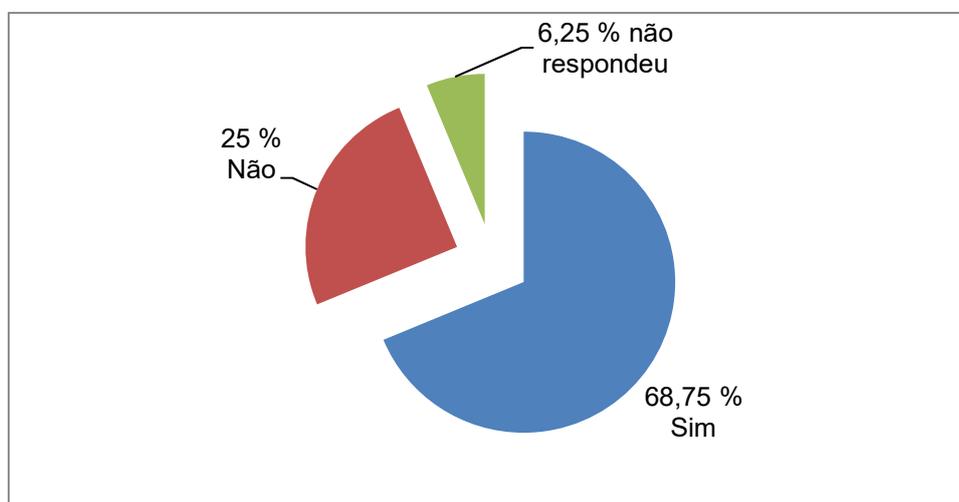
Localiza-se na fala dos (as) evangélicos (as), posições em sua maioria “republicanas”, e o conceito aqui é sempre entendido como defesa e inclusão de direitos, julgamos interessante localizar melhor esse grupo de estudantes com posições progressistas sobre gênero. Achamos por bem fazer um destaque deste grupo neste momento de análise sobre o ensino religioso.

Quem são os (as) evangélicos entre os (as) estudantes de Pedagogia a partir das respostas dadas, e o que esse segmento acha sobre o conceito de gênero tratado nas escolas?

Os (as) evangélicos (as) pesquisados (as) correspondem a um número de 32 estudantes, sendo um estudante do sexo masculino e 31 do sexo feminino. Uma das estudantes, que é evangélica se declarou uma mulher bissexual. Destes, 68,75% disseram que são favoráveis ao debate de gênero nas escolas e 25 % disseram que

não, e 6,25% não respondeu a questão. Abaixo, as respostas dos (as) evangélicos (as) graficamente representadas.

Gráfico 36 - Você julga importante o conceito de gênero seja tratado nas escolas?



Fonte: a autora (2018).

.As razões indicadas pelos (as) estudantes foram as seguintes: Ajuda na hora do respeito; Algo a ser conversado e tratado na família; Escola não é lugar adequado; é para ensino e aprendizagem; Apenas para conhecimento; As crianças não devem ser expostas a questões de gênero; Presente no cotidiano; Algo que se vai deparar; igualdade; Com cautela; focar no respeito; Questão presente na sociedade; Assunto faz parte sociedade; Falar sobre diferenças e respeito; Acredito quanto mais temos tivermos para refletir sobre algo, mais frutos bons teremos; Gênero sim, ideologias não; respeito sim, promoção de práticas não; Papel escola é ensinar respeito a diversidade; Para prática empatia e respeito; As propostas que estão sendo apresentadas não são para informar, mas para induzir; Tratar no ensino médio onde essas questões levam ao ódio e brigas; Brincadeiras infância socialmente divididas: menino diferente menina. A falta de informação leva professores e pais reprimirem crianças de infância plena; Diminuir preconceito e conscientizar sobre diferença; Tema deve ser esclarecido e não reforçado ou incentivado; Cada escola tem que ter sua concepção; Papel da escola é tratar currículo; Tema extremamente violado devido falta de conhecimento; Para que crianças tenham noção que é normal ser diferente; Importante conhecer diferenças e aprender aceitar, conviver.

Cite 3 palavras ou expressões breves que expressem sua reflexão pessoal sobre educação e gênero ou sua prática pedagógica em torno do tema: Polêmica;

tabu; necessidade; Respeito; direito escolha; escola não é para isso; diversidade cultural; Família; Respeito; Respeito, tolerância e igualdade; Respeito, diversidade e escolha da pessoa; Respeito e tolerância; Respeito e tipos de família; Pouca reflexão, insegurança e despreparo; educação deve promover respeito a todos independente gênero; não cabe escola orientar sobre não se identificar com o gênero; literaturas que promovem a ideologia de gênero não devem ser utilizadas na escola; Reconhecer a presença do feminismo na história da educação; homens e mulheres são iguais; respeito ao lugar de fala; Empatia, respeito e amor; É com o tempo que se define se é menino ou menina; é preciso experimentar para saber; essas expressões me remetem à indução, não concordo; Conhecer a si mesmo; respeito diversidade; olhar com compreensão que pensa diferente; direito de todos; promover respeito; diminuir violência; Educar para que não haja preconceito; que não haja bullying; esclarecer e não incentivar; Reforço; educação deve se posicionar; não deve ser obrigatório ensino gênero; Respeito, empatia e mudança; Desconhecimento, identidade, sexualidade; Devemos respeito acima de tudo, amar é amor.

4.6 TEMAS POLÊMICOS

Selecionamos, por meio das falas dos (as) estudantes, quais os principais temas polêmicos desafiadores para abordagem em sala de aula. Consideramos apenas os mais citados no questionário aplicado. É evidentemente que a maior preocupação recaiu sobre a questão do aborto, citado 12 vezes no questionário. O tema contempla muitos aspectos complexos que vai desde o valor da vida biológica nos inícios da tradição cristã, considerando que nosso objeto de estudo contempla os segmentos religiosos cristãos, a perspectiva teológica atual, questões biológicas, o conceito de pessoa e o início da vida, debates e posições jurídicas, enfim, um debate complicado, pois se situa, em nossa sociedade, entre dois direitos: a necessidade e o direito de abortar e o direito de nascer, permeado por vários debates plurais sobre o tema e, evidentemente, convicções pessoais, pois, de acordo com Cordina e Martínez (2001) crenças religiosas implicam em uma determinada concepção de moral e carregam também uma concepção de mundo, que acabam por formular princípios, normas, preceitos que acabam por orientar as ações e reações.

Outros temas polêmicos relacionados pelos (as) estudantes, além do aborto, foram: educação sexual (7 vezes); racismo (7 vezes); sexualidade (5 vezes); gênero (4) relacionado a: sexualidade, limites e possibilidades; identidade e “ideologia”. Aliás, o conceito ideologia, também é citado enquanto ideologias: “ideologia de gênero”, e ideologia política. Inclusão (3 vezes), intolerância religiosa (3 vezes); pena de morte (3 vezes); religião (2 vezes). E, entre os que foram citados várias vezes, mas com complementações diferentes e linhas de discussão diferenciadas, está o tema família. Exemplificamos: diversidade na e da família; constituição e definição de família no séc. XXI; diferentes tipos de família; família e respeito; família nos tempos atuais. Alguns (as) estudantes aproveitaram a oportunidade para fazer uma crítica à classe docente, colocando enquanto temas polêmicos: a falta de respeito dos professores em sala; aulas monorrepetidas, posturas conservadoras e tirânicas de professores em classe, conflito entre os professores, reprovação.

Em “outras” atividades, os (as) estudantes destacaram:

- a) Propor atividades com os alunos sobre lugar de fala e de escuta, incluir leitura de textos de autoras diversas sobre a temática, realizar debates.
- b) Importância da educação sexual na prevenção e alerta de abusos sofridos pelas crianças.

4.7 SOBRE A ESCOLHA DO CURSO DE PEDAGOGIA

Perguntamos diretamente se os (as) estudantes identificavam incentivos ou apoio por parte da Igreja com relação à escolha do curso. E obtivemos as seguintes respostas.

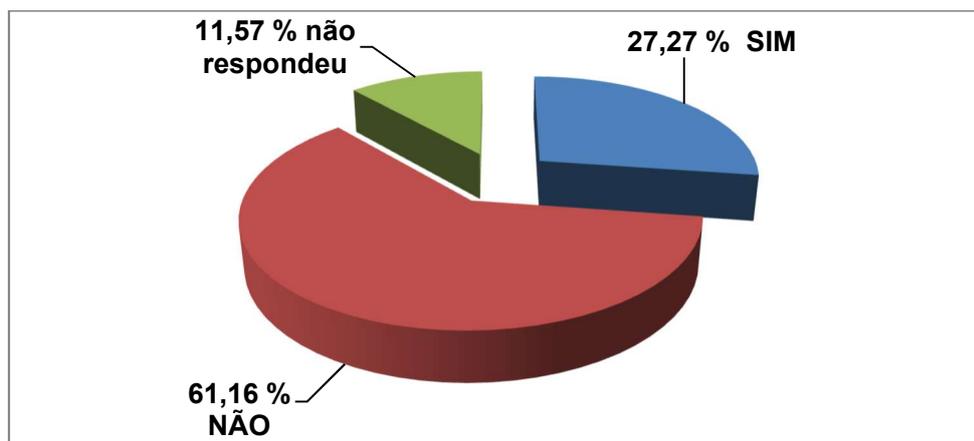
Tabela 3 - Reconhece/identifica apoio da igreja na sua escolha?

Incentivo ou apoio da Igreja	Estudantes	%
Sim	33	27,27
Não	74	61,16
não respondeu	14	11,57

Fonte: a autora, (2018).

Graficamente representado as respostas dos (as) estudantes:

Gráfico 37 - Reconhece/identifica apoio da igreja na sua escolha?



Fonte: a autora (2018).

Um número significativo de estudantes declararam que não tiveram incentivos ou apoio das suas respectivas igrejas. Aqueles (as) 33 estudantes que disseram que receberam algum tipo de incentivo por parte da Igreja, foi em decorrência do trabalho realizado na catequese, no magistério infantil etc., como podemos ver no quadro abaixo.

Quadro 4 - Se recebeu apoio religioso na escolha do curso

Apoio do grupo adolescentes no qual eu participo
Apoio moral
Apoio psicológico por meio de palavras de incentivo e orações a que confio muito
Através catequese (2 vezes)
Através do amor ao próximo, filantropia
Aulas que preparamos e aplicamos
Cuidar crianças; ensinar o que é importante; presenciar inocência
Igreja católica valoriza conhecimento e formação para atuação consciente no mundo
Ministério infantil (2 vezes)
Não precisei, mas se for preciso sei que terei apoio principalmente nos aspectos emocionais
Padres e irmãos apoiam, para ajudar o próximo
Pela prática educação bíblica descobri habilidade para educar
Pessoas que sabem da escolha apoiam
Poder o modo de ensino
Por meio das pregações, o incentivo e importância da educação
Por meio do reforço de termos avanços na educação
Sempre mencionam a importância do curso na comunidade cristã
Ser catequista (5 vezes)
Todos apoiam seguir objetivos e sonhos
Torcem pelo que gosto

Fonte: a autora (2018).

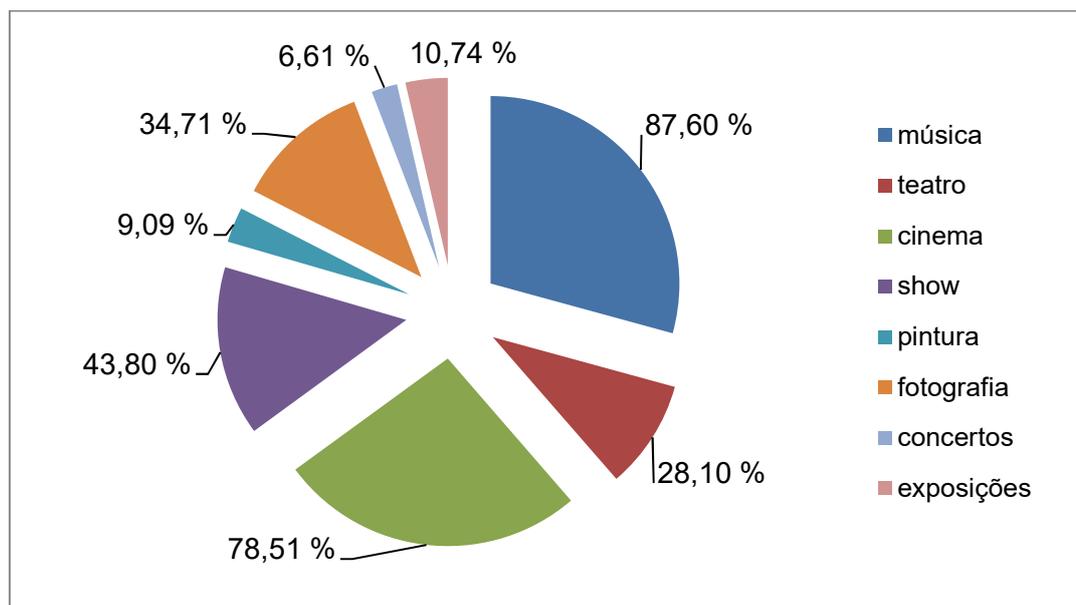
Todavia, as influências recebidas, estavam ligadas de algum modo com trabalhos realizados junto às crianças, ou com pessoas ligadas diretamente a área de Igreja. As declarações abrem a possibilidade de percepção sobre as motivações que os (as) estudantes receberam, e são na maioria mulheres, para um direcionamento à área pedagógica, que se explicita de forma clara na frase: “sempre mencionam a importância do curso na comunidade cristã”. Mas certamente nas comunidades cristãs com viés mais conservador, coloca-se o desafio de apresentar argumentos que justifiquem uma postura de maior abertura com relação a padrões predefinidos de comportamento, mesmo se prevalecer na educação o modelo tradicional em que padrões diferenciados e preestabelecidos sobre o comportamento de meninos e meninas seja preservados.

4.8 LAZER E VIDA CULTURAL

Partindo de uma concordância com as ideias de Morin (2002), expostas na sua obra - O Método 4 – As ideias: habitat, vida, costumes, organização, onde também aborda um dos temas que tem intrínseca relação com a educação e com o conhecimento: a cultura. Para o autor, a cultura tem impacto sobre as ideias presentes nas pessoas, e estas também a produzem em uma relação que se estabelece de forma dialógica. Segundo Morin (2002), as pessoas que estão inseridas em uma determinada cultura, pelo seu modo de conhecimento produzem a cultura que produz o seu modo de conhecimento; e nesta interação também está posto a necessidade do exercício da tolerância. Anteriormente foi posto sobre a influência que recebemos e que ajudam a moldar comportamentos, atitudes. É preciso não esquecer da exposição a estereótipos de papel sexual na mídia do entretenimento, que necessita do desenvolvimento de uma consciência crítica que possa fazer um contraponto sobre o que não se sustenta em termos teóricos e práticos. O problema é que ter espaços reservados para estudo, e o lazer é quase uma heresia na sociedade da produção e da eficiência constantes.

Para conhecer melhor o lazer e a vida cultural dos (as) estudantes solicitamos que selecionassem as alternativas culturais com as quais eles mais interagem. As respostas, obtidas estão apresentadas no gráfico 38.

Gráfico 38 – Formas de envolvimento cultural



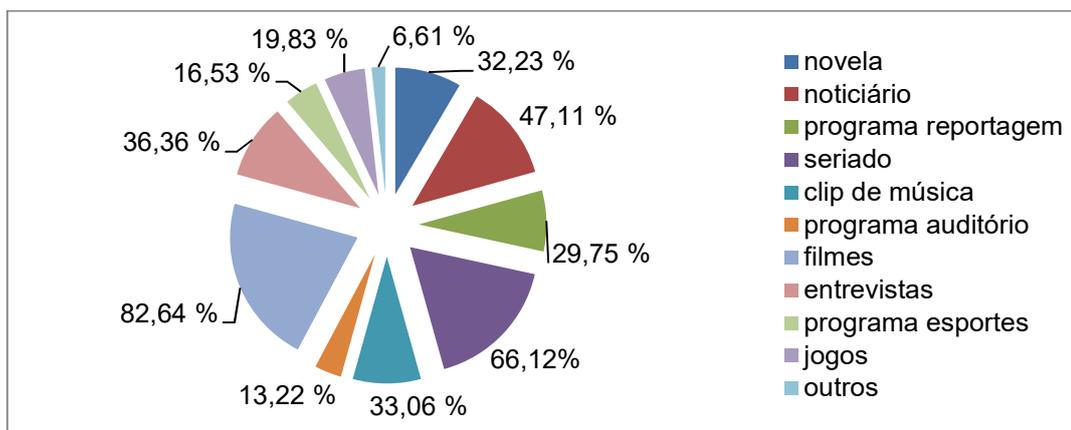
Fonte: a autora (2018).

Nota: Os (as) estudantes podiam assinalar mais de uma alternativa.

A pergunta sobre o os (as) estudantes assiste na TV, objetivava conhecer as respectivas preferências, que recaiu majoritariamente nos filmes e seriados, citado por 11 estudantes. Doze (12) declararam que não têm preferências de programas televisivos, 5 não assistem TV, e 3 não responderam. Foram citados também, no arco de preferências dos estudantes: jornais, novelas, programas de auditórios, programas da TV por assinatura. Em geral a preferência se assenta em programas de curta duração. Vale relembrar que no pré-teste que realizado sobre esta pergunta, os estudantes disseram que é bom porque a história começa e termina, em tempo mais curto. Muito apropriado para a sociedade contemporânea do instantâneo, e também do cansaço, como apontou o filósofo coreano Byung-Chul Han (2017). Ninguém tem tempo sobrando, para aplicar como investimento.

Segundo a pesquisa da Federação do Comércio do Estado do Rio de Janeiro (Fecomércio) (GRANDA, 2017), em Instituto IPSOS, ampliam-se a cada ano as atividades acessadas pelas pessoas que não consomem bens culturais. A televisão, por exemplo, passou de 52%, em 2008, para 80%, em 2016. A participação em alguma igreja ou centro religioso subiu de 11% para 24%; fazer almoço ou churrasco com amigos, de 9% para 21%, Ir a bares, de 10% para 15%; e jogar futebol, de 9% para 10%.

Gráfico 39 - Os programas mais vistos pelos (as) estudantes



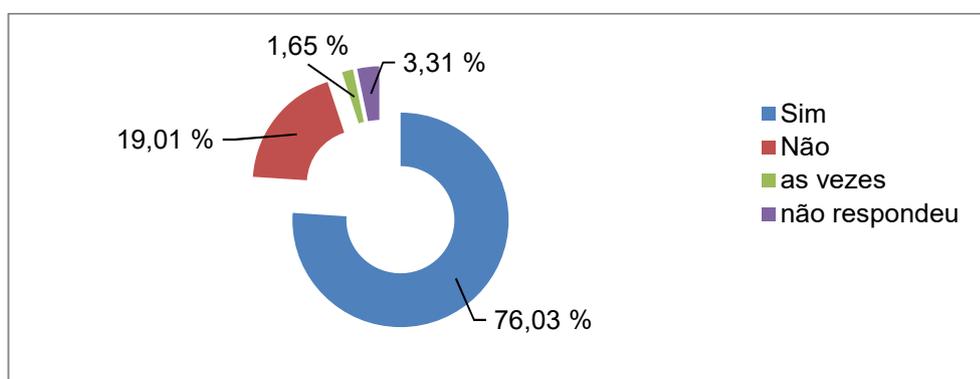
Fonte: a autora (2018).

Nota: Se desejassem, os (as) estudantes poderiam assinalar mais de uma alternativa.

Fora do período de aulas, os (as) estudantes disseram que suas atividades envolvem: ir aos parques (28 vezes); “sair”, que é amplo, pois pode ser: com amigos, família, mais próximos, namorado, comer, entre outro; Igreja (19 vezes); cinema (17 vezes); dormir (13 vezes); ficar com a família (12 vezes); passeios (12 vezes); shopping (10 vezes).

Sobre os hábitos de leitura: a maioria dos (das) estudantes declara ter costume de ler, o que representa 76,03%. O índice de leitores (as) declarados (as) foi bem alto. E, 19,01 % declararam que não gostam de ler. Os (as) estudantes que declararam que gostam de ler “mais ou menos” são, 3,31 % e os que eventualmente gostam são 1,65%. As respostas estão apresentadas no gráfico nº 40.

Gráfico 40 - Hábitos de leitura

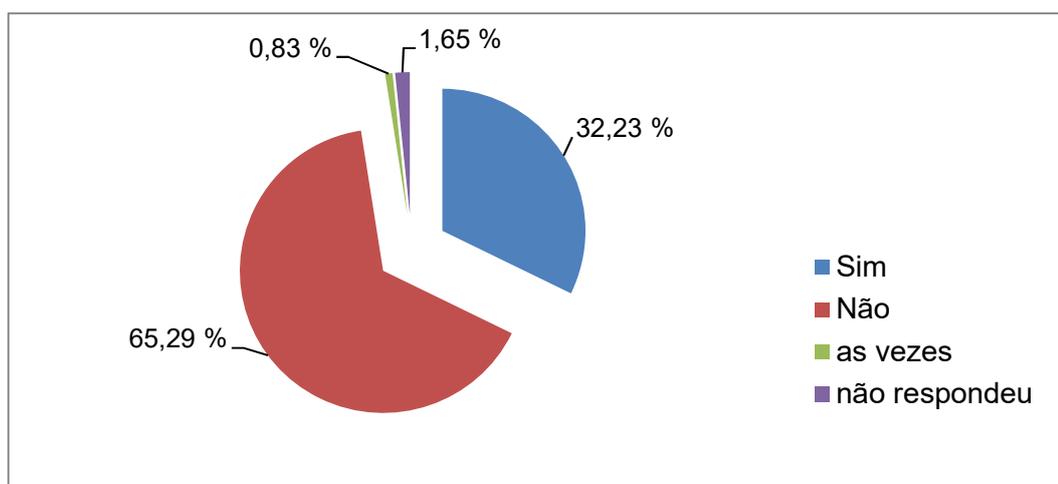


Fonte: a autora (2018).

Os (as) estudantes que responderam afirmativamente, perguntamos sobre o

gênero de leitura realizada. Os mais citados foram: romance (29 vezes), pesquisa e artigos relacionados a educação (19 vezes), livros (16 vezes), livros de pedagogia e educação (10 vezes), Bíblia (6 vezes), artigos (6 vezes), livros de suspense (5 vezes), fantasia (5 vezes). E com relação às leituras de jornais, constatamos que a maioria dos (das) estudantes declarou que não é leitora de jornais. Os dados sobre essa questão estão apresentados no gráfico nº 41.

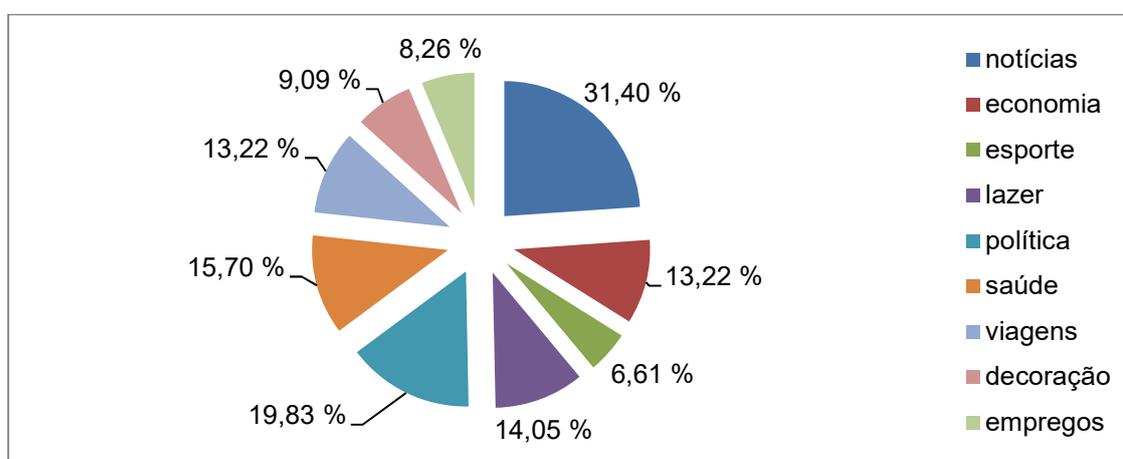
Gráfico 41 - Leituras em jornais



Fonte: a autora (2018).

Quem declarou ler jornais, demonstra maior interesse em: notícias, política e saúde. Depois vem o interesse por viagens e economia, na mesma proporção. O caderno de menor interesse é o de decoração.

Gráfico 42 - O que lê nos jornais

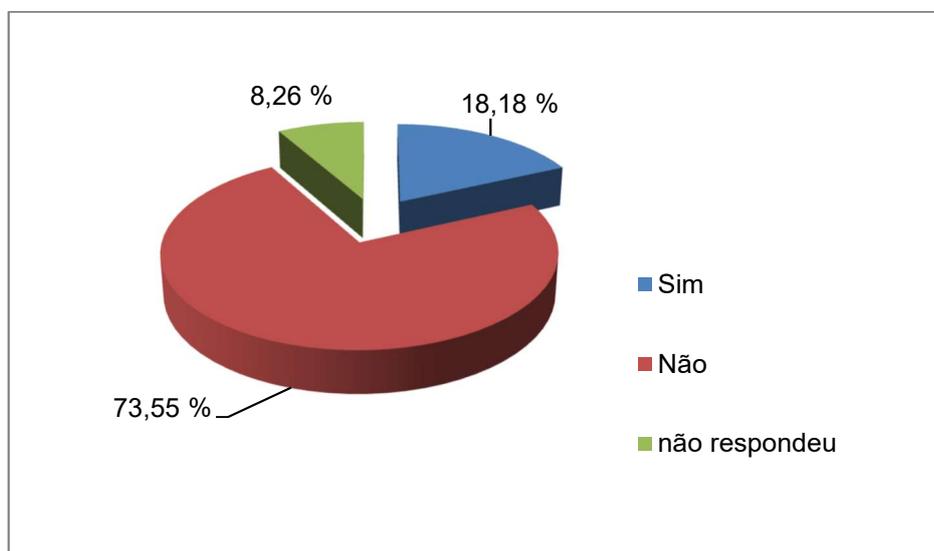


Fonte: a autora (2018).

Nota: Os (as) estudantes podiam assinalar mais de uma alternativa.

Sobre a leitura de revistas:

Gráfico 43 - Lê revistas?

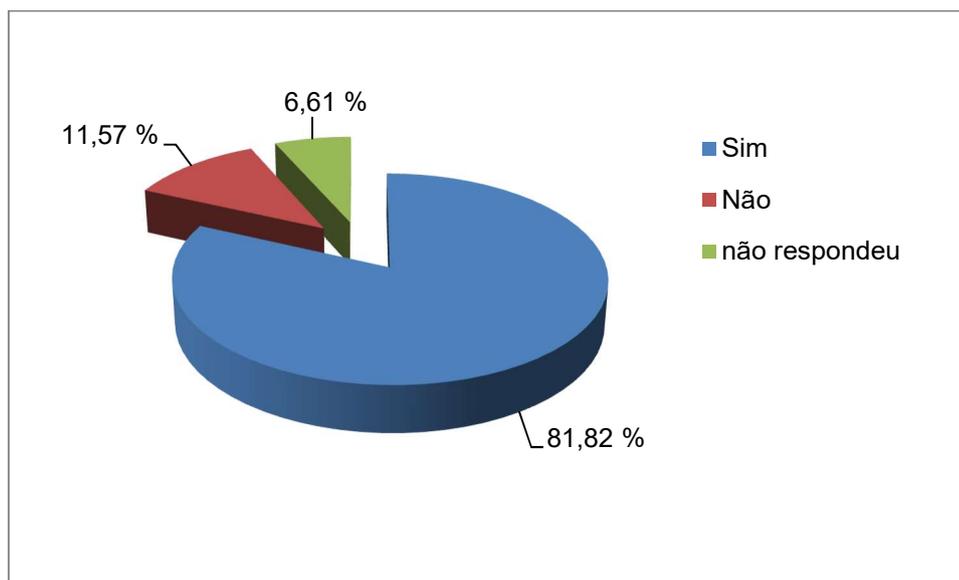


Fonte: a autora (2018).

Pelas respostas observa-se que um número significativo de estudantes declarou não ler revistas. Para aqueles que responderam sim, solicitamos que dissesse qual o gênero de revista estava na sua preferência. Foram citadas as seguintes revistas: Caras (4 vezes), Revista Veja (3 vezes), Folha de São Paulo (2 vezes), Nova Escola (2 vezes), científica, Claudia, culinária, digitais, assuntos históricos, bíblicos, pedagógicos, Galileu, Guia do Estudante, Cult, Liahoma, Litrieda, Mundo Estranho, saúde, Quatro cinco um, Época e Educação. Somando um número de 21 revistas citadas, sendo apenas duas, diretamente ligadas ao curso escolhido de formação.

Sobre leitura de livros: Observa-se uma grande quantidade de leitores de livros entre os (as) estudantes de Pedagogia. Perguntamos sobre a prática de leitura, se tinham ou não, e no caso de afirmativas, foi solicitado que escrevessem o nome das obras lidas.

Gráfico 44 - Leitura de livros



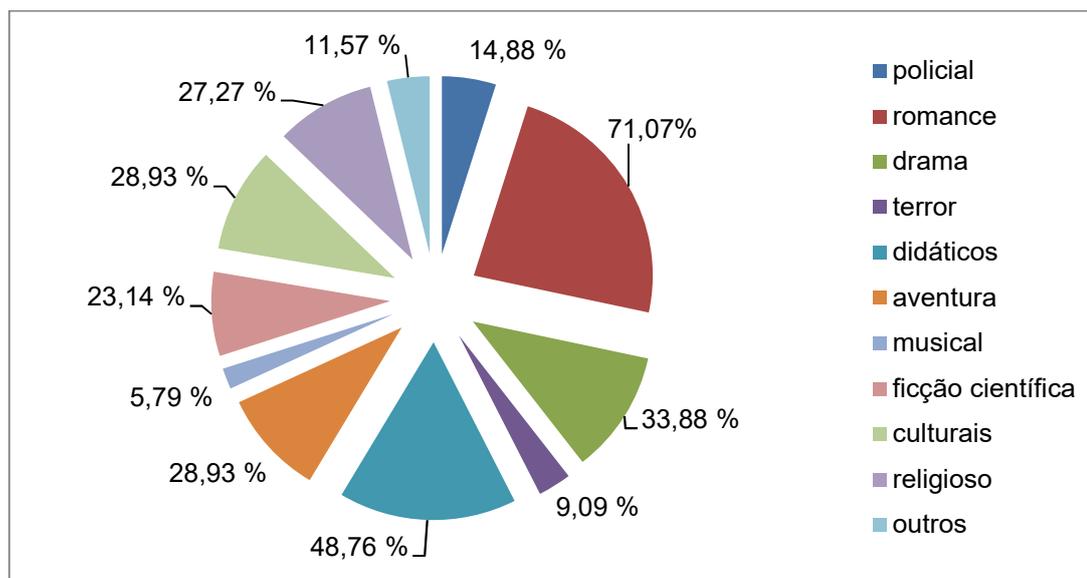
Fonte: a autora, (2018).

Na leitura dos livros solicitou-se que fosse citado o título das obras lidas nos últimos dois anos, salvo 5 estudantes que disseram não recordar, os livros mais citados a saber:

- a) O pequeno príncipe (9 vezes)
- b) O Extraordinário (9 vezes)
- c) Pedagogia do Oprimido – Paulo Freire (7 vezes)
- d) Como eu era antes de você (5 vezes)
- e) Pedagogia da indignação (5 vezes)
- f) Pedagogia da autonomia (4 vezes)
- g) Emílio (Rousseau) (6 vezes)
- h) O foco triplo (3 vezes)
- i) Bíblia (3 vezes)
- j) Lavoura Arcaica (3 vezes)
- k) Querido John (3 vezes)

Diferentemente do método utilizado quando da aplicação do pré-teste, solicitamos na presente pesquisa que os (as) estudantes assinalassem quais as os gêneros de leitura de sua preferência:

Gráfico 45 – Gênero de leitura



Fonte: a autora, (2018).

Nota: Os (as) estudantes podiam assinalar mais de uma alternativa.

Na alternativa “outros” foram indicados as seguintes leituras: suspense; histórias reais; Mangás; teoria feminista (Bell Hooks, Djamila Ribeiro, Paul Preciado); biografias; política e educação; infantil.

Consideramos alto o índice de 27,27% para temas religiosos, evidenciado a partir das declarações dos (as) estudantes, se comparado com a enorme variedade de gênero na área de literatura que são apresentados aos estudantes. Recordemos que um dos discursos recorrentes no período eleitoral de 2018, e na batalha contra as questões de gênero, envolvia constantemente a questão da ausência ou da fragilidade dos valores éticos na educação, que foi abordado por muitos parlamentares cristãos como uma falha ou negligência com o ensino que priorize a questão moral, ou seja, uma educação moral. Um discurso moralista, apoiado pelas Igrejas aqui analisadas. O que nos parece que, somada às práticas religiosas declaradas, pode responder a presença de um índice importante de leituras religiosas entre os (as) estudantes de Pedagogia.

Concluída a análise dos dados da pesquisa, que permitiu uma aproximação com o campo de pesquisa, e acabou por mostrar o que os (as) estudantes pensam sobre os conceitos das teorias de gênero, e como falta formação na área de gênero, demonstrando a fragilidade do debate e das informações acessadas, especialmente na área educacional tão visada de suposta prática de “ideologia de gênero”. A

pesquisa mostrou as respectivas representações, explicitadas por meio da opção do Curso de Pedagogia, e nas interfaces com o meio religioso.

O debate posto na conjuntura política e religiosa contemporânea, com posições radicalizadas, de um lado promove a estigmatização do campo religioso pressupondo que todas as pessoas que dele fazem parte são necessariamente conservadoras, reacionárias ou atrasadas. De outro, pressupõe que o campo de gênero é composto por pessoas “tresloucadas”, “endemoniadas”, “pesquisadores (as) questionáveis”, que parece ter tomado a cabeça de grande parte dos brasileiros (as). A pesquisa demonstrou que não é bem assim. Não constatamos, na grande maioria dos argumentos e escolhas postas, posições ferrenhamente radicalizadas, de enfrentamento ostensivo com relação às teorias de gênero. E não nos pareceu que exista uma visão taxativa de doutrinação nas escolas. Uma parte dos (as) estudantes pretende fazer a discussão de gênero. E, nas declarações dadas, ao parece, a percepção de uma parte dos estudantes, gênero, nada tem nada a ver com doutrinação de coisa alguma, mas sim com o compromisso e possibilidade de contribuir para um mundo melhor, mesmo que a duras penas.

Mesmo dado o alto nível de complexidade que as questões de gênero apresentam e sobre as quais as igrejas demonstraram objeções públicas de discussão nas escolas, especialmente com a retirada do conceito de gênero e orientação sexual dos Planos de Educação, podemos constatar nas declarações dos (as) estudantes de Pedagogia, que mesmo professando e exercendo práticas religiosas, tendem para atitudes de “insubordinação” com relação às suas respectivas orientações eclesiais, no que diz respeito às questões de gênero.

5 CONCLUSÃO

Ao longo da presente tese, buscamos evidenciar a importância do conceito de gênero e religião, duas categorias centrais na conjuntura política e social do Brasil contemporâneo, onde ambas travam um intenso debate, combate e enfrentamento, no e pelo campo educacional. Com foco na escola, que não só se constitui enquanto um espaço cultural diverso e plural, mas também é um local estratégico de legitimação da cultura. E é exatamente nesse campo: natureza e cultura, que se assentam as divergências com relação ao conceito de gênero, elevado a uma categoria de análise (SCOTT, 1990) por pesquisadoras da área, que mostram que a natureza não pode ser o único destino inexorável, com base em uma visão essencializada sobre os sexos, considerando apenas uma existência viável, ou seja, a existência hetero, impedindo outras possibilidades que não estejam contempladas na ordem heteronormativa (BUTLER, 2000).

As Igrejas aqui estudadas são uma realidade histórica, consideradas resultado de uma construção social, conforme a definição de Scott (1990). Apresentam práticas e certas expressões de fé, ricas em representações simbólicas, cujos discursos são reveladores de relações sociais (NUNES, 2009). O campo das representações, orientador do presente estudo, “jogou luzes” sobre as representações de gênero que estão postas em segmentos religiosos importantes historicamente: a Igreja Católica por meio dos segmentos tradicional e conservador, e as Igrejas Protestantes, sendo a primeira a histórica Igreja mãe da Assembléia de Deus AD, no Pará, e no campo neopentecostal, a Igreja Universal do Reino de Deus - IURD O auxílio teórico de CHARTIER (1990) possibilitou o entendimento e as explicitações das representações e práticas postas na relação gênero e religião.

O conceito de gênero, que foi ferrenha e exaustivamente atacado no conturbado cenário político brasileiro de 2018, marcado pelo “conservadorismo dogmático cristão” (TADVALD, 2015, p. 262), que, advogando certo primado moral, deflagrou uma nova Cruzada Religiosa e um pânico moral, contra o conceito, identificado enquanto “ideologia de gênero”, por estabelecer um forte tensionamento entre as concepções de natureza e cultura. As igrejas são espaços religiosos onde facilmente é possível encontrar estereótipos de gênero em documentos magisteriais nos quais o caráter feminino é definido primeiramente em termos de maternidade, receptividade e criação, e o masculino é definido primeiramente em termos de

paternidade, iniciação e atividade (SALZMAN; LAWLER, 2012). Portanto, considerou-se neste estudo que as representações de gênero foram postas inicialmente pelos segmentos tradicionais e conservadores da Igreja Católica, considerada a grande mentora intelectual da chamada “ideologia de gênero”. Trata-se de um segmento religioso com larga experiência no campo educacional, e que tem demonstrado historicamente firme decisão de manter as mulheres longe do acesso aos cargos de decisão e direção, em uma consolidada instituição patriarcal e de ordem hierarquizada e assimétrica.

Buscou-se evidenciar as representações de gênero presente nas Igrejas protestantes Pentecostais e Neopentecostais, de onde brotou o forte ativismo religioso contra o conceito. O segmento evangélico vem crescendo, alterando a moldura religiosa do país, historicamente tido como amplamente católico. O campo evangélico, estudado dentro de uma estratégia de poder acabou por consolidar um primeiramente um projeto político de comunicação social, onde também opera o campo católico. A comunicação social configura-se em um espaço competitivo no qual se estabeleceu uma verdadeira cruzada com relação às teorias de gênero.

Ainda com relação a esse projeto midiático, efetivado pelas Igrejas, vale ressaltar que se constata uma preocupação de vários setores, especialmente do movimento social (que busca as informações alternativas, comunitárias e livres), que formulam reflexões e críticas sobre o papel dos meios de comunicação e de comunicadores (as), especialmente aqueles (as) que são lideranças do campo religioso. A comunicação social e demais processos midiáticos, como as redes sociais, possuem evidentemente uma configuração plural, pois, atuam nesse campo, várias expressões religiosas, em contextos culturais, necessidades e interesses diferenciados.

Muitas reflexões sobre o contexto desafiador do processo eleitoral de 2018 (e, conseqüente resultado), onde se travou uma verdadeira guerra em torno do conceito de gênero, o que suscitou uma série de questões sobre a responsabilidade social e ética das Igrejas, frente à deliberada “desconstrução” da pessoa, seja pelas expressões de raiva, intolerância, preconceito, xenofobia entre outras, e sem falar das informações desencontradas e falsas, que acabaram por ultrapassar todos os limites éticos, mas que circularam e ainda circulam livremente pelas redes sociais, em uma verdadeira desordem comunicacional, o é mais sério, se for uma mídia cristã.

O segundo projeto que diz respeito ao mundo da política, elegendo uma significativa bancada parlamentar religiosa que foi ampliada em 2018, onde candidatos (as) diretamente vinculados aos evangélicos, como o Jair Bolsonaro (Partido Social Liberal - PSL) e o Cabo Daciolo (Patriota) e uma candidata, a Marina Silva (Rede de Sustentabilidade). No campo católico, menos explícito, Geraldo Alckmim (Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB), ligado a Opus Dei. A bancada evangélica ampliou a sua base para 84 deputados federais e 7 senadores, que atuam de forma articulada no Congresso Nacional com os setores conservadores, em temas que vão contra os direitos humanos, a exemplo da redução da maioria penal.

Visto a consolidação dos dois projetos político, entende-se que agora está em curso a tentativa de consolidar o terceiro projeto político da tríade, que está voltado para o campo educacional. Que foi capaz de alterar a histórica, e tradicional postura “anti-intelectualistas” (LOPES, 2018), a Igreja Assembléia de Deus (AD). Os dois setores evangélicos AD e IURD estão investindo em Institutos de Ensino Superior – IES, cada qual com sua própria universidade, sendo que a Assembléia de Deus – AD, adquiriu a FAECAD, com sede no Rio de Janeiro, e a Igreja Universal do Reino de Deus – IURD, proprietária da Faculdade Republicana, com sede em Brasília. Sem contar os Institutos teológicos próprios, que formam seus fiéis e pastores, também nas questões de gênero, evidentemente.

Enquanto metodologia trilhou-se, pelas sendas da História Cultural (HC), pois, esta metodologia nasce revolucionando a forma de produzir conhecimentos na área historiográfica, apresentando múltiplas possibilidades de objetos de estudo, com suporte necessário para a análise de micro histórias, evidenciando posicionamentos de protagonistas anônimos (as), não contemplados (as) pela historiografia tradicional, como os (as) estudantes do Curso de Pedagogia, estudados nesta tese, que serão os (as) futuros profissionais com atuação nas escolas, sejam elas públicas ou particulares, mas todas elas, são espaços de reprodução da cultura, como já dito. Nosso estudo demonstrou que os (as) estudantes de Pedagogia, em sua maioria, são cristãos e exercem práticas religiosas regulares. Nosso interesse era saber quais eram as representações de gênero presentes nos (as) estudantes de Pedagogia e qual o nível de conhecimento que detinham sobre o conceito e teorias de gênero, constantemente polemizados no cenário brasileiro, especialmente pelo campo religioso. Nossa tese era de que este campo estaria investindo na formação de um

corpo docente alinhado com o entendimento de “ideologia de gênero”, e os docentes estavam em formação no Curso de Pedagogia, composto na maioria por mulheres tradicionalmente com exercícios de práticas religiosas.

Para tanto, realizamos presencialmente uma primeira pesquisa a partir de um questionário estruturado, abordando não só temas relacionados a gênero, mas também sobre o grau de concordância ou aderência dos (das) estudantes sobre o conceito de gênero. O resultado da pesquisa, tendo por base a resposta dos estudantes, demonstrou alto nível de conhecimento em declarações espontâneas e gerais, mas não foi convincente.

Considerando que o campo de gênero é amplo e complexo, foi conveniente realizar uma nova pesquisa (amostra), no espaço virtual, junto aos (as) estudantes pesquisados (as) contendo oito perguntas que poderiam evidenciar, ou nos aproximar melhor, do grau de conhecimento dos (as) estudantes sobre o tema. Nas oito entrevistas que retornaram pudemos constatar que o grau de informação sobre gênero é muito baixo e algumas respostas contém vestígios de representações de gênero do campo religioso. Todavia, uma parte mediana dos (as) estudantes com práticas religiosas nos segmentos estudados, declarou ter concordância com às discussões de gênero nas escolas, posição que vai a sentido contrário à orientação das suas respectivas igrejas. Com base nas declarações, podemos dizer que os estudantes de pedagogia podem fazer parte de um posicionamento político chamado “Objeção de Consciência”, no qual se enquadram pessoas como essa parte dos (as) estudantes de Pedagogia que, apesar de orientações recebidas por parte das suas Igrejas, do Estado ou de qualquer outra instituição, que venha “ferir” ou ir contra as suas convicções pessoais profundas, rebelam-se, portanto, não as obedecendo, pelo menos, é o que analisamos das declarações realizadas pelos (as) estudantes de Pedagogia pesquisados (as).

Mas, considerando que as Igrejas do campo religioso que estabeleceram o combate ao conceito de gênero, podem obter melhores e maiores resultados com um corpo docente alinhado com a cruzada contra ao que chamam de “ideologia de gênero”, nossa tese é de que o campo vai investir na formação de professores e professoras em seus espaços formativos próprios, podendo contemplar as IES recentemente adquiridas, pelo segmento. Nossa conclusão ancora-se nas declarações públicas de lideranças do campo religioso sobre o conceito de gênero, incluindo o Presidente da República Jair Bolsonaro, manifestadamente favorável ao

combate de gênero. Os avanços que o campo conquistou na política, somado aos postos-chaves, a exemplo dos Ministérios da Educação, da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, podem alargar a influência no campo educacional. Segundo Le Goff é sempre importante acompanhar as mudanças no comportamento das religiões, pois, mostram que há "importantes transformações em vias de ocorrer" (LE GOFF apud DIAS, 2009, p.13). O que nos preocupa é aquela velha máxima, que na maioria das vezes muda-se para não mudar. No caso dos campos religiosos estudados, a máxima, infelizmente é verdadeira no que diz respeito às históricas relações assimétricas de gênero. Oxalá tenhamos muitas "insurgências", mesmo que ainda pequenas, como as localizadas nas declarações dos (as) estudantes de Pedagogia.

REFERÊNCIAS

A TRANSIÇÃO religiosa em ritmo acelerado no Brasil. Revista IHU on-line, 19 jan. 2017. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/564083-a-transicao-religiosa-em-ritmo-acelerado-no-brasil>>. Acesso em: 15 set. 2017.

AÇÃO EDUCATIVA. Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação (Org.). **A ideologia do movimento Escola Sem Partido**: 20 autores desmontam o discurso. São Paulo: Ação Educativa, 2016. Disponível em: <http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2017/05/escolasempartido_miolo.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2019.

ACIOLI, Márcia. Educação: o desafio da transexualidade. **Outras Palavras**, 30 abr. 2014. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/brasil/educacao-o-desafio-da-transexualidade/>>. Acesso em: 11 dez. 2018.

ALENCAR, Gedeon F. de. **Assembléias Brasileiras de Deus: teorização, história e Tipologia - 1911 a 2011**. 2012. Tese (Ciências da religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/1883/1/Gedeon%20Freire%20de%20Alencar.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2019.

ALMEIDA, Ronaldo. A igreja Universal e seus demônios. São Paulo: Terceiro nome FAPESP, 2009. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/26985-quem-sao-os-demonios-da-igreja-universal-entrevista-especial-com-ronaldo-de-almeida>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente. **Novos Estudos**. São Paulo: Cebrap, v.38, n.1, p.185-213, jan-abr. 2019.

ALTEMAN, Walter. Lutero e a Reforma - 500 anos depois. **Revista IHU On-line**, n. 514, 29 out. 2017. Disponível em: <<https://issuu.com/ihu/docs/ihuonlineeducacao514>>. Acesso em: 08 fev. 2019.

APRÁ, Alexandre. Embaixada da Suécia desmente fake News de padre bélico muito ligado a Bolsonaro. **Isso É Notícia**, 12 jan. 2019. Republicada por IHU. 2019. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/586060-embaixada-da-suecia-desmente-fakenews-de-padre-belico-de-mt-ligado-a-bolsonaro>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

ARAÚJO, Israel. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

_____. **Frida Vingren**: uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembléias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

ARAÚJO, Israel. O que Frida Vingren desejava para as mulheres assembleianas. _____. **Dicionário do movimento pentecostal**. 2014. Disponível em:

<<http://dicionariomovimentopentecostal.blogspot.com/2014/07/o-que-frida-vingren-desejava-para-as.html>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

AQUINO, M. Kassab descarta aumento de imposto para empresas de internet.

TELE.SÍNTESE, 20 set. 2016. Disponível em:

<<http://www.telesintese.com.br/kassab-descarta-qualquer-aumento-de-imposto-para-empresas-de-internet>>. Acesso em: 5 mar. 2019.

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. "Não se meta com meus filhos": a construção do pânico mora da criança sob ameaça. **Cadernos Pagu** [on line], n. 53, 2018.

e185306. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332018000200406&lng=pt&nrm=iso&tling=pt>. Acesso em: 08 fev. 2019.

BANDINI, Claudirene. Costurando certo por linhas tortas: práticas femininas em igrejas pentecostais. Salvador: Pontocom, 2014. Série Acadêmica, n. 6.

_____. Gênero e poder na Igreja Universal do Reino de Deus. **Horizonte**. Dossiê: Relações de Gênero e Religião, Belo Horizonte, v.13, n. 39, p. 1410-1426, 2015.

Disponível em: <

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2015v13n39p1410/8636>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

BELLOTTI, Karina Kosicki. "Fiéis soldados de Jesus Cristo" – Discussões sobre o fundamentalismo no Brasil recente. *In*: BREPOHL, Marion; CAPRARO, Andre Mendes; GARRAFFONI, Renata Sena (Orgs.). **Sentimentos na História: linguagens, práticas, emoções**. Curitiba: Ed. UFPR, 2012.

BERGER, Peter. Morre Peter Berger, importante sociólogo da religião. Revista **IHU ON-LINE**. 2017. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/569225-falecimento-peter-berger-importante-sociologo-da-religiao>>. Acesso em 17 jan. 2017.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de tradução ecumênica TEB**. Tradução: L. J. Baraúna, *et al.* São Paulo: Loyola, 1994, p. 2480.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Edição Pastoral. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

BOLSONARO, Jair. Presidente. Leia a íntegra do discurso de Bolsonaro na cerimônia de posse no Congresso. Folha de São Paulo, 1 jan. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-cerimonia-de-posse-no-congresso.shtml>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

BORGES, Valdir. **A reconstrução de uma ética pedagógica libertadora à luz de Paulo Freire**. Curitiba: CRV, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. **O poder simbólico**. Lisboa: Deifel, 1989.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Minuta de resolução de diretrizes curriculares da pedagogia divulgada pelo Conselho Nacional de Educação**. Brasília, 17 mar. 2005.

_____. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional (LDB). Brasília: MEC, 1996.

_____. Lei Nº 13.005, de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências**. Câmara dos Deputados, Edições Câmara, Brasília, 2014.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil sem homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual**. Brasília, 2004. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2019.

_____. Ministério da Cultura. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Práticas Religiosas. *In*: **Tesouro de Folclore e Cultura Popular**. Brasília: [entre 2006 e 2008]. Disponível em: <<http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/00001061.htm>>. Acesso em: 16 fev. 2019.

_____. **Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006**. Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2009.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 151-172.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2013.

BURKE, Peter. **História cultural?**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CALDEIRA, Rodrigo Coppe. Tradicionalismo e conservadorismo católicos: as ideologias em jogo: entrevista especial com Rodrigo Coppe Caldeira. **Revista IHU**, 2011. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/45840-tradicionalismo-e-conservadorismo-catolicos-as-ideologias-em-jogo-entrevista-especial-com-rodrigo-coppe-caldeira>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

CALHEIROS, Waldyr; HUMMES. A pastoral operária. **Revista Nação Brasil**, Rio de Janeiro: Adia a. 3, n. 119, 1987.

CÓDIGO de direito canônico. São Paulo: Loyola, 2001.

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. O profeta, a palavra e a circulação do carisma pentecostal. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 54, n. 2, 2011.

CAMPS, Victoria; VALCÁRCEL, Amelia. **Hablemos de dios**. Madri: Taurus Pensamiento, 2007.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Cotidiano escolar e práticas interculturais. **Cadernos de Pesquisa** [on line]. v. 46, n. 161, p. 802-820, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v46n161/1980-5314-cp-46-161-00802.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

_____. Multiculturalismo e educação: desafios para uma prática pedagógica. *In*: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Orgs). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. ed. Petrópolis: RJ, Vozes, 2008.

CARBONELL, Jaume. **Pedagogias do século XXI: bases para a inovação educativa**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2016.

O CARDEAL que ensinou a igreja a “ver, julgar e agir”. Revista IHU on-line, 22 maio 2011. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/173-noticias/noticias-2011/43540-o-cardeal-que-ensinou-a-igreja-a-ver-julgar-e-agir>>. Acesso em: 16 set. 2018.

CASTILLO, Javier Calderón; ZÚÑIGA, Taroa. Evangélicos, pentecostales y neopentecostales: De la fé a la política. **REBELION**, 2018. Disponível em: <<http://www.rebelion.org/noticia.php?id=241665>>. Acesso em: 04 jan. 2019.

CEPAT 20 anos: pesquisa, formação e assessoria. CEPAT/CJ-CIAS, Curitiba, 2010. CERTEAU, M. GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.

_____. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, Vozes. 1990.

CHAGAS, Tiago. “Foi Deus”, diz Bolsonaro sobre vitória nas urnas durante culto. **Gospel +**, 6 nov. 2018. Disponível em: <<https://noticias.gospelma.is.com.br/foi-deus-presidente-bolsonaro-vitoria-urnas-104203.html>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

CHARBONNEAU, Paul-Eugène. **Cristianismo, sociedade e revolução**. São Paulo: Herder, 1967.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *In*. _____. **A beira da falécia: a história entre incertezas e inquietudes**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: EUFRGS, 2002, p. 61-79.

_____. **História cultural: entre práticas e representações**. São Paulo: DIFEL, 1990.

CHRISTIFIDELES LAICI 58. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo**. 2016. Disponível em: <<http://www.clerus.org/bibliaclerusonline/pt/pu.htm>>. Acesso em 18 jan. 2016.

CONGREGAÇÃO Para a Doutrina da Fé. **Carta aos bispos da igreja católica sobre a colaboração do homem e da mulher na igreja e no mundo, n. 13**. Roma, 2004. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20040731_collaboration_po.html>. Acesso em: 15 dez. 2018.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PERUANA. 1998. Lima, Peru. **La ideologia de gênero: sus peligros y alcances**. 1998. Disponível em: <https://img.cancaonova.com/noticias/pdf/281960_IdeologiaDeGenero_PerigosEAlcances_ConferenciaEpiscopalPeruana.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.

CONTROVÉRSIA CATÓLICA, 2018. Disponível em: <<https://controversiacatolica.com/page/7/>>. Acesso em: 26 dez. 2018.

CORDINA, Adela; MARTÍNEZ, Emílio. **Ética**. Madrid, Espanha: Ediciones Akal. S.A, 2005.

CORRÊA, Sonia. A “política do gênero”: um comentário genealógico. Debate Quem tem medo de Judith Butler? A cruzada moral contra os direitos humanos no Brasil. **Cadernos Pagu**, n. 53, 2018.

CORRENT, Adriana Closs. Movimento Objeção de Consciência. In: AGÊNCIA DE INFORMAÇÃO FREI TITO PARA A AMÉRICA LATINA (ADITAL). **Cone Sul, uma Igreja para a Liberdade**. São Paulo: Loyola, 2003, p. 80. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=no0gtiywinec&pg=pa80&lpg=pa80&dq=movimento+pela+obje%C3%A7%C3%A3o+de+consci%C3%Aancia+do+paraguai+\(moc-py&source=bl&ots=vqzcvir-m&sig=acfu3u0jclfeo8dsv-yqz3t4a-huotczlg&hl=pt-br&sa=x&ved=2ahukewihvoplzljgahvxgbkghr6sb0wq6aewahoecakqaq#v=onepage&q=movimento%20pela%20obje%C3%A7%C3%A3o%20de%20consci%C3%Aancia%20do%20paraguai%20\(moc-py&f=false](https://books.google.com.br/books?id=no0gtiywinec&pg=pa80&lpg=pa80&dq=movimento+pela+obje%C3%A7%C3%A3o+de+consci%C3%Aancia+do+paraguai+(moc-py&source=bl&ots=vqzcvir-m&sig=acfu3u0jclfeo8dsv-yqz3t4a-huotczlg&hl=pt-br&sa=x&ved=2ahukewihvoplzljgahvxgbkghr6sb0wq6aewahoecakqaq#v=onepage&q=movimento%20pela%20obje%C3%A7%C3%A3o%20de%20consci%C3%Aancia%20do%20paraguai%20(moc-py&f=false)>. acesso em: 11 fev. 2019.

COSTA, Albertina de Oliveira, BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

COSTA, Jurandir Freire. A sexualidade e a família em desordem. **Cepat Informa**, Curitiba, n. 98, 2003.

COSTA, Messias. **A educação nas constituições do Brasil: dados e direções**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

DA MATA, Sergio. **História e religião**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DA SILVA, Carlos Alberto Borges; VASCONCELLOS, Maria da Penha. Da doença ao milagre: etnografia de soluções terapêuticas entre os evangélicos na cidade de Boa Vista em Roraima. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 22, n. 4, p. 1036-1044,

2013. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v22n4/07.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

DA SILVA, Helerson. **Da moral privada a ética pública. A nova elite parlamentar evangélica na América Latina**. 2017. Tesis (Doutorado) - Universidad Salamanca, Programa Procesos Políticos Contemporáneos. Salamanca: Universidad DSalamanca, 2017. Disponível em: <https://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/137158/1/DDPG_DaSilvaH_Evangelico.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2019.

DE CERTEAU, M. **A Invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DEBERT, Guita G. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: CARDOSO, Ruth C. L. (Org.). **A Aventura antropológica: teoria e pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 141-156.

DEIFELT, Wanda. Um olhar feminino sobre a Reforma Protestante. **Revista IHU On-line**, n. 496, 2016. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/561775-um-olhar-feminino-sobre-a-reforma-protestante-entrevista-especial-com-wanda-deifelt>>. Acesso em: 04 jan. 2019.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e ensino de História. **Revista História Hoje**, v. 2, n. 4, p. 19-34, 2013.

DE TÍLIO, Rafael. Teorias de gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. **Revista Gênero**. Niterói, v. 14, n. 2, p. 125-148, 2014. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/626/380>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DIAS, Agemir de Carvalho. **O movimento ecumênico no Brasil a serviço da igreja e dos movimentos sociais (1954 - 1994)**. Curitiba: Instituto Memória, 2009.

DOMTOTAL.COM. **Morre Padre Agostinho Preto**. 2016. Disponível em: <<http://domtotal.com/noticia.php?notId=373726>>. Acesso em jan. 2016.

DUARTE, L. F. **Da vida nervosa: na classe trabalhadora urbana**. Rio de Janeiro, Zahar/CNPQ, 1986.

DUMONT, Louis. **Homo heráquicus: o sistema de castas e suas implicações**. São Paulo, EDUSP, 1978.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da libertação**. São Paulo: Edições Loyola; UNIMEP, 1989.

EVANGÉLICOS e protestantes se unem para eleição. **Revista IHU on-line**, 31 jan. 2018. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/575721-evangelicos-e-catolicos-se-unem-para-eleicao>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

ETHOS. **O compromisso das empresas com os direitos humanos LGBT**, dez. 2013. Disponível em: < <https://www.ethos.org.br/cedoc/o-compromisso-das-empresas-com-os-direitos-humanos-lgbt/#.XTXOTvJKiM8>>. Acesso em: 17 jan.2016.

EVANGELIUM VITAE, n. 73, 1995.

FACULDADE EVANGÉLICA DA ASSEMBLEIA DE DEUS (FAECAD). **[Foto da página do Facebook]**. 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/faculdadedaassembleiadedeus/>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

FAGGIOLI, Massimo. Na sombra do vaticano I: o papa a homossexualidade e a mudança na igreja. **Revista IHU online**. 29 jan. 2018. Disponível em: < <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/586350-na-sombra-do-vaticano-i-o-papa-a-homossexualidade-e-a-mudanca-na-igreja-artigo-de-massimo-faggioli>>. Acesso em: 28 fev. 2019.

FALQUET, Jules. Por uma anatomia das classes de sexo: Nicole-Claude Mathieu ou a consciência das oprimidas. **Lutas sociais** [on line]. São Paulo, v.18 n.32, p. 9-23, jan./jun. 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/ls/article/view/25688/18324>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. **"Onde a luta se travar": a expansão das Assembléias de Deus no Brasil urbano (1946-1980)**. 2015. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Assis, SP, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/132222/000851874.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 21 mar. 2019.

FASCISMO. *In*: DICIONÁRIO de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1986.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação capitalista**. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2004.

FERRAROTTI, Franco. *et.al.* **Sociologia da religião**. Tradução de: Bertilo Brod. São Paulo: Paulinas, 1990.

FERREIRA, Jorge A. As 03 ondas do pentecostalismo (resumo). **O pentecostal reformado**, 31 maio 2018. Disponível em: <<https://opentecostal-reformado.blogspot.com/2018/05/as-03-ondas-do-pentecostalismo-resumo.html>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

FERREIRA, V. **Elogio (sociológico) à carne**: a partir da reedição do texto "as técnicas do corpo" de Marcel Mauss. 2009. Disponível em: < <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/54873/2/ISWP362009000122949.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

FLOOD, Michael *et al* (Eds.). **International encyclopedia of men and masculinities**. London: Editora Routledge, 2007. Disponível em: <http://www.academia.edu/444498/International_Encyclopedia_of_Men_and_Masculinities_2007_>. Acesso em: 08 fev. 2019.

FORCANO, Benjamín. **Nova ética sexual**, São Paulo: Musa Editora, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1987. v.1.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001. v.1.

_____. **Microfísica do poder**. 8 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FRAZÃO, Felipe. MEC autoriza funcionamento de faculdade de partido ligado à Universal. **O Estado de São Paulo**, 11 nov. 2018. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,mec-autoriza-funcionamento-de-faculdade-de-partido-ligado-a-universal,70002601875>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

FRESTON, Paul. Proselitismo e Globalização: Dimensões Internacionais dos Direitos Humanos. *In*: BREPOHL; CAPRARO; Garraffoni (Orgs.). **Sentimentos na história: linguagens, práticas, emoções**. Curitiba: UFPR, 2012.

_____. **Evangélicos e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment**. Campinas. Tese (Doutorado). 1993. - Universidade Estadual de Campinas, 1993. Mimeo.

_____. Breve história do pentecostalismo brasileiro. *In*: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. Proselitismo e globalização: dimensões Internacionais dos direitos humanos. *In*. BREPOHL; CAPRARO; Garraffoni (Orgs.). **Sentimentos na História: linguagens, práticas, emoções**. Curitiba: UFPR, 2012.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Escola Sem Partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2017.

FURLIN, Neiva. **Relações de gênero, subjetividades e docência feminina: um estudo a partir do universo do ensino superior em teologia católica**. Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, para obtenção do título de doutora em Sociologia. Curitiba: 2014.

GEERTZ, Clifford. A mitologia de um antropólogo. **Folha de São Paulo**, 18 fev. 2001. Caderno MAIS!, p. 6-8. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1802200103.htm>>. Acesso em: 08 fev. 2019.

GELEDES. 2013. **Linguagem inclusiva de gênero em trabalhos acadêmicos**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/linguagem-inclusiva-de-genero-em-trabalho-academico/>>. 17 jan. 2016.

GOURGES, Olympe. Declaração dos direitos da mulheres e da cidadã. Apresentação e Tradução de: Selvino José Assmann. **INTERthesis**, v. 4, n. 1, jan./jun. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/viewFile/911/10852>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

GRANDA, Alana. **Brasileiros frequentam mais teatros e cinemas, diz pesquisa**. Agência Brasil, Rio de Janeiro, 24 abr. 2017. Disponibilizada em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2017-04/brasileiros-frequentam-mais-teatros-e-cinemas-diz-pesquisa>> . Acesso em: 30 jun. de 2018.

GRENPELL, Michael. **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis: Vozes, 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Editora D&P, 1997.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. GIANCHINI, Enio Paulo (trad.). Petrópolis: Vozes, 2015.

HIRATA, Helena et al. (Org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HISTÓRIA. *In*: OPUS DEI. 2018. Disponível em: <<https://opusdei.org/pt-br/article/historia/>>. Acesso em: 29 dez. 2018.

HUBBARD, Ruth. Algumas ideias sobre a masculinidade das Ciências Naturais. *In*: Gergen, M. M. **O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília/EdunB, 1993.

IBADEP. **Nossa história**. 2019. Disponível em: <<https://www.ibadep.com/>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

IHU ON- LINE- 2018. **O que é certo: sem mulheres não há futuro para a Igreja**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/188-noticias/noticias-2018/584370-o-que-e-certo-sem-mulheres-nao-ha-futuro-para-a-igreja>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

IGREJA canonizou mais de 20 mil santos, celebrados hoje. **Notícias**, 1 nov. 2013, modificado em: 8 jan. 2014. Disponível em: <<https://noticias.cancaonova.com/brasil/igreja-canonizou-mais-de-20-mil-santos-celebrados-hoje/>>. Acesso em 17 jan. 2018.

INSTITUTO PLÍNIO CORREA DE OLIVRIA (IPCO). **Quem somos**. 2019. Disponível em: <<http://ipco.org.br/quem-somos>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia. 3. ed.**, rev.e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. 2. ed. ampl. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/g%c3%8anero-conceitos-e-terminos.pdf>>. acesso em: 10 jan. 2019.

JOÃO PAULO II. Papa. **Carta Encíclica *Evangelium vitae*** (Sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana). São Paulo: Loyola, 1995.

JOHN XXIII, Papa. Encyclical of pope on christianity and social progress. Vatican, May 15, 1961. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html >. Acesso em: 20 dez. 2018.

JOHNSON, Allan. **Dicionário de sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

JOSGRILBERG, Rui. Pentecostalismo e questões teológicas. **Revista de questões teológicas**, n. 13, 1995. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/14236/12124>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

JUANES, Francisco de. **Documentos confidenciais do Papa João Paulo II**. São Paulo: Editora Loyola, 1994.

JUNQUEIRA, Rogério. A gênese de uma categoria. [Entrevista concedida ao Centro Latino-Americano em sexualidades e direitos humanos, Laura Lowenkron e Claudia Mora]. **clam+**. 10, 20 dez. 2017. Disponível em: <<http://clam.org.br/destaque/conteudo.asp?cod=12704> >. Acesso em: 01 nov. 2018.

_____. “Ideologia de gênero”: uma invenção vaticana para uma retórica reacionária. **Revista de Psicologia Política**, São Paulo, n. especial, 2018 (no prelo). Disponível em: <<http://clam.org.br/destaque/conteudo.asp?cod=12704>>. Acesso em: 22 jan. 2017.

KUBACKI, Marie-Lucile. O quase trabalho gratuito das irmãs. **L'OSSERVATORE ROMANO**. Tradução de: Luisa Rabolini. 2018. Reproduzido pela revista IHU. 2018. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/576618-o-trabalho-quase-gratuito-das-irmas>>. Acesso em: 6 jan. 2018.

LAGARDE, Marcela, “**La sexualidad**”, em **Los cautiverios de lãs mujeres**: madresposas, monjas, putas, presas y locas. México, UNAM, 1997. p. 177-211.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2001.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LHOMOND, Brigitte. **Sexualidade**. In: HIRATA, Helena et al. (Org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

LIMA, Ari. Da vida rasgada. Imagens e representações sobre o negro em Madame Satã. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens**, Salvador: Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas, , v. 1, n. 2, 2006.

LLANOS, Gabriela Castelhana. **Decidimos, hacemos, somos**: discurso identidades de género y sexualidades. Cali, Colombia: Universidad del Vale, 2010.

LOPES, Marcelo. **Metanoia Pentecostal**: sinais de uma primavera educacional na Assembléia de Deus no Brasil. 2018. Tese (Doutorado em Ciências da religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Sociedade e Cultura do Instituto de Ciências Humanas Juiz de Fora, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.ufjf.br:8080/xmlui/bitstream/handle/ufjf/6714/marcelolopes.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 08 fev. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/30353576.pdf>>. Acesso em 16 fev. 2019.

_____. Currículo, gênero e sexualidade: refletindo sobre o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. **Labrys estudos feministas**, n. 1-2, jul./dez., 2002. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys1_2/guacira1.html>. Acesso em: 15 jan. 2017.

LÖWY, Ilana. Ciência e Gênero. In: HIRATA, Helena. et. al. (orgs.). **Dicionário Crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa. **Dicionário da Crítica Feminista**. Lisboa: Edições Afrontamento, 2005.

MACHADO, Maria das Dores. SOS mulher: a identidade feminina na mídia pentecostal. In: JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA, 8., São Paulo, 1998. **Mesa redonda MR11 “Mulher, gênero e poder religioso”**. São Paulo, 1998. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/CienciasSociaisReligiao/article/view/2157/846>>. Acesso em: 08 fev. 2019.

MANUAL de defesa das escolas. 2018. Disponível em: Disponível em: <<http://www.manualdedefesadasescolas.org/manualdedefesa.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2018.

M A R A S C H I N, Claudio. **A objeção de consciência ao serviço militar obrigatório: uma análise do tratamento jurídico da consciência humana**. 2002. 148 f. Dissertação (Mestrado em direito) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Jurídicas, Florianópolis. Florianópolis, 2002. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/82423/182030.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 dez. 2018.

MATHIEU, Nicole Claude. Identité sexuelle/sesué/de sexe?. *In*: L'ANATOMIE Politique. Paris: Cote-Femmes, 1991.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Gênero: categoria/perspectivas e constituição do campo historiográfico. *In*. TAMANINI, Marlene; BOSCHILIA, Roseli; SCHWENDLER, Sonia Fátima (Orgs). **Teorias e Políticas de Gênero na Contemporaneidade**. Curitiba: Ed. UFPR, 2017.

MEMÓRIAS das Assembleias de Deus. 2017. Disponível em: <http://mariosergiohistoria.blogspot.com/2017/03/>. Acesso em: 14 jan. 2019.

MENDOZA-ÁLVAREZ, Carlos. **Rene Girard: O Deus escondido da pós-modernidade: desejo, memória e imaginação escatológica**. Ensaio de teologia fundamental pós-moderna. São Paulo: É Realizações, 2011.

MENEZES, Delmo. **“Templo de Salomão” versão brasiliense será construído em Taguatinga pela Igreja Universal**. Agenda Capital, 12 out. 2016. Disponível em: <http://agendacapital.com.br/templo-de-salomao-versao-brasiliense-sera-construido-em-taguatinga-pela-igreja-universal/>. Acesso em 16 fev. 2019.

MILLET, Kate. **Sexual politics**. New York: Doubleday, 1969.

MISKOLCI, R.; CAMPANA, M. Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Revista Sociedade e Estado** [on line], Brasília, 2017, v. 32, n. 3. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922017000300725&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 10 fev. 2019.

MISKOLCI, Richard. A teoria *queer* e a sociologia: o desafio de uma **analítica** da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, a. 11, n. 21, p. 150-182, jan/jun., 2009.

MONFORT. **Modas e modéstias**, 2011. Disponível em: <http://www.montfort.org.br:84/modas-e-modestia/>. Acesso em: 02 jan. 2019.

MORAES, Isael Araújo de. **Frida Vingren: uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

MORAES, Rogerio. A incrível história de Mary Baker e o neo-pentecostalismo. **Jornal GGN**, 8 set. 2014. Disponível em: <https://jornalgggn.com.br/blog/rmoraes/a-incrivel-historia-de-mary-baker-e-o-neo-pentecostalismo>. Acesso em: 10 jan. 2019.

MORIN, Edgar. Método 4 – As ideias: habitat, vida, costumes, organização. Sulina. Europa América, 2002.

MOTTA, Sônia. **As mulheres na Reforma Protestante**. São Paulo: CEBI, 2011. Disponível em: <<https://cebi.org.br/noticias/ecumenismo/as-mulheres-na-reforma-protestante-sonia-mota/>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

NAÑEZ, Rick M. **Pentecostal de coração e mente: um chamado ao dom divino do intelecto**. São Paulo: Editora Vida, 2007.

NEVES, Raphael. "Joga pedra na Judith": discursos de ódio e populismo. **Cadernos Pagu**, n. 53, Campinas, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332018000200407&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 10 fev. 2019.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista de Estudos Feministas** [online]. Florianópolis:CFH/CCE, UFSC, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917/38460>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

NUNES, Maria José Rosado. Religiões. *In*: HIRATA, Helena. et al. (Orgs). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

_____. Freiras no Brasil. *In*: PRIORE, Mary Del (Org). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 482-509.

O'LEARY, Daly. "**Gender**" - uma nova e perigosa ideologia. **Entrevista concedida para: Centro da Família Coração de Jesus**. 2014. Disponível em: <<https://centrodafamiliacj.wordpress.com/2014/03/09/entrevista-com-daly-oleary-especialista-em-ideologia-do-genero/>>. Acesso em: 10 out. 2017.

OLIVEIRA, Carmen Silveira de. A sociedade do cansaço e a desfeminização da escola. **Extra Classe**, 13 ago. 2016. Disponível em: <<https://www.extraclasse.org.br/exclusivoweb/2018/08/a-sociedade-do-cansaco-e-a-desfeminizacao-da-escola/>>. Acesso em: 18 set. 2018.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. 2017. Tese (Doutorado em educação) - Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Educação. Curitiba, 2017. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/47605/r%20-%20t%20-%20megg%20rayara%20gomes%20de%20oliveira.pdf?sequence=1&isallowed=y>>. Acesso em: 17 mar. 2019.

O QUE é a Igreja Brasileira, ou Igreja Católica Brasileira?. **Presbíteros**, 1 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.presbiteros.org.br/o-que-e-a-igreja-brasileira-ou-igreja-catolica-brasileira/>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

ORO, Ari Pedro. Neopentecostais e afro-brasileiros: quem vencerá está guerra? **Debates do NER**, Porto Alegre, a. 1, n. 1, p. 10-36, nov. 1997.

_____. A presença brasileira no exterior: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus. **Estudos avançados, Dossiê Religiões do Brasil**, São Paulo, v. 18, n 52, Sept./Dec. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300011>. Acesso em: 10 fev. 2019.

ORTNER, Sherry B. **Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?** Paz e Terra, 1979.

OS GLADIADORES do Altar (Igreja Universal): soldadinhos de chumbo da extrema direita. **Esquerda Diário**, 5 nov. 2018. Disponível em: <<http://www.esquerdadiario.com.br/Os-Gladiadores-do-Altar-Igreja-Universal-soldadinhos-de-chumbo-da-extrema-direita>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

PAIVA, Thais. Por que é tão difícil falar de gênero nas escolas? **Carta Capital**, 1, nov. 2016. Disponível em: <<http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/por-que-e-tao-dificil-falar-de-genero-nas-escolas/>>. Acesso em: 01 mar. 2019.

PARAISO, Marluce Alves. A ciranda do currículo com gênero, poder e resistência. **Currículo sem Fronteiras**, v. 16, n. 3, p. 388-415, set./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss3articles/paraiso.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

PEDRO, Maria Joana. A experiência com contraceptivo no Brasil: uma questão de geração. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, 2003, v. 23, n. 45, p. 239-260. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16527.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2019.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História** [online], v.24, n.1, p.77-98, 2005. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742005000100004>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742005000100004&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 27 jan. 2018.

PENNA, Fernando de Araújo. **“Escola Sem Partido”**. Série: **“Conquista em risco”**. Entrevista concedida a ANPED, 24 abr. 2016. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/news/entrevista-com-fernando-de-araujo-penna-escola-sem-partido-serie-conquistas-em-risco>>. Acesso em fev. 2017.

PENTECOSTAIS verdadeiros [Blog], 6 mar. 2013. Disponível em: <<http://pentecostaisverdadeiros.blogspot.com/2013/03/historia-de-charles-fox-parham-polemico.html>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

PEREIRA. Nanci Cardoso. Malditas, Gozosas e Devotas. Mulher e Religião. **Mandrágora**, São Bernardo do Campo: Umesp, n. 3, p. 9-14, 1996.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Judith Butler e a pomba-gira. **Cadernos Pagu**, n. 53, Campinas, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332018000200404&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 10 fev. 2019.

PERROT, Michelle. As mulheres, o poder e a história. *In*. OS EXCLUÍDOS da história: Operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

_____. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PIERUCCI, Antonio Flávio. A encruzilhada da fé. **Folha de São Paulo**, 19 maio 2002. Cadernos Mais.

PIETISMO. *In*: Protestantismo, 4 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.protestantismo.com.br/estudos/pietismo.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

PINSKY, Carla Bassanezzi. A era dos modelos rígidos. *In*: PINSKI, Carla Bassanezzi; PEDRO, Maria Joana. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo, Contexto, 2012

POLITI, Marco. Já não é mais tempo de freiras servis. Porque a Igreja deve lidar com a questão das mulheres. **Il Fatto Quotidiano**. Tradução de: Luisa Rabolini, Roma, 04 mar. 2018. Reproduzida pelo site do IHU. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/576725-ja-nao-e-mais-tempo-de-freiras-servis-porque-a-igreja-deve-lidar-com-a-questao-das-mulheres>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

PORTINARI, Natália. A costura política que uniu Bolsonaro aos evangélicos. **Época**, 19 nov. 2018. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/a-costura-politica-que-uniu-bolsonaro-aos-evangelicos-23211834>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

QUANTO ganha um pastor? Guia da carreira. 2019. Disponível em: <<https://www.guiadacarreira.com.br/salarios/quanto-ganha-um-pastor/>>. Acesso em 15 jan.2019.

QUEIROZ, José J. As religiões e o Sagrado nas encruzilhadas da pós-modernidade. *In*: _____. (Org.) **Interfaces do sagrado**: em véspera de milênio. São Paulo: Olho Dagua, 1996, p. 9-22.

QUEIROZ, Luiz. Qual o objetivo do exército da Igreja Universal? **GGN O Jornal de Todos os Brasis, Religião**, 02 mar. 2015. Disponível em: <<https://jornalgggn.com.br/religiao/o-exercito-evangelico/>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

QUINET, A. **Um olhar a mais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

QUEM somos nós. 2018. Disponível em: <<https://novo.igrejabrasileira.com.br/quem-somos-nos/>>. Acesso em: 27 dez. 2018.

RAGO, Margareth. 'O natural não é ser homem ou mulher'. **Em outro hemisfério [blog]**. 2010. Disponível em: <<http://emoutrohemisferio.blogspot.com/2010/06/o-natural-nao-e-ser-homem-ou-mulher.html>>. Acesso em nov. 2017.

RAMA, Claudio. **Mutaciones universitárias latinoamericanas**: câmbios em las dinâmicas educativas, mercados laborales y lógicas econômicas. San Salvador: Editorial Universidad Don Bosco, 2016. Disponível em: <http://rd.udb.edu.sv:8080/jspui/bitstream/11715/1162/1/Mutaciones%20universitaria%20latinoamericanas%20Claudio%20Rama_.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.

RANKE-HEINEMANN, Uta. **Eunucos pelo reino de Deus**: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999.

READ, WILLIAN R. **Fermento religioso nas massas religiosas do Brasil**, São Paulo: Imprensa Metodista, 1967.

RELIGIÃO. *In*: DICIONÁRIO de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1986, p. 1058.

REVISTA CATOLICISMO, Curitiba, 2017. Disponível em: <<https://ipco.org.br/assine-a-revista-catolicismo/#.XDxH9FVKjIU>>. Acesso em: 30 dez. 2018.

REVISTA CONQUISTAR, São Paulo: CCJ, 2006. Edição comemorativa, 35 anos.

RICARDO, Paulo. **O que é pecado mortal?** 2018. Disponível em: <<https://padrepauloricardo.org/episodios/o-que-e-um-pecado-mortal>>. Acesso em: 30 dez. 2018.

RIETH, Ricardo Willy. A Reforma Protestante para além do triunfalismo. Entrevista concedida a Ricardo machado em 30 out. 2016. **Revista IHU ON-LINE**, 2016. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/561767-a-reforma-protestante-para-alem-do-triunfalismo-entrevista-especial-com-ricardo-willy-rieth>>. Acesso em: 25 fev. 2017.

RÍOS, Maiara Moreira de; LAGARDE, Marcela. Definindo sororidade. *In*: GAMBA, Susana Beatriz. *Diccionario de estúdios de género y feminismos*. Buenos Aires: 2009. Disponível em: <<https://we.riseup.net/radfem/definindo-sororidade-marcela-lagarde>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição. Notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: Ed. N -1, 2018.

ROSEMBERG, Fúlvia. Expansão da educação infantil e processos de exclusão. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 107, jul. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a01.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

ROUANET, Paulo Sergio. A volta de Deus. Folha de São Paulo, **Caderno +Mais!** São Paulo, 19 maio 2002. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1905200205.htm>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

RUBIN, Gayle. Pensando o sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade. **Cadernos Pagu**, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, n. 21, p. 1-88, 2003.

SALZMAN, Todd A.; LAWLER, Michael G. **A pessoa sexual: por uma antropologia católica renovada**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2012.

SANTOS, Boaventura S. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. Porto: Afrontamento, 2000.

SANTOS, Elder Cerqueira. *et al.* Religião, saúde e cura: um estudo entre os neopentecostais. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 24, n. 3, 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000300011>. Acesso em: 05 jan. 2019.

SARASINI, Bia. Papa Francesco sostiene lecologia e attacca l'ideologia del gender. um contradicione o uma scelta. **Huffpost**, 19 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.huffingtonpost.iyt/bia-sarasini/papa-francesco-sostiene-lecologia-e-attacca-ideologia-del-gender-b-7619712.html>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

SAVIANI, Dermeval. **A Pedagogia no Brasil: história e teoria**. Campinas: Editores Associados, 2013.

SBARDELOTTO, M. Processos comunicacionais da Igreja Católica: um panorama entre Brasil e Vaticana. Entrevista concedida a Tatiane Milani. **Mídia, Religião e Sociedade**, 5 set. 2018. Disponível em: <<https://midia religiao e sociedade.com.br/2018/09/05/processos-comunicacionais-da-igreja-catolica-um-panorama-entre-brasil-e-vaticano-entrevista-com-moises-sbardelotto/>>. Acesso em: 4 jan. 2019.

SCALA, Jorge. **Ideologia de gênero: o neototalitarismo e a morte da família**. São Paulo: Artpress; São Paulo: Katechesis, 2011. Disponível em: <<https://masculinistaopressoroficial.files.wordpress.com/2017/06/ideologia-de-gc3aanero-o-neototalitarismo-e-a-morte-da-famc3adlia-jorge-scala.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2019.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v.16, n.2, p.5-22, 1990.

_____. **"Gênero: uma Categoria Útil para a Análise Histórica"**. Recife: SOS: Corpo e Cidadania, 1995. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1737847/mod_resource/content/1/Scott_g%C3%AAnero%20uma%20categoria%20%C3%BAtil%20para%20a%20an%C3%A1lise%20hist%C3%B3rica.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.

_____. **A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem**. Tradução de: Élvio Antônio Funck. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002.

SEIWERT, Hubert. O problema das "seitas" - Opinião pública, o cientista e o estado. Tradução de: Frank Usarski. REVER. *Revista de Estudos da Religião*, n. 1, p. 21-45, 2001. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv2_2001/p_hubert.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2019.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação** [online], n. 20. p. 60-70, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000200005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 18 mar. 2019.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SIGNIFICADO de Cisgênero. **Significados**, 27, set. 2017. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/cisgenero/>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

SILVA, Amanda, **Da "Ideologia de gênero" à família heteronormativa: uma análise do Plano Municipal de Educação de Curitiba**. 2017a. Dissertação (Mestrado em educação) - Universidade Federal do Paraná (UFPR), Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. 2017. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/54692/r%20-%20d%20-%20amanda%20da%20silva.pdf?sequence=1&isallowed=y>>. acesso em: 10 fev. 2019.

SILVA, Cátia Candido da. **Religião, família, formação e profissão: a amálgama no processo de significação das concepções de gênero em professores**. 2017. Dissertação (Mestrado em psicologia) - Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Brasília, 2017b. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/23104>>. Acesso em: 17 mar. 2019.

SILVA, Eduardo Barreto da. **Buscando o fenômeno: quando gênero, educação sexual e a moral religiosa se encontram na sala de aula**. 2017c. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana, Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Salvador, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/23390>>. Acesso em: 17 mar. 2019.

SILVA, Nanci Stancki. **Gênero e trabalho feminino: estudos sobre as representações de alunos (as) dos cursos técnicos de Desenho Industrial e Mecânica do CEFET - PR**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, Curitiba, 2000.

SILVA, Walter Sánchez. As 5 cifras sobre a Igreja que todo católico deve saber em 2018. **Acidigital**, 2018. Disponível em: <<https://www.acidigital.com/noticias/as-5-cifras-sobre-a-igreja-que-todo-catolico-deve-saber-em-2018-12519>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

SILVEIRA, Emerson Jose Sena da. De *dentro* para *fora*: Igreja Católica, controvérsias e ambivalências. **PLURA, Revista de Estudos da Religião**, v. 5, n. 2, p. 5-35, 2014. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/817/pdf_110>. Acesso em: 10 fev. 2019.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SPYER, Juliano. A crise política e os evangélicos. **Revista IHU ON LINE**, 22 maio 2016. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/555339-a-crise-politica-e-os-evangelicos>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

STEIN, Maria de Lourdes Tomio. **A experiência do trabalho: as práticas da Pastoral Operária em Curitiba (1965-1999)**. Tese (Doutor em História) - Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em História, 2004. Curitiba, 2004. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/27171/T%20-%20STEIN%2c%20MARIA%20DE%20LOURDES%20TOMIO.pdf?sequence=1&isAll owed=y>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

STRECK, Danilo. Igreja e Escola: reflexões sobre as bases teológicas do envolvimento da igreja na educação formal. **Estudos teológicos**, São Leopoldo, v.32, n.1, p. 54-67, 1992. Disponível em: <http://est.com.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/959/928>. Acesso em: 10 fev. 2019.

SULLIVAN, Andrew. The Gay Church Thousands of priests are closeted, and the Vatican's failure to reckon with their sexuality has created a crisis for Catholicism. **Intelligencer**. 2019. Disponível em: <<http://nymag.com/intelligencer/2019/01/gay-priests-catholic-church.html>>. Acesso em: 28 jan. 2019.

TADVALD, Marcelo. **Veredas do Sagrado: Brasil e Argentina no contexto da transnacionalização religiosa**. Porto Alegre: Cirkula Editora, 2015.

TAMANINI, Marlene. **Novas Tecnologias Reprodutivas Conceptivas à Luz da bioética e das teorias de gênero: casais e médic@s do Sul do Brasil**. Tese (Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, 2003. Florianópolis, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/86100/191938.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

TAMANINI, Marlene; BOSCHILIA, Roseli; SCHWENDLER, Sonia Fátima (Orgs). **Teorias e políticas de gênero na contemporaneidade**. Curitiba: Ed. UFPR, 2017.

TAMANINI, Marlene *et al* (Org.). **O Cuidado em Cena: desafios políticos, teóricos e práticos**. Florianópolis: UDESC, 2018.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **História das mulheres e as representações do feminino**. Campinas: Editora Curt Nimendajú, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2009000300021/12154>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

TCHERKÉZOFF, Serge. A comparação das sociedades e o diálogo cultural. **Sociologia & Antropologia**, v.703, set/dez., 2017.

TESAURO de folclore e cultura popular brasileira. 2019. Disponível em: <<http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00001061.htm>>. Acesso em: 16 fev. 2019.
TOSCANO, Moema. **Introdução à sociologia educacional**. Petrópolis: Vozes, 1985.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2007.

TOYNBEE, Arnold. **El cristianismo entre las religiones del mundo**. Madrid: Editorial Alianza Mexicana, 1956.

UBIETA, Carmen Bernabé; HENRIQUES, Fernanda; TOLDY, Teresa Martinho. A "ideologia de gênero" da Igreja Católica. **Ex aequo**, n. 37. Lisboa, jun. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602018000100002>. Acesso em: 10 fev. 2019.

VALCÁRCEL Amelia. **Feminismo en el mundo global**. 5. ed. Madrid: Ediciones Cátedra, 2016.

VALCÁRCEL. Amélia. **Sexo y Filosofía: sobre "mujer" y "poder"**. Barcelona: Siglo del Hombre, 1994. Disponível em: <<https://templodeeros.files.wordpress.com/2017/04/valcarcel-amelia-sexo-y-filosofia-sobre-mujer-y-poder.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

VERIKAS, Eleni. Naturalização da dominação e poder legítimo na teoria política clássica. **Estudos Feministas**, Florianópolis/SC, v.11, n.1, p.171-193, 2003.

VATICANO. **Catecismo da igreja católica, n. 2242**: compêndio. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2005. Disponível em: <<http://www.paroquiaz.org/downloads/acolitos/livros/compendio.pdf>>. Acesso em 20 fev. 2016

VIANNA, Claudia; UNBEHAUM, Sandra. Gênero na educação básica: quem se importa? Uma análise de documentos de políticas públicas no Brasil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 95, p. 407-428, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v27n95/a05v2795.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2016

VILHENA. Maria Cristina. **Frida Maria Strandberg (1891-1940): mais do que esposa de pastor**. São Paulo: Fonte Editorial, 2018.

VILLASENOR, Rafael Lopez. As práticas religiosas dos "sem religião" nas comunidades virtuais. **Cadernos IHU**, a. 11, n. 45, 2013. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ihu/045cadernosihu.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

VINGREN. Ivar. **O diário do pioneiro - Gunnar Vingren**. 5. Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

WEBER, Jeremy. Morre Peter Berger, importante sociólogo da religião. Tradução de: Isaque Gomes Correa. **Christianity Today**, 29 jun. 2017. Republicada por IHU. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/569225-falecimento-peter-berger-importante-sociologo-da-religiao>>. Acesso em: 10 set. 2017.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Unb, 1994. v.1.

WEBER, Max. Os tipos de dominação e sociologia da religião (tipos de relações comunitárias religiosas). *In*:_____. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Editora UnB, 1999, v. 1, p. 139-198, 2000.

WOODHEAD, Linda. Mulheres e gênero: uma estrutura teórica. **Revista Estudos da Religião**, n. 1, p. 1-11, 2002. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv1_2002/p_woodhe.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.

ZAGANO, Phyllis. A questão não é o sacerdócio feminino. Tradução de: Luísa Flores Somavilla. **National Catholic Reporter**, 24 jan. 2019. Republicado por Revista IHU on-line, 25 jan. 2019. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/586310-a-questao-nao-e-o-sacerdocio-feminino?fbclid=IwAR1pIP1JcGgevpvpxciDYjupKqOmQEVqr->>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

ZAIDMAN, Claude. Educação e socialização. *In*: HIRATA, Helena *et al.* (Orgs), **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

ZINET, Caio. Pesquisa aponta que maioria dos jovens brasileiros concilia trabalho e estudo. Educação Integral, 14 jan. 2016. Disponível em:<<https://educacaointegral.org.br/reportagens/pesquisa-aponta-maioria-dos-jovens-brasileiros-concilia-trabalho-estudo/>>. Acesso em: 14 de fev. 2019.

ANEXO 1 – ROTEIRO DE PESQUISA

Caro (a) estudante do Curso de Pedagogia!

O presente questionário é parte integrante de uma pesquisa realizada no campo educacional sobre percepções de estudante de graduação em relação a GÊNERO, RELIGIÃO e EDUCAÇÃO. Queremos conhecer a sua opinião acerca dos temas propostos neste questionário. Caso deseje ou julgue necessário, você pode marcar mais de uma resposta para cada uma das perguntas apresentadas. As perguntas que utilizam escalas nas respostas consideram a opção “0” como inexistente e as numerações de “1” a “10” correspondentes ao seu nível de conhecimento, sendo que “1” pouquíssimo conhecimento e “10” muito conhecimento sobre os temas, as demais numerações serão consideradas da seguinte forma: “5” conhecimento mediano. Abaixo de “5”, pouco conhecimento. Acima de “5” conhecimento razoável. Sua participação neste processo é imprescindível e muito aguardada.

Agradecemos a sua contribuição!

I. PERFIL DO(A) ENTREVISTADO(A)

1.1 Sexo biológico:

() masculino () Feminino () Outro

1.2. Idade

- () Menos de 18 anos
 () 18-24 anos
 () 25-31 anos
 () 32-38
 () 39-45 anos
 () Mais de 45 anos

1.3. Definições pessoais Como é que você se define?

- () heterossexual
 () homossexual
 () bissexual
 () assexual
 () outra

1.4. FORMAÇÃO NO ENSINO MÉDIO

- () Magistério () Técnico
 () Outros.

Especifique _____

1.4. Qual é a sua identidade de gênero?

- () mulher cisgênero (sem mudanças no corpo)
 () homem cisgênero (sem mudanças no corpo)
 () não binário (sem definições)
 () mulher transgênero (com mudanças no corpo)
 () homem transgênero (com mudanças no corpo)

Não é papel da escola discutir o tema de gênero.												
Há preconceitos de gênero na escola.												
A educação sexual é um tema que deveria ser incluído na educação básica, para evitar preconceitos já na formação inicial dos estudantes.												
A igreja reforça práticas machistas e preconceituosas que validam discursos de inferiorização de outros gêneros.												
A capacitação de professores (as) e colaboradores (as) quanto à questão de gênero deve ser contínua.												

Escreva aqui três palavras que representem a sua concepção acerca de GÊNERO como tema a ser tratado na Escola:

Você julga importante que o conceito de gênero seja tratado nas escolas? () Sim () Não

Para qualquer das respostas dadas, justifique:

Escreva três palavras ou breves expressões que expressem sua reflexão pessoal, hoje, sobre EDUCAÇÃO e GÊNERO, ou sobre sua prática pedagógica em torno deste tema:

III. MOVIMENTO ESCOLA SEM PARTIDO

Você conhece o Movimento Escola Sem Partido?

() Sim () Não () Não sei do que se trata.

Se sim, concorda com as propostas do Movimento?

() Sim () Não

Escreva abaixo três palavras que refletem a sua concordância ou discordância com o Movimento Escola Sem Partido:

1) _____

- 2) _____
 3) _____

IV. ESCOLA E ENSINO RELIGIOSO

4.1. Você julga importante que o ensino religioso seja tratado nas escolas?

() Sim () Não

Justifique: _____

V. TEMAS POLEMICOS

No que diz respeito a temas polêmicos que repercutem, de alguma forma, em sala de aula, qual é a contribuição que você, futuro (a) pedagogo (a), julga poder dar? Refira um tema que considera polêmico: _____ e, em seguida indique em que ele pode concorrer para: (marque mais de uma opção, se desejar)

- () Repensar minha prática pedagógica com vistas à sua reorganização.
 () Discutir o projeto político-pedagógico da escola com vistas à sua reformulação.
 () Propor atividades/projetos com os professores e/ou servidores.
 () Propor atividades/projetos com a comunidade externa e órgãos de governo.
 () Fazer novos cursos e intensificar minha formação continuada.
 () Propor ou participar de atividades de pesquisa na área.
 () Outras. Especifique: _____

SOBRE A ESCOLHA DO CURSO DE PEDAGOGIA

5.1. O que motivou você a escolher o curso de Pedagogia? Pode citar 3 (três) razões?

1. _____
 2. _____
 3. _____

5.2. Você reconhece ou identifica algum incentivo ou apoio por parte da sua igreja com relação à escolha do seu curso? () sim () Não

Em caso afirmativo, como se dá esse apoio ou incentivo?

SOBRE SEU MODO DE SER

Escreva aqui três valores que definem o seu modo de ser, ou seja, a sua conduta como sujeito.

1. _____
 2. _____
 3. _____

Qual a sua renda mensal, aproximadamente?

- () Nenhuma renda
 () Até 1 salário mínimo (até R\$ 954,00)
 () de 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 954,00 a R\$ 2.862,00)
 () de 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.862,00 a R\$ 5.724,00)
 () de 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 5.724,00 a R\$ 8.586,00)
 () de 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 8.586,00 a R\$ 11.448,00)
 () de 12 a 15 salários mínimos (de R\$ 11.448,00 a R\$ 14.310,00)
 () Mais de 15 salários mínimo (mais de R\$ 14.310,00)

Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é aproximadamente a renda familiar mensal? (Marque apenas uma resposta)

- () Nenhuma renda
 () Até 1 salário mínimo (até R\$ 954,00)
 () de 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 954,00 a R\$ 2.862,00)
 () de 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.862,00 a R\$ 5.724,00)
 () de 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 5.724,00 a R\$ 8.586,00)
 () de 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 8.586,00 a R\$ 11.448,00)
 () de 12 a 15 salários mínimos (de R\$ 11.448,00 a R\$ 14.310,00)
 () Mais de 15 salários mínimo (mais de R\$ 14.310,00)

LAZER E VIDA CULTURAL

Seu envolvimento cultural se dá por meio de:

- () musica () teatro
 () cinema () show
 () pintura () fotografia
 () concertos () exposições de que tipo? _____

8. O que vê na TV?:

- () novela () noticiário
 () seriado () programa de reportagem
 () clip de musica () programa de auditório
 () filmes () entrevistas
 () jogos () programa de esportes
 () Outros

9 Qual é o seu programa preferido na

Televisão?: _____

Quais atividades (programa livre) que costuma fazer fora do período de aula de segunda a sexta feira (sábado ou domingo):

Você tem costume de ler: () Sim () Não, se positivo que tipo de leitura? _____

Você lê jornal? () Sim () Não

13. Se respondeu "sim" a pergunta anterior, quais cadernos?

- () Notícias () Economia
 () esporte () lazer
 () Política () saúde
 () viagens () decoração
 () empregos

Você lê revistas? () Sim () Não

Quais: _____

Você lê livros? () Sim () Não

Se responder "sim" cite os títulos dos livros que leu nos últimos dois anos: _____

Qual é o seu gênero de leitura?

() policial

() drama

() didáticos

() musical

() culturais

() outro , qual? _____

() romance

() terror

() aventura

() ficção científica

() religioso

ANEXO 2 - PLANILHAS COM A TOTALIZAÇÃO DAS RESPOSTAS DOS ESTUDANTES

TOTAL ENTREVISTAS = 121 PESSOAS			UC - 2º sem.		UC - 8º sem.		UP - 1º sem.		UP - 3º ano		Total das 4 turmas		
			60 alunos (as)		29 alunos (as)		27 anos (as)		5 alunos (as)		%		
			Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
I - Perfil	1.1	sexo biológico	Masculino	1	1,67	2	6,90	1	3,70	1	20,00	5	4,13
			Feminino	59	98,33	27	93,10	26	96,30	4	80,00	116	95,87
			Outro	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
	1.2	Idade	< 18	3	5,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	3	2,48
			18-24	48	80,00	20	68,97	17	62,96	2	40,00	87	71,90
			25-31	4	6,67	6	20,69	7	25,93	2	40,00	19	15,70
			32-38	3	5,00	2	6,90	1	3,70	1	20,00	7	5,79
			39-45	2	3,33	1	3,45	0	0,00	0	0,00	3	2,48
			> 45	0	0,00	0	0,00	2	7,41	0	0,00	2	1,65
	1.3	definição pessoal	heterossexual	53	88,33	26	89,66	22	81,48	5	100,00	106	87,60
			homossexual	2	3,33	1	3,45	2	7,41	0	0,00	5	4,13
			bissexual	4	6,67	2	6,90	3	11,11	0	0,00	9	7,44
			assexual	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
			outra	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
			não respondeu	1	1,67	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0,83

	1.4	formação E. M.	Magistério	9	15,00	5	17,24	4	14,81	0	0,00	18	14,88
			Técnico	6	10,00	4	13,79	2	7,41	1	20,00	13	10,74
			Outros (Geral/Regular)	43	71,67	19	65,52	20	74,07	3	60,00	85	70,25
			não respondeu	2	3,33	2	6,90	1	3,70	1	20,00	6	4,96
	1.4	Identidade gênero	mulher cisgênero	58	96,67	27	93,10	24	88,89	4	80,00	113	93,39
			homem cisgênero	1	1,67	2	6,90	1	3,70	1	20,00	5	4,13

I - Perfil	1.4	Identidade gênero	não binário	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
			mulher transgênero	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
			homem transgênero	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
			outra	0	0,00	0	0,00	2	7,41	0	0,00	2	1,65
			não respondeu	1	1,67	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0,83
	1.5	acredita Deus?	Sim	57	95,00	29	100,00	25	92,59	5	100,00	116	95,87
			Não	3	5,00	0	0,00	2	7,41	0	0,00	5	4,13
		segue religião?	Sim	53	88,33	25	86,21	15	55,56	2	40,00	95	78,51
			Não	7	11,67	4	13,79	13	48,15	3	60,00	27	22,31
		Qual	católica	32	53,33	13	44,83	9	33,33	1	20,00	55	45,45
			evangélicapentecostal	7	11,67	8	27,59	3	11,11	0	0,00	18	14,88

			evangélica não pentecostal	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
			adventista	2	3,33	0	0,00	0	0,00	0	0,00	2	1,65
			protestante	2	3,33	4	13,79	1	3,70	0	0,00	7	5,79
			budista	1	1,67	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0,83
			islâmica	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
			espírita	3	5,00	1	3,45	0	0,00	1	20,00	5	4,13
			ubandista/candomblecista/judaica	0	0,00	1	3,45	0	0,00	1	20,00	2	1,65
			evangélica	1	1,67	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0,83
			cristã	3	5,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	3	2,48
			outra	2	3,33	0	0,00	2	7,41	0	0,00	4	3,31
			não respondeu	8	13,33	4	13,79	12	44,44	0	0,00	24	19,83

I - Perfil	1.5	Nome da Igreja	Par. N. Sra. Rocío	Assembléia Deus Guaraituba	Capela Sto Antonio	Comunidade Alcance
			Par. São Paulo Apóstolo	Budismo Tibetano Vagoiana	Santuário N. Sra do Carmo (2 vezes)	Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
			Santuário N. Sra. Remédios	Comunidade Golgota	Santíssima Trindade	Comunhão Cristã Abba
			Par. Profeta Elias	Congregação Cristã no Brasil	Igreja São Pedro e São Paulo	Batista
			N. Sra. Rosário	Comunidade Alcance	Par. Menino Deus, Guabirota	Templo das Águias
			N. Sra Carmo (2 vezes)	Assembléia de Deus (2 vezes)	São Paulo Apóstolo	Par. Maria Mãe da Igreja
			São Francisco Assis	Jesus Cristo dos Stos Últimos Dias	Par. Sto Antonio	São Carlos Barromeo
			Divina Misericórdia	Igreja Adventista do Sétimo Dia	Par. N. Sra. Auxiliadora	qualquer católica
			Par. N. Sra. Fátima	Igreja Tentikyo	Assembléia de Deus (3 vezes)	
			Santuário N. Sra. Perpétuo Socorro (2 vezes)	Alcance Curitiba	Igreja Batista Shalon	
			Bom Jesus Cabral	crisã	Universal do Reino de Deus	
			Par. Sto Antonio - Boa Vista	Igreja do Evangelho Quadrangular	Igreja Evangelho Quadrangular (2 vezes)	
			Colo de Deus	Igreja Presbiteriana do Brasil	Igreja Batista Shalon Amor e cuidado	
			Migrantes	Igreja Batista Nacional do Cajuru	Congregação Cristã no Brasil	
			Comunidade Sta Clara de Assis	Par. Sagrado Coração de Jesus		
			Par. Sto Antonio	Sta Isabel		
Par. N. Sra. Visitação (2 vezes)						

TOTAL ENTREVISTAS = 121 PESSOAS			UC - 2º sem.		UC - 8º sem.		UP - 1º sem.		UP - 3º ano		Total das 4 turmas	
			60 alunos (as)		29 alunos (as)		27 anos (as)		5 alunos (as)			
I - Perfil	práticas religiosas		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
		Sim	44	73,33	19	65,52	13	48,15	1	20,00	77	63,64
		Não	16	26,67	6	20,69	14	51,85	4	80,00	40	33,06
		as vezes	0	0,00	1	3,45	0	0,00	0	0,00	1	0,83
		Não respondeu	0	0,00	3	10,34	0	0,00	0	0,00	3	2,48

Nota 5				Nota6				Nota7				Nota 8				Nota 9				Nota 10				Não Respondeu															
UP 1º ANO	UP 2º ANO	TOTAL	%	UC 1ª SDA	UC 2ª SDA	UP 1º ANO	UP 2º ANO	TOTAL	%	UC 1ª SDA	UC 2ª SDA	UP 1º ANO	UP 2º ANO	TOTAL	%	UC 1ª SDA	UC 2ª SDA	UP 1º ANO	UP 2º ANO	TOTAL	%	UC 1ª SDA	UC 2ª SDA	UP 1º ANO	UP 2º ANO	TOTAL	%												
9	0	23	19,01	4	2	1	0	7	5,79	6	3	4	0	13	10,74	13	3	5	2	23	19,01	6	2	2	1	11	9,09	18	3	1	1	23	19,01	0	0	0	0	0	0,00
5	0	18	14,88	9	4	5	0	18	14,88	5	1	3	0	9	7,44	13	3	3	1	20	16,53	5	3	2	1	11	9,09	9	0	2	1	12	9,92	2	1	0	1	4	3,31
5	0	18	14,88	7	2	2	0	11	9,09	4	1	3	1	9	7,44	12	2	3	2	19	15,70	7	3	2	0	12	9,92	3	1	2	1	7	5,79	1	1	1	0	3	2,48
4	0	19	15,70	10	2	7	0	19	15,70	2	7	2	2	13	10,74	11	2	4	1	18	14,88	6	1	2	0	9	7,44	6	1	1	1	9	7,44	1	0	0	0	1	0,83
2	0	9	7,44	5	1	2	0	8	6,61	2	3	2	0	7	5,79	8	5	4	2	19	15,70	7	2	3	0	12	9,92	27	9	9	3	48	39,67	0	0	2	0	2	1,65
7	0	20	16,53	8	3	0	0	11	9,09	0	2	3	1	6	4,96	9	3	3	2	17	14,05	6	5	2	0	13	10,74	17	5	9	2	33	27,27	0	1	0	0	1	0,83
5	1	17	14,05	10	2	0	0	12	9,92	1	1	4	1	7	5,79	5	5	3	1	14	11,57	6	4	3	0	13	10,74	17	5	7	2	31	25,62	0	1	0	0	1	0,83
7	1	22	18,18	5	2	1	0	8	6,61	7	2	3	1	13	10,74	8	5	4	2	19	15,70	6	2	4	0	12	9,92	12	5	4	1	22	18,18	1	0	1	0	2	1,65
5	0	18	14,88	2	0	1	0	3	2,48	4	1	2	0	7	5,79	6	3	2	1	12	9,92	7	1	2	1	11	9,09	4	2	4	2	12	9,92	1	1	1	0	3	2,48
4	0	18	14,88	5	4	0	0	9	7,44	5	4	4	1	14	11,57	10	1	1	1	13	10,74	3	2	4	1	10	8,26	9	6	4	1	20	16,53	2	0	0	0	2	1,65
3	0	18	14,88	3	2	0	0	5	4,13	2	2	2	1	7	5,79	11	3	1	2	17	14,05	9	3	2	0	14	11,57	21	5	11	1	38	31,40	1	0	0	0	1	0,83
1	0	12	9,92	1	0	0	0	1	0,83	3	5	0	0	8	6,61	2	0	0	0	2	1,65	2	1	1	0	4	3,31	39	17	24	5	85	70,25	1	1	0	0	2	1,65
1	0	14	11,57	1	0	0	0	1	0,83	1	1	0	0	2	1,65	1	0	0	0	1	0,83	0	1	1	0	2	1,65	8	1	0	0	9	7,44	1	1	0	1	3	2,48
1	0	8	6,61	2	2	1	0	5	4,13	8	2	0	0	10	8,26	7	4	3	0	14	11,57	1	1	5	0	7	5,79	33	17	17	5	72	59,50	1	1	0	0	2	1,65
2	0	11	9,09	5	1	0	0	6	4,96	4	1	0	0	5	4,13	4	1	0	0	5	4,13	2	2	2	0	6	4,96	19	14	22	5	60	49,59	1	1	0	0	2	1,65
4	0	24	19,83	3	2	0	0	5	4,13	6	1	1	0	8	6,61	2	1	4	0	7	5,79	1	1	1	0	3	2,48	7	7	11	4	29	23,97	1	1	1	0	3	2,48
0	0	10	8,26	1	0	0	0	1	0,83	9	1	2	0	12	9,92	3	1	0	0	4	3,31	2	1	1	0	4	3,31	27	20	22	5	74	61,16	1	1	0	0	2	1,65

II - Nivel conhecimento temas relacionados debate gênero escola e questão de gênero	Escreva 3 palavras que representem a sua concepção de gênero como tema a ser trabalhado na escola	aceitação (7 vezes)	diversidade (4 vezes)	machismo
		afetividade	educação sexual	masculino (2 vezes)
		agressão	empatia (7 vezes)	moralidade
		amor (4 vezes)	entendimento	mulher (3 vezes)
		assédio	escolha (3 vezes)	não binário
		auto conhecimento (3 vezes)	essencial	necessário
		auxílio	família (7 vezes)	necessidade
		binário (2 vezes)	feminino	orientação (2 vezes)
		biológica	feminismo	origem
		brincadeiras	gêneros sexuais	personalidade
		capacitação	homem (3 vezes)	preconceito (9 vezes)
		cidadania	homossexualidade	prevenção
		cisgênero	identidade (8 vezes)	proteção
		conhecimento (5 vezes)	identidade de gênero (3 vezes)	reconhecimento
		conscientização (6 vezes)	identificação	relações poder
		contemporâneo	ideologia	respeitar as diferenças
		convivência	igualdade (12 vezes)	respeito (48 vezes)
		cultura (2 vezes)	importância (2 vezes)	respeito ao próximo
		decisão (2 vezes)	inclusão	sentimento
		desmistificação	individualidade (3 vezes)	sexualidade (3 vezes)
		diálogo	informação	social
		diferença (5 vezes)	intolerância	sociedade
		direito (3 vezes)	liberdade (3 vezes)	solidariedade
		direito decisão	liberdade de gênero	tolerância (4 vezes)
		direito expressão	livre escolha	transexualidade (2 vezes)
		não deve ser tratado na escola		valorização (2 vezes)
		não conhece assunto a fundo, só superficialmente		
		ideologia de gênero não existe!		
socialmente as pessoas e que leva em consideração os padrões históricos; culturas atribuídas para homem e mulher			aquilo que diferencia	
em vez de discutir gênero tem que ensinar respeito pelo próximo				
o tema deve ser tratado com cuidado em relação família				

		gênero = respeitar as pessoas de mesmo gosto
		esse tema deve ser tratado no ensino médio; (Não) a erotização nas escolas
		preparo - escola precisa estar preparada para saber responder as questões, mas o papel fundamental é ensinar respeito ao próximo

			UC 1º SEM.	UC 8º SEM.	UP 1º ANO	UP 3º ANO	TOTAL	%
		julga importante o conceito de gênero	Sim	46	25	26	5	102
seja tratado nas escolas?	Não	12	3	1	0	16	13,22	
	N. R.	2	1	0	0	3	2,48	

		Justifique	
		ensinar a respeitar desde cedo para que crianças aprendam desde pequenas respeitar seu corpo e do próximo deve ser falado sobre educação sexual e não gênero	igualdade
formar é ensinar o respeito e aceitação de todos	papel escola é ensinar respeito à diversidade		
tema deve ser esclarecido e não reforçado ou incentivado	importante tratar assunto presente na sociedade		
trabalhar respeito mútuo	trabalhar o respeito		
desde criança saber o que é e como tratar o assunto	por conta do respeito que deve começar desde cedo		
para haja conhecimento e menos preconceito	aprender diminui o preconceito		
nem sempre a família faz isso	o preconceito é fruto da ignorância, fundamental falar esse assunto		
deve ser tratado em casa e na escola	ajuda na hora do respeito		
maior conhecimento si mesmo, colegas, mundo que cerca e, principalmente, para combater preconceito que não haja preconceito; que crianças entendam desde cedo que podemos escolher quem queremos ser ou somos	respeito		
o estudante da educação básica precisa conhecer o assunto para evitar que o preconceito perpetue em nossa sociedade	apenas para conhecimento		
	escola ambiente onde começa a socialização logo onde deve começar a tolerância e o respeito		
	precisa ter conhecimento para saber se posicionar criticamente na sociedade		
	ao respeitar a criança não estará ensinando a se tornar gay ou algo semelhante		

falar sobre diferenças e respeito
algo que é biológico; atitude deve partir de casa
algo a ser conversado e tratado na família
não deve ter tanto enfoque; partir de casa
escola não é lugar adequado; é para ensino e aprendizagem
pode constranger as pessoas
as crianças não devem ser expostas a questões de gênero
tratar em casa
algo muito íntimo não deve ser exposto
para que haja respeito
acredito quanto mais temos tivermos para refletir sobre algo, mais frutos bons teremos importante para que possa ter uma escolha e decisão a respeito do que se tornar
não a questão de gênero em si, mas mostrar que na sociedade pode ter diferenças e temos que respeitar a todos

II - Nível conhecimento temas relacionados debate gênero	2.1 escola e questão de gênero	Justifique	para que não se crie seres preconceituosos e ignorantes	escola deve ser ponte do saber sempre	precisa respeitar diversidade e garantir direito a todos
			algo atual na sociedade	com cautela; focar no respeito	tema muito presente
			diminuir o preconceito; ampliação conhecimento professor e aluno	para que respeitem escolha dos outros	diminuir preconceito e conscientizar sobre diferença
			sempre está presente no dia a dia	questão presente na sociedade	para prática empatia e respeito
			muitas famílias não conseguem orientar filhos, escola é espaço para isso, ensinar assuntos básicos para viver em sociedade	respeito é de suma importância, pois com ele você compreende e entende cada gênero	as propostas que estão sendo apresentadas não são para informar, mas para induzir assunto faz parte sociedade
			presente no cotidiano; algo que se vai deparar	para diminuir preconceito	para ter o devido respeito com o outro
			para que crianças aprendam lidar diversidade	Papel da escola é tratar currículo	necessário conhecer para quebrar tabus e paradigmas preconceituosos
			não podemos fingir que as diferenças não existem	gênero sim, ideologias não; respeito	preconceito surge da falta de informação e conhecimento sobre assunto
			necessária abordagem tema para que pessoas abertas para diversidade	sim, promoção de práticas não	para respeito uns com os outros
			promoção igualdade; conhecimento; respeito	tratar no ensino médio onde essas questões levam ao ódio e brigas	para que crianças saibam lidar e conhecer o outro, em várias situações
			conceito gênero é pouco pesquisado pelas pessoas e isso faz com que exista equívocos quanto ao assunto	esclarecimento	escola existe abertura para desconstrução de preconceitos
			para que não tenham ou superem algum tipo de preconceito	necessário aluno conheça; acabar preconceito e professores saibam lidar com situação	para que crianças aprendam o que é desde pequenos
			para conhecimento e aceitação; assunto não abordado em casa, em alguns casos	necessário informar melhor pais, professores e crianças	tema vem ferindo a individualidade de muitos, para que haja respeito
			A escola tem por obrigação de esclarecer e tirar as dúvidas sobre todo e qualquer conceito	importante conhecer diferenças e aprender aceitar, conviver	questão importante na atualidade, pois é tabu
			assim como aprendemos matemática devemos conhecer a nós e ao próximo	desde cedo haja respeito a todos	cada escola tem que ter sua concepção
			que todos tenham ciência que todos são iguais	tema extremamente violado devido falta de conhecimento	para saber para a vida em comunidade, sociedade
			a sociedade se organiza por convenções, é necessário estudá-las	deve ser tratado no meio familiar	
				para que crianças tenham noção que é normal ser diferente	

II - Nível conhecimento temas relacionados debate gênero

2.1 escola e questão de gênero

3 palavras ou expressões expressem sua reflexão pessoal

Justifique

Sim, é uma discussão necessária e que precisa ser trabalhada desde a educação infantil, no âmbito da formação dos trabalhadores da educação e dos estudantes, visto que ao ignorar esse assunto, acabamos permitindo que o machismo institucional, a misoginia, a discriminação, preconceito, homofobia, se perpetuem como algo natural da sociedade, submetendo as mulheres, principalmente, a papéis secundários e percepção de menor capacidade pessoal em relação aos homens. Todos são seres de potencial, não deveriam ser julgados pelo gênero

maior entendimento e respeito

aceitação (3 vezes)

aceitar a si e ao próximo

afetividade

amor (4 vezes)

aprender o "não"

atenção

auto conhecimento (2 vezes)

baixa

comunicação (2 vezes)

conceito gênero é pouco pesquisado pelas pessoas e

isso faz com que exista equívocos quanto ao assunto

conhecer a si mesmo

conhecer para respeitar

Sim vivemos em uma sociedade,
preconceituosa que precisa
aprender/entender e respeitar a todos.

Educar para achar as melhores formas
para que a igualdade chegue para
todos e todas

educação sexual (3 vezes)

educação traz entendimento do tema,
não doutrinação

empatia (7 vezes)

empoderamento feminino

entender para não criminalizar

esclarecer e não incentivar

escola

escola discutir

escola não é para isso

escolha (2 vezes)

essencial

estupro

brincadeiras infância socialmente divididas:

menino diferente menina. A falta de
informação leva professores e pais
reprimirem crianças de infância plena

Não é ideologia

não trabalharia esse tema como professora

necessária promoção da igualdade

necessário (3 vezes)

necessidade (4 vezes)

Observar, compartilhar, trocar experiências e
esclarecer sobre o que os alunos buscam
saber é nossa funçãoolhar com compreensão quem pensa
diferente

orientação (2 vezes)

papel da escola

reconhecer a presença do feminismo na
história da educação; homens e mulheres são
iguais; respeito ao lugar de fala

polêmica (3 vezes)

pouca reflexão

II - Nível conhecimento temas relacionados debate gênero	2.1 escola e questão de gênero	3 palavras ou expressões breves que expressem sua reflexão pessoal sobre educação e gênero ou sua prática pedagógica em torno do tema	conhecimento (6 vezes)
			conhecimento físico
			conscientização (2 vezes)
			construção escola nova
			criança tendo conhecimento sobre ela e outro; conhecer próprio corpo; evitar preconceito e trazer debates (3 vezes)
			defesa
			desconhecimento (2 vezes)
			desinformação da massa
			despreparo
			deve ser discutida e não ignorada; escola tem papel fundamental nesse tema
			devemos respeito acima de tudo, amar é amor
			diálogo
			diminuir violência
			direito
			direito de todos
			direito escolha
			direito humano
			diversidade (3 vezes)
			diversidade cultural

expressão
fake news
falta informações
família (3 vezes)
formação continuada
formação continuada do professor (2 vezes)
fundamental
identidade (2 vezes)
igualdade (7 vezes)
igualdade de gênero
importante (3 vezes)
importante para formação
importantante para socialização alunos;
saber respeitar diferenças
individualidade
informação
insegurança
liberdade (4 vezes)
Liberdade de Gênero para trabalhar as
diferenças
libertadora
libertário

preciso
preconceito (4 vezes)
prevenção
promover esclarecimentos
promover respeito
PCN's - RCN's temas transversais
reflexão
reforço; educação deve se posicionar; não
deve ser obrigatório ensino gênero
respeito (31 vezes)
respeito à diversidade (5 vezes)
respeito se forma
romper preconceitos (2 vezes)
se dialoga na família; respeito a opinião e gênero do outro
se proteger
sexualidade
tabu (3 vezes)
tema que gera polêmica, não é abordado na faculdade
temas serem trabalhados juntos na escola;
auxiliam identificação preconceitos; auxiliam desconstrução preconceitos
tenho aluno que gosta de rosa por ter irmã
mais nova, mas isso não o torna bissexual
tipos de família

I - Nível conhecimento temas relacionados
debate gênero

2.1 escola e questão de gênero

3. palavras ou expressões expressem sua reflexão pessoal	é com o tempo que se define se é menino ou menina; é preciso experimentar para saber; essas expressões me remetem à indução, não concordo
	Educação Democrática é direito de todos
	educação deve promover respeito a todos independente gênero; não cabe escola orientar sobre não se identificar com o gênero; literaturas que promovem a ideologia de gênero não devem ser utilizadas na escola
	educação e gênero dever ser apartados
	educação falha ao tratar gênero

livre escolha
ludicidade
mostrar diversidade
mudança
muito presente

todos são indivíduos completos; todos são certos; todos são dignos
tolerância (7 vezes)
trabalhar com pais
violência
viver em sociedade

TOTAL ENTREVISTAS = 121 PESSOAS		UC 1º SEM.	UC 8º SEM.	UP 1º ANO	UP 3º ANO	TOTAL	%
conhece Movimento Escola Sem Partido?	Sim	29	10	24	5	68	56,20
	Não	11	12	1	0	24	19,83
concorda com as propostas do movimento?	ouvi falar	0	2	0	0	2	1,65
	Não sei do que se trata	18	5	2	0	25	20,66
	não respondeu	2	0	0	0	2	1,65
concorda com as propostas do movimento?	Sim	9	3	1	0	13	10,74
	Não	22	8	23	5	58	47,93
	Parcial	1	0	0	0	1	0,83
	não respondeu	28	18	3	0	49	40,50

III Movimento Escola Sem Partido

3 palavras que expressem sua concordância ou discordância

A Educação É um ato político	impositivo (2 vezes)
acho que diz respeito a não manifestarmos nosso partido mas isso não quer dizer que não devemos falar sobre política	inaceitável
acrítico	
afronta a liberdade, exclusão pensamento crítico, perpetuação pré-conceitos na sociedade	injustiça
alienação	insustentável
alienação sócio política cultural da sociedade	
aluno precisa senso crítico	liberdade (2 vezes)
anti democrático	liberdade de escolha
cada um tem sua cultura	liberdade expressão (3 vezes)
censura (6 vezes)	liberdade de educar deve ser preservada
conhecimento	limitados
consciência	mais educação e menos política
constituição	não democrático
contrapor	não é esse tipo de escola que as crianças precisam
criticidade (falta)	não é extremamente necessária
debate	não é possível ser neutro ao tratar de questões sociais
debate político	não existe educação apartidária
	não existe educação sem ideologia
defender idéias é tomar partido	Não existe essa doutrinação maluca que os defensores do Movimento pintam para a sociedade
desconheço	não faz com que a criança siga apenas uma postura
desigualdade	não se deve idolatrar partidos ou pessoas
	necessário falar de política nas escolas, sem induzir os individuos
desigualdade social existe	
desordem	necessário refletir sobre
	nenhuma escola é sem partido

III Movimento Escola Sem Partido

3 palavras que expressem sua concordância ou discordância

devemos estimular pensamento crítico
direito ao saber
direito pessoa humana
ditadura (2 vezes)
educação em "caixinhas"
educação libertadora
educação para trabalho
educação sem criticidade
educar é ato político e os discursos desse movimento não condizem com a realidade
escola é ambiente político; ideologias não excludentes
escola é lugar garantia direitos, é um espaço político;
escola lugar para discussão, acesso informação
escola não é mercado
escola não propaganda política
escolha pessoal
ESP não consegue um ideal
estado laico
ética
expressão (2 vezes)
falta de liberdade professor; falsa neutralidade
falta reflexão crítica
fazer das gerações "máquinas" a comando de alguns
fazer dos professores "técnicos" e não sujeitos
ferre a democracia, liberdade acadêmica e autonomia escolar
filosofia e sociologia descartados = não
formar cidadãos sem voz; formar robos
hipocrisia
história (2 vezes)
ideologia
ignorância (2 vezes)
ilógico
imparcialidade

neutralidade não é real
para formação crítica a discussão política é necessária
partidário
partido único
PENSAR é um direito dos nossos alunos
política existe enquanto vivemos em sociedade
política é parte ser humano
precisamos algo para seguir
preciso estudar o tema
preconceito (5 vezes)
prejudicial educação
professor não é criminoso
professor tem opinião
raiva
reflexão do que acha melhor
reflexão política (falta)
regresso (3 vezes)
religião
respeitar escolhas
respeito (2 vezes)
retrocesso
retrogrado
sem discussão em sala; gera ambiente de pressão e observação exagerada
sem fundamentação
sem respaldo teórico, sem embasamentos político-educacional
teoria faz sentido; a prática é ilógica, mal feita, excludente, retrógrado e partidário; não deveria ocorrer
toda opinião é política, inclusive a escola sem partido (Leandro Karnal)
tornar educação mecânica
violência
voto
xingamentos

TOTAL ENTREVISTAS = 121 PESSOAS		UC 1ª SEM.	UC 8ª SEM.	UP 1ª ANO	UP 3ª ANO	TOTAL	%	
julga importante ensino religioso nas escolas?	Sim	46	27	19	4	96	79,34	
	Não	12	2	7	0	21	17,36	
	não sei	1	0	0	0	1	0,83	
	não respondeu	1	0	1	1	3	2,48	
IV Escola e Ensino Religioso	justifique	é importante e presente				formação integral do indivíduo		
		a fé é essencial para ser humano				fundamento religioso e científico sobre explicação do universo		
		abordando todas				geralmente é tendencioso e preconceituoso		
		acaba abordando apenas uma religião				importante que as crianças, jovens e adultos tenham conhecimento sobre outras religiões que não a deles somente.		
		algo que faz parte da cultura humana, ensina muito sobre nós mesmos				importante; cuida espírito do amor ao próximo e do que Jesus deseja que sejamos		
		alunos tenham conhecimento amplo sobre diversas religiões, como cultura, não como ensino uma religião específica				mas com foco em todas as religiões, sem distinções		
		amplie conhecimento				mostrar importância todas religiões sem que se forme preconceitos		
		aprendermos respeitar próximo e suas crenças				mostras as diversas religiões e sanar o preconceito quanto as diferentes opiniões		
		apresentação culturas religiosas da sociedade				não o ensino de uma determinada religião, mas o respeito ao que é sagrado		
		apresentar tipos de religiões, cada um escolhe no que se adapta				não são discutidas sobre todas as religiões		
		cada um tem crença que pode ser diferente do outro				necessário conhecer todos tipos religiões para que preconceito e discriminação contra muitas delas seja combatido		
		colocar respeito				necessário para rompimento preconceitos		
		Com tanto que aborde todas as religiões, para que, todos entendam e respeite a cultura do outro				necessário tratar diferentes religiões / fé		
		combater intolerância religiosa				num país com diversidade religiosa é necessário ter noção de cada vertente; sem intenção de evangelização		
		como forma ensinar o respeito e tolerância a todas as religiões, e não como uma extensão da igreja católica				o tema não tem conteúdo para fazer parte de uma religião, mas sim de conhecer todas elas, seus conceitos e crenças e diferenças		

IV Escola e Ensino Religioso	justifique	conheça pouco sobre religião e decida	para conhecerem um pouco de cada religião
		conhecer diferentes religiões e promover o respeito à todas é essencial	para conhecimento
		conhecimento culturas religiosas, diversidade	para conhecimento; não apenas catolicismo; em geral
		conhecimento das religiões que existem e seu contexto histórico	para cultivar o respeito entre as religiões
		conhecimento de diversas, além da própria	para que haja respeito todas religiões
		conhecimento diversidades	para que não haja intolerância religiosa
		conhecimento sobre inúmeras religiões da sociedade	para respeitar religião do outro
		criança aprenda diversas culturas	para respeito, despreparo profissionais tratando religiões acima de
		de forma respeitosa e igual com todas as religiões	outras. Pintar cruz não deve ser considerado prática significativa
		depende do currículo	para ter respeito com todas as religiões; não existir preconceito
		Depende. Considero importante ensinar a DIVERSIDADE RELIGIOSA presente no Brasil e não impor essa ou aquela religião em um ambiente escolar, que é laico.	pluralidade, consciência e respeito outras culturas
		Desde que seja estudado todas as religiões	por meio ensino religioso é possível trabalhar reconhecimento Eu
		desde que abranja todas as religiões	(espiritualidade), respeito a diferentes crenças, religiões
		desde que não seja forçada	porém sem enfoque em religiões
		desde que se trate de todas, com o devido respeito	porque engloba cultura
		desde que sejam abordados todos os tipos de fé e ensino da tolerância	precisa ensinar respeitar cada religião
		desde que sejam religiões no geral	prevenir intolerância e proselitismo religioso
		desde que todas religiões sejam abordadas com respeito e imparcialidade	promoção respeito as diferenças
		desde que trate de todas as religiões	quando ensinado corretamente, permite conhecer as diversas
		deve ficar esfera da igreja	culturas presentes na sociedade
		deve ser tratado todas religiões, sem influenciar	que seja laica
		devem conhecer e respeitar as religiões	reforçar princípios fundamentais da pessoa na sociedade
			respeitar a diversidade de pensamentos e culturas
			respeite diversas religiões
			respeito entre religiões; crianças ensinadas sobre diferenças

IV Escola e Ensino Religioso	justifique	devido a desestrutura familiar tão presente nos dias de hoje	respeito entre todas
		disciplina voltada para conhecer diferentes religiões, conhecimento auxilia quebra preconceitos	se for falar sobre uma só religião tem que ficar fora, se for mostrar a diversidade aí pode
		é questão individual, no máximo pela família	se puder incluir todas religiões existentes, sem preconceito, respeitando também quem não possui religião
		educação deve ser laica	Sim apenas se abranger todas as religiões
		ensinar respeito todas religiões	Sim, porém, todavia, contudo deve abranger à todas religiões. E respeitar, inclusive os que não têm. Por tanto faz-se necessário um profissional qualificado
		ensino de todas religiões	somente se prática pedagógica professor englobar diversos tipos religião e da importância do respeito ao outro
		ensino trabalhará espiritualidade de cada um	todas as religiões
		escola não deve impor religião para crianças	todos temos direito de escolhas
		escola não é para isso	trabalhar intolerância religiosa
		escola não impor sua religião, podem não seguir a mesma	tratar as diferenças de cultura
		escola tem que explicar tudo a sua volta, como dogmas	tratar de todas e não apenas cristãs
		expondo um pouco de cada religião	tratar igualmente de todas
		falar sobre as religiões e não catecismo	valores cristãos devem ser reverenciados e ensinados, pois nossa sociedade é cristã

V - Temas Polêmicos

refira um tema polêmico em sala de aula que você como pedagogo pode contribuir	aborto (12 vezes)	igualdade entre meninas e meninos						
	amadurecimento sexual precoce	inclusão (3 vezes)						
aulas monorepetidas	BNCC	intolerância religiosa (3 vezes)						
bulling	conflito entre professores	legalização porte armas						
constituição e definição de família séc. XXI	constituição e definição de família séc. XXI	maioridade penal						
construção de si, identidade	construção de si, identidade	movimento feminista						
criança não namora	criança não namora	não trabalhar gênero escolas						
desrespeito com funcionários	desrespeito com funcionários	pedofilia						
diferentes tipos formação família	diferentes tipos formação família	pena de morte (2 vezes)						
diversidade de família	diversidade de família	pena de morte						
diversidade nas famílias	diversidade nas famílias	política						
drogas dentro escola	drogas dentro escola	políticas sócio culturais						
educação sexual (7 vezes)	educação sexual (7 vezes)	postura conservadora e tirana dos professores						
ensino religioso com realidade social	ensino religioso com realidade social	preconceito						
falta respeito que professores tem dentro sala família e respeito	falta respeito que professores tem dentro sala família e respeito	preconceito / cotas (2 vezes)						
família nos dias atuais	família nos dias atuais	preconceito no geral						
gênero e sexualidade	gênero e sexualidade	racismo (5 vezes)						
gênero: limites e possibilidades	gênero: limites e possibilidades	racismo / cotas raciais						
gravidez na adolescência	gravidez na adolescência	racismo no Brasil						
homofobia	homofobia	redução da maioria						
homossexualidade (2 vezes)	homossexualidade (2 vezes)	reforma do ensino médio						
homossexualismo / religião	homossexualismo / religião	relações homoafetivas						
identidade gênero	identidade gênero	religião (2 vezes)						
ideologia de gênero	ideologia de gênero	reprovação						
ideologia política	ideologia política	respeitar e conhecer várias etnias						
ideologias	ideologias	sexualidade (5 vezes)						
		tolerância religiosa						
		uso drogas						
			UC 1º SEM.	UC 8º SEM.	UP 1º ANO	UP 3º ANO	TOTAL	%
repensar minha prática pedagógica com vistas à sua reorganização			13	13	12	5	43	35,54
discutir o projeto político-pedagógico da escola com vistas à sua reformulação			18	14	11	3	46	38,02
propor atividades/projetos com professores e/ou servidores			23	19	15	4	61	50,41
propor atividades/projetos com comunidade externa e órgãos de governo			22	15	10	4	51	42,15
fazer novos cursos e intensificar minha formação continuada			18	18	14	4	54	44,63
propor ou participar de atividades de pesquisa na área			26	19	15	4	64	52,89
outras			1	4	2	0	7	5,79

VI - Escolha do Curso	5.1	que o motivo a escolher pedagogia? 3 razões	1ª opção para futuro na faculdade	conhecer desafios educação	financeiro	pesquisas
			A busca por conhecimento de como trabalhar com crianças bem pequenas	conhecer mais sobre como cada criança aprende	forma de relacionar com psicologia	pessoais (uma filha)
			A educação muda as pessoas e transforma o mundo	conhecer o novo	forma que educação vem caminhando	pluralidade de idéias
			acessibilidade	conhecidos são professores	futuro do país	poder atuar no presídio
			acompanhar filha na trajetória escolar	conseguir colocar teatro nas aulas	formação complementar (2ª graduação)	poder estar sempre estudando
			Acompanhar minha mãe em sala de aula	conhecimento desenvolvimento cada criança	gostar de criança (3 vezes)	poder trabalhar com gestão pedagógica
			acreditar futuro educacional melhor	conhecimento (3 vezes)	gostar ensinar (6 vezes)	Poder transformar a sociedade
			Acreditar na educação (2 vezes)	constante discussão sobre diversos temas	gostar interação outras pessoas	Políticas educacionais
			Acreditar no potencial que a educação tem de transformar a realidade social e trazer desenvolvimento humano, social e econômico	construção futuro	gosto área educação	por ser alguém
			acredito na educação melhor para todos e numa sociedade mais justa. Cabe a nós futuros professores fazer a diferença e mostrar aos alunos que eles podem ser a diferença. Luta por direitos	contato com crianças	gosto lidar crianças (2 vezes)	por uma educação melhor
			acredito no progresso país por meio educação; inclusão (sem recursos)	contato pessoas área educação	grêmio estudantil	prazer em ensinar
			acrescentar algo na vida das pessoas adquirir outro conhecimento	contribuir com futuro melhor	humanos	prima
			afeto crianças	contribuir formação nova sociedade	identificação com área educacional (2 vezes)	processo aprendizagem
			afinidade com crianças	contribuir formação ser humano	identifico com educação	processo ensino
			afinidade na área	contribuir futuro sociedade	impacto na sociedade	profissão desejada
			ajudar	contribuir melhorar educação	importância que possui	Prouni
			ajudar criação crianças	crescimento como pessoa (2 vezes)	incentivo de professores	propor visão mundo diferente, com mais respeito
			ajudar desenvolvimento crianças	crianças (3 vezes)	incentivo familiares (4 vezes)	psicologia
				curiosidade	inclusão crianças especiais	querer fazer algo melhor

VI - Escolha do Curso

5.1

que o motivo a escolher pedagogia? 3 razões

ajudar e entender crianças e adolescentes	desenvolver pesquisas na área formação professores	indicação de Deus	querer melhorar a educação do país
ajudar educação e formação	diferença na vida das pessoas	influência família (8 vezes)	querer mundo melhor
ajudar formação pessoas	direcionar as crianças para criar um futuro melhor	influência mãe (3 vezes)	querer trabalhar algo faça diferença mundo
ajudar pessoas crescerem, desenvolverem	É um curso humanizador	início foi saber dificuldades surdos em relação escola	relação favorecida adultos e crianças
ajudar pessoas	educação (2 vezes)	inspiração nas professoras	Relações humanas
alfabetização (conhecer e aprender)	educação atrativa	interesse educação visando futuro	respeito
amigos (2 vezes)	educação campesina	interesse matérias	sabedoria
amigos da área	Educação enquanto ciência	interesse pela educação	sala de aula
amor (12 vezes)	educação infantil (2 vezes)	interesse seguir estudo educação	se doar e transmitir amor
amor a educação e percepção	educação jovens e adultos	intuição	se aproximar mais do curso de psicologia
necessidade mudanças	educação melhor	irmã com Down	sempre quis ser professora
amor ambiente escolar	educação muda pessoas e pessoas mudam o mundo	levar conhecimento menos favorecidos	sempre quis trabalhar com criança
amor ao próximo	educação mudar realidade	liberdade	ser mediador processo ensino-aprendizagem
amor envolvimento educação	educar	magistério (11 vezes)	Servir de inspiração
amor pela atuação	educar de forma transdisciplinar	matemática	só educação capaz mudar realidade
amor pela educação (4 vezes)	empregabilidade	maternidade (2 vezes)	sociedade mais crítica e consciente
amor pela infância	encantamento pela educação e seu poder transformação; necessidade fazer algo pelas pessoas; deixar uma marca	mercado trabalho amplo apesar	sonho (5 vezes)
amor pela profissão (2 vezes)	ensinar o próximo (3 vezes)	pouco reconhecido	Sonho de ser professor e contribuir com a sociedade onde eu vivo
amor pelo que faço (2 vezes)	ensino (2 vezes)	mercado trabalho mais amplo (2 vezes)	tentar entender problemas educação, propor melhorias na educação básica
amor por crianças (7 vezes)	ensino fundamental	minha filha na época recém nascida	ter conhecimento vasto
amor por sala de aula		minha antiga psicopedagoga	

VI - Escolha do Curso

5.1

que o motivu a escolher pedagogia? 3 razões

amplo campo especializações	ensino médio	minha mãe (3 vezes)	terminei formação docentes tive necessidade continuar; me especializar;
apaixonada desenvolvimento, especial alfabetização	entrar no antigo colégio trabalhando	minha tia	trabalhar com educação ambiental
aprender	escassez de boa formação	minhas aptidões	trabalho do pedagogo
aprendizado	escola	motivação	trabalho na área (3 vezes)
aprofundar conhecimento (2 vezes)	escolha do ambiente	mudança (3 vezes)	trajetória escolar
aprofundar estudos politizados	esperança	não por carreira profissional; por formação humana pela busca de me tornar uma pessoa melhor	transformação
área ampla para atuação	esperança de ser a primeira	objetivo (2 vezes)	transformar realidade a partir educação
auxiliar formação novos cidadãos	graduada da família dos meus pais	os pais	transformar vida alguém
base teórica	estabilidade	paixão ensino	transmitir conhecimento (2 vezes)
busca educação qualidade	estágios	paixão pelo curso	Um curso que estuda o desenvolvimento do ser humano dès de do seu nascimento, para compreender melhor o aluno que estamos ensinado dentro da sala de aula
carinho e respeito	fácil acesso mercado trabalho	paixão por ensinar e aprender	vários professores na família
carreira	família (10 vezes)	passar coisas boas outros	vivência com pessoa especial
chance	fazer a diferença	participar desenvolvimento e auxiliar construção valores	vocação (2 vezes)
colocar educação em nível alto e evoluído	fazer a diferença espalhando conhecimento	Paulo Freire	vontade fazer a diferença e ajudar os outros a fazerem também
compartilhar saberes	fazer a diferença para meus estudantes	pedagogia hospitalar	vontade passar conhecimentos
complemento a outra graduação	fazer diferença na educação	Pedagogia Waldorf	vontade trabalhar sala aula
compreender melhor dinâmica escolar	fazer mestrado	personalidade	
condição de classe social	fazer o que fizeram para mim	perspectiva mercado trabalho	
Conhecer as relações humanas e oportunizar os desfavorecidos	férias	pesquisa educacional	
	ficar bom na área		

VII - Modo de Ser

3 valores definem seu modo de ser, conduta

aberta novas idéias
acreditar no ser humano
ajudar próximo
alegria (4 vezes)
amar família e o outro
amiga (2 vezes)
amiga/leal
amor (6 vezes)
amor (ver outro como legítimo)
amor próprio
amorosa (3 vezes)
animada (3 vezes)
ansiosa (2 vezes)
apaixonada (2 vezes)
atenciosa (2 vezes)
atenta com próximo
autuísta (3 vezes)
benevolência
bom caráter
bondade (3 vezes)
busca pelo lado bom de tudo
buscar Deus
cabeça aberta
calma (3 vezes)
caráter (5 vezes)
caridade
carisma (2 vezes)
censo crítico relação questão desigualdade social
colaborativa (3 vezes)
companheira
competente
compreensiva (6 vezes)
comprometimento
compromisso

fácil convívio (2 vezes)
família (3 vezes)
fé
foco (2 vezes)
força vontade
forte (2 vezes)
generosidade
gentileza
guerreira
honesta (20 vezes)
humildade (5 vezes)
impaciente (2 vezes)
indecisa
irritada
justa (8 vezes)
justiça (4 vezes)
justiça social
liberdade (2 vezes)
morais
não agir impulso e pensar melhor opção
não julgar sem provas ou ouvir todas versões
objetiva (4 vezes)
olhar humano
organização
otimista
paciente (6 vezes)
paz
perceptivo
persistência (3 vezes)
pontualidade
prática
preocupada
prestativa (3 vezes)
princípios

VII - Modo de Ser

3 valores definem seu modo de ser, conduta

compulsiva
comunicativa
confiança (2 vezes)
confiança em Deus
confiável
coragem
corajosa
cordialidade
criativa
cristã
criticidade
cuidadosa
cumpra promessas
dedicada (6 vezes)
determinada (4 vezes)
dignidade
diligência
direita
disciplina
divertimento
educada (2 vezes)
ego forte
empatia (20 vezes)
enfática
engajamento
entusiasmo
esforçada (3 vezes)
espontânea
estressada
estudiosa (2 vezes)
ética (4 vezes)
ética, sou a mesma pessoa em todos os lugares
extrovertida (2 vezes)

priorizo a vida em família
proativa
procuro fazer aos outros o que desejo para mim
pronta ajudar
propósito
protetora
quieta (3 vezes)
respeito (23 vezes)
respeito diversidade
respeito e admiro natureza e animais
respeito mútuo
respeito opinião do outro
respeito próximo
respeito ser humano (nunca me preocupo com suas escolhas opções)
responsabilidade (25 vezes)
saber ouvir (2 vezes)
saúde
se colocar no lugar
sensível
senso de coletivo
ser receptiva
simpática (2 vezes)
sincera (10 vezes)
solidariedade (3 vezes)
sou quem sou e pronto
tímida
tolerância (2 vezes)
tranquila (2 vezes)
valores
valorização pessoas que amamos
verdadeira (4 vezes)
versátil

			UC 1º SEM.	UC 8º SEM.	UP 1º ANO	UP 3º ANO	TOTAL	%
	VIII - Qual renda mensal aproximada	nenhuma	17	2	3	1	23	19,01
		até 1 sal. Mínimo	23	12	10	3	48	39,67
		de 1 a 3 sal. Mínimos	12	13	9	1	35	28,93
		de 3 a 6 sal mínimos	5	2	3	0	10	8,26
		de 6 a 9 sal. Mínimos	1	0	0	0	1	0,83
		de 9 a 12 sal mínimos	0	0	1	0	1	0,83
		de 12 a 15 sal. Mínimos	0	0	0	0	0	0,00
		mais de 15 sal. Mínimos	0	0	0	0	0	0,00
		Não respondeu	2	0	1	0	3	2,48
	IX - Renda familiar mensal aproximada	nenhuma	0	0	0	0	0	0,00
		até 1 sal. Mínimo	0	0	0	1	1	0,83
		de 1 a 3 sal. Mínimos	8	14	8	2	32	26,45
		de 3 a 6 sal mínimos	20	10	12	2	44	36,36
		de 6 a 9 sal. Mínimos	9	2	2	0	13	10,74
		de 9 a 12 sal mínimos	7	1	1	0	9	7,44
		de 12 a 15 sal. Mínimos	5	0	1	0	6	4,96
		mais de 15 sal. Mínimos	2	0	1	0	3	2,48
		Não respondeu	10	2	2	0	14	11,57

		UC 1ª SEM.	UC 8ª SEM.	UP 1ª ANO	UP 3ª ANO	TOTAL	%		
envolvimento cultural por meio de	música	49	27	25	5	106	87,60		
	teatro	16	5	10	3	34	28,10		
	cinema	46	24	21	4	95	78,51		
	show	27	10	13	3	53	43,80		
	pintura	5	2	3	1	11	9,09		
	fotografia	20	9	11	2	42	34,71		
	concertos	4	2	2	0	8	6,61		
	exposições	7	1	4	1	13	10,74		
	de que tipo								
	8 - o que você vê na TV	novela	25	6	7	1	39	32,23	
noticiário		27	14	13	3	57	47,11		
programa reportagem		18	8	8	2	36	29,75		
seriado		37	19	22	2	80	66,12		
clip de música		22	8	8	2	40	33,06		
programa auditório		10	0	6	0	16	13,22		
filmes		51	23	23	3	100	82,64		
entrevistas		20	9	11	4	44	36,36		
programa esportes		9	3	6	2	20	16,53		
jogos		14	4	6	0	24	19,83		
outros		4	4	0	0	8	6,61		
9. qual programa preferido na TV		a batalha dos confeitores			culinária			jornais locais	novelas (3 vezes)
	Balanço geral (2 vezes)			não tem (12 vezes)			jornal (6 vezes)	Novelas bíblicas	séries criminais
	aeroportos			documentários do ID			jornal nacional	tudo	Terra Prometida
	Altas horas			filmes (6 vezes)			Lei e Ordem	Once upon a time	The friends
	Amor e Sexo (Globo)			Friends (2 vezes)			malhação	Os simpsons	The noite e
	Anne with on "e"			Globo reporter			Master chef (3 vezes)	Poliana (3 vezes)	The Oa
	Back off Brasil (2 vezes)			GNT, MTV			não assisto (5 vezes)	Profissão reporter	The x Factor
	ações Luciano Huck com			Grey's Anatomy (6			documentário	programas de casais	O vestido ideal (2
	Chaves			Grimm			Netflix (11 vezes)	religioso	tudo de comida
	Chicago PD			Home Health			Novela e jornal	reportagem	
	Chiquititas			(Discovery) (2 vezes)					
	Conversa com Bial			Irmãos à obra			novela Segundo Sol (2	Reporter Record	
				jogo			Novela Sol Nascente	Roda Viva, TV	

X LAZER E VIDA CULTURAL	10.	quais atividades faz fora da aula	academia (3 vezes)	descaçar	polifitnes
			andar bicicleta	dormir (13 vezes)	praia (2 vezes)
			apresentações musicais	escutar música	prática esportes
			assiste filmes e séries (9 vezes)	estagio em col. Estadual	programas na natureza
			assistir aninies	estudar (7 vezes)	restaurante
			assistir seriados (4 vezes)	estudar Bíblia e música	reuniões família (4 vezes)
			atividades faculdade (2 vezes)	exercicio fisico	reunir amigos e família
			bailão	exposições gratuitas	sair (3 vezes)
			baladas (5 vezes)	fazer trilha	sair com amigos (17 vezes)
			beber	festas (2 vezes)	sair com amigos e namorado
			beber socialmente	festas família (2 vezes)	sair com família (8 vezes)
			brincar / curtir filhos (2 vezes)	ficar com família (12 vezes)	sair com mais próximos
			cafés	ficar com namorado	sair com namorado
			caminhada (7 vezes)	ficar em casa (4 vezes)	sair para comer (6 vezes)
			caminhadas pelo centro	futebol	sessão cinema em casa com o filho
			cantar (2 vezes)	grupo de jovens	shopping (10 vezes)
			casa de avós	igreja (16 vezes)	show de stand up
			casa de colegas (2 vezes)	ir aos encontros na Igreja (2 vezes)	shows (5 vezes)
			casas noturnas	ir sorveteria (2 vezes)	sociais
			chácara	jogar bola	socializar
			churrascos (2 vezes)	jogar jogos eletrônicos	teatro
			ciclismo	lanches diversos	tocar instrumento/piano (2 vezes)
			cinema (16 vezes)	ler (12 vezes)	teatro (3 vezes)
			clubes de leitura	ler o que gosto da cultura pop (Nerd)	trabalhar (4 vezes)
			comer	Netflix (3 vezes)	trabalho sábados e domingos
			comer fora	ouvir música (2 vezes)	trabalho voluntário (2 vezes)
			conversar amigos	parques (28 vezes)	trabalhos artesanais
			conversar com família	passoar conjuge	treino tambor japones
			cozinhar	passeios (12 vezes)	ver séries / filmes (7 vezes)
			cuidados com "spa day"	passeios em geral (5 vezes)	viagens
			dançar (2 vezes)	pescar	viagens lugares novos
			video game	visitar família (3 vezes)	visitar lugares

X LAZER E VIDA CULTURAL

		UC 1ª SEM.	UC 8ª SEM.	UP 1ª ANO	UP 3ª ANO	TOTAL	%	
costuma ler?	Sim	43	21	24	4	92	76,03	
	Não	13	6	3	1	23	19,01	
	às vezes	1	1	0	0	2	1,65	
	não respondeu	3	1	0	0	4	3,31	
11. Tipo de leitura	acadêmicos e científicos							
	entrevistas							
	agora apenas livros acadêmicos mas gosto de romances que tenham carro							
	livros religiosos especialmente voltados para mulheres ou histórias de pessoas referências							
	Alison Bechdel							
	artigos (6 vezes)							
	auto-desenvolvimento							
	aventura (2 vezes)							
	Bell Hooks							
	Bíblia (6 vezes)							
	blogs mídia alternativa							
	Cassandra Rios							
	Charles Bukowski							
	clássicos literatura (2 vezes)							
	comédia							
	conteúdos para prova							
	contos							
	Corrie Jen Bon							
	livros e textos cobrados professores							
	diversos							
	Djamila Ribeiro							
	do trabalho (2 vezes)							
	documentos religiosos							
	drama (4 vezes)							
	Elena Ferrante							
	empreendedorismo							
	eróticos							
	Adoro livros de bibliografias de pessoas que fizeram a diferença no mundo.							
Livros espiritas, Auto Ajuda, Poesias e Poemas, concilio com livros de pesquisas, teses, dissertações								
fantasia (5 vezes)								
Fernando Pessoa								
ficção científica (9 vezes)								
filosofia (Sartre, Merleau-Ponty e outros) (2 vezes)								
Freud								
histórias (2 vezes)								
HQ (3 vezes)								
jornais (2 vezes)								
leituras faculdade (16 vezes)								
leituras obrigatórias								
literatura (6 vezes)								
literatura cristã								
literatura internacional								
livro de Mormon								
livros pedagogia / educação (10 vezes)								
livros auto ajuda (4 vezes)								
livros de interesse								
cristãos (2 vezes)								
espíritas (2 vezes)								
livros infantis (3 vezes)								
livros (16 vezes)								
mangás (2 vezes)								
livros suspense (5 vezes)								
sobre sociedade, cidadania e política								
Além da literatura acadêmica tenho buscado diversificar e aumentar minhas leituras, procuro por livros bastante diferentes entre si, não tenho um gênero específico								
motivacionais								
notícias (2 vezes)								
pesquisas (2 vezes)								
pesquisas e artigos relação educação (19 vezes)								
policiais								
psicologia (2 vezes)								
receitas								
Refúgio Secreto								
religiosos (2 vezes)								
reportagens								
revista Liahona								
revistas								
romance (29 vezes)								
livros teóricos								
técnicos, que forneçam aprendizado								
teorias feministas								
terror								
textos (3 vezes)								
tudo (2 vezes)								

			UC 1ª SEM.	UC 8ª SEM.	UP 1ª ANO	UP 3ª ANO	TOTAL	%
12.	lê jornal?	Sim	15	11	8	5	39	32,23
		Não	44	16	19	0	79	65,29
		às vezes	0	1	0	0	1	0,83
		não respondeu	1	1	0	0	2	1,65
			UC 1ª SEM.	UC 8ª SEM.	UP 1ª ANO	UP 3ª ANO	TOTAL	%
13.	notícias	14	12	8	4	38	31,40	
	economia	7	4	2	3	16	13,22	
	esporte	5	1	1	1	8	6,61	
	lazer	8	3	4	2	17	14,05	
	política	9	6	4	5	24	19,83	
	saúde	11	4	3	1	19	15,70	
	viagens	7	5	3	1	16	13,22	
	decoração	4	5	1	1	11	9,09	
empregos	3	4	2	1	10	8,26		
			UC 1ª SEM.	UC 8ª SEM.	UP 1ª ANO	UP 3ª ANO	TOTAL	%
14.	lê revistas?	Sim	13	2	5	2	22	18,18
		Não	40	25	21	3	89	73,55
		não respondeu	7	2	1	0	10	8,26
	Quais?	caras (4 vezes)	guia estudante		Folha São Paulo (2 vezes)			
científica		Liahoma		CULT				
cláudia		litrieda		Quatro Cinco Um				
culinária		Mundo estranho		digitais assuntos históricos, bíblicos, p				
Época		Nova escola (2 vezes)						
educação		saúde						
Galileu		veja (3 vezes)						
			UC 1ª SEM.	UC 8ª SEM.	UP 1ª ANO	UP 3ª ANO	TOTAL	%
15.	Lê livros?	Sim	49	22	24	4	99	81,82
		Não	6	5	2	1	14	11,57
		não respondeu	5	2	1	0	8	6,61

X LAZER E VIDA CULTURAL

X LAZER E VIDA CULTURAL	cite os títulos dos que leu nos últimos 2 anos	1984 (2 vezes)	Desejo dos mortos	livros para crianças em sala	Orgulho e preconceito
		textos e artigos científicos	Desventuras em série	Logística empresarial	Os elefantes não esquecem
		A amiga genial	Diário de Anne Frank (2 vezes)	Louco amor	Os miseráveis
		A cabana (2 vezes)	Diário de aula (Zabalza)	Lucíola	Os negros no Brasil
		A culpa é das estrelas (3 vezes)	Diário de uma paixão	mais de 30 livros	Montessori
		A dama azul	Dias de abandono	Manifesto Comunista (2 vezes)	A importância do ato de ler;
		A escolha	Dom Casmurro (3 vezes)	Mediação da aprendizagem	Para onde ela for
		A furia e a aurora	Dom Quixote	meditação	Paulo Freire (2 vezes)
		A garota das Laranjas	Dzogchen	Menina bonita do laço de fita	Paulo Leminski
		A garota no trem	E agora, aluno?	Metodologia pesquisa	pedagogia
		A história dos direitos humanos	Ecos da Morte	Meu homem	Piaget
		A hora da estrela	Educação e pobreza	Mito da beleza	pedagogia da esperança;
		Pais brilhantes, professores fascinantes	Educação na cidade (Paulo Freire) (2 vezes)	Ou receberia as piores notícias dos seus lindos lábios..	Pedagogia da indignação (5 vezes)
		A linguagem do corpo	Eles não usam black tie	Muito longe de Rosa	Pedagogia do oprimido (7 vezes)
		Não conte a ninguém	Em busca de sentido	muitos (3 vezes)	Pedagogia empresarial
		Ensinando a transgredir	Emílio (Rousseau) (4 vezes)	Mulherzinhas (2 vezes)	Pensamento e linguagem (2 vezes)
		A República (2 vezes)	Endgame	Música na educação infantil	Pequeno Príncipe (9 vezes)
		A série divergente	Ensaio sobre a cegueira (Saramago)	Música na escola	Percy Jackson
		Abordagens de ensino de Mizukami	A organização na educação infantil	A menina que roubava livros (3 vezes)	Pedagogia da autonomia (4 vezes)
		After	Escola e democracia (2 vezes)	não lembro (5 vezes)	Política e linguagem (Maturana)
		Não se apega não, Não se ilude não	Entre dois mundos uma história de amor	não lembro, mas foi sobre tecnologia da educação	Porque existe o vazio no lugar do nada
		Ane piece	Eu sou uma lésbica	Amélia	Professor-pesquisador
		Anísio Teixeira	faculdade (3 vezes)	Neil	psicologia
		Caçador de pipas	O dia do Curinga	Nikolas Sparks	Puré de Batatas
		Antonio Cândido	Formação social da mente	Nosso lar	Quarto de despejo
		Apanhados no campo de centeio	Frankestein	Novo Testamento	Quatro vidas de um cachorro
		As cem linguagens da criança	Franz Fanon	O chamado do cuco	Quem ama educa
		Fetiche	Froebel	O corpo fala	Quem é você Alasca
		Avaliação mediadora	Fun home	O cortiço	Quem me roubou de mim
		Avaliação por triangulação de programas sociais	Gestão das organizações (Chiavenato)	Atendimento Educacional Especializado	Quem tem medo do feminismo negro?

X LAZER E VIDA CULTURAL	cite os títulos dos que leu nos últimos 2 anos	Bíblia (3 vezes)	Gestão empresarial	O doador de memórias	Querido John (3 vezes)
		biografias	Grandes mulheres	O foco triplo (3 vezes)	Refúgio secreto (Corrie Ten Bon)
		budismo	Grandes sertões veredas	O extraordinário (9 vezes)	República de Platão
		Ansiedade (Augusto Cury) (2 vezes)	Sete saberes necessários para a educação do futuro (Morin)	O existencialismo é um humanismo	Resolução e formulação de problemas
		Caixa de pássaros	Harry Potter (2 vezes)	O lado bom da vida	Reuniões satânicas
		Carol	Heloisa Luck (vários)	O melhor de mim	Revolução dos Bichos
		Cartas a uma professora	História da Beleza e da feiura	o menino do pijama listrado	Rita Lee
		Caso de pensão	História da Educação	O sol é para todos	Rousseau (2 vezes)
		Cem anos de solidão	Histórias íntimas (Mary Delpiose)	O mundo de sofia (2 vezes)	Saga dos corvos
		Cidades invisíveis	Homens restaurados	O nome do vento	Série jogos vorazes
		Cinquenta tons de cinza	Homo ludens	O pagador de promessas	Série Maldição do tigre
		Coleção O conjurador	Identidade	O poder do hábito	Habn Coben
		Comenio (4 vezes)	lhigai	O preço de ser diferente	Sherlock Holnmes
		Como eu era antes de você (5 vezes)	Invisível	O príncipe	Sidney Sheldon
		Como evitar preocupações e	Jogando e construindo matemática	O senhor das moscas	Só o amor é real
		Como pensamos (Dewey 1933)	John Green	O ser e o nada	Sociedade sem escola (Ivan Illich)
		Crianças pequenas reinventam a aritmética	textos cruéis demais para serem lidos rapidamente	O mestre dos mestres (Augusto Cury)	solicitados pela graduação (2 vezes)
		Coração tinta	Lavoura arcaica (2 vezes)	O talentoso Ripley	Stalim
		Como um grão de trigo	Liberdade sem medo	O vinho novo é melhor	Sumerhill
		Depois daquela viagem	Liderança	Olhai os lírios do campo	suspenses
		sussurro	Torna - se pessoa de Carl Rogers	Vida Animada	Vygoski
		Teoria do escalrecimento	Um dia	Violência nas escolas	Wallon
		textos	Um litro de lágrimas	Violetas na janela	
		Karina Halle	Uma mulher na guerra	Vitor Henrique Paro (vários)	
		The kiss of deception	varias histórias	Viúvas da terra	

		UC 1ª SEM.	UC 8ª SEM.	UP 1ª ANO	UP 3ª ANO	TOTAL	%	
X LAZER E VIDA CULTURAL	16. gênero de leitura	policial	10	4	4	0	18	14,88
		romance	47	17	21	1	86	71,07
		drama	21	11	9	0	41	33,88
		terror	5	2	4	0	11	9,09
		didáticos	29	15	13	2	59	48,76
		aventura	14	10	10	1	35	28,93
		musical	6	1	0	0	7	5,79
		ficção científica	14	6	8	0	28	23,14
		culturais	17	7	9	2	35	28,93
		religioso	19	9	4	1	33	27,27
		outros	2	4	7	1	14	11,57
		qual?	suspense; histórias reais; Mangás; teoria feminista (Bell Hooks, Djamila Ribeiro, Paul Preciado; biografias; política e educação; infantil; de tudo					